Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

O uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2020

Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

O uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Profª Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A474 Alves, Yasmin Cibelle Soares da Silva.
O uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos do Rio de Janeiro / Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves. - 2020.
170 f.: il.

Orientadora: Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Língua portuguesa - Artigo – Teses. 3. Anáfora (Linguística) – Teses. 4. Referenciação (Linguística) - Teses. 5. Idosos - Comunicação – Teses. 6. Idosos - Entrevistas – Teses. I. Abreu, Maria Teresa Tedesco Vilardo, 1963-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085:806.90

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Yasmin Cibelle Soares da Silva Alves

O uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos do Rio de Janeiro

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 23 de junho de 2020.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Michelle Gomes Alonso Dominguez

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Délia Soares da Silva Alves, por sua incomensurável competência nos cuidados de suas três filhas e por ser o exemplo e a motivação de todas as minhas conquistas.

Para meus avós, Pedro Argemiro da Silva e Lisete Soares, por serem a base de toda minha família, meu sustento.

Para meus sobrinhos, Laís Dias e Miguel Dias, por serem inspiração e renovação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo sustento e força de toda minha vida.

À orientadora desta dissertação, professora PhD Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu, que, com a agudeza de suas orientações, possibilitou a concretização deste trabalho.

A meus pais, Wagner da Cruz Alves e Délia Soares da Silva Alves, pela vida e agradeço, em especial, a minha queridíssima mãe, minha maior professora que, com seu amor abnegado, conduziu e motivou esta sua filha a caminhos inimagináveis.

Ao Andrey Lobato, meu afável companheiro e amigo, pelo apoio, zelo e entendimento nesse momento tão inigualável da minha vida. Além de um agradecimento especial a sua família.

A todos professores de minha educação básica que me incentivaram a dar prosseguimento nos estudos.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por ser meu recanto, minha segunda casa e por resistir.

A todos professores do Instituto de Letras da UERJ, em especial, às professoras Michelle Dominguez, Naira Velozo e Patrícia Bértoli que me estimularam e acreditaram em meu potencial para chegar a este momento.

A todas as minhas colegas e amigas que tanto me animaram e me compreenderam nesta caminhada do mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A maior riqueza do homem é a sua
incompletude. Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que
puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da
tarde, que vai lá fora, que aponta
lápis, que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas

Manoel de Barros

RESUMO

ALVES, Yasmin Cibelle Soares da Silva. *O uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos o Rio de Janeiro*. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A pesquisa ora apresentada analisa a categoria gramatical do artigo indefinido em sua função anafórica em 13 entrevistas orais semidirigidas produzidas por idosos residentes na cidade do Rio de Janeiro há pelo menos quarenta anos. O interesse pelo estudo ocorre por duas razões: a) o *corpus* analisado compõe um importante banco de dados de pesquisa realizada no convênio entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Universidade de Heidelberg, que trata do discurso dos idosos; b) a classe do artigo indefinido na tradição dos estudos gramaticais tem sido relegada a uma descrição minimalista, sem considerar, sobretudo a função discursiva da referida classe. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivos gerais: a) verificar se há padrões linguísticos para os empregos anafóricos do artigo indefinido e b) analisar, discursivamente, esses empregos no *corpus*. Para alcançar os possíveis padrões do uso anafórico do artigo indefinido, foram feitas aferições dos entornos linguísticos mais típicos que pudessem influenciar esse uso na fala dos idosos. Já para a análise textual-discursiva dos usos anafóricos do artigo indefinido, foram realizadas análises quantitativa e qualitativa, tendo em vista a sistematização dos tipos de empregos anafóricos do artigo indefinido e dos seus efeitos de sentido no discurso oral dos idosos entrevistados. Do ponto de vista teórico, tomou-se como base os estudos pioneiros sobre a temática do uso anafórico do artigo indefinido realizados por Koch (2004) e Cunha Lima (2004). Metodologicamente, foi utilizado o programa *AntConc* a fim de promover informações referentes aos padrões de palavras que coocorrem no entorno do artigo indefinido em função anafórica e, também, para localizar as ocorrências desse uso no *corpus* para proceder a análise textual-discursiva da função em foco. Para a análise do fenômeno investigado, definiram-se três categorias de análise, a saber: linguístico, funcional e semântico-discursiva. Como resultado, destaca-se: 1) a predominância da função anafórica do artigo indefinido nas entrevistas semidirigidas; 2) a preferência dos idosos pelo artigo indefinido em função de anáfora recategorizadora para a (re)construção dos referentes; 3) a expressividade do uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* de entrevistas semidigiridas indica a importância da função discursiva no projeto de aproximação entre os interlocutores, em uma tentativa de compartilhamento de conhecimentos necessários para o desenvolvimento da situação comunicativa.

Palavras-chave: Uso anafórico do artigo indefinido. Discurso oral de idosos. Entrevistas semidirigidas. Referenciação.

ABSTRACT

ALVES, Yasmin Cibelle Soares da Silva. *The anaphoric use of the indefinite article in senior oral discourse Rio de Janeiro*. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The presented research analyzes the grammatical category of the indefinite article in its anaphoric function in 13 semi structured oral interviews produced by seniors living in Rio de Janeiro city for at least forty years. The interest in this study happens for two reasons: a) the analyzes *corpus* constitutes an important database of research carried out by an agreement between the University of the state of Rio de Janeiro and the Heidelberg University and treats senior discourses; b) the class of indefinite article in grammatical studies's tradition have been relegated to a minimalist description without considering above all the discursive function of the referred class. In this way, the current research has the following general objectives: a) verify if there are linguistic patterns for anaphoric uses of the indefinite article and b) analyze, discursively, theses usages in the *corpus*. In order to reach the possible patterns of anaphoric uses of the indefinite article, measurements of most typical linguistic surroundings that could persuade this use in senior speech were made. For a textual discursive analysis of anaphoric uses of the indefinite article, qualitative and quantitative analysis were carried out aiming the systematization of the types of anaphoric uses of the indefinite article and its effects of meaning in the oral discourse of the interviewed seniors. From theoretical point of view, the pioneering studies about the thematic of the anaphoric use of the indefinite article performed by Kock (2004) and Cunha Lima (2004) were taken as basis. Methodologically, the program *AntConc* was used to promote data referred to patterns of words that occur simultaneously in the indefinite article surrounding in anaphoric function, and also to find occurrences of the use in the *corpus* to proceed a textual discursive analysis of the function in focus. For analysis of the investigated phenomenon, three analysis categories were defined: linguistic, functional and semantic-discursive. As a result, stand out: 1) the prevalence of the anaphoric function of the indefinite article in the semi structured interviews; 2) the seniors preferences to indefinite articles in function of recategorized anaphora to reconstruct referrings; 3) the expressiveness of the anaphoric use of the indefinite article in the semi structured interviews *corpus* indicates the importance of the discursive function in the project of approach between the interlocutors in an attempt to sharing essential knowledges for the communicative situation development.

Keywords: Anaphoric use of the indefinite article. Senior oral discourse. Semi structured interviews. Referencing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de transcrição de entrevista 81
Figura 2 - Tela inicial do *software AntConc*..... 83
Figura 3 - Esquema das categorias de análise 102
Figura 4 - Lista de concordâncias 104
Tabela 1 - Ocorrências dos tipos de anáforas viabilizadas pelo *um* e *uma* (762 casos válidos) 125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tratamento do artigo indefinido em gramáticas dos séculos XIX, XX e XXI 30

Quadro 2 - Descrição das informações básicas das entrevistas que compõem o *corpus* 78

Quadro 3 - Lista de colocados à esquerda do *um*..... 105

Quadro 4 - Verbos à esquerda do *um*..... 107

Quadro 5 - Advérbios à esquerda do *um* 110

Quadro 6 - Lista dos colocados à direita do *um* 111

Quadro 7 - Substantivos à direita do *um* 112

Quadro 8 - Advérbios à direita do *um* 114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Índice de Envelhecimento (IE) 2010 – 2060	66
Gráfico 2 -	Classes de palavras das formas *um* e *uma* encontradas no *corpus* (265 ocorrências válidas)	91
Gráfico 3 -	As classes de palavras dos 125 colocados à esquerda (em 1L e 2L)	106
Gráfico 4 -	As classes de palavras dos 131 colocados à direita (em 1R e 2R).....	112
Gráfico 5 -	Funções das formas *um* e *uma* no *corpus* (265 ocorrências válidas)	122
Gráfico 6 -	Tipos de anáforas realizadas por *um* e *uma* no *corpus* (265 ocorrências válidas)	123
Gráfico 7 -	Funções das formas *um* e *uma* no *corpus* (762 ocorrências válidas)	124
Gráfico 8 -	Tipos de anáforas realizadas por *um* e *uma* no *corpus (*762 ocorrências válidas)	125

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	**O ARTIGO INDEFINIDO EM DIFERENTES GRAMÁTICAS**	19
1.1	**O artigo em gramáticas do século XIX**	19
1.1.1	Compendio de Grammatica Philosophica da Língua Portugueza	19
1.1.2	Noções de Grammatica Portugueza	21
1.2	**O artigo em gramáticas do século XX**	22
1.2.1	Gramática Normativa da Língua Portuguesa	22
1.2.2	A Nova Gramática do Português Contemporâneo	23
1.3	**O artigo em gramáticas do século XXI**	27
1.3.1	Gramática do Português Falado	27
1.3.2	Gramática Revelada em Textos	28
2	**ASPECTOS MICROESTRUTURAIS: O USO DAS EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS**	32
2.1	**A Referenciação: características abrangentes**	32
2.2	**A Referenciação: características específicas – as expressões nominais indefinidas**	36
2.2.1	Na visão de Koch	37
2.2.2	Na visão de Cavalcante	39
2.2.3	Na visão de Cunha Lima	41
2.2.4	A função predicativa das expressões nominais indefinidas	48
3	**ASPECTOS MACROESTRUTURAIS**	52
3.1	**A modalidade oral da língua: o caso da conversação**	52
3.2	**Os gêneros do discurso entrevista semidirigida**.....	59
3.3	**A linguagem dos idosos: retrospectiva de estudos**	64
4	**A METODOLOGIA DA PESQUISA**	75
4.1	**Descrição do *corpus***	75
4.1.1	As entrevistas.....	76
4.1.2	O guia das entrevistas.....	76
4.1.3	A transcrição.....	80
4.2	**A padronização dos dados pelo programa *AntCont*: o delineamento metodológico da pesquisa**	82

4.3 **Expectativa da pesquisa e levantamento das ocorrências de dados** 87
4.4 **As categorias de análise propostas** 91
4.4.1 O critério linguístico 92
4.4.2 O critério funcional 94
4.4.3 O critério semântico-discursivo 97
5 **ANÁLISE DE *CORPUS*** 103
5.1 **O artigo indefinido: aspectos linguísticos** 103
5.1.1 O entorno linguístico à esquerda do artigo indefinido 105
5.1.2 O entorno linguístico à direita do artigo indefinido 111
5.2 **O artigo indefinido: aspectos textuais-discursivos** 116
5.2.1 A função anafórica do artigo indefinido..... 117
5.2.2 As funções textuais-discursivas do uso anafórico do artigo indefinido..... 127
CONCLUSÃO 143
REFERÊNCIAS 147
GLOSSÁRIO 153
ANEXO 154

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o enfoque da análise incide sobre a função de uma categoria gramatical pertencente à classe do artigo: o artigo indefinido em função anafórica. Tal função não é observada pela gramaticografia da língua portuguesa, pois a classe gramatical do artigo, especialmente do artigo indefinido é relegada à baixa exploração no cenário dos estudos gramaticais. Isso pode ser percebido desde as gramáticas mais antigas até as mais atuais por exporem tal classe de maneira minimalista.

Essa minimização da exploração do artigo indefinido se perfaz tanto nos números de páginas dedicados ao tratamento desse artigo quanto nas funções atribuídas a ele. Percebe-se que, mesmo havendo cada vez mais gramáticas de referência para estudos da língua portuguesa que não se restringem à prescritividade e à normatividade, há, ainda, limitações na perspectiva sobre o tema. É importante, dessa maneira, levar em consideração que a classe gramatical do artigo é descrita e avaliada com certa consonância entre os gramáticos da língua.

As análises dos gramáticos costumam ser perpassadas por três planos gramaticais, a saber: o morfológico, o sintático e o semântico e, ainda, algumas gramáticas mais recentes abordam o nível textual-discursivo. O plano semântico da língua é o divisor da classe gramatical dos artigos em duas subclasses, o artigo definido e o artigo indefinido, tendo aquele a capacidade de particularizar e, no caso artigo indefinido, indefinir o nome que o pospõe. Já, no nível sintático, o artigo é identificado como a palavra que se antepõe ao substantivo, tratando-se de um determinante que, muitas vezes, tem reforçado seu potencial de substantivar qualquer palavra que o posponha (DUARTE, 1877, NEVES, 2018).

Cabe observar que as gramáticas que transcendem o nível gramatical, a exemplo das gramáticas de Cunha (2001), Castilho (2012) e Neves (2018), tendem a explorar amplamente o desempenho micro e macroestrutural do artigo definido na língua. Muitas vezes, o artigo definido não apenas tem sua função morfossintática observada, como também sua função referencial precípua no texto. Nesse sentido, por exemplo, o artigo definido é entendido como um anunciador "[...] de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência [...]" (CUNHA, p. 205). Por sua vez, comumente, ao artigo indefinido resta a alegação de que marca desconhecimento e que, nele, não há função remissiva, logo, é somente um introdutor de referente, sendo mais um caso, para alguns gramáticos, de pronomes indefinidos. Como reflexo desse tratamento, no ensino de Língua Portuguesa, os artigos são abordados com similar brevidade e restrição em

uma perspectiva bastante alinhada com o que se encontra nas gramáticas, especialmente, em relação ao caráter sintático-semântico do artigo. Esse alinhamento ocorre por tais gramáticas, em particular, as tradicionais serem norteadoras de compêndios escolares para o ensino de Língua Portuguesa.

Tendo em vista esse panorama, para ultrapassar os enquadres delimitados pelas gramáticas e, consequentemente, pelo contexto escolar, lança-se mão da Linguística Textual, por meio de um tema notabilizado na área, a Referenciação, para a compreensão do artigo indefinido em função anafórica. Tal disciplina constata a relevância da classe gramatical do artigo, tanto os definidos quanto os indefinidos, indo além dos níveis microestruturais da língua. A relevância da classe gramatical dos artigos reside na realização de um dos recursos mais importantes nos processos de referenciação do texto, pois compõem as expressões nominais referenciais que possibilitam a manutenção tópica e a progressão textual, importantíssimas para a construção de sentido do texto (KOCH; PENNA, 2006).

Essas expressões nominais podem ser reconhecidas como definidas se o artigo definido for o determinante do sintagma nominal (doravante SN) e indefinidas se o determinante do SN for o artigo indefinido. É fundamental destacar que Koch (2004), renomada pesquisadora nos estudos da Linguística Textual, aponta que o uso das expressões nominais indefinidas anafóricas não é usual, sobrelevando-se, na área de estudo, trabalhos sobre as expressões nominais definidas, ou seja, o artigo definido em função anafórica. Contudo, apesar da baixa exploração, foi por intermédio dessa disciplina linguística que se constatou que o artigo indefinido pode ter função anafórica.

Sendo assim, por um lado, o artigo indefinido não tem a função anafórica explorada pelas gramáticas e, por outro lado, essa função é pouco explorada como objeto de estudo da linguística. Diante desse panorama e do protagonismo dado aos artigos definidos, justifica-se o interesse em investigar, especificamente, o artigo indefinido em função anafórica, compondo as chamadas expressões nominais indefinidas.

Com esse recorte de estudo em vista, foram realizadas buscas sobre o tema do artigo indefinido em função anafórica e verificamos a baixa exploração do fenômeno, corroborando o exposto por Koch (2004) e Cunha Lima (2004). Tais autoras são as precursoras da constatação da existência do emprego anafórico desse tipo de artigo, demonstrando que os artigos indefinidos não apenas contribuem para a introdução dos referentes no texto, como também podem contribuir para a retomada deles, tendo uma participação importante nos processos de referenciação do texto.

Todavia, ganha destaque como referência primordial para a presente pesquisa o trabalho

de Cunha Lima (2004) sobre o artigo indefinido na condição de referente textual com potencial anafórico, uma vez que a autora foi além da constatação. Cunha Lima (2004) buscou sistematizar, de modo coerente, os usos do artigo indefinido na função anafórica tanto em nível semântico quanto em nível discursivo a partir de um *corpus* de escrita com baixas ocorrências do fenômeno, 41 casos. Como resultado de pesquisa, a autora expôs que, ao contrário do que se previu tradicionalmente, a diferença entre artigo definido e artigo indefinido não está em trazer informação velha ou nova, está na operação de tipo que este artigo faz com o referente. Logo, tal operação não pode ser vista isoladamente, já que depende do contexto, o que significa que o artigo indefinido é menos informativo do que se previu.

Para a investigação do fenômeno em foco, usamos como base empírica um *corpus* de 13 entrevistas, parte do conjunto das 71 entrevistas do projeto *Varia-Idade no Rio de Janeiro – Comunicação e geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior*. Esse projeto, liderado pelas professoras Drª Maria Teresa Tedesco e Drª Sybille Grosse, resulta de uma parceria entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, representada pelo Instituto de Letras, e a Universidade de Heidelberg, na Alemanha, representada pelo Seminário de Romanística. Nessa pesquisa binacional, idosos a partir de 60 anos, de diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, que vivam nela há mais de 40 anos, são convidados a formar o *corpus* oral, trazendo suas percepções em relação às mudanças no espaço urbano da cidade em que habitam.

A relevância desse *corpus* e de sua formação reside no fato de haver uma escassez de um *corpus* substancial, sobretudo oral para estudos linguísticos da fala de idosos, o que demonstra uma originalidade, possibilitando um registro linguístico-discursivo desse grupo social no Rio de Janeiro. A elaboração do *corpus* desse projeto ocorre por meio de duas etapas: a gravação (em áudio) das entrevistas semidirigidas e as transcrições das entrevistas que possibilitam a composição de um material empírico, digitalizado e eletrônico passível de análise para estudos linguísticos diversos. Cabe ressaltar que, como bolsista de Iniciação Científica, atuei nas duas etapas de construção do *corpus* desde o ano de 2016, junto ao grupo de pesquisa do projeto. Tal atuação me possibilitou não apenas ter um *corpus* para estudo, mas também ter um conhecimento profundo sobre ele.

Tendo em vista que lidamos com um *corpus* eletrônico, resguardamos os procedimentos metodológicos da Linguística de *Corpus* cujas investigações ocorrem com auxílio de ferramentas computacionais. Com isso, iniciamos a exploração do *corpus* composto por 13 entrevistas pelo programa *AntConc*, *software* criado para processamento de *corpora*, o que nos proporcionou obter as contagens de 98.757 palavras presentes no *corpus* da pesquisa. Sendo que, dentro desse total, as formas, a princípio consideradas artigos indefinidos, *um* e *uma*

ocuparam o 15º lugar e o 20º lugar do *ranking* de palavras mais usadas nas 13 entrevistas, com 974 ocorrências e 886 ocorrências, respectivamente, totalizando 1.860 casos. Tais resultados referentes ao artigo indefinido apontam não só para a produtividade deste item gramatical, como também indicam sua importante função discursiva no *corpus* oral analisado.

Frente a esses resultados iniciais, os objetivos gerais da pesquisa são: a) verificar se há padrões linguísticos para os empregos anafóricos do artigo indefinido e b) analisar, discursivamente, esses empregos em cada uma de suas ocorrências na fala dos idosos no *corpus* analisado. Ao encontro desses objetivos gerais, estabelecemos quatro objetivos específicos: 1) Reconhecer quantitativa e qualitativamente quais são os tipos de relações anafóricas estabelecidas pelo artigo indefinido no discurso oral de idosos; 2) Averiguar as funções discursivas dos empregos anafóricos do artigo indefinido; 3) Analisar se a modalidade oral e/ou gênero tem a ver com a incidência do uso anafórico ou de determinados tipos de usos anafóricos no *corpus* e 4) Observar se a escolha da representação do referente por meio de usos do artigo indefinido em função anafórica auxiliam na construção das orientações argumentativas na fala dos idosos entrevistados.

Tais objetivos foram propostos no intuito de verificar as três perguntas iniciais da pesquisa, a saber: 1ª) Há um padrão nos usos do artigo indefinido em função anafórica?; 2ª) Havendo um padrão, o que representa discursivamente? e 3ª) Esses usos do artigo indefinido em função anafórica são significativos no discurso oral dos idosos?

Para tentarmos responder à primeira e à segunda perguntas, recorremos à aferição de frequências de palavras próximas ao artigo indefinido no intuito verificar os possíveis padrões linguísticos para o uso anafórico desse artigo. Para tanto, foram utilizadas as ferramentas *wordlist*, *concordance* e *collocates* do *software AntConc* que permitiram visualizar e verificar os entornos linguísticos mais comuns para o fenômeno investigado. Para o processamento de informações nas referidas ferramentas, o *um*, com 974 casos, foi eleito como forma representativa dos artigos indefinidos para a busca pelo padrão do uso anafórico da classe. Nesse processo, a escolha do item *um* ocorre pelo fato de ser a palavra mais recorrente e porque as formas masculina e a feminina do artigo indefinido podem ter as mesmas funções discursivas enquanto mantiverem função anafórica.

Na tentativa de atestar a terceira pergunta, foi delimitado um espaço amostral de 900 ocorrências das formas *um* e *uma*, sendo analisadas 450 ocorrências de cada uma das formas no *corpus* a fim de se ter uma compreensão textual-discursiva do artigo indefinido frente ao grande volume de dados. A partir disso, verificou-se uma alta incidência do uso do artigo indefinido dentro do espaço amostral: 513 ocorrências do uso anafórico do artigo indefinido em

762 ocorrências válidas, o equivalente a 67% do universo considerado. Esse resultado do uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* desta pesquisa, portanto, vai de encontro à afirmativa desse uso ser menos usual (Koch, 2004) e da baixa incidência do fenômeno no *corpus* de escrita de Cunha Lima (2004). Com isso, foi motivada consideração de que a alta ocorrência do uso do artigo indefinido em função anafórica poderia estar atrelada à modalidade oral e/ou ao gênero entrevistas semidirigidas.

Nesta pesquisa, então, acreditamos que enfocar na análise de anáforas viabilizadas pelo artigo indefinido no discurso oral de idosos não somente proporciona um olhar para os elementos formais presentes na superfície linguística, mas também propicia a percepção de como esses elementos evidenciam escolhas linguísticas para a apresentação da (re)construção do referente. Logo, essas escolhas podem refletir uma adequação à situação de interação e manifestar a subjetividade da experienciação e da vivência social desses idosos no espaço carioca.

Em razão disso, pelos estudos da Referenciação, foi imprescindível considerar como esses informantes idosos (re)constroem as representações de suas concepções e percepções de mundo e selecionam características, atributos que são indiciados pelos usos anafóricos do artigo indefinido. Portanto, torna-se válido salientar que não há, nesta pesquisa, a pretensão de diminuir as abordagens das gramáticas aqui observadas, mas sim de agregar e ampliar a compreensão sobre os empregos dos artigos indefinidos na materialidade linguística em suas relações textuais, discursivas e, consequentemente, cognitivas.

Com isso, esta pesquisa, no contexto dos estudos da Descrição da Língua Portuguesa, se desenvolve em três vertentes: a modalidade oral da língua, os estudos da linguagem dos idosos e o artigo indefinido. Isso converge na busca pela compreensão do desempenho das funções do artigo indefinido para além dos níveis microestruturais da língua, observando a modalidade oral e a situação de interação das entrevistas semidirigidas. Por fim, no intuito de concretizar este estudo, o trabalho se encontra dividido em cinco capítulos.

No Capítulo I, direcionamos o olhar para o artigo, em especial para o artigo indefinido em diferentes gramáticas dos séculos XIX, XX e XXI a partir da análise em duas gramáticas representativas de cada período. Já no Capítulo II, desenvolvemos a fundamentação teórica que subsidiou não apenas balizar os questionamentos iniciais, como também sistematizar a análise do objeto estudado. Nesse capítulo, discutimos sobre os aspectos microestruturais do uso anafórico do artigo indefinido pela perspectiva dos estudos da Referenciação, sob a ótica de Koch (2004) e Cunha Lima (2004), além conter a necessária discussão sobre a função predicativa que o fenômeno investigado também desempenha.

Em seguida, no Capítulo III, consideramos a perspectiva macroestrutural em que se funda o fenômeno do uso anafórico do artigo indefinido, o que envolve as práticas discursivas e sociais em torno da questão. Para tanto, são trazidas as temáticas da modalidade oral da língua, do gênero discursivo entrevistas semidirigidas e da linguagem dos idosos pelas quais o fenômeno estudado se estabelece. No capítulo IV, abordamos o *modus operandi* da realização da análise do fenômeno proposto perante a descrição do *corpus* da pesquisa, da padronização dos dados pelo programa *AntConc*, das expectativas da pesquisa, do levantamento das ocorrências de dados e da definição de três categorias de análise para o objeto de estudo.

No capítulo V, desenvolvemos a análise do *corpus* por meio das três categorias propostas. Desse modo, com elas, analisamos os aspectos linguísticos das regularidades linguísticas que favorecem o uso anafórico do artigo indefinido e os aspectos textuais-discursivos dos usos anafóricos do artigo indefinido de modo a observar seus efeitos de sentido na fala dos idosos. Por fim, na conclusão do trabalho, visa-se a refletir sobre o que foi trazido por esta pesquisa, com o propósito de apresentar um balanço pelo qual se pôde ponderar sobre o que se conseguiu alcançar e o que, possivelmente, não foi alcançado, além de serem apresentados caminhos que podem ser percorridos nas searas da temática do artigo indefinido em função anafórica.

1. O ARTIGO INDEFINIDO EM DIFERENTES GRAMÁTICAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar diferentes perspectivas sobre o artigo indefinido em gramáticas brasileiras da língua portuguesa por meio de um breve excurso por obras dos séculos XIX, XX e XXI. Para tanto, analisamos duas gramáticas representativas de cada século no intuito de traçar, ainda que brevemente, um percurso histórico em relação ao tratamento dado pelos gramáticos ao artigo indefinido ao longo do tempo. O tratamento dado à referida classe gramatical é percebido a partir dos planos linguísticos perpassados pelos gramáticos para a compreensão e a definição da categoria do artigo indefinido e da classe gramatical dos artigos na qual se circunscreve, o que nos dá a oportunidade de perceber o delineamento de um perfil para o tratamento da categoria em pauta.

1.1 O artigo em gramáticas do século XIX

1.1.1 Compendio de Grammatica Philosophica da Língua Portugueza

A primeira obra gramatical sobre a qual nos inclinamos para analisar a categoria do artigo indefinido data de 1877, a sexta edição[1] e a última da *Compendio de Grammatica Philosophica da Língua Portugueza*, escrita pelo padre maranhense Antonio da Costa Duarte e publicada a primeira vez em 1829. Tal obra, segundo Marli Quadros Leite (2018), é considerada uma das primeiras gramáticas brasileiras a qual foi originalmente direcionada para o ensino básico, para os estudantes do Licêo do Maranhão. É válido atentar para o título da obra devido ao adjetivo "philosophica", que pode dar indícios da abordagem analítica e descritiva dessa gramática que tange aspectos da teoria gramatical cuja convicção do autor se pauta em fundamentos da gramática filosófica (LEITE, 2018, p. 101).

Para Duarte (1877), a palavra se classifica em cinco espécies: nome substantivo, nome adjetivo (que inclui o artigo, o pronome e o particípio), verbo (substantivo, adjetivo e auxiliar),

[1] Edição disponível em http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/218/198/1020-1, parte da Coleção Gramáticas do Brasil – século XIX, Série I – Gramática filosófica, Volume 1 organizada por Marli Quadros Leite e Arnaud Pelfrêne.

preposições (que inclui os advérbios) e conjunções. Logo, a descrição dos artigos se localiza entre o tratamento dos nomes adjetivos que vem ocupar três páginas da gramática. O artigo, no plano morfossintático e semântico, é entendido como parte do nome adjetivo, apresentado com os *demonstrativos* e os *determinativos de quantidade*, compondo o grupo das palavras monossílabas antepostas ao nome apelativo que agregam a ele um sentido individual ou determinado ou vago.

Para o gramático, os artigos no português são dois: o artigo definido, *o*, *a*, *os* e *as*, e o artigo indefinido, *um*, *uma*, *uns* e *umas*. Ainda no plano sintático da língua, Duarte (1877) diz que "O Artigo, ou outro Determinativo, sempre é anteposto ao appellativo que deve ser sujeito da oração, como: O estudo aperfeiçoa a razão" (p. 35). Além disso, o gramático aborda o fenômeno da substantivização que é viabilizado pelos artigos ao estarem antepostos a qualquer palavra, como em: "O licito, O amar, O porque" (p.36).

Nesse sentido, o autor considera que a presença do artigo antes de nomes apelativos, ou seja, antes de substantivos torna-os nomes próprios, por exemplo, "A Bahia e o O Porto" (p. 36). Inversamente, o artigo presente ao lado do nome próprio faz dele um nome apelativo, isto é, um substantivo comum, tal como, "Os Camões" e em "Os Albuquerques" (p. 36). Por sua vez, a ausência do artigo diante dos apelativos torna-os adjetivados como: "Homem de honra, que vale tanto como homem honrado" (p. 36). Junto a essa proposta descritiva, Duarte (1877) orienta que

> Os nomes proprios não levão artigo, como: Pernambuco, Olinda; com tudo muitas vezes usamos do artigo antes delles; mas nestes casos o artigo concorda com um appellativo da classe a que pertence o nome proprio, como: O Brazil, isto é, o Imperio Brazil; o Itapucurú, isto é, o rio Itapucurú. (p. 36)

Tal afirmação parece ser, em um primeiro momento, prescritiva, pois a assertiva de que os nomes próprios não levam artigo ocorre sem dar apontamentos de qual seria o fundamento para a assertiva feita. Com isso, não deixa claro se se trata de uma restrição do sistema da língua ou de uma eleição de uso considerado melhor que outro, o que acaba por parecer pautado em um direcionamento prescritivista da língua. Por outro lado, Duarte (1877) afirma que é usado artigo antes desses nomes, persistindo no viés prescritivo, mas com uma justificava que se pauta na semântica, o gramático declara que não se usa o artigo quando o apelativo está "individuado" por outro determinativo, por exemplo, *Este* livro e *Aquela* casa.

Ao considerar o artigo indefinido, o autor dedica um pequeno parágrafo no qual afirma que

> O Artigo Indefinido Um Uma, Uns Umas, anteposto ao appellativo, dá-lhe um sentido individual, isto é, faz com que elle se applique aos individuos da sua classe, porem vagamente, como: Um filho deve ser obediente a seu pai. No plural é limitado a uma

> parte indeterminada dos individuos, como: Chegarão hoje uns homens, que &c. Quando falarmos (DUARTE, 1877, p. 36)

A semântica do artigo indefinido, como podemos ver, está atrelada à noção individual, de parte de uma classe, um conjunto, o que depende de um contexto restritivo. Esse mesmo valor semântico, para o autor, o artigo definido também pode ter, porém, no artigo indefinido, agrega-se um sentido vago, como: "um filho deve ser obediente a seu pai" (p. 36). Por fim, o autor termina a abordagem do tema afirmando a oposição do artigo indefinido em relação ao desconhecimento do objeto sobre o qual se faz referência e o conhecimento do objeto ao qual se faz referência pelo artigo definido.

1.1.2 Noções de Grammatica Portugueza

Para Cavaliere (2012), há um segundo período historiográfico no século XIX, inaugurado por uma geração de professores que passaram a trabalhar com teses histórico-comparativistas, as quais, na opinião do autor, renderiam extensa e qualificadíssima bibliografia sobre o português no Brasil ao longo de várias décadas. Esse período, chamado *científico*, conta com uma fase inicial de gramáticos que escreveram seus textos inspirados na escola comparativista alemã e nos volumes de língua vernácula francesa e inglesa (CAVALIERE, 2012). Dentre os nomes mais destacados do período, está Manuel Pacheco da Silva Júnior com sua obra *Noções de Grammatica Portugueza* publicada em 1887, a qual visa vir "em auxílio da mocidade estudiosa", segundo a introdução da gramática.

Em pouco menos de uma página, o gramático Silva Júnior (1887) considera, em uma perspectiva semântica, que "o artigo indefinito, como o definito, tem por fim – diz F. Diez – a invidualidade de um objeto" (p. 384), acrescendo que, em oposição ao artigo definido, o artigo indefinido só se emprega em referência a coisas ou indivíduos indeterminados. Para o autor, o artigo indefinido é um "adjectivo determinativo indefinito" (p. 384). Junto a essa abordagem semântica, este autor vai além por nos trazer uma perspectiva histórica em que justifica o sentido que encontramos atualmente na categoria de nosso interesse, pois explica que

> O nosso artigo indefinido é *um, uma* = lat. *unus*, - a, que entre os Romanos *um certo, algum, alguem* (por transf.) É esta a razão porque tocou a esse numeral o papel de artigo indefinito, em que alguns acreditam ver – e talvez com fundamento – vestígio da palavra *homo* (homem) (p. 384)

Logo, historicamente, o artigo indefinido teve origem como numeral e foi estendido como artigo indefinido. Por fim, Silva Júnior (1887) ao finalizar a elucidação sobre o artigo indefinido, diz, assim como fez Duarte (1877), que se emprega esse artigo para designar um indivíduo como tipo de espécie, como: "um bom filho será bom pai" (p. 384), afirmando que, nesse sentido, se aproxima do artigo definido.

1.2 **O artigo em gramáticas do século XX**

1.2.1 Gramática Normativa da Língua Portuguesa

Iniciamos o recorte dos estudos gramaticais sobre o artigo indefinido no século XX sob a ótica de Carlos Henrique da Rocha Lima, o renomado professor e gramático Rocha Lima, cuja obra *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2013) teve a primeira publicação em 1957. Tal obra, com perfil descritivista e normativista, até os dias de hoje integra a bibliografia oficial de quase todos os cursos de Letras das universidades brasileiras (HENRIQUES, 2011). Em relação ao tema que nos interessa na obra, Rocha Lima (2013), em apenas duas páginas, toma o artigo, inicialmente, pelo aspecto sintático que Silva Júnior (1887) observou, já que Rocha Lima (2013) designa o artigo como precedente do substantivo, sendo esta a marca dessa classe. Em decorrência dessa característica, qualquer palavra, expressão ou frase que o posponha fica substantivada.

Por sua vez, no aspecto morfológico, o autor caracteriza a classe do artigo como a que serve para assinalar o gênero e o número de alguns substantivos, como, por exemplo, "o colega − a colega" (ROCHA LIMA, 2013, p. 139). Já pela natureza semântica, os artigos firmam-se em dois tipos: o definido e o indefinido. O primeiro tipo, o definido, para Rocha Lima (2013), junta-se ao substantivo para indicar que se trata de um ser claramente determinado entre outros da mesma espécie que o ouvinte ou o leitor já sabem quem é, pelas circunstâncias que cercam a enunciação da frase:

> O *governador foi muito aplaudido durante a convenção*
> O segundo tipo se emprega para mencionar um ser qualquer entre outros da mesma espécie — que não individualizo, nem o ouvinte ou o leitor saberão precisar quem seja:
> Um *governador foi muito aplaudido durante a convenção.*" (ROCHA LIMA, 2013, p. 140)

Rocha Lima (2013), assim como fez Antonio da Costa Duarte (1877) no que diz respeito à semântica do artigo, expõe a oposição entre artigo indefinido e artigo definido. Para o autor, aquele tem a função de trazer algo conhecido, determinado dentro do contexto e, por sua vez, o artigo indefinido tem a função trazer imprecisão e indeterminação. É pertinente considerar que há mais quatro páginas e meia dedicadas ao emprego do artigo nas quais o autor expõe o papel da classe gramatical exemplificado, basicamente, com o artigo definido.

1.2.2 A Nova Gramática do Português Contemporâneo

Publicada em 1985, *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001) tem como autores o português Lindley Cintra e o brasileiro Celso Cunha, cabendo a este último a autoria do assunto de nosso interesse e da maior parte do livro. No título da obra, se apresenta um termo qualificativo que entoa um caráter distinto em relação ao que se viu até agora nas gramáticas anteriores, pois não se propõe a normatividade. Esse caráter não normativo se reforça no prefácio da obra luso-brasileira, em especial neste trecho em que se explica a motivação da gramática: "Parecia-nos faltar uma descrição do português contemporâneo" (CUNHA; CINTRA, 2001).

Esta descrição parte "da língua como tem utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores de nossos dias [...]" (CUNHA; CINTRA, 2001, p. xxiv). Por essa demarcação temporal, em torno de um século, a língua escrita literária alcançando a língua literária acolhida, e não abonada (CAVALIERE, 2012). Salientamos, ainda, que há, na obra, uma preocupação em valorizar os meios expressivos do idioma, o que tornaria o livro não apenas uma gramática, mas "uma introdução à estilística" (p. xxv).

Primeiramente, nos planos morfológicos e sintáticos, o artigo é definido pelas formas masculina e feminina e pelas variações que se apresenta, sendo a palavra que se antepõe aos substantivos. A semântica da classe gramatical em foco, por sua vez, é ilustrada por meio de duas definições seguidas de dois exemplos para cada uma delas:

> Dá-se o nome de artigo às palavras *o* (com as variações a, os, as) e *um* (com as variações uma, uns, umas), que se antepõem aos substantivos para indicar:
>
> a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> Levante-se, vai ***à*** mesa, tira um cigarro d***a*** caixa de laca, acende ***o*** cigarro n***o*** isqueiro, larga ***o*** isqueiro, volta a***o*** sofá.
> (F. Botelho, *X*, 183.) [...]

b) que se trata de um simples representante de uma da espécie ao qual não fez menção anterior:
Vi que estávamos n**um** velho solar, de certa imponência. **Uma** fachada de muitas janelas perdia-se na escuridão da noite. No alto da escada saía das sombras **um** alpendre assente em grossas colunas. (Branquinho Fonseca, *B*, 21) (p. 205)

Vemos, com isso, que o autor imerge no nível textual do uso do artigo por falar em possibilidade de fazer "menção" em relação às duas categorias do artigo. Ao continuar a tratar da semântica do artigo, Cunha (2001, p. 211) afirma que o artigo definido "é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado". Já o artigo indefinido seria o contrário, pois "é por excelência um sinal de falta de notoriedade, de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa" (p. 211). Por conseguinte, evidencia-se que o autor direciona, de maneira estanque, os valores do artigo definido, que introduz objeto conhecido, e do indefinido, que instaura um desconhecimento, o que não é nada diferente do que vimos até momento com Antônio Duarte (1877), Silva Júnior (1887) e Rocha Lima (2013).

Traçando a mesma linha de apresentação de Rocha Lima (2013), Cunha (2001) acresce uma exposição, de forma mais aprofundada, da classe do artigo em trinta e uma páginas sobre seu emprego, sendo exposto um tópico para o artigo definido, com dezesseis páginas, e outro para o artigo indefinido, com apenas sete páginas. Nesse empreendimento, elenca as situações em que se emprega o artigo ou as situações em que se omite, incorrendo em exaustivas classificações de circunstâncias de usos em que o autor vai extraindo diferentes leituras, o que talvez se justifique pela abordagem estilística do livro. Nesse sentido, o autor incorre em classificações com as quais parece querer fazer um apanhado de circunstâncias, contextos de regra. Esta tendência da gramática vai ao encontro do que Cavaliere (2012, p. 229) observa sobre a obra luso-brasileira como um todo

> Por outro lado, na *Nova gramática*, a língua é descrita nos limites do sistema, no sentido de que são expostas as possibilidades sintáticas que a gramática portuguesa oferece para a construção de frases, as bases da flexão verbal e nominal, os mecanismos de criação lexical, as relações de regência e concordância etc. Em outras palavras, essa obra de Celso Cunha e Lindley Cintra circunscreve-se à descrição da língua, sem considerar teoricamente sobre os mecanismos de construção do texto.

No tópico dedicado ao artigo indefinido, Cunha (2001) trata do emprego e da omissão do artigo indefinido. Além disso, assim como fez Silva Júnior (1887), Cunha (2001) relata que o artigo indefinido provém do numeral latino *unus, uma, unum* que exprimem unidade. Em consequência disso, por extensão, o valor de numeral tomou o aspecto de "um certo" do

qual decorrem certos empregos, tais como, o emprego com os substantivos comuns. Com isso, o gramático aponta a existência de cinco situações para o emprego do artigo indefinido.

Na primeira situação, o artigo indefinido pode servir para apresentar um ser ou objeto não conhecido, como em, "Pouco depois, atraído também pelo espetáculo, foi chegando um caboclinho magro, com uma taquara na mão. (*A.A*, 40.)" (p. 237). No segundo caso, o artigo precisa a classe ou a espécie de um substantivo já determinado, o que seria um caso de remissão que também lhe é próprio, mas que o autor não reconhece: "Ele sentia o cheiro do impermeável dela: **um cheiro doce de fruta madura**. (É. Veríssimo, *LS*, 140.)". No terceiro caso de emprego, a força generalizadora do artigo indefinido atribui a um substantivo singular a representação de toda espécie: "— Aquele, digo-vos eu, aquele é **um homem**. (Branquinho da Fonseca, *MS*, 165.)". No quarto caso, é dito que a anteposição do artigo indefinido noplural indica aproximação, como: "Teria, quando muito, **uns doze anos**" (p. 238).

No último caso apresentado, o gramático afirma que se usa o artigo indefinido no plural antes de partes do corpo ou objetos que se consideram pares para designar um só par, a exemplo de "Trazia **uns sapato**s rasos, **uns olhos** verdes. (A. Albelaira, *CF*, 207.)" (p. 238). É pertinente ainda expor que Cunha (2001) tece, nessas situações, três observações sobre o emprego do artigo, das quais duas nos chamam a atenção, já que o segundo caso parece similar aos demais em que indica que o artigo indefinido serve como intensificador de qualidade. Assim, na primeira observação, afirma que "o artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular: Ela é de **uma candura**!..." (p. 239).

Por fim, em relação ao emprego do artigo, Cunha (2001) dedica uma seção ao uso do artigo indefinido com nomes próprios que se dá em dois casos. No primeiro caso, o gramático afirma que o artigo é utilizado antes do nome de pessoa, o que ocorre em cinco casos semânticos que, mais uma vez, parecem se tratar da mesma situação. A título de exemplo desses casos o autor afirma que

> a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou um personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:
> Papai era **um Quixote**.
> (C. dos Anjos, *MS*, 298.)
> — É **uma Ofélia**, mas, depravada...
> (J. de Araújo Correia, *FX*, 128.)
> b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie: A fortuna, toda nossa, é que não tem **um Kant**.
> (J. Ribeiro, *F*, 36.)
> Nazaré merecia bem **um Cézanne** ou outro grande pintor a rondar-lhe os sítios, a pintar-lhe os tipos.
> (A. F. Schimidt, *F*, 103.) [...]
> e) para designar obras de um artista (geralmente quadro de um pintor):
> Também disse, é verdade, como era necessário aprender a distinguir o fado de uma

> sinfonia, **um Picasso** de um calendário.
> (V. Ferreira, *A*, 28.) (p. 240)

É evidente notar a redundância das situações, visto que os três casos apontados e seus respectivos exemplos poderiam estar englobados no primeiro, no item a, pois os sintagmas compostos com os artigos indefinidos grifados nesses exemplos, basicamente, selecionam aspectos, características conhecidas previamente que remetem a esses referentes, inserindo-os em um outro tipo, conforme aponta Cunha Lima (2004). Por fim, o último caso indicado para o emprego do indefinido junto a nomes próprios, é quando acompanham nomes geográficos qualificados: "**Numa Europa mecanizada**, a Espanha surge-nos intemporal. (U. Tavares Rodrigues, *JE*, 21.)" (p. 240)

Destoando dos gramáticos vistos até agora, Cunha (2001) vê a categoria do artigo indefinido não apenas por sua possível essência introdutória, mas também por uma perspectiva histórica com a qual sinaliza a generalização crescente do uso da categoria. Essa generalização crescente ocorreria, para muitos gramáticos, por uma influência desnecessária do francês, mas que, na verdade, para o autor, é "uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado" (2001, p. 241).

Por isso, o autor justifica que se inviabilizaria, talvez, uma empreitada de indicar precisamente os casos em que o indefinido é omitido, todavia, declara que ainda há circunstâncias que favorecem ou pedem a omissão do artigo indefinido. Tais circunstâncias são estas:

> 1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como, por exemplo, uma forma de identidade ou de comparação:
> De você não esperava **semelhante** gesto.
> Não é possível **pior exemplo do que** esse.
> 2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a idéia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:
> **A grande parte do público** irritou a cena.
> **Amigo fiel e prudente** é melhor que parente.

A partir disso, o gramático apresenta cinco casos referentes às circunstâncias em que o artigo indefinido é omitido, como por exemplo, em expressões de identidade, quando já existe anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual*, *semelhante* e *tal* ou um pronome indefinido. Isso podemos ver neste exemplo, "Certo amigo meu usou de igual argumento." (p. 241). Por outro lado, portanto, na condição de usuários da língua, é sabido que se pode utilizar o artigo indefinido no exemplo posto: "Um certo amigo meu usou um igual argumento". Por fim, do mesmo modo, nos outros quatro casos em que o autor afirma que o

emprego artigo indefinido deveria ser omitido, o artigo poderia ser empregado.

1.3 **O artigo em gramáticas do século XXI**

1.3.1 Gramática do Português Falado

Gramáticas mais recentes têm estudado de maneira mais ampla a classe do artigo, no sentido de que têm usado exemplos que não se restringem à frase e utilizado *corpus* que não se finda ao literário. Desse modo, tais gramáticas propõem um trabalho com o texto, deixando claras as perspectivas linguísticas que norteiam suas concepções. Estes são os casos das obras exemplares da *Gramática do Português Falado* (2012), de Ataliba de Castilho, e da *Gramática Revelada em Texto* (2018), de Maria Helena de Moura Neves. Na obra de autoria de Castilho (2012), o *corpus* sobre o qual incidem as descrições gramaticais é oral. A partir dele, o autor percebe os artigos como especificadores do sintagma nominal cuja característica sintática é de determinante e a característica semântica é de determinação.

Tocando em pontos históricos, como o fato de que o artigo "adquiriu duas subclasses nas gramaticas atuais a partir do século XIX "aparentemente por algum critério semântico" (p. 489), o autor acentua que o artigo indefinido deveria ser uma classe dos pronomes, dos quantificadores indefinidos de maneira que expõe três razões, pautadas em testes, para tal assertiva. A primeira razão dada é exposta, a partir destes primeiros exemplos "*Chegou* ***um*** *homem*" (p.489) e "*Não chegou* ***nenhum*** *homem"* (p. 489), logo, o artigo indefinido tem forma negativa própria, *nenhum*, diferentemente do artigo definido.

O segundo motivo envolve o plano fonético-fonológico exposto como característico da classe do artigo de ser átona, o que associado a um nome compõe um vocábulo fonético, porém, o artigo indefinido é tônico e pode ser alternado com outras palavras da mesma sentença, toma-se como exemplo "Um dia, a fada trouxe" (p. 489) e "Você vê uma ou outra árvore" (p. 489). A última razão dada gira em torno de o artigo indefinido poder ser utilizado como especificador de um SN de núcleo vazio, o que não é possível aos artigos definidos, a exemplo "*Comi* ***um*** *bolinho*" e "*Comi* ***um*** *0*". Apresentada sua posição, Castilho (2012) deixa claro que a abordagem teórica tomada na obra parte da descrição do tema trabalhado por meio de uma argumentação sintática, na qual enfoca a estrutura e a função dos sintagmas, que é separada da

argumentação semântico-discursiva, que tange o papel informacional dos sintagmas.

O autor, assim como, Rocha Lima (2013) e Cunha (2001), elenca as condições para a presença e a ausência do artigo, uma vez que parte do pressuposto de que "do ponto de vista sintático, é indiferente a presença ou a ausência do artigo" (p. 491). Dispensado da classe gramatical do artigo até então, o artigo indefinido, visto como quantificador indefinido, é trazido à cena. No momento que traz o que chama de quantificador indefinido, o autor se volta para o nível discursivo a fim de contrapô-lo ao artigo definido para estabelecer as propriedades discursivas da classe do artigo definido. Para tanto, toma como um dos exemplos o seguinte excerto:

> "— *Como é* ***a*** *estrada para Santa Catarina?*
> — *A estrada é:: uma estrada estreita... né... tem muito trânsito de caminhão...*" (p. 494)

Para o exemplo dado acima, Castilho (2012) investe em uma discussão muito proveitosa dado que parte da premissa de que

> o tópico conversacional é compartilhado, portanto podemos articulá-lo com *o*, mas como estamos respondendo a uma pergunta ou quando estamos detalhando uma atividade supostamente desconhecida pelo interlocutor, ingressamos na resposta, na explicação em terreno por ele desconhecido, donde a anteposição do substantivo pelo quantificador indefinido *um*, como em *uma estrada* [...] (p. 494)

É por meio dessa visão que o autor chega a concluir que "Aprende-se com isso que a seleção do artigo o ou do quantificador indefinido um é matéria de interação discursiva, de difícil explicação se nos detivermos nos sistemas da gramática ou da semântica. Por outras palavras, a instituição de um tópico e sua recuperação não dependem de esquemas sintáticos fixos [...]" (p. 494). Com isso, diferentemente de outros gramáticos, Castilho (2012) reconhece que o uso do artigo indefinido, entendido como quantificador indefinido, está sujeito a acordos da interação, mas, assim como fazem os outros gramáticos, reforça que esse artigo marca, semântica e discursivamente, um desconhecimento.

1.3.2 Gramática Revelada em Textos

Neves (2018), em consonância com a sinopse de sua gramática, marca seu diferencial por fundar sua obra em uma enorme profusão de exemplos dados em textos, estudos de caso. A classe do artigo indefinido, na gramática, tem sua noção induzida a partir de dois textos, um conto e uma receita, a fim demonstrar que tal classe geralmente não particulariza. Além disso,

a autora enfatiza que “geralmente apresenta uma pessoa ou coisa simplesmente por referência à classe particular à qual ela pertence, ou seja, apresenta-a como elemento de uma classe, sem particularizá-la” (p. 446). Portanto, com esse entendimento, certos usos do artigo indefinido servem como marcadores de uma classe. A partir disso, se estabeleceria a construção de definições, justificando a função predicativa que comumente o artigo definido ajuda a exercer, de acordo com a autora.

Cabe observar que Neves (2018) destaca que o artigo indefinido, em sua função discursivo-textual, introduz referente “que mais adiante vem retomado no texto por uma palavra referencial (anáfora)” (p. 449). Além disso, a autora reforça que não é restrito ao artigo indefinido o papel de introduzir um referente no texto, uma vez que o artigo definido também pode fazer isso, sendo que, no caso desse artigo, a referência é identificada e, no artigo indefinido, não é. Tangendo o nível da sintaxe do artigo indefinido, Neves (2018) declara que essa classe de palavra é sempre um adjunto adnominal, expondo as duas funções dessa classe: a de determinante e de substantivação.

A função de determinante parte da afirmação supracitada sobre as funções do artigo indefinido, visto que a classe em questão no plural se assemelha funcionalmente aos pronomes indefinidos. Isso, para autora, justifica a correlação sintática e semântica feita entre os pronomes indefinidos e os artigos indefinidos, como, por exemplo, em “***Uns*** ateus/ ***Uns*** filhos de Deus/ ***Uns*** dizem fim/ ***Uns*** dizem sim/ E não há ***outros*** (MPB) (p. 454). Por sua vez, a substantivação se dá em certas situações na qual o artigo indefinido atua como determinante de um substantivo, formando um sintagma nominal que pode passar uma palavra de outra classe ao *status* de substantivo.

Em síntese, com o que foi exposto neste capítulo, foi possível observar, primeiramente, que a classe gramatical do artigo é dividida em duas subclasses – artigo definido e artigo indefinido – pelo critério semântico. Em segundo lugar, fica claro que há um delineamento de perfis para o tratamento do artigo indefinido, como, por exemplo, tomar apenas o aspecto semântico do artigo para expô-lo, como fez Silva Júnior (2012), e abranger níveis múltiplos desde o fonológico ao discursivo, como o fez Castilho (2012). A diferença de perfis, cabe sublinhar, não reside apenas no tratamento do tema por cada autor, como também em cada período, marcando-se abordagens distintas.

Se nos apercebermos das nomenclaturas dadas ao artigo, em especial, ao artigo indefinido vemos que no século XIX, com Duarte (1877) e Silva Jr. (1887), a classe é vista como sendo parte do “adjectivo”, logo, o aspecto qualitativo, semântico ganha maior peso. No século XX, com Rocha Lima (2013) [1957] e Cunha (2001) [1985], a classe é percebida,

fundamentalmente, por sua forma, função e sentido. Já no século XXI, com Castilho (2012) e Neves (2018), é visto como um especificador, um determinante, o que demonstra uma ênfase sintático-semântica visando ao impacto textual e discursivo da classe.

Observamos também que, com o passar do tempo, a classe do artigo tornou-se mais discutida e explorada. Isso pode ser percebido não apenas nos números de páginas, mas também em relação à exploração da classe dos artigos em níveis linguísticos diversos, pois, Silva Júnior (1887), no século XIX, tratou somente do aspecto semântico. A partir de Cunha (2001), no século XX, são perpassados os planos além do linguístico, traçando-se o nível textual-discursivo para a compreensão do artigo indefinido, ainda que seja sem fundamentação teórica.

Essa visão, em nível textual-discursivo, passa a ser observada pela capacidade ou pela incapacidade dos artigos de fazer menção. De maneira mais concreta, as discussões dos gramáticos do século XXI estão fundamentadas em teorias linguísticas, como, Neves (2018) que trata da impossibilidade de estabelecer anáfora com o artigo indefinido e Castilho (2012) ao abordar que o uso do artigo indefinido pode ocorrer em função do acordo da interação.

Apresentamos, a seguir, um quadro que traz um resumo dos níveis linguísticos perpassados por cada gramático aos quais nos referimos até aqui para o tratamento da classe do artigo indefinido.

Quadro 1 – Tratamento do artigo indefinido nas gramáticas dos séculos XIX, XX, XXI

Planos linguísticos	**Duarte (1877)**	**Silva Jr. (1887)**	**Rocha Lima (1957)**	**Cunha e Cintra (1985)**	**Castilho (2012)**	**Neves (2018)**
Morfológico	X	X	marcar gênero e número	marcar gênero e número	pronome demonstrativo (quantificador indefinido)	no plural, se assemelha ao pronome demonstrativo
Sintático	antepor o apelativo (substantivo)	X	antepor o substantivo	antepor o substantivo	determinante	determinante
Semântico	indeterminar, vago	indeterminar, individualidade	indeterminar, imprecisar	marcar desconhecimento	marcar desconhecimento	não particularizar
Textual-discursivo	X	X	X	não faz menção	na interação, marcar desconhecimento	introdutor de referente
Função anafórica do indefinido	X	X	X	X	X	X

Fonte: A autora, 2020.

Percebidas as diferentes concepções para o tratamento do tema, é inegável um ponto

pacífico: o tratamento do artigo definido e do artigo indefinido como opostos por conta do aspecto semântico. Em todas as gramáticas o artigo indefinido é visto em contraposição ao artigo definido por este não ter o potencial de abranger o mesmo aspecto semântico de remeter a uma entidade conhecida. Em decorrência disso, talvez, as gramáticas percebam que ao artigo indefinido apenas cabe a função de introdutor e não observem sua função anafórica.

Todavia, antes de desconsiderarmos esse uso anafórico do artigo indefinido, é preciso ressaltar, primeiramente, nossa inabilidade em estabelecer padrões por meios de frases isoladas ou de poucos textos explorados, uma vez que

> o ser humano, ao contrário do que em geral se pensa, não é bem organizado para isolar conscientemente o que é central e típico da linguagem; aquilo que é incomum é percebido imediatamente, mas os eventos costumeiros do dia-a-dia são apreciados subliminarmente. (Sinclair e Renouf, 1988, p.151, tradução do autor, apud BEBER SARDINHA, 2000, p. 352)

Com isso, é necessário ter em mente que se deve debruçar em dados empíricos, partindo-se dos usos mais variados e realizáveis na língua para, então, serem observadas e delimitadas suas funções. Nesse sentido, a observação do uso anafórico do artigo indefinido linguística e discursivamente é necessária, em especial, debruçando-se em usos efetivos da língua, com análises de ocorrências a fim de atestar a funcionalidade de um item linguístico. Com essa perspectiva, o artigo indefinido será explorado no capítulo seguinte pelo seu potencial no processo da Referenciação no texto.

2 ASPECTOS MICROESTRUTURAIS: O USO DAS EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS

Neste capítulo, propomos apresentar a perspectiva linguístico-discursiva do fenômeno de interesse na presente pesquisa: o artigo indefinido em função anafórica. Para tanto, busca-se, primeiramente, travar uma discussão sobre a concepção pela qual se desenvolve, a Referenciação, que também é base para as autoras precursoras no tema ora estudado. Dessa forma, seguimos com a exposição da perspectiva de cada uma das pesquisadoras sobre o fenômeno do artigo indefinido compondo expressões nominais para, assim, fundar as perspectivas e as análises do presente trabalho.

2.1 A Referenciação: características abrangentes

Lidar com a construção de sentido não é tarefa fácil, pois implica em investigar como ocorre uma construção que é percebida como uma unidade de significação. A concepção dessa unidade, por sua vez, é configurada de modo complexo, envolvendo determinados fatores para propulsionar esse processo que, muitas vezes, foge do alcance de nossa consciência. Para tal tarefa, os estudos sobre a Referenciação, notabilizados na Linguística Textual, vêm nos instrumentalizando a aclarar e descrever a processualidade propulsionada no e pelo texto em sua materialidade, sendo este concebido como um processo sociocognitivo, e não como um produto.

A Referenciação tem esse potencial por nos levar à percepção sobre o caráter do qual a linguagem não foge para se consolidar: a atividade de referenciar, de designar, pois falar é sempre falar de algo (BENVENISTE, 2006). Tal abordagem evidencia que referenciar envolve o ato de designar as coisas no mundo em uma relação que não se limita à rotulação correferencial das coisas que nele habitam. Entende-se, pois, que, por intermédio das práticas sociais, se constrói um mundo representável, a apreensão e a percepção sobre o mundo são atravessadas e moldadas intersubjetivamente. Em razão disso, é notável que essa concepção excede uma perspectiva representacionista do uso da língua e de sua função, o que implica na configuração do fenômeno da referenciação como um fruto social, interacional, discursivo e cognitivo.

Nesse entendimento, as entidades que designamos, tornam-se *objetos de discurso*, referentes, e não *objetos do mundo* (MARCUSCHI, 2000). Koch (2015), trazendo mais luz à compreensão da Referenciação, considera que esta

> [...] constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido [...] Ou seja: a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos por meio da interação com entornos físico, social e cultural." (p. 67).

Portanto, a autora deixa claro o viés sociocognitivo e interacionista diante da linguagem e da língua que, em ação, nas referidas práticas sociais, torna-se do discurso. Por isso, toda representação (re)construída por um sujeito apresenta-se na maneira particular de perceber e conhecer o mundo a partir de suas vivências e experiências, o que em certa medida se constitui como conhecimento (com)partilhado que coincide com uma percepção geral, isto é, uma "cognição social*"* (DIJK, 2012). Dessa forma, constrói-se um mundo representável, o que nos permite estabelecer entendimento, pois, por meio desses conhecimentos, sabemos do que está sendo tratado no discurso.

Tal representação, que não se limita a espelhar o mundo, reflete-se na materialidade do texto, já que os objetos do discurso, os referentes, trazidos na superfície textual, emergem a partir das expressões referenciais que perfazem o circuito sociocognitivo da representação do objeto de discurso no texto. Esses objetos na dinâmica discursiva, devido à essência sociocognitiva, não poderiam se manter estáveis e, consequentemente, vão sendo ativados, reativados e (re)construídos na tessitura do texto a fim de permitir estabelecer a compreensão, sendo construídos de acordo com cada situação de interação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

A possibilidade da reconstrução do referente, isto é, sua recategorização é a transformação da representação pela qual o referente passa ao longo da atividade discursiva. Nessa atividade, o referente pode já ter sido introduzido no discurso para ser transformado ou pode não ter sido e se recategorize apenas mentalmente, no próprio momento em que a expressão anafórica remete indiretamente à sua âncora. (CAVALCANTE, 2005).

Logo, a atividade de recategorização espelha não só o caráter dinâmico do fenômeno da Referenciação, mas também espelha seu viés sociocognitivo que se manifesta na não linearidade do fenômeno, pois a referenciação não se organiza em introduções ou retomadas de referentes apenas, mas é marcada pelo uso diversificado das estratégias de referenciar. Portanto, fica patente, logo de início, a abrangência da Referenciação que se consolida como a atividade

discursiva de suma relevância na medida em que "o aspecto central da textualização é a organização referencial, que confere ao texto continuidade e estabilidade, contribuindo de forma decisiva para coerência discursiva". (TEDESCO, 2015, p. 213).

Dito isso, podemos elencar os aspectos fulcrais do fenômeno em discussão para podermos considerá-lo um processo de grande relevância para a construção da unidade de sentido. Primeiramente, as recategorizações pelas quais o referente passa viabilizam a manutenção e a progressão de objetos de discurso, dos referentes previamente introduzidos, dando origem a cadeias referenciais ou coesivas que são responsáveis pela progressão referencial do texto (KOCH, 2002). Pelas reconstruções dos referentes, no texto, é possível perceber que a construção da significação é ativada pelas escolhas do enunciador na superfície linguística as quais vão encadeando a orientação da intencionalidade e da argumentatividade no discurso no qual se recria o mundo através da mediação de nossas perspectivas e visões dele (KOCH; TRAVAGLIA, 2001, p. 80).

Nesse sentido, para concretizar o projeto de dizer de um texto, envolto de intencionalidade, entra em jogo o caráter interativo da construção dos referentes. De acordo com Marcuschi (2006), é necessária a colaboração do ouvinte/leitor; isto é, faz-se necessária a inserção dele no mesmo contexto sociocognitivo do produtor; o partilhar de conhecimentos entre ambos; o esforço cognitivo do co-enunciador no sentido de produzir inferências; enfim, a disposição para "negociar o sentido." (p. 10).

Em consequência disso, há o impacto na manutenção tópica e na continuidade temática, visto que "a referenciação é como fio condutor que contribui tanto para a formação de relações locais quanto para o estabelecimento de canais temáticos e para a construção de representações globais", segundo Marcuschi (2006, p. 18). Nesse sentido, segundo Koch e Penna (2006, p. 25):

> A manutenção de um tema pode ser observada na materialidade linguística, principalmente, graças aos processos de sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, pronominalizações, repetições, rotulações, nominalizações – que atuam como reativadores [ou "rememorizadores"] de um tópico introduzido. São justamente esses processos que constituem a atividade de referenciação.

Ao lado das dimensões da manutenção temática que a referenciação propicia, está a progressão do tópico. O tópico, considerado um princípio organizador do texto, pode ser definido como o cerne pelo qual os falantes procuram se articular acerca de um conjunto de referentes que é o foco da interação (JUBRAN, 2011). É interessante notar que, para haver coerência acerca do que se fala por meio de um conjunto de referentes, torna-se necessário um foco, um direcionamento dos conhecimentos de mundo e conhecimentos (com)partilhados necessários para determinada interação. Levando isso em consideração, mesmo que os

conhecimentos de mundo não sejam compartilhados, podem ser dados esclarecimentos que conduzam ao partilhamento desse conhecimento. Por outro lado, caso haja compartilhamento de conhecimentos, entram em jogo um alto grau de implicitude, de inferências que oportunizam que nem tudo seja dito (MARCUSCHI, 2001).

Portanto, para Marcushci (2006), a continuidade referencial serve de fundamento para o desenvolvimento de um tópico, assim como o tópico estabelece as condições para continuidade referencial, mas não a garante. A manutenção referencial se dá com base em uma complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida centralmente no discurso. A questão se torna complexa porque um texto não costuma ser monotópico, linear e homogêneo, especialmente quando tem uma extensão maior (MARCUSCHI, p. 21).

Assim, a progressão tópica em muito se relaciona com a manutenção dos referentes, conforme postula Marcuschi (2006), os tópicos se mantêm ativados no discurso por intermédio de processos referenciais que se mostram garantidores do tópico, da manutenção temática e, portanto, da unidade de sentido (KOCH; PENNA, 2006). Dessa forma, diante da quase reciprocidade da progressão referencial e da progressão tópica, cabe observar, na atividade de interação face a face, pautada na conversação que proporciona o *corpus* desta pesquisa, algumas particularidades que se estabelecem no processo de referenciação dentro dessa situação comunicativa.

O *corpus* oral trabalhado nesta pesquisa se torna uma fonte privilegiada, porque se trata de um caso prototípico da interação social, pois todas as demais formas de interagir derivam dessa interação segundo o sociólogo Berger (1985). Com isso, cabe notar que essa interação face a face da conversação promovida pelas entrevistas semidirigidas que se constitui na oralidade tem suas particularidades, pois é realizada em cooperação, existindo o fato de que o planejamento e a verbalização ocorrem simultaneamente porque o texto falado é fruto do momento da interação, conforme Koch (2015) nos chama atenção, o que por vários fatores não se iguala à língua escrita.

Nesta situação, fica patente como a construção da referência ocorre de forma interativa e negociada entre os interlocutores em tempo real, o que fica manifesto na manutenção do tópico das entrevistas em que a expansão dele é viabilizada pelas (re)construções dos referentes que se instauram no discurso como índices de conhecimentos (com)partilhados. Para Marcuschi (2001, p. 49) “são as condições comuns e partilhadas de conhecimentos que permitem a referenciação [...] Esse partilhamento de condições necessárias se dá como processo interativo em contextos sociais e culturais relevantes mediados pelo uso da língua.”.

Por fim, outro dado relevante do comportamento da referenciação no contexto das

entrevistas pode estar na construção da cadeia referencial, tendo em vista que o gênero em questão se realiza na oralidade. Nela, as unidades de ideias podem ser mudadas de maneira ágil e rápida, consequentemente, a cadeia referencial pode ser menor e menos complexas do que na escrita (cf. p. 57).

Por isso, tornar-se-ia pertinente trazer à tona o olhar para o tipo de interação em que se estabelecem os usos anafóricos, o que foi desconsiderado por Cunha Lima (2004, p. 87), alegando que "como o fenômeno é de baixa ocorrência não nos preocupamos em filtrar os gêneros investigados e as fontes de exemplo". Partindo do pressuposto de que as operações textuais para a ancoragem da construção da referência são específicas em cada interação, apresentamos, na seção seguinte, as formas de materialização de nosso objeto de estudo.

2.2 **A Referenciação: características específicas – as expressões nominais indefinidas**

Exposta a abrangência do fenômeno da referenciação, que permeia tanto o nível discursivo-textual quanto o cognitivo, observamos agora suas estratégias no universo do texto, ou seja, suas formas de ancoragem na superfície linguística. As expressões referenciais se estabelecem, no texto, como representações mentais materializadas. Um caso dessa materialização se constrói pelas expressões nominais referenciais compostas por sintagmas nominais que contribuem de forma expressiva para a instauração dos referentes no texto, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

No que tange à constituição linguística das expressões nominais, Koch (2015) a caracteriza pelo uso do determinante diante de um nome, assim, se o determinante é definido, a expressão nominal é definida, e, caso o determinante seja indefinido, a expressão nominal é indefinida. Para compreender e considerar os tipos de relações anafóricas que as expressões nominais referenciais viabilizadas pelo artigo indefinido estabelecem no *corpus*, partimos para um percurso teórico que fundamenta o nosso olhar para o objeto de estudo desta pesquisa.

Por isso, em primeiro lugar, com foco em nosso objeto de estudo, partimos do trabalho de Koch (2004) no qual a autora constata a relevância das expressões nominais indefinidas para o texto. Em segundo lugar, detemos nossa atenção em Cavalcante (2003)[2], pesquisadora

[2]Ainda que haja os referenciais específicos para o tratamento do uso anafórico do artigo indefinido com as pesquisas de Koch (2004) e Cunha Lima (2004), a relevância do trabalho de Cavalcante (2003), nesta pesquisa, encontra-se no esclarecimento que a autora dá sobre a temática da anáfora, o que permite a compreensão sobre as

com grandes contribuições para os estudos da Referenciação. Neste trabalho, Cavalcante (2003), mesmo não tratando especificamente do uso anafórico do artigo indefinido, estabelece uma importante classificação para os tipos de expressões referenciais nominais, isto é, os tipos de anáforas existentes. Tais anáforas propostas, como veremos, podem servir para as expressões nominais viabilizadas pelo artigo indefinido. Essa importante noção classificatória para as expressões nominais foi utilizada por Cunha Lima (2004), nosso referencial teórico mais importante sobre o uso anafórico do artigo indefinido.

Cabe sublinhar que os trabalhos que tomamos como aporte teórico têm como *corpus* de análise a língua escrita, diferentemente da modalidade oral do *corpus* com o qual lidamos. Logo, por isso, mesmo sabendo que é de praxe a exemplificação da fundamentação teórica com os dados da presente pesquisa, consideramos pertinente trazer a contribuição das autoras que investigaram especificamente nosso objeto de estudo, Koch (2004) e Cunha Lima (2004), mediante os exemplos analisados pelas próprias autoras.

2.2.1. Na visão de Koch

As expressões nominais, na dinâmica textual-discursiva, para Koch (2002), tratam-se de estratégias com as quais se operam escolhas linguísticas para a caracterização dos referentes que se afiguram conforme nosso projeto de dizer. No que tange ao artigo indefinido realizador das expressões nominais indefinidas, Koch (2004) aponta que estas costumam ser vistas apenas em seu teor introdutório de ativação do referente no discurso. No entanto, a autora aponta que ainda que não seja o valor mais usual, as expressões nominais indefinidas podem manifestar-se como reativadoras de referentes já introduzidos na memória discursiva, isto é, na recategorização, como expressões anafóricas.

Numa perspectiva contrária ao que veiculam as gramáticas que abrangem uma concepção textual do artigo indefinido, Koch (2004) indica um novo olhar para as constatações dadas como ponto pacífico de que o artigo indefinido apenas introduz referente. Dito isso, Koch (2004) aponta três circunstâncias do uso anafórico do indefinido estabelecidas por Schwarz (2000 apud KOCH, 2004). A primeira circunstância envolveria o valor partitivo da expressão indefinida como destacado no seguinte exemplo:

---

possíveis funções anafóricas de nosso escopo de pesquisa.

Exemplo 1

> Um grupo de crianças alegres entrou na sala. **Uma garotinha loira** veio na minha direção e entregou-me uma rosa. (KOCH, 2004, grifo da autora)

A segunda situação para o uso anafórico da expressão nominal indefinida seria por existir a intenção de não especificar o referente para promover um efeito de suspense, conforme é ilustrado no trecho seguinte.

Exemplo 2

> Assalto a Banco: os meliantes atiram no motorista de um carro forte. O caixa age com a rapidez de um raio: fazendo o dinheiro desaparecer não se sabe como, apresenta aos assaltantes duas caixas vazias. À noite, ele recebe uma visita inesperada. No dia seguinte, **um cadáver é retirado de um riacho próximo**. (KOCH, 2004, p. 6, exemplo adaptado de Schwarz, 2000, p. 59, grifo da autora).

A terceira situação ocorreria para dar mais foco à informação que veicula do que à sequenciação da cadeia coesiva. O exemplo, a seguir, caracteriza essa situação.

Exemplo 3

> A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas **um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa**. (KOCH, 2004, exemplo adaptado de Schwarz, 2000, p.59, grifo da autora)

Além das três circunstâncias sugeridas pela autora alemã para o uso anafórico do indefinido, Koch (2004) destaca que pode haver outras situações em que esse uso ocorre. Exemplo dessas situações acontece quando a expressão nominal indefinida pode ser entendida como predicação ou como referenciação, o que não é tão fácil de decidir segundo a autora. Para tanto, exemplifica a circunstância observada no trecho que segue.

Exemplo 4

> A promotoria pública de Manhattan anunciou ontem o resultado do exame de DNA feito nos corpos de suas pessoas assassinadas em 1997. O laudo indica que o material orgânico encontrado nos cadáveres pertence a um brasileiro, o que o incrimina como possível autor dos homicídios. Preso há três anos na cadeia de Ricker's Island, alega inocência. / O verdadeiro nome do acusado de matar dois homossexuais norte-americanos é José Mário de Carvalho Quevedo, **um gaúcho de 27 anos.** (KOCH, 2004, p. 6 apud OESP, 9/9/2000, grifo da autora)

Em relação ao que está destacado no exemplo acima, a autora considera que possa ser um caso de predicação, pois se a expressão fosse "que é um gaúcho de 27 anos", poderia ser uma expressão referencial especificadora. Com isso, Koch (2004) discorre que pode haver uma duplicidade na análise, uma vez que se depara com o fato de que as expressões referenciais nominais exercem, em grande número de casos, dupla função cognitiva e discursiva (KOCH, 2002), já que, ao mesmo tempo, reativam referentes e introduzem novas predicações a respeito deles.

Nesse sentido, a autora pontua que uma das motivações para ocorrer a anáfora por meio

de expressão nominal indefinida seria para especificar, particularizar "quando se pretende introduzir novas informações a respeito do referente, que não haviam sido mencionadas quando da introdução do objeto-de-discurso" (p. 7). Por fim, Koch (2004), expõe outro uso anafórico das expressões nominais indefinidas, quando está na função de aposto, nas anáforas caracterizadoras e definitórias, conforme ocorre no seguinte exemplo:

> Exemplo 5
>
> Não só em São Paulo, o PT está negociando com várias bases peemedebistas e tem boas possibilidades de êxito. Mas o afã de conquistar apoios não precisa nem justifica que a negociação política distribua avais morais, como fez Lula a Orestes Quércia, **um dos políticos mais eticamente contestados**, inclusive por Lula mesmo (KOCH, 2004, p. Jânio de Freitas, O jogo duro, FSP, 2/06/02, grifo da autora)

Por meio desse exemplo, Koch (2004) comenta que se poderia tomar como hipóteses que a expressão grifada se trata de um caso de predicação introduzida por uma oração relativa reduzida ou que, nela, há uma simples justaposição de sintagmas nominais. Por conseguinte, Koch (2002) arremata que não há dúvidas sobre o uso anafórico do artigo indefinido em todos os casos mencionados e a contribuição deles para a progressão textual.

2.2.2 Na visão de Cavalcante

Para se considerar os tipos de relações anafóricas que as expressões referenciais podem realizar no texto, partimos para o trabalho de Cavalcante (2003) o qual traz uma proposta classificatória para cada tipo de relação anafórica estabelecida por meio das expressões referenciais. Para isso, a autora busca classificar e agrupar os subtipos de referentes que existem, a saber: a) referentes que não proporcionam continuidade referencial, ou seja, introdutórios e b) referentes que promovem a continuidade ou por terem sido "explicitamente evocados ou porque são dali inferíveis" (CAVALCANTE, p. 106).

Por meio disso, a autora traz as categorias das expressões referenciais com continuidade, classificando as anáforas em dois grandes grupos: as anáforas com retomada e as anáforas sem retomada. Do primeiro grupo de anáfora com retomada, a autora destaca que fazem parte as anáforas correferenciais co-significativas, as anáforas recategorizadoras e as anáforas parciais co-significativas. Por sua vez, no segundo grupo que diz respeito às anáforas sem retomada, a autora engloba as anáforas indiretas e anáforas encapsuladoras. Levando em consideração que nosso objeto de estudo, o uso anafórico do artigo indefinido, manifesta-se junto de SN, um item

lexical, apresentamos apenas as definições das expressões referenciais que se constituem por formas remissivas lexicais, a saber:

Anáfora Correferencial Co-significativa: se manifesta na reiteração de termos, realizadas por formas remissivas lexicais, neste caso, por meio sinonímia ou repetição. A autora ressalta que há "recategorização lexical quando uma forma referencial for renomeada no discurso, a fim de se adaptar aos objetivos comunicacionais persuasivos do enunciador" (p. 109).

Anáfora correferencial recategorizadora: Para Cavalcante (2003), fora as relações de repetição e quase-sinônimas, as demais expressões lexicais referenciais seriam realizadas pelas anáforas recategorizadoras. Estas se realizam mediante hiperonímia, nome genérico, expressão definida, podendo se configurar como uma seleção de atributos em função temática e remática, que são acréscimo de informações ou a evidência do ponto de vista de quem enuncia. Apesar de a autora não reconhecer as descrições indefinidas, viabilizadas pelo artigo indefinido, nesses tipos de anáforas, elas ocorrem.

Anáfora parcial co-significativa: realizada pela repetição do SN antecedente precedido de um quantificador ou de um adjetivo imprimindo a noção de um conjunto não unitário. "Por vezes, o nome nuclear é elidido por economia lingüística e por razões de estilo [...]" (CAVALCANTE, 2003, p. 112). Este tipo de anáfora pode se realizar por meio de um SN, indefinido ou numeral ou por adjetivo.

Anáfora indireta: são anáforas que dependem de inferências cognitivamente mais complexas para se compreender a relação com o termo introduzido. Tal relação se estabelece por "esquemas mentais culturalmente compartilhados" (p.113) que têm associação com o termo antecedente, o que difere da relação correferencial da anáfora direta.

Anáfora encapsuladora: Para Cavalcante (2003), este tipo de anáfora recupera sem retomar, "consiste em resumir proposições do discurso, empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal [...] ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo" (CAVALCANTE, 2003, p. 115), configurando um *rótulo.*

Elencadas as classificações de Cavalcante (2003) para as relações das anáforas, percebemos que a autora não menciona o potencial do artigo indefinido nessas relações, apenas nas anáforas parciais, considerando-o um quantificador. Cunha Lima (2004), contudo, constata que o artigo indefinido pode realizar todo tipo de anáfora a partir de análises empíricas e sistematizadas do fenômeno em seu *corpus* de escrita. Para o trabalho dessa autora, dedicamos a seção seguinte.

2.2.3 Na visão de Cunha Lima

Cunha Lima (2004) objetivou trazer, de forma coerente, as condições para o uso anafórico das expressões nominais que são introduzidas por artigo indefinido em função anafórica. Para tanto, utilizou um *corpus* de escrita com qual obteve 41 ocorrências da função em vista. O *corpus* analisado pela pesquisadora parte de três fontes: os trabalhos como os de Koch (2002, 2004), obras da literatura nacional e alguma das fontes do CÃIMBRA (*Corpus* de Anáfora da Imprensa Brasileira), reunido por Rodolfo Ilari. A partir disso, Cunha Lima (2004) propõe-se a traçar as classificações do uso do indefinido anafórico sem levar em conta a influência do gênero em que esses 41 usos do artigo indefinido estão inseridos, o que é justificado pela baixa ocorrência do fenômeno. Devido a esse fato, a autora deduz que talvez seja esse o motivo de não ter sido notado antes por outros estudiosos.

Sendo assim, Cunha Lima (2004) apresenta dois critérios para o uso do artigo indefinido em função anafórica: critérios funcional e formal. No primeiro critério, o uso está ligado à relação entre anáfora e antecedente, a construção do objeto de discurso. Já o segundo critério, o formal, está atrelado à semântica do emprego do indefinido. Ao se inclinar para o primeiro critério em que analisa as relações anafóricas que podem ser estabelecidas pelo indefinido, a pesquisadora leva em conta os tipos de anáforas consideradas por Cavalcante (2003), Koch (2002) e Marcuschi (1998).

Todavia, prefere algumas das classificações expostas e utiliza como categoria de análise os tipos de anáfora classificadas por Cavalcante (2003), as anáforas correferenciais co-significativas, anáforas correferenciais recategorizadoras, anáforas parciais co-significativas, anáforas indiretas e anáforas encapsuladoras. Além dessas, Cunha Lima (2004) contempla a anáfora nominalizadora que foi apontada por Koch (2002). Com isso, Cunha Lima (2004) constata que todos esses tipos de anáforas podem ser realizados pelo artigo indefinido, da mesma forma que, textualmente, o artigo definido se comporta.

Por isso, é conveniente e necessário trazer para esta pesquisa as relações anafóricas vistas pela pesquisadora e os exemplos dados por ela por intermédio de seu *corpus* de escrita, uma vez que a presente pesquisa utiliza como norte as mesmas categorias para analisar as relações anafóricas no *corpus*. Os exemplos de Cunha Lima (2004) são dados como autoexplicativos da própria definição de cada tipo de anáfora, pois não são tecidas explicações ou análises dos exemplos apresentados em geral.

Anáfora correferencial co-significativa: quando os referentes são retomados totalmente, mas podem receber novas predicações.

Exemplo 6

E você resolve marcar uma sessão de avaliação *numa clínica perto do seu trabalho*. **Uma clínica famosa**, que inclusive anuncia na televisão. (02 Neurônio, Raq Afonso, A humilhação dos tratamentos de beleza apud CUNHA LIMA, 2004, p. 89)

Exemplo 7

Um homem morre em plena rua, entre centenas de passante, **um homem** está caído na rua. (CUNHA LIMA, 2004, p. 89)

Anáfora correferencial com recategorização: o referente é retomado totalmente, mas cada retomada é uma recategorização.

Exemplo 8

Um homem caído na rua. **Um bêbado. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa** - não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é passar. (CUNHA LIMA, 2004, p. 89)

Exemplo 9

Rainha da autopromoção, às vésperas de lançar um novo disco, *Madonna*, 44 anos, caprichou na pose para a revista W. Queria algo diferente e, com certeza, conseguiu. "Com tudo o que está acontecendo no mundo, acho que nos preocupamos demais com as coisas erradas", filosofou. A impressionante seqüência de contorcionismos, resultado de duas décadas de ioga e dança, pretende refletir "a paisagem interna de **uma artista performática**". (CUNHA LIMA, 2004, p. 89)

Anáforas baseadas em meronímia: Agrupadas sob esta denominação, Cunha Lima (2004) define as anáforas partitiva, associativa e indireta como sendo baseadas em algum tipo de relação parte-todo, isto é, partitiva. Com isso, ilustra cada uma delas pelos casos a seguir

Uso Partitivo: quando há correferencialidade, mas apenas em parte.

Exemplo 10

Um grupo de crianças alegres entrou na sala. **Uma garotinha loira** veio em minha direção e entregou uma rosa. (não-atestado, KOCH, 2002 apud CUNHA LIMA, 2004, p. 90)

Anáfora Associativa: quando a relação anafórica se baseia pelo referente introduzido não estar ancorado em um antecedente. Cunha Lima (2004) acredita que este tipo de anáfora é um subtipo de anáfora indireta.

Exemplo 11

No acidente, *a mão* de João ficou muito machucada. Os médicos tiveram que amputar **um dedo**. (CUNHA LIMA, 2004, p. 90)

Exemplo 12

O avião teve que fazer um pouso de emergência. **Uma asa** apresentou problema. (CUNHA LIMA, 2004, p. 91)

Anáfora indireta com a categorização de um novo referente – Anáfora Indireta: a pesquisadora em foco declara que a anáfora indireta se trata de um caso mais complexo de anáfora devido à atividade inferencial para o processamento da relação entre o antecedente e o termo anafórico.

Exemplo 13

> Bush, segundo declarou, pretende usar *a invasão* do país para instalar ali um regime democrático que sirva de inspiração de liberdade para outras nações da região. Sem contar o fato de que é fácil para os EUA ganhar **uma guerra** contra os iraquianos mas é difícil mudar o regime e manter em seu lugar um governo democrático estável, há o risco de produzir mais instabilidade ainda no Oriente Médio. (CUNHA LIMA, 2004, p. 91)

Anáfora encapsuladora: Cunha Lima (2004), tomando as próprias palavras de Cavalcante (2003, p. 115), define que "Encapsular consiste em resumir proposições, empacotando-as numa expressão referencial [...]". A partir disso, dá o seguinte exemplo:

Exemplo 14

> Por esse sistema, não apenas os aviões e helicópteros mas também os tanques e os veículos de transporte de tropas sabem exatamente a posição uns dos outros, mesmo que estejam fora do campo de visão. A integração é feita por satélites e computadores. O próximo passo é dar a cada indivíduo em combate um aparelho em que ele possa ter o mesmo grau de informação visual sobre o teatro de operações. Os americanos dizem que a idéia é dotar os soldados de "total consciência situacional". **Um avanço impensável** a generais e estrategistas do passado, que tiveram de lutar batalhas inteiras com base em adivinhações e informações de péssima qualidade. (Veja 26/03/03 apud CUNHA LIMA, 2004, p. 91-92)

Este é o único caso em que Cunha Lima (2004) comenta um exemplo e, ao analisá-lo, afirma não ser fácil a delimitação do trecho encapsulado "mas ele compreende provavelmente de O próximo passo é dar a cada indivíduo . . . até "total consciência situacional"" (p. 92)

Nominalização: este tipo de anáfora não foi observada por Cavalcante (2003), mas Cunha Lima (2004) destaca a existência dessa anáfora em seu *corpus*. A autora, ainda, comenta que a anáfora nominalizadora é semelhante à anáfora encapsuladora, mas que consiste em retomar apenas um verbo pontual.

Exemplo 15

> E sabe de outra coisa? Eu não precisava ficar na cidade durante o carnaval. Foi tudo mentira. Eu não tinha trabalho acumulado no escritório coisíssima nenhuma. Eu fiquei sabe pra quê? Pra *testar você*. Ficar na cidade foi como dar um salto mortal, sem rede, só para você se você me pegaria no ar. **Um teste** do nosso amor (CUNHA LIMA, 2004, p. 92)

Mediante as 41 ocorrências do artigo indefinido em função anafórica, autora contabiliza em seu *corpus* de escrita 9 anáforas correferenciais co-significativas, 18 recategorizações, 4 anáforas parciais co-significativas, 5 anáforas indiretas, 2 encapsulamentos, 2 nominalizações e verifica 1 uso atributivo. Por esses resultados, Cunha Lima (2004) aponta que, ainda que

ocorra um alto número de recategorizações, não há como apontar uma preferência por esse uso, já que a natureza de sua pesquisa é qualitativa e apenas uma pesquisa quantitativa poderia fazê-lo. Vale dizer que, com a pesquisa ora apresentada, a preferência não só foi apontada, como também constatada pela análise dos padrões linguísticos do uso do artigo indefinido em função anafórica e pela quantificação de cada tipo de anáfora viabilizada por este artigo, de acordo com o que veremos na análise do *corpus* desta pesquisa.

Vistas as funções anafóricas realizadas pelo artigo indefinido, Cunha Lima (2004) postula que as formas de emprego do artigo indefinido anafórico em relação à sua semântica estão dispostas em usos atributivos, usos partitivos e tematizações-remáticas. Dentre esses três usos, é interessante notar o uso atributivo, já que aparece com uma ocorrência apenas na contagem das ocorrências dos tipos de usos semânticos no *corpus* estudado pela autora. Além disso, Cunha Lima (2004) não considera esse uso atributivo como anafórico, tampouco dá um exemplo desse uso em seu *corpus*.

Cabe destacar que Cunha Lima (2004) não inclui os usos atributivos nos usos anafóricos devido a seu posicionamento alinhado ao de Donnellan (1966). Porém, não se compartilha, na presente pesquisa, da distinção dos usos atributivos entre os usos referenciais, como propôs o referido autor. Tal distinção será discutida na seção 2.2.3 a seguir, na p. 53.

Em relação ao emprego partitivo do artigo indefinido, Cunha Lima (2004) entende que, nele, há, frequentemente, leitura de um conjunto não unitário, até para os nomes próprios, o que engloba as anáforas parciais e indiretas. Por sua vez, a última categoria das formas de emprego do indefinido, as tematizações-remáticas, se dão "como uma forma de recategorizar o referente" (p. 97). Nesse tipo de uso por tematização-remática, a autora reúne todos outros tipos de anáforas: as anáforas correferenciais co-significativas, recategorizadoras, encapsuladoras e nominalizadoras.

Essas tematizações-remáticas do termo antecedente, geralmente, são realizadas em formas de aposto e de predicação, sendo esta partícipe da cadeia referencial. Vale, ainda, mencionar que autora afirma que poderia haver uma classificação pautada nas funções argumentativas, atentando-se para o fato de a recategorização ser fortemente argumentativa, porém, se abstém de tomar esse rumo analítico.

Na sua busca pelo entendimento e pela sistematização das operações realizadas no emprego anafórico do indefinido, Cunha Lima (2004) traz um rico e denso apanhado sobre os estudos da semântica do artigo, em especial do artigo indefinido. Nesse apanhado, a autora perpassa desde os filósofos logicistas até os semanticistas cognitivistas mais recentes. A partir disso, a autora constata a escassez de estudos voltados para a semântica do artigo indefinido e

a predominância do foco nos estudos sobre o artigo definido, verificando o que Koch (2004) expôs.

Dentre os poucos trabalhos que se voltam para a temática das expressões indefinidas, assim como muitos gramáticos que foram vistos, os estudiosos observados pela autora veem o indefinido restritamente como introdutor de referente textual com *status* de informação nova na memória discursiva e, quando se ultrapassa essa perspectiva, é visto com noção partitiva. Diferentemente do artigo definido que, bastante explorado, é visto como o oposto, já que seu *status* informacional é dado, compartilhado, por isso, teria o potencial de retomar uma expressão.

A partir disso, Cunha Lima (2004) traz uma grande contribuição ao constatar que o emprego do indefinido pode ser realizado como tematização-remática. Junto a essa contribuição, a autora vai além e propõe que o indefinido seja visto em seu funcionamento na dinâmica textual, constatando que

> [...] a determinação (indefinida) não é apenas um tipo de extração de referentes de um conjunto previamente existente, mas uma forma de apresentação ou construção (local, no curso da interação) deste conjunto. A característica mais forte do indefinido parece ser relacionada à exclusividade, mesmo que o referente pudesse ser tido como unitário, nome próprio ou designador rígido quando aparece introduzido pelo indefinido ele passa a ser apresentado como membro de uma classe [...] (p. 152)

Para Cunha Lima (2004), tudo indica que os eventos, os acontecimentos expressos pelos verbos finitos parecem estar intimamente ligados à leitura anafórica do artigo indefinido. Com esse apontamento, são levantadas três condições para o uso anafórico do artigo indefinido: quando não há verbo (frases nominais); quando o verbo finito aparece dentro de uma oração relativa e quando o evento expresso pelo verbo finito da sentença é o mesmo evento da sentença em que o antecedente da anáfora foi introduzido.

Para ilustrar cada uma das três condições apresentadas que viabilizam a função anafórica do artigo indefinido, são contemplados os seguintes exemplos:

> Exemplo 16
>
> Um homem morreu de fome. Um homem jovem, pobremente vestido. (CUNHA LIMA, 2004, p. 159)
>
> Exemplo 17
>
> Um homem morreu de fome. Um homem que esperou horas por socorro. (CUNHA LIMA, 2004, p. 159)
>
> Exemplo 18
>
> Um homem morreu de fome. Um homem jovem morreu de fome, sem socorro. (CUNHA LIMA, 2004, p. 159)

As três condições para o uso do artigo indefinido apontadas por Cunha Lima (2004) nos

exemplos 16, 17 e 18 são comuns no *corpus* de escrita analisado, de acordo com a autora. Além disso, a pesquisadora verifica que a condição do uso do artigo indefinido em frases nominais, representado no exemplo 16, é a maioria dos casos encontrados no *corpus* de escrita analisado para o artigo indefinido receber leitura anafórica.

Portanto, para a autora, o referente de uma expressão nominal indefinida parece estar estabelecido não apenas pelas informações ativadas na expressão nominal, mas também pela relação que ela mantém com os eventos expressos no texto. Desse modo, o referente também é mapeado em relação ao evento do verbo finito. Com isso, fica evidente, para Cunha Lima (2004), que a escolha do referente e de sua apresentação se dá em níveis semântico-discursivos e não apenas sintáticos, o que é patente no caso das expressões nominais indefinidas.

Com isso, Cunha Lima (2004) argumenta que a distinção entre definido e indefinido não reside apenas em informação nova e informação velha, o que contradiz a afirmação dos gramáticos que foram vistos na presente pesquisa. Para a autora, desse modo, é possível defender que a operação feita pelo artigo indefinido é de extração de um membro de determinado conjunto, isto é, a construção de um conjunto não unitário. Isso permite que o membro do conjunto, o referente possa ser especificado, identificável, familiar ou não, o que torna "a interpretação de uma expressão nominal indefinida vai ser sempre muito sensível a outras condições do texto e da sentença" (p. 163).

A diferença entre os artigos definidos e artigos indefinidos é ampliada por Cunha Lima (2004), tendo em vista que ambos os artigos têm potencial anafórico, se diferem, de fato, quanto ao modo de apresentação do referente, já que o indefinido mesmo tendo referente específico, marca um exemplar de um tipo, marcação apagada com o uso do definido. Por isso, a autora excede o que já foi visto nos estudos do artigo indefinido pelo fato de não apenas pressupor, mas também de constatar como o processamento e a interpretação das expressões nominais dependem não somente delas mesmas, mas de outros elementos do discurso. Isso, portanto, está no bojo da perspectiva das três condições propostas para o funcionamento do indefinido.

No intuito de dar subsídios a essas pressuposições, a pesquisadora realizou dois testes subsidiados pela Psicolinguística. No primeiro teste, a autora convidou 35 voluntários para investigar os julgamentos deles sobre se a relação entre indefinido e verbo eram semelhantes àqueles que foram previstos no *corpus* da autora. Com isso, a pesquisadora obteve os resultados de que as sentenças com a pior aceitação foram as com verbo finito que não compõem orações relativas e são iniciadas por artigo indefinido, como, "Meu gato caçou um rato na cozinha. Um rato fugiu pela janela." (CUNHA LIMA, 2004, p. 167). Por sua vez, as sentenças com maior aceitação seriam frases nominais iniciadas por artigos indefinidos, tal como em: "Meu gato

caçou um rato na cozinha. Um rato grande e gordo." (CUNHA LIMA, 2004, p. 167). Isso viabiliza comprovar a existência da leitura não meronímica das expressões indefinidas.

Com essa confirmação, Cunha Lima (2004) parte para o segundo teste no qual mede com precisão a evolução do tempo de leitura das palavras apresentadas em computador à medida que o voluntário pressiona o botão para passá-las. Com modificações das sentenças utilizadas no primeiro teste, construiu sentenças apenas com frases nominais ou verbos finitos no segundo par. Essas sentenças reformuladas foram lidas por 36 participantes diferentes dos participantes do primeiro teste. Os resultados atinentes às frases nominais, fazendo-se contraponto entre definido e o indefinido, evidenciam, para autora, que os artigos indefinidos, são lidos em uma média de 150, 07 ms, em final de frase.

Já no início da frase, os artigos definidos são lidos mais rapidamente que os artigos indefinidos em uma média de 154, 56 ms. Desse modo, Cunha Lima (2004) verifica uma grande diferença no processamento de artigos definidos em relação aos artigos indefinido nas sentenças em relação à posição inicial ou final. Em relação às orações com verbos finitos, foi apontado que o verbo é lido 57,81 ms mais rápido que nas orações iniciadas com o artigo definido do que nas orações iniciadas pelo artigo indefinido, constatando que "algum processamento adicional é realizado no momento de leitura do verbo nas sentenças com indefinido, muito provavelmente o estabelecimento de um referente novo" (p. 175)

Tendo em vista que o contexto compartilhado ou não influencia na leitura, consideramos incoerente a fabricação de frases descontextualizadas para aplicação dos testes da autora, já que os julgamentos dos participantes sobre as sentenças expostas poderiam ser diferentes a depender do contexto. A grande contribuição da autora, contudo, está em prever duas possibilidades de processamento para as expressões nominais indefinidas que não foram previstas anteriormente.

A primeira possibilidade ocorre quando a expressão nominal fica em aberto até o momento que haja informação suficiente para ser processada para o estabelecimento do seu sentido. A segunda possibilidade acontece quando a expressão é processada, primeiramente, como correferencial e o momento do processamento do verbo faria a leitura inicial de anafórico mudar e forçar o estabelecimento de um referente novo (CUNHA LIMA, 2004). Isso, portanto, significa que, ao contrário do que se previu tradicionalmente, as expressões nominais indefinidas não expressam informação nova. Esta expressão manifesta uma operação de tipo de modo que esta não pode ser vista isoladamente, depende do contexto, pois tem estreita relação com os eventos dos verbos, logo, o artigo indefinido é menos informativo do que se previu.

2.2.4 A função predicativa das expressões nominais indefinidas

É necessária a discussão sobre o que Cunha Lima (2004) desconsiderou como sendo um uso anafórico, o uso atributivo, uma vez que uma das formas mais comuns de realização desse uso ocorre pelo processo sintático de predicação. A autora entende que o processo de predicação é partícipe da referenciação, pois "toda a atividade de recategorização é pelo menos parcialmente uma atividade de predicação" (2004, p. 98). No entanto, ao tratar do critério funcional que envolve o tipo de relação anafórica estabelecida pelo artigo indefinido, a autora considera o uso atributivo à parte. Por sua vez, no critério formal, que diz respeito à semântica para o emprego das anáforas indefinidas, a autora leva em conta o uso atributivo, mas o distingue das tematizações-remáticas cuja função é recategorizar. A desconsideração ocorre porque a autora assume em seu trabalho a perspectiva de Donnellan (1966) que diferencia os usos atributivos e referenciais.

Essa perspectiva é um ponto muito pouco explorado ainda e sensível nos estudos da Referenciação, conforme expõem estudos mais recentes na área, mas que reiteram a importância da predicação no processo de referenciação. À guisa de exemplo, os estudos de Custódio Filho (2011, 2012) tomam como casos ilustrativos as expressões predicativas, considerando-as também referenciais. Além disso, esse autor expõe que a predicação "não é devidamente tratada nos estudos da primeira tendência, em virtude de a ênfase na expressão referencial deixar de lado outras unidades de análise diferentes do que gira em torno do valor substantivo do sintagma nominal" (2012, p. 846).

De igual maneira, Vieira (2010) que dedica uma dissertação completa ao tema da relação da referenciação com a predicação afirma que não é satisfatório considerar a predicação apenas uma introdução de atributo ou informação que apenas fornece subsídios para uma posterior recategorização referencial. A predicação, para a autora, compõe a construção do objeto de discurso e os sentidos do texto, uma vez que, ao mesmo tempo que confere atributos, também designam referencialmente, assim como os apostos que estão subordinados à expressão a que se vinculam, pois

> [...] não só no sentido de que apresentam informações dadas e/ou inferíveis, vinculadas ao tema, e informações novas, vinculadas ao rema, mas porque duplamente apresentam um caráter referencial: o de também localizar espacialmente um referente ou objeto de discurso no texto; e predicativo: de acrescentar informações acerca deste mesmo referente (2010, p. 83)

Para Vieira (2010), há uma evidente inter-relação no entendimento do referente tanto entre a expressão nominal quanto entre a predicação, o que é claro nos exemplos "**A estrela da festa** é, definitivamente, **um americano**"(2010, p. 83). Este exemplo mostra como a expressão nominal já introduzida na cadeia referencial ganha "um efeito de equivalência de funções dos termos que ocupam função de expressão referencial e predicação" (2010, p. 83), já que justamente a inversão da frase acima em "Um americano é, definitivamente, a estrela da festa" (p. 83) demonstra isso. Para autora, predicação e expressão referencial cumprem cada qual sua função, mas agem conjuntamente na construção do objeto de discurso, pois recategorizam, trazem aspectos avaliativos que conferem o teor argumentativo ao texto.

A partir dessas reflexões, temos a intenção de exceder as constatações sobre a importância da predicação, vista, em geral, apenas como uso atributivo, no processo de referenciação. A necessidade de exceder surge a partir do momento que, no *corpus* oral de entrevistas semidirigidas desta pesquisa, a incidência de predicações compostas com artigo indefinido é extremamente expressiva. Além disso, observamos que o desempenho de todas essas ocorrências não poderia ser ignorado como uso recategorizador e, portanto, anafórico, já que a própria Cunha Lima (2004) considera que "toda a atividade de recategorização é pelo menos parcialmente uma atividade de predicação" (p. 98).

Diante desse impasse, seria pertinente trazer a pergunta: predicação pode ser entendida como expressão referencial, isto é, anáfora? Primeiramente, se se entender anáfora conforme entende Cavalcante (2003, p. 108) como "todo recurso referencial que remeta, no mínimo a qualquer âncora do cotexto é, no fundo, anafórico", deve-se pensar que a predicação tem valor anafórico. Do mesmo modo, Cunha Lima (2004), também, caracteriza a anáfora, fundamentalmente, pela "[...] continuidade referencial, ou melhor dizendo, que referentes anteriormente ativados participem do cálculo do sentido de novas expressões introduzidas"(p. 83).

É válido expor que, nesta pesquisa, compartilhamos dos mesmos pressupostos de Cunha Lima (2004) sobre a anáfora, mas, também, aqui se entende que a construção do referente não se funda apenas no cotexto ou nas expressões nominais referenciais. Desse modo, o posicionamento aqui assumido pauta-se, sobretudo no viés cognitivo da anáfora, o que Ilari (2001) reforça ser o viés mais válido para percebê-la, pois

> [...] a anáfora não é apenas um mecanismo de preservação de referentes, e nem mesmo um mecanismo de preservação de conteúdos. Tem pouco a ver com formas, e tem pouco a ver com mundo; ao contrário, tem muito a ver com o modo como o mundo é armazenado em algum "buffer cognitivo. (p. 109)

Há, na anáfora, então, segundo acredita Ilari (2001), um forte argumento para situar,

pelas marcas cognitivas que poderiam ser culturais, psicológicas e sociais, uma interface com a relação de linguagem e mundo. É por esse viés cognitivo que se baseiam todos os estudos da Referenciação atualmente. Eis o primeiro argumento porque se propõe ler as predicações, que também são expressões referenciais, como anafóricas, pois perfazem a construção dos objetos de discurso, logo, recategorizam e, portanto, participam do cálculo do sentido de novas expressões introduzidas.

Nesse sentido, esta pesquisa se alinha ao que foi exposto por Koch (2004) em seu trabalho pioneiro sobre as expressões nominais indefinidas, porque esta autora declara que em situações em que há dúvida sobre se é predicação ou se é referenciação deve-se considerar a duplicidade de análise. Esta duplicidade talvez "se deva ao fato de as expressões nominais referenciais exercerem, em grande número de casos, uma dupla função cognitivo-discursiva" (KOCH, 2004, p.6), porque, ao mesmo tempo que reativam os referentes já presentes na memória discursiva, introduzem novas predicações sobre eles.

Para Roncarati e Silva (2006), pode-se considerar a existência da relação anafórica também nos atributos que constam nas expressões predicativas, não apenas nas expressões referenciais. Isso, portanto, leva a

> considerar que nenhum dado informativo relativo ao referente, seja ele referencial ou atributivo, deve ser descartado na construção da referência. Desse modo, parece-nos teoricamente coerente considerar a remissão de atributos predicativos como dados informativos de valor referencial (RONCARATI; SILVA, 2006, p. 326).

Sendo assim, defendemos aqui o mesmo posicionamento das autoras, acreditando serem casos anafóricos os casos de predicação, o que é corroborado pelas altas ocorrências de predicações no *corpus* de entrevistas semidirigidas com idosos desta pesquisa. Essas ocorrências de predicação no *corpus* ocorrem, especialmente, pela estrutura com verbo de ligação + *um* bairro (cf. p.107). Tal estrutura apresenta não apenas uma expressão predicativa fazendo referência ao bairro exposto pelos informantes idosos, mas também mostra como uma recategorização que transforma o objeto de discurso referente ao tópico tratado é capaz de mostrar o desenvolvimento temático das entrevistas dos idosos.

Por conseguinte, a predicação, neste estudo, não é um simples processo sintático, pois, pelo plano da sintaxe da língua, depreendem-se e constroem-se os outros planos que angariam os efeitos de sentido, as orientações argumentativas na progressão referencial e textual dentro do jogo discursivo. Dessa maneira, dentro dessa problematização, partimos dos pressupostos da Linguística Textual, de que as categorias linguísticas são instáveis, em relações situadas (KOCH; PENNA, 2006), podendo a predicação ser entendida como uma anáfora que recategoriza. Logo, nesta pesquisa, os usos atributivos não são desconsiderados como

anafóricos, já que é possível e pertinente considerá-los não somente como recategorizadores, como também anafóricos.

Tal consideração sobre o fenômeno de estudo pode ainda ser ampliada para a perspectiva macroestrutural, observando os contextos de realização do artigo indefinido em função anafórica e a linguagem dos sujeitos que deram forma ao *corpus* da presente pesquisa, conforme veremos no capítulo seguinte.

3 ASPECTOS MACROESTRUTURAIS

Neste capítulo, temos o objetivo de trazer a perspectiva que funda a realização do amplo contexto que acerca o fenômeno do artigo indefinido em função anafórica. Tal empreendimento envolve perceber as práticas discursivas e as práticas sociais em torno da materialização do fenômeno estudado. Assim, são abordadas as temáticas da modalidade oral da língua, do gênero discursivo das entrevistas semidirigidas e da linguagem dos idosos em que se circunscreve o uso anafórico do artigo indefinido.

3.1 A modalidade oral da língua: o caso da conversação

Concebendo a língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, como fruto da interação, do social e do cognitivo, consideramos que toda atividade humana, discursiva e textual parte desse caráter tridimensional. Todavia, a modalidade oral da língua ganha destaque por viabilizar interações sociais prototípicas, como é o caso da interação face a face em que ocorrem as entrevistas semidirigidas que compõem o *corpus* desta pesquisa. Ao encontro disso, o sociólogo Berger (1986), reconhecido por sua obra *A Construção Social da Realidade*, declara que a experiência da vida mais importante ocorre na interação face a face. Nas palavras do autor:

> Na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no meu vívido presente sou apreendido por ele. Meu "aqui e agora" e o dele e o dele colidem continuamente um com o outro enquanto dura a situação face a face. Como resultado, há um intercâmbio contínuo entre minha expressividade e a dele. Vejo-o sorrir e logo a seguir reagindo ao meu ato de fechar a cara parando de sorrir, depois sorrindo de novo quando eu sorrio, etc. Todas as minhas expressões orientam-se na direção dele e vice-versa e esta contínua reciprocidade de atos expressivos é simultaneamente acessível mediante o máximo de sintomas. Certamente, posso interpretar erroneamente alguns desses sintomas. Posso pensar que o outro está sorrindo quando de fato está sorrindo afetadamente. Contudo, nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face. Somente aqui a subjetividade do outro é expressivamente "próxima". Todas as outras formas de relacionamento com o outro são, em graus variáveis, "remotas". (BERGER, 1985, p. 47)

A partir disso, cabe notar que a experiência da interação face a face tem suas particularidades, uma vez que essa experiência, em que se partilha um mesmo presente, faz a língua falada ser desenvolvida em uma co-produção. Em meio a esse processo cooperativo, o

planejamento e a realização do texto coincidem temporalmente, pois são concomitantes (RODRIGUES, 1999) e a organização vai se estabelecendo conforme se vai falando.

Dentre essas práticas sociais que ocorrem face a face, está a conversação, modelo de interação do qual se aproximam as entrevistas do *corpus* oral desta pesquisa. Por isso, convém abordar a importância da conversação como gênero falado e fonte privilegiada de estudo, pois é "matriz para a aquisição da linguagem" e base de toda interação humana (MARCUSCHI, 2003, p. 14). Tamanha relevância faz com que a conversação seja o objeto de estudo para o desenvolvimento do tema da modalidade oral da língua, logo, falar em oralidade é tratar da conversação. À guisa de exemplos, tomemos os trabalhos pioneiros do Projeto NURC que teve início em 1969, reunindo estudiosos da UNICAMP, USP, UNESP, UFP, UFRJ, UFRGS e UFB (CASTILHO, 2005).

Na conversação, de acordo com Marcuschi (2003), o caráter dialógico da linguagem é patente, pois se estabelece mediante perguntas e respostas, asserções ou réplicas. A respeito do par dialógico perguntas e respostas, Fávero et al. (1996) observam que esta é a unidade mínima crucial para a interação face a face da conversação. O grau de relevância desse par dialógico se constitui no momento em que ele compõe essencialmente as sequências dos movimentos coordenados e cooperativos da interação, visto que esta é propulsionada, fundamentalmente, por um par dialógico de perguntas e respostas associado ao assunto que está sendo desdobrado na interação.

Além da essencialidade do par dialógico para se iniciar e manter a conversação, os interlocutores, participantes da interação, têm de ter não apenas domínio da mesma língua, mas também ter domínio de fatores sociocognitivos que envolvem convenções socioculturais, conhecimentos (com)partilhados que são organizados em torno do tópico, do assunto tratado e entre outras aptidões, por isso, Marcuschi (2003) afirma que nesse processo interativo

> duas pessoas devem **partilhar de um mínimo de conhecimentos comuns**. Entre eles estão a **aptidão linguística**, o envolvimento cultural e o domínio de situações sociais. [...] Os esquemas comunicativos e a consecução de objetos **exigem partilhamentos e aptidões cognitivas que superam em muito o simples domínio da língua em si** (p. 16, grifos da autora)

Para Marcuschi (2003), as principais características da conversação erigem-se por causa da sua forma de organização. Nesse modo de organização, é imprescindível e característica a interação entre dois falantes, trocas de falas, presença de uma sequência de ações coordenadas, execução em um mesmo eixo temporal, ainda que em espaços distintos e o engajamento em uma interação verbal centrada. É evidente que, por essas características organizacionais constituintes da conversação, se desdobram vários aspectos que refletem e manifestam as

particularidades da modalidade pela qual se desenvolve: a língua oral.

É central para a estruturação da conversão a mudança de turno que pode ser tida "como aquilo que um falante faz ou diz quando tem a palavra, incluindo aí a possibilidade de silêncio." (2003, p. 18). Para a estrutura e o entendimento entre os falantes, é necessário que cada um fale na sua vez. Essa ordenação, necessariamente, estrutura-se de acordo com modelos culturais, além disso, depende muito da quantidade de participantes na interação para que a dinâmica das tomadas de turnos possa mudar, podendo, até mesmo, ocorrer conversas paralelas, segundo Marcuschi (2003).

Em relação à dinâmica da estruturação dos turnos, entram fatores que, se não forem organizados, podem prejudicar todo o processo de interação, como: as falas simultâneas, quando os interlocutores superpõem seus turnos, e as sobreposições, quando se fala durante o turno do outro. É valido esclarecer que, nas entrevistas do *corpus* desta pesquisa, não é comum ocorrerem falas simultâneas, mas breves sobreposições de fala, o que se deve muito pelo comportamento de espera para tomada de fala entre os participantes e pelas entrevistas serem, em geral, compostas por dois falantes, o entrevistador e o informante. Dessa forma, trazemos, a seguir, um exemplo característico da ocorrência de sobreposição, marcada por colchetes, por meio do excerto da entrevista 5 com um morador de 68 anos do bairro da Freguesia, o informante M68F.

> Exemplo 19
>
> EFGR: #00:03:11-1# legal e hoje se o senhor pudesse mudar dessa Freguesia daqui pra onde o senhor iria
>
> M68F: #00:03:16-8# ((haha)) eu vou dizer uma coisa que essa única coisa que é o lugar que eu que eu vo{u}? com certeza é pro cemitério daqui
>
> EFGR: #00:03:24-0# não sairia daqui M68F: #00:03:24-5# não saio mais
> EFGR: #00:03:25-5# não *[gosta muito daqui]*
>
> M68F: #00:03:26-1# *[adoro? eu adoro?]* aqui
>
> EFGR: #00:03:27-6# *[e não deixaria nem o Rio pra outra]* cidade pra nada M68F: #00:03:27-8# [*gosto mui:to daqui*]

Como se pode perceber pelos destaques no exemplo 19, há uma carga emotiva nas falas do informante M68F, o que ocorre por causa de sua resposta negativa à pergunta feita pela entrevistadora sobre uma possível mudança do bairro onde mora. Por isso, há sobreposições em que o entrevistado fala em cima da fala da entrevistadora por conta de seu estado de comoção ao negar a possibilidade de mudar do bairro que vive e adora, o qual não deixaria por nada em suas palavras. Nesse processo de interação, o entrevistador tenta tomar a fala, mas acabam ocorrendo falas simultâneas inteiras.

A tomada de turno pode ser oportuna por múltiplos fatores que não se fixam à verbalização, tais como a conclusão da fala, o abaixamento de tom, a hesitação. Contudo, é pela metalinguagem que se processa boa parte da conversação que, quando não ocorre com clareza, recorre-se à fala, à verbalização (MARCUSCHI, 2003). Em consonância com tal afirmativa, Rodrigues (1999) aponta que os índices linguísticos são fundamentais para a reconstrução do contexto situacional de comunicação.

Além do turno conversacional, outra característica da conversação não menos importante é o tópico discursivo, considerado um eixo organizacional, que propulsiona não apenas a conversação, mas toda e qualquer interação. O tópico se relaciona ao assunto tratado, um dos interlocutores levanta e impulsiona um foco, um assunto, por sua vez, o outro interlocutor responde a partir do conhecimento que compartilha sobre o assunto levantado, dando continuidade à interação em processo cooperativo. Nesse sentido, para que haja interação, os interlocutores buscam articular suas falas, mantendo-as, de forma coesa e coerente, em torno de um conjunto referencial que se projeta como foco da interação em dado momento do evento comunicativo (JUBRAN, 2011).

Nesse conjunto referencial, as referências são construídas conjuntamente entre os participantes ao longo de suas falas, pois são essas referências que conservam e expõem os tópicos. Essa relação de interdependência entre tópico e referência estabelece e mantém sobre o que se falar na interação, daí surge a enorme relevância do tópico discursivo, já que, a partir do envolvimento, do engajamento dos interlocutores acerca do tópico, configura-se o planejamento dos projetos de dizer.

O primeiro processo desse planejamento é o planejamento temático, uma vez que, independentemente de quem propõe o tema, a conversa sempre gira em torno dele (RODRIGUES, 1999), a aceitação do tema, como diria Marcuschi (2003), está pressuposta. Essa pressuposição ocorre, na conversação, como meio incontornável para a configuração da coerência, pois "como a conversação se dá em turnos alternados e com vários falantes, é impossível fazer a coerência recair nas produções individuais" (MARCUSCHI, 2003, p. 75).

Desse modo, o planejamento discursivo que parte do tópico motivador da conversação, ao longo da interação, está suscetível a redirecionamentos. Estes ocorrem devido à introdução do tópico, a prosseguimentos, a retomadas ao tópico de origem e à mudança dele que pode decorrer do desgaste do assunto ou da falta de compreensão do que foi dito. É apresentado, a seguir, um caso representativo da mudança de tópico devido à falta de compreensão do entrevistado sobre a referência dada na fala do entrevistador.

Exemplo 20

> M98VP: #00:19:06-5# é uma coisa hoje hoje hoje é num é bom nem fala{r} (--) ah:: ah
>
> EFS: #00:19:14-2# em relação *às estações do ano do Rio de Janeiro* o senhor acha que conforme muda a estação os nossos hábitos também mudam
>
> M98VP: #00:19:21-7# tem que muda{r} porque *antigamente você (-) pegava tempo dos bonde{s} aqui no Rio* (-) eu so{u} do tempo dos bondes (-) andei mui:to de bonde muito mer{s}mo (-) entendeu (2.6) aqui passava passava um bonde que ia p{r}a Madure{i}ra vinha de/ vinha lá d/ d/ da cidade passava na Penha e vinha e ia p{r}a Madure{i}ra (--)
> EFS: #00:19:46-6# então transporte antigamente era bonde (Informante M98VP)

No exemplo 20, o informante M98VP, da entrevista 13, discorria sobre o passado, sobre o tópico comércio na praia antigamente. Em sequência, o entrevistador pergunta-lhe sobre as estações do ano, mas o informante associa "às estações do ano do Rio de Janeiro" a estações de bonde, um tipo de transporte no passado. Dentro dessa falta de entendimento do informante sobre o tópico posto, o entrevistador segue com o tópico novo que parte da não compreensão do falante, dando a conversa um novo rumo. Por outro lado, é apresentado, a seguir, um exemplo de introdução de um tópico e o desenvolvimento dele entre os falantes.

> Exemplo 21
>
> EFG: #00:52:25-1# eh *escolas públicas* existem aqui *faculdades*
>
> M67ST: #00:52:29-2# não tinha várias escolas aqui tinha um: umas quatro cinco escolas boas por sinal fecharam todas né; (-) num tem hum; faculdade não tem aqui em Santa Teresa (-) escolas também é tudo ah tem uma escolazinha aqui da prefeitura (--) é: Machado de Assis nessa rua aqui e só
>
> EFG: #00:52:52-7# então é [isso]
>
> M67ST: #00:52:53-0# [mas] os alunos vão todos lá pra baixo ou pra essa escola que é da prefeitura mas é tudo Glória (-) eh Fátima centro da cidade
>
> EFG: #00:53:05-5# então já está ótimo eu agradeço muito M67ST: #00:53:08-8# ((risos)) (Informante M67ST)

No exemplo 21, o informante M67ST, da entrevista 11, dá prosseguimento ao tópico introduzido pela entrevistadora sobre a existência de escolas no bairro onde ele mora. Esse tópico é abordado pelo informante M67ST, primeiramente, pela existência de escolas boas em seu bairro e, também, por informar que não há faculdade por onde mora, já que há somente uma escola da prefeitura atualmente em seu bairro. Com isso, o entrevistado viabiliza a expansão do tópico escola para tratar de quem frequenta essas escolas que são os alunos da prefeitura que tem de ir "todos lá pra baixo", se direcionar para outros bairros longes de Santa Teresa, o bairro onde vive o entrevistado.

Em relação à sintaxe da conversação e, consequentemente da língua oral, é importante

a característica da fragmentação, marcada por emolduramentos típicos da entoação (RODRIGUES, 1999). A dimensão fragmentária da fala reflete na delimitação das unidades de ideias que ocorrem de maneira ágil e rápida, podendo ser menores e menos complexas do que na escrita. Rodrigues (1999, p. 21) esclarece que os efeitos da fragmentação presentes na conversação ocorrem por um contorno entoacional característico, já que

> é entremeada de muitas pausas e alongamentos, fenômenos típicos da língua falada, que lhe vão dando tempo para organizar seu texto. Este, por sua vez, mostra-se fragmentado em termos sintáticos, pois frases são cortadas, ou as idéias são retomadas em frases estruturadas de uma maneira diferente daquela com que se anunciava (Rodrigues, 1999, p. 21)

Complementarmente, é importante notar que as pausas podem tomar sentidos diversos a depender da situação, constituindo-se como organizadores locais na fala no decorrer da construção do texto oral. Pode-se compreender, a partir do silêncio, por exemplo, uma resposta positiva ou contrária ao que está sendo dito, assim como "um silêncio após uma pergunta poder ser sentido não como uma, mas como um prefácio de uma despreferência" (MARCUSCHI, 2003, p. 27) ou até mesmo pode servir de marcador discursivo.

Com isso, Marcuschi (2003) apresenta uma classificação para as pausas, classificando-as em pausas sintáticas que englobam as que têm função de conectores, pausas de ligação, como "e" e "então", e pausas de separação que servem para delimitar ou separar unidades de comunicação. Por outro lado, as pausas não sintáticas são compostas pelas pausas de hesitação que compreendem as idiossincrasias do falante ou o planejamento e as pausas de ênfase que reforçam o pensamento.

Cabe considerar que o autor sinaliza a não rigidez das classes de pausas, visto que elas podem exercer as mesmas funções a depender da posição dela na unidade de comunicação, que considera como a frase da língua falada. A título de exemplificação das ocorrências de pausas, observamos, a seguir, um fragmento da entrevista 4 com uma informante do bairro de Engenho da Rainha de 66 anos.

> Exemplo 22
>
> EFS: #00:27:11-7# sim e no que a senhora percebe nas mudanças da vestimenta no vestuário como as mulheres se vestiam na sua época os homens também
>
> F66ER: #00:27:22-4# a ro{u}pa era: era mais mais formal né;(--) eh (-) hoje em dia eh: (--) exite; uma uma abertura: maior no sentido do uso de co:res de: (2.6) mas assim a: (--) as mulheres têm mais liberdade pra: (--) pra usa{r} a roupa que preferi{r} que/ (-) a q/ vesti{r} o que gosta (--) coisa que era meio imposto{a} pela: pela sociedade né hoje em dia hoje em dia essa: esse/ essa mane{i}ra num existe mais (-) (Informante F66ER)

No exemplo 22, ao ser questionada sobre sua percepção em relação às mudanças nas vestimentas dos homens e das mulheres, a informante utiliza várias pausas, marcadas pelos

parênteses, que dão condições não apenas para organizar, mas também para concatenar sua fala sobre o tópico. Tanto é assim que podemos verificar as afirmações que Marcuschi (2003) fez sobre o uso das pausas, pois, no exemplo 22, as pausas têm suas diferentes extensões que viabilizam a informante ordenar suas ideias sobre o tópico colocado.

Em termos da sintaxe da língua oral, podemos observar as constantes repetições tanto de palavras quanto de frases de acordo com o que podemos observar a repetição do *um* no trecho a seguir da entrevista 5, do informante M68F.

Exemplo 23

M68F: #00:23:25-1# cresceu; (-) a única coisa que tava precisando é mais um mais ***um um um***:: supermercado aqui; aqui nós temos três supermercado; (Informante M68F)

Ainda em relação à sintaxe da conversação, os marcadores discursivos fazem parte de sua estruturação em turnos desse tipo de discurso, conforme aponta Marcuschi (2003). Os marcadores discursivos se estabelecem como instrumentos sintáticos e estruturais da conversação de modo que conseguem ligar as unidades dentro de cada turno com posições previsíveis. Esses recursos ganham a substancial função de iniciadores de turno ou finalizadores dele, sendo muito recorrentes. Segundo o referido autor, os marcadores discursivos são divididos em três classes: verbais, não verbais e supra-segmentais.

No primeiro caso, os marcadores discursivos verbais servem para situar, em um contexto geral, a conversação, marcadores como “ué”, “ahã”, “tá”, “olha”, “né”, etc. são marcadores que se fundam como sinais do falante e sinais do ouvinte. Já os marcadores discursivos não verbais, são os marcadores que operam como reguladores, mantenedores da conversação, como, por exemplo: movimentos com a cabeça, risos, determinados olhares, entre outros. Por fim, os supra-segmentais vem ratificar, de modo mais sistemático, o que Rodrigues (1999) expôs, pois consistem em ser um fator decisivo na organização da conversação sendo de natureza linguística mesmo não sendo verbais. Por meio disso, a autora considera que cada extensão de pausa e tom de voz fazem operações que não se limitam apenas a viabilizar o planejamento do discurso, mas também possibilitar uma mudança de turno.

Como se pôde observar até o momento, a conversação, consolidada na oralidade por meio de uma interação face a face, adquire características específicas a partir do momento em que os interlocutores estão circunscritos em uma situação comunicativa de compartilhamento do mesmo tempo e espaço na produção de seu texto. Por conta disso, tudo nesse momento de interação se torna definitivo, não há a produção do texto de forma isolada como acontece na escrita. Logo, na situação face a face as correções podem ser (re)feitas entre os interlocutores

ao longo da feitura do texto, sendo um pleno processo de co-produção (MARCUSCHI, 2003).

Não se quer com isso, nesta pesquisa, reforçar noções de polaridade entre fala e escrita, pelo contrário, assim como Marcuschi (2010b), percebe-se que ambas as modalidades se constituem como práticas sociais e linguísticas que têm assimetrias e especificidades. Contudo, tais práticas variam dependendo do contexto de situação. Acreditamos, portanto, em consonância com o autor supracitado, que tais particularidades acarretam em diferenças na configuração, na construção de sentido e na representação do texto. Isso nos permite acreditar, também, que o modo de apresentação do conhecimento é dado de maneira diferenciada.

Apresentada a questão do postulado de que as modalidades oral e escrita não são polares, vale nos aprofundarmos sobre o emolduramento que condiciona as escolhas dos usos linguísticos nas situações comunicativas: o gênero do discurso.

3.2 **O gênero do discurso entrevista semidirigida**

O *corpus* oral de entrevistas semidirigidas desta pesquisa delineia-se como uma determinada atividade de interação que permite que essas entrevistas sejam reconhecidas como tais: gêneros do discurso. Discutir sobre os gêneros é de suma importância para a compreensão do processo interativo no qual nosso *corpus* se inscreve, visto que tomamos como pressuposto que cada interação assume especificidades. Em primeiro lugar, para balizar a compreensão inicial sobre o assunto posto em pauta, é imprescindível partirmos de Mikhail Bakhtin, referência absoluta quando se trata dos gêneros do discurso. Bakhtin (2000), pioneiro da concepção do pressuposto do qual partilhamos, sustenta que a utilização da língua é tão variada quanto as esferas da atividade humana.

Para o autor, esse uso efetua-se em forma de enunciados[3], orais ou escritos, concretos e únicos produzidos por cada integrante dessas diferentes esferas de atividades que elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciados dentro dessas esferas. Tais esferas têm o potencial de refletir as condições específicas e as finalidades que estabelecem o enunciado perante o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Nisso, reside a noção de *gêneros do discurso* que são inesgotáveis e contínuos, pois "cada esfera dessas atividades

[3] O termo enunciado aproxima-se da noção do termo texto, mas o autor por suspeitar do termo texto troca-o por enunciado devido à sua atuação em teorias ligadas unicamente à linguística e à estilística. (BRAIT, 2012)

comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera fica mais complexa" (p. 280). Apesar dos tipos particulares das variadas e heterogêneas atividades humanas e suas formas particulares de efetivação nos enunciados, todos têm uma natureza comum, a verbal, a linguística.

Levando em conta a heterogeneidade dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) considera a diferença entre gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros primários que se constituiriam nas comunicações verbais espontâneas do cotidiano seriam a base fundante de gêneros do discurso secundários, que os absorvem e os transmutam, adquirindo particularidades próprias, tais como o teatro, o romance, discurso científico.

Na perspectiva bakhtiniana, encontram-se as raízes mais profundas do que tratou Marcuschi (2010a) sobre o postulado da não polaridade entre fala e escrita, visto que há um contínuo entre os gêneros da fala e da escrita. Na condição de modalidade prototípica, a fala, a verbalização espontânea se instaura como a essência da distinção entre os gêneros primários e os secundários. Tal distinção reside em uma palavra-chave: a dialogização, uma interrelação que decorre da dinamicidade dos processos históricos. Para Bakhtin (2000), considerar a diferença entre esses gêneros do discurso é crucial para os estudos do enunciado, pois em suas palavras

> Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e a abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida (2000, p. 282)

Nesse sentido, o autor afirma que a vida penetra na língua mediante os enunciados e, do mesmo modo se dá o contrário, a língua penetra na vida. Vale compreender que o enunciado reflete a individualidade de quem o produz, o que lhe confere o estilo, porém, o que delimita isso é o gênero do discurso, uma vez que há gêneros do discurso mais suscetíveis à expressão da subjetividade, tais como os gêneros literários, diferentemente, dos gêneros que regem os documentos oficiais. Por isso, a importância do estilo, junto ao conteúdo temático e a construção composicional, no eixo da tríade que promove a relativa estabilidade dos gêneros do discurso que é dada em função de se considerar o estilo como

> [...] indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de relação estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre locutor e os outros parceiros

Mais recentemente, Marcuschi (2010a) desenvolve a noção de gêneros textuais[4], voltando-se para a materialidade linguística que se manifesta em função do enquadramento

[4] Neste estudo, a diferenciação de gênero discursivo e de gênero textual não é necessária. Acredita-se que o texto é a materialização do discurso que ocorre nas práticas sociais, nas atividades humanas (FAIRCLOUGH, 2001).

dado pelas atividades humanas, atualmente, também, impulsionada pelas inovações tecnológicas. Isso quer dizer que os gêneros textuais surgem conforme as necessidades das práticas sociais em que se coloca a língua em ação, não estando em um enquadramento de caráter abstrato das práticas discursivas, dos gêneros do discurso.

Antes de adentrar na conceituação de gêneros textuais, Marcuschi (2010a) usa a expressão domínio discursivo para designar uma esfera de produção discursiva, mas esses domínios não são textos tampouco discursos, eles propiciam o surgimento de discursos específicos, pois se constituem como práticas discursivas nos liames das práticas sociais. À guisa de exemplo, podemos mencionar o discurso jurídico, o discurso jornalístico, o discurso religioso, o discurso científico, etc.

Assim, Marcuschi (2010a) vai além do que fora proposto por Bakhtin (2000) no sentido de que trata dos aspectos formais, da natureza linguística da composição dos gêneros textuais. Estes que se estabelecem por meio de aspectos lexicais, sintáticos, de tempos verbais e de relações lógicas. Tais aspectos comporiam sequências linguísticas ou sequências de enunciados que não são textos empíricos, diferentemente dos gêneros textuais que constituem textos empiricamente realizados, cumprindo com determinadas funções nas situações de comunicação.

Marcuschi (2010a) apresenta cinco tipos textuais que são a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção. A partir disso, o autor afirma que os gêneros textuais são infinitos e, por outro lado, a tipologia textual dos gêneros se reduz a menos de meia dúzia. Isso não significa que, necessariamente, um gênero textual guarda apenas uma tipologia, pelo contrário, "um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)" (2010a, p. 26). Sendo assim, o autor considera que, em um texto organizado no eixo da descrição, prepondera as sequências de localização, já nos textos expositivos, o predomínio está nas sequências analíticas ou explicativas. Em textos argumentativos, prevalecem as sequências contrastivas explícitas. Por fim, em uma confirguração textual fundada na injunção, sobressaem-se as sequências imperativas.

Logo, os diversos gêneros são articulados por bases tipológicas diversas (2010a), entrando em jogo na identificação/definição de um gênero discursivo, seus traços linguísticos predominantes, seus tipos textuais que não formam o texto, mas formam uma sequência de traços que o compõe, segundo Marcuschi (2010a). Por isso, o referido autor considera que "o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa "costura" ou tessitura das sequências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infraestrutural do texto." (2010a, p. 28). Portanto, para Marcuschi (2010a), dominar um

gênero não é dominar uma forma linguística, mas é uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.

Por meio dessa compreensão, podemos partir para o tratamento e a descrição das particularidades e das funções específicas do gênero em que se realiza o *corpus* desta pesquisa, as entrevistas semidirigidas. Dessa forma, torna-se clara a organização discursiva e textual do *corpus* com o qual lidamos. Para isso, primeiramente, é necessário o entendimento do gênero entrevista abordado neste trabalho.

Como é sabido, o gênero entrevista se estrutura em perguntas e respostas, o que lhe confere a prevalência de sequências de diálogos e exposições. Baltar (2003) explica que

> quando ocorre, por exemplo, o evento discursivo entrevista, simultaneamente estará sendo aplicado o gênero textual entrevista, com os interlocutores desempenhando cada um o seu papel de enunciadores no ato de linguagem, dentro de um ambiente discursivo (BALTAR, 2003, p.28).

Esse esclarecimento geral sobre o gênero entrevista dado pelo autor parece ser a base de toda entrevista, o que lhe dá suas feições reconhecíveis e particulares seja em um texto escrito seja em um texto oral. Contudo, o gênero entrevista com o qual trabalhamos nesta pesquisa se difere do gênero entrevista transmitido pela televisão, pela rádio ou apresentados por jornais impressos do domínio discurso do jornalístico. O evento discursivo entrevista desta pesquisa se estabelece em outras condições, em outro domínio discursivo, tendo outras funcionalidades.

A entrevista do domínio discursivo científico tem como função servir de instrumento, método de coleta de dados que se "recorre quando se necessita de dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentais, utilizando as respostas para construir conhecimento a respeito do assunto ou do problema investigado" (DENCKER; VIÁ, 2001, p.160). Em uma situação intrinsecamente dialogal, estruturada em perguntas e respostas, o ponto de partida para o recolhimento dos dados é que o entrevistado esteja disposto a concedê-los. Desse modo, o eixo estruturador do gênero pergunta-resposta ocorre de maneira mais próxima com o entrevistado, a interação se estabelece face a face, "entre olhos", segundo a etimologia da palavra, o que caracteriza uma construção textual simultânea, já que os participantes, tanto o investigador quanto o entrevistado, se encontram no momento da estruturação do texto.

Em relação às desvantagens e às vantagens da entrevista, Dencker e Viá (2001) apontam que o que depõe contra nessa interação é a influência do pesquisador, consciente ou inconsciente, sobre o entrevistado, o que não precisa ocorrer necessariamente pela palavra. A influência pode ocorrer pelos gestos, tom da voz e manifestações de comportamento que se

inscrevem na interação face a face em pauta.

Essas desvantagens talvez possam colocar à prova a validade dos dados obtidos, porém, as autoras indicam que podem ser introduzidos mecanismos de controle que conferem confiabilidade aos dados recolhidos nas entrevistas. Isso permitiria tirar proveito de um método que permite ao cientista, nessa interação, "obter informações de indivíduos mais complexos, emotivos, ou mesmo para comprovar os sentimentos subjacentes a uma opinião" (p. 161). Tais mecanismos, segundo as autoras, podem ser a padronização de entrevistador, a seleção, o treinamento e a supervisão adequada do grupo de entrevistadores, como ocorreu na realização das entrevistas semidirigidas do *corpus* utilizadas nesta pesquisa.

Dito isso, essas entrevistas semidirigidas são assim denominadas devido ao *modus operandi* da condução de sua realização. Para Turato (2011), a entrevista semidirigida não tem um direcionamento fechado tampouco imposto que aponta para onde a entrevista deve caminhar. Há uma direção dada de forma alternada pelo entrevistador e pelo entrevistado, o que permite a esse entrevistado assumir o comando. Para o autor, a troca do comando ocorre por meio de uma ordem livre de temas em que o informante vai associando ao assunto geral proposto pelo pesquisador. Nessa interação assimétrica, o pesquisador assume o papel de quem detém o conhecimento científico, pois é um técnico e o entrevistado é um convidado no papel de receptor da abordagem técnica.

Em termos de construção das respostas dos informantes, as entrevistas também podem ter suas questões classificadas como abertas ou fechadas. No caso do *corpus* de entrevistas semidirigidas desta pesquisa, são aplicadas questões abertas, montadas com o intuito de permitir que o informante exponha livremente suas respostas. Desse modo, Turato (2011) explica que a entrevista de questões abertas é

> marcada por uma relação apenas proposta de tópicos, sem delimitar respostas preestabelecidas, é compatível com a própria definição da abordagem qualitativa. Se queremos interpretar os sentidos e as significações que as pessoas trarão a partir do assunto proposto, jamais poderíamos "fechar" antecipadamente suas respostas em alternativas, porque deste modo nós mesmos é quem as construiríamos a partir de nossa visão teórica. (p. 315-316)

Tendo em vistas essas características mais abrangentes que compõem o gênero discursivo entrevistas semidirigidas, é importante observar como acontece a estruturação e a funcionalidade desse gênero, o que acarreta em características específicas que apresentam uma estabilidade. Em razão disso, é pertinente entender como ocorre a estruturação tipológica na atividade interativa das entrevistas, um estudo exemplar sobre o tema pertence a Travaglia (1996). O autor dispõe-se a observar a construção da coesão e da coerência em textos orais, compostos por diálogos em entrevistas do projeto NURC e por diálogo assimétrico realizado

em sala de aula. Com esse trabalho, o pesquisador vem nos esclarecer que nas entrevistas, chamadas de inquérito, há uma predominância da sequência dissertativa

> em decorrência do modo de interlocução ou interação estabelecido na situação, em que se solicita interlocutores que "falem sobre", o que configura o discurso dissertativo que se caracteriza por um modo de enunciação em que o enunciador/locutor se coloca, em relação ao objeto de dizer, numa perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e espaço, tendo como objetivo da enunciação, como atitude em relação a esse objeto do dizer, o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. (p. 455)

Nesse sentido, o pesquisador observou que a transição, isto é, a passagem de uma tipologia textual para outra deixa marcas e formam processos que constituem a coesão textual do texto falado. Para continuarmos nossa discussão, é importante destacarmos que Travaglia (1996) considera como tipos textuais, além do dissertativo, o descritivo, o narrativo, o injuntivo e o expositivo. Porém, compreendemos, no presente estudo, que o tipo textual dissertativo está contido no tipo argumentativo, já que o este tipo traz sequências contrastivas, segundo vimos na seção anterior com Marcuschi (2010a), o que a própria definição dada acima por Travaglia (1996) reforça.

Dito isso, Travaglia (1996) destaca que as transições de tipo textual podem ocorrer devido à causa da transição, por exemplo, quando o entrevistador solicita que o informante explique. Além disso, a transição pode estar ligada ao tipo textual que se insere, como, por exemplo, as marcas temporais quando caracterizam uma sequência narrativa (TRAVAGLIA, 1996). A partir da quantificação das transições dos tipos textuais e de suas causas, os resultados da pesquisa do autor evidenciam o caráter dinâmico e interativo das entrevistas semidirigidas, o que permite, neste estudo, destacar que esse teor interativo está presente desde a macroestrutura até a microestrutura do gênero em vista.

Na seção seguinte, damos foco aos sujeitos convidados a participar das entrevistas semidirigidas que compõem o *corpus* da pesquisa, os idosos. Para isso, abrangemos os aspectos sociais e particulares desse grupo para, então, descrever sua linguagem que materializa o *corpus* de estudo.

3.3 **A linguagem dos idosos: retrospectiva de estudos**

Falar sobre a língua(gem) de um grupo social implica em falar do instrumento que

atua como mediador tanto da representação quanto da experienciação da realidade. Estas são ocasionadas nas e pelas atividades humanas com a língua em ação, ocorrendo de forma situada e empírica.

Por conseguinte, falar em língua(gem) de idosos significa, primeiramente, falarmos da intersubjetividade desses sujeitos. Ou seja, de um conjunto de condições que envolvem tanto a individualidade quanto a coletividade em que estão inseridas as pessoas na terceira idade. Para tanto, principiamos a discussão sobre o tema partindo da perspectiva social do idoso em contexto mundial e nacional.

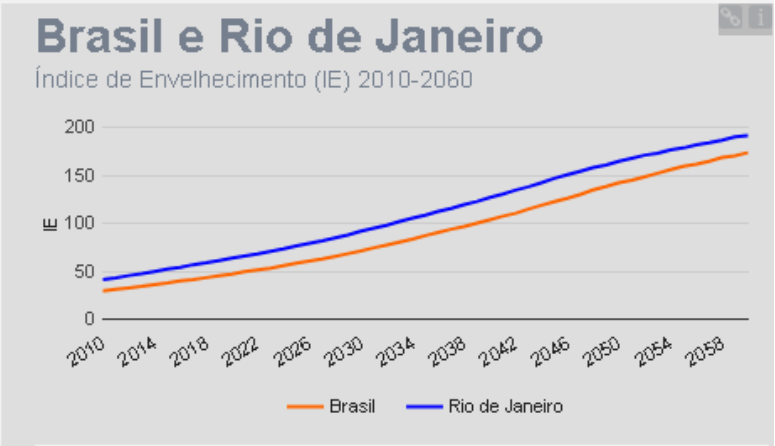
Há pouco mais de vinte anos, no dia 1º de outubro, no ano de 1999, foi proclamado pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) o ano internacional do idoso. Esse foi um marco histórico em que se reconheceu a maioridade demográfica da humanidade e se estabeleceu a promessa de que a humanidade tem de amadurecer empreendimentos para a paz e o desenvolvimento do próximo século[5]. A maioridade em escala mundial, significa que, à medida que a fecundidade e a mortalidade diminuem, temos todos a oportunidade de envelhecer. Em razão disso, a humanidade vem experimentando um processo de mudança demográfica sem precedentes. Segundo a ONU, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais deve duplicar entre 2007 e 2050, e seu número atual deve mais que triplicar, alcançando dois bilhões em 2050.

No contexto nacional, é observado o mesmo processo de transição demográfica que ocorre no mundo, intensificando-se a cada ano no país e fazendo com que os idosos sejam cada vez mais representativos na sociedade. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios, o número do grupo etário superou a marca dos 30,2 milhões em 2017. Dentro desse total, o Rio de Janeiro é uma das cidades que apresentam a maior parcela da população idosa do Brasil, com 18,6% da população carioca no grupo de 60 anos ou mais[6].

A fim de ilustrar, comparativamente, como ocorre o crescimento da proporção de idosos na cidade do Rio de Janeiro em relação ao crescimento desse segmento social em todo o país, apresentamos o gráfico 1.

[5] Fonte: ONU. Disponível em < https://www.un.org/development/desa/ageing/resources/international-year-of-older-persons-1999.html > Acesso em: 08 out. 2019.
[6] Fonte: Agência de Notícias, IBGE. Disponível em: < https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 09 out. 2019.

Gráfico 1- Índice de Envelhecimento (IE) 2010-2060



Fonte: IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/. Acesso em: 21 out. de 2019.

O gráfico 1 expõe a projeção do índice de envelhecimento da população de 2010 até 2060 divulgado pelo IBGE que leva em conta o número de pessoas de 60 ou mais, para cada 100 pessoas menores de 15 anos de idade. Como pode ser observado no gráfico 1, o ritmo do envelhecimento da sociedade carioca é maior do que o ritmo nacional.

Toda essa transição etária da sociedade que cresce constantemente, em âmbito nacional e regional, implica em uma reestruturação dos deveres da sociedade e dos governos, que antes tinham como iniciativa apenas a construção de asilos permanentes (WALTER, 2010). Os efeitos do reconhecimento da representatividade do grupo social em questão na população pode ser visto em várias áreas da sociedade. No âmbito legislativo, por exemplo, no ano de 2003, tivemos a promulgação do Estatuto do Idoso que visa a garantir direitos à pessoa idosa que antes não eram delimitados.

É sabido que os idosos apresentam particularidades próprias e bem conhecidas devido às perdas das capacidades funcionais. O conhecimento dessas particularidades acaba gerando a correlação do envelhecimento com deficiência, associação esta que gera muitos dos estigmas com os quais o grupo social convive. Entretanto, conforme Medeiros e Diniz (1999) explicam, envelhecer não é necessariamente ser deficiente. Tal perspectiva foi impulsionada por uma revisão de conceitos sobre deficiência, no final da década de 1990. A deficiência passa, então, a ser considerada um fato comum e previsível no curso de qualquer vida, que não se finda a características individuais, mas se expande para as condições socioeconômicas.

Nesse sentido, há necessidade de intervenções com políticas públicas centradas nos idosos para além da coleta de informações que já acontecem. Por outro lado, mesmo que de

forma insuficiente, o poder público tem investido esforços na busca para contemplar os vários âmbitos da vida do idoso, tanto na área da saúde quanto na área da assistência social. Isso demonstra uma certa conscientização sobre uma nova perspectiva em relação à terceira idade, há, em algum nível, conquistas apesar de, muitas vezes, estas não impactarem na realidade do grupo social em questão.

Um exemplo de conscientização em relação às necessidades específicas dos idosos manifesta-se no município do Rio de Janeiro, onde existe a Secretaria Especial do Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida, a SESQV. Esta secretaria objetiva desenvolver e implementar programas e projetos necessários ao desenvolvimento da qualidade de vida das pessoas idosas. Além disso, busca apoiar todas as iniciativas públicas ou privadas que de alguma forma contribuam para o objetivo da secretaria[7]. Por outro lado, dada a realidade vivida pelo grupo na cidade carioca, é fundamental o aprimoramento e o funcionamento efetivo, sobretudo no âmbito do cuidado com a saúde dos idosos, visando preservar sua qualidade de vida e sua participação social (VERAS, OLIVEIRA, 2018).

Conforme pôde ser visto, o crescimento da população idosa impôs o (re)direcionamento do olhar para esse grupo etário em vários níveis de sua existência. Isso, consequentemente, também, envolve mudanças na perspectiva científica sobre os idosos. A língua(gem) dos idosos, especificamente, tem se estabelecido como objeto de interesse interdisciplinar. Os estudos sobre o tema foram impulsionados primeiramente pela Linguística, de acordo com Brandão e Parente (2001). Diante desse fato, é importante expormos o que apresenta a obra pioneira no tema *A linguagem dos idosos*, do linguista Dino Preti (1991).

A obra *A linguagem dos idosos*, desdobra-se em cinco capítulos pautados nos estudos da Análise da Conversação e em uma perspectiva sociolinguística que não visa à quantificação, diferentemente da sociolinguística variacionista (PRETI, 1991). Em razão disso, o autor dá ênfase na observação de processos, estratégias e funções da linguagem do grupo etário em foco em conversação de maneira a explicitar suas relações interpessoais. Preti (1991) declara, ainda, que seu *corpus* parte de inquéritos do projeto NURC/SP, no qual foram realizadas 25 gravações de 15 a 30 minutos com falantes de 80 a 101 anos de idade que compõem a subcategoria dos "idosos velhos" com maiores problemas psicofísicos. Apesar de haver outras gravações, apenas se atem a uma gravação transcrita para a construção da teoria que consta na obra, uma vez que considera a gravação, o diálogo 396-D2, de 75 minutos de duração

[7] Fonte: Legislação Municipal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2010/3256/32553/decreto-n-32553-2010-dispoe-sobre-a-estrutura-organizacional-da-secretaria-especial-do-envelhecimento-saudavel-e-qualidade-de-vida-sesqv>. Acesso em: 09 out. 2019.

qualitativamente superior às demais.

A relevância da obra de Preti (1991) está em analisar a linguagem dos idosos não somente pelo viés do nível linguístico, mas também mostrando como esse nível é a manifestação de um conjunto de fatores que vão desde os aspectos socioculturais aos psicofísicos. Um exemplo dessa percepção interdisciplinar é evidente quando o autor nos expõe a condição social do idoso no Brasil dos anos de 1990. Nesse cenário, o isolamento e a discriminação eram a ordem para a população na terceira idade, visto que estes perdem sua identidade, seu *status* e sua função, porque não exercem mais uma profissão na sociedade de grandes centros urbanos. Como efeito dessa organização social desfavorável ao idoso, esse sujeito se autodesvaloriza (PRETI, 1991).

Apresentada a sociedade em que está inserido o grupo etário investigado por Preti (1991), é destacado que a linguagem dos idosos apresenta particularidades que são vistas como deficiências para o autor, ocasionadas por um conjunto de aspectos que não se findam ao plano linguístico. Dentre esses aspectos, o autor destaca fatores que

> redundam na inaptidão de organizar o discurso com a continuidade desejada, seja em função da busca aflitiva de fatos que não aflorem à memória, seja por uma natural desorganização no arranjo dos tópicos e subtópicos que se sobrepõem com facilidade, lembrando, em certos casos, o desarranjo da linguagem infantil. (PRETI, 1991, p. 27-28).

Outra característica destacada na linguagem do grupo investigado pelo autor é a relevância do tempo e uma instabilidade que pode levar o idoso a falar muito e a falar nada, o que são reflexos de sua autodesvalorização perante sua condição social que os deixa inseguros. Por outro lado, em termos de fluência da linguagem da terceira idade, Preti (1991) encontra características comuns a qualquer faixa etária desde os aspectos prosódicos aos discursivos, todavia, na linguagem dos idosos, essas características parecem sofrer uma intensificação.

Uma dessas características que se acentua entre os idosos é a descontinuidade da fala devido às dificuldades psicofísicas e aos condicionadores sociais. Ao tratar da fala do grupo etário em nível interacional, o autor sugere que a descontinuidade presente na fala desse grupo atinge a organização dela. A falta de organização, então, demanda maior atenção e compreensão do interlocutor para acompanhar as relações tópicas feitas pelo idoso, mesmo que a inclusão de tópicos seja natural e pareça bem organizada.

Além disso, Preti (1991) informa que os anacolutos e as elipses recorrentes na linguagem dos sujeitos investigados são reflexos da lentidão do processamento de

informações, já os truncamentos, as hesitações, os alongamentos, as pausas frequentes, por exemplo, são manifestações da perda de memória. Contudo, o autor observa que os idosos fazem uso de estratégias para desvencilhar das dificuldades da perda de memória. A partir de um exemplo de fala, Preti (1991) verifica que

> o falante lança mão, às vezes, de verdadeiros pedidos de socorro ao interlocutor (neste caso, L2 ou a documentadora): "Como é que se chama?". E procura descrever a peça, empregando até recursos gestuais: "Esse negócio que se prende aqui... (p. 40).

Com esse exemplo, o autor acaba demonstrando que, ainda que seja comum na interação o apoio mútuo para levar o discurso adiante, para o idoso isso é muito mais importante. Na visão de Preti (1991), o idoso é mais dependente, tendo em vista seus declínios psicofísicos. Nesse sentido, por fim, o autor continua a descrição da fala de seu objeto de estudo ao indicar que, por serem passivos, os idosos não demonstram resistência às tomadas de turno durante as longas pausas de suas falas em seu discurso lento.

Por outro lado, o caráter prosódico da fala do idoso tem como destaque "as mudanças nas qualidade de voz sugerem que a velhice é acompanhada por uma voz oca, débil, fina e sufocada, mas parece difícil definir tais rótulos acusticamente" (Helfrich, H., 1979:86)" (p. 41). Como formas de compensação a tantos problemas demonstrados na fala do grupo social estudado que caracterizam uma disfluência, o autor apresenta as autocorreções e as repetições, que podem ser vistas, na interação, como forma de sequenciação que garantem o turno. Entretanto, o autor redireciona seu olhar para as dificuldades na fala do grupo social em questão, apontando que um dos efeitos da repetição constante no discurso desse grupo social é a produção de um discurso menos denso em termos de quantidade de informação.

Preti (1991) chama atenção, também, para o teor rememorativo da fala do grupo etário investigado que acarreta em uma preocupação de esclarecer fatos "cujos referentes, não raro, estão comprometidos com o tempo passado e, portanto, são desconhecidos da audiência, bem mais jovem do que os interlocutores" (p. 54-55). Para o pesquisador, a forte rememoração ocorre por causa dos conhecimentos mais antigos terem maior facilidade de preservação do que os conhecimentos atuais. Dentro desse pressuposto, o idoso construiria boa parte de seu discurso, sendo a rememoração a base para a organização dele. As constantes informações sobre o passado no discurso desse grupo se evidenciam nas palavras de Preti (1991, p. 62):

> por léxico em que aparecem vocábulos, expressões, estruturas formulaicas, formas de tratamento, relacionados com sua época. Esse vocabulário torna-se incompreensível à audiência mais jovem, ou porque seus vocábulos se arcaizaram ou porque emigraram para fora do ambiente urbano em que vivem e viveram os entrevistados ou ainda porque perderam seu referente.

Disso decorrem as constantes explicações, uma estratégia que, para o autor, às vezes,

interrompe o discurso, o que, para os idosos, por outro lado, é compreendido como uma oportunidade de ser ouvido. Essa oportunidade, para tal grupo, marcaria o cumprimento da missão de transmitir conhecimentos, o que conferiria ao discurso dos idosos uma feição didática.

Na busca de revelar a inter-relação do passado com o presente na linguagem dos idosos, Preti (1991) dá ênfase ao tópico discursivo considerado por ele como a "matéria-prima", o estruturador da conversação. Na linguagem da terceira idade, o fenômeno da topicalidade tem como pano de fundo o passado, tornando-se uma categoria de tempo pela qual os idosos desenvolvem seu discurso. O estudo desse eixo desenvolvedor, nas palavras do autor, "lembra a própria intuição popular que costuma estigmatizar alguns hábitos linguísticos dos falantes idosos, classificando-os de "conversa de velhos"" (p. 77).

Em relação ao desenvolvimento do tópico, o autor argumenta que é de se esperar que ocorram, na fala do grupo social em questão, quebras de tópico, digressões e mudanças. Contudo, o autor revela mais uma estratégia que ocorre em contraposição à disfluência no discurso dos idosos, a desenvoltura no manejo do tópico proposto nos diálogos. Esses indivíduos quebram os tópicos, mudam-nos a fim de criar a bipartição desejada entre passado e presente, enaltecendo constantemente o passado.

Por fim, na última parte da obra relativa às narrativas na conversação com o grupo investigado, o autor ressalta que, devido à tendência de rememorar, os idosos tornam-se contadores de histórias. Para o autor, esses sujeitos conseguem fazer "desfilar perante o ouvinte cenas, fatos públicos, episódios familiares, tipos humanos que podem remontar mais de meio século" (p. 108). Nesse aspecto em que se situa a autovalorização do idoso, esse sujeito busca uma identificação com seu interlocutor mais jovem a fim de promover a preservação de sua face, de sua imagem social.

Por conseguinte, para Preti (1991), o idoso, na interação, recorre mais frequentemente a um tipo de narrativa específica, a reprodução em que transforma um evento passado em um *continuum*. Tal evento fato é posto em cena de modo que "colocando o narrador-protagonista momentaneamente como um "ator" no palco da conversação" (p. 111). Com isso, o grupo etário em questão revive o passado e traz à cena o que acha mais importante, em um processo de avaliação dos fatos de modo intencional, segundo o autor.

Desse modo, como foi observado, tal obra é uma documentação precursora sobre a linguagem dos idosos. Esta foi vista por Preti (1991) em um conjunto não limitado apenas a fatores linguísticos-discursivos e sociais, mas também a seus possíveis desdobramentos psicológicos e comportamentais na fala da pessoa idosa. Preti (1991) vincula, em sua obra, uma

análise linguística ao contexto do perfil dos indivíduos da terceira idade e os reflexos de toda uma estruturação social e biológica neles. Todavia, podemos perceber que a obra, não endossa suas constatações a partir de bases quantitativas no momento em que se propõe a descrever o comportamento linguístico de um segmento social.

Além disso, as escolhas lexicais do autor em relação ao objeto que descreve, a fala de idosos, parece estar envolta de noções axiológicas que poderiam reiterar os juízos negativos que motivam as discriminações pontuadas pelo próprio autor sobre o grupo social em vista. A título de exemplificação, podemos destacar algumas das palavras que caracterizam o sujeito idoso e sua fala na obra de Preti (1991), tais como "problemas", que figuram nos títulos do primeiro e do quarto capítulo, "dificuldades", "pedidos de socorro", "deficiência", "passividade", "desacostumados", "voz sufocada", "acentuada queda", "um excesso de pausas" (p. 40-41). Dentre essas palavras, em especial, podemos destacar a síntese da obra que se encontra nas últimas páginas do livro nas quais o léxico se afeiçoa a um catálogo de defeitos. Muito embora sejam ressaltadas um pouco mais de duas estratégias compensatórias a esses defeitos, como, o domínio no manejo do tópico e as repetições que garantem o turno de fala do idoso, Preti (1991) acaba se dedicando aos problemas na fala dos indivíduos investigados.

Todavia, é irrefutável a contribuição de Dino Preti (1991) com sua obra que é referência para o estudo da linguagem dos idosos em qualquer área, tanto é assim que as psicólogas Brandão e Parente (2001) dão relevância à obra do autor. Tais autoras trazem um breve excurso dos estudos da linguagem dos idosos nas áreas da Linguística, precursora no tema, da Neurologia e, especialmente da Psicologia, demonstrando as transformações de perspectivas em relação tanto à linguagem quanto ao próprio individuo idoso ao longo dos estudos científicos do século XX.

As autoras apresentam que, pela abordagem do Estruturalismo linguístico, focada nos aspectos formais, os estudos da linguagem dos sujeitos na terceira idade são voltados para o declínio desses aspectos. Porém, com a guinada da Linguística, que se deu pelos anos 70, a língua foi vista em usos reais, em funcionamento, e não em formas. Estudos exemplares dessa proposta ocorreram na Análise da Conversação, nos Atos de Fala e na Teoria da Enunciação, o grupo social em foco foi observado em interação, como, por exemplo, no estudo de Preti (1991).

Ao adentrar na área da Psicologia, as autoras revelam que, assim como nas diferentes abordagens da Linguística, os estudos sobre a linguagem dos idosos apresentam-se por quatro vieses: do desenvolvimento, da psicométrica, do processamento de informações e da

perspectiva psicossocial. A primeira corrente funda-se nos modelos de estágio em que cessam o desenvolvimento cognitivo da inteligência na adolescência. Nessa perspectiva, são enfatizadas as deficiências nas habilidades linguísticas mais complexas da linguagem que são adquiridas mais tarde pela criança, mas são as primeiras a desaparecer no idoso. As autoras também citam que, nessa abordagem psicológica de investigação, buscam-se evidenciar aspectos da linguagem mais vulneráveis no processo do envelhecimento.

Na perspectiva psicométrica da psicologia que se volta para testes de usos padronizados a fim de investigar diferenças individuais de desempenho cognitivo nos diferentes estágios da vida, assevera-se a hipótese do declínio da inteligência do idoso. Nessa abordagem, há duas proposições sobre a configuração da inteligência, conforme apontam as autoras, no primeiro caso, a inteligência é postulada como unitária e indiferenciada quando se é bebê, diferenciando-se e retrocedendo conforme o envelhecimento. Brandão e Parente (2001, p.42-43) afirmam que pesquisas que tomam como norte essa dicotomia "consideram que a inteligência fluida sofre declínio na velhice, enquanto a inteligência cristalizada se mantém constante, podendo até mesmo desenvolver acréscimos nesta fase da vida (Horn, 1982)".

Por sua vez, a corrente psicossocial, que conta com a contribuição interdisciplinar da sociologia, antropologia, neuropsicologia e, até mesmo, da Inteligência Artificial, vê o desempenho cognitivo do indivíduo como uma produção histórica, social e cultural. Alinhada a esses pressupostos, a abordagem de estudos pela Análise do Discurso observa a mente do mesmo modo, portanto, percebe a linguagem como uma atividade, uma produção por olhar o ouvinte, falante em seu contexto não apenas de comunicação, mas também sociocultural que envolvem diferentes processos cognitivos. Nesse sentido, o impacto na psicologia emergiu nos diferentes estudos da Psicolinguística.

Na abordagem do processamento, Brandão e Parente (2001) apontam que estudos desenvolvidos, nesta abordagem, os idosos apresentam declínio de algumas funções cognitivas, na estocagem de informações, problemas de atenção, resolução de problemas, e memória, sendo este último problema estudado à exaustão. Por fim, vale destacar que as autoras expõem a controvérsia que existe entre estudiosos que afirmam que os indivíduos na terceira idade têm perda na capacidade de compreensão e de outros que afirmam que não há perda ou que a perda maior é na capacidade de produção.

Apresentando esse panorama de estudos da linguagem dos idosos na psicologia, as autoras acreditam que há muitas dúvidas, controvérsias e mistérios, sendo necessárias mais investigações sobre a cognição dos indivíduos desse grupo etário de modo que estes sujeitos sejam valorizados. Nas palavras das autoras, "a medida que o entendimento sobre a cognição

do idoso avança, a posição dos pesquisadores começa a convergir para a idéia de que os estudos devem mover-se em direção a atitudes produtivas, abandonando a simples constatação de declínios." (p. 48). Logo, as pesquisas devem retornar com frutos positivos para os idosos no intuito de que eles próprios se valorizem, promovendo o desenvolvimento psicossocial desse indivíduo.

Nessa tendência, deixando de lado os preconceitos sobre os idosos, pesquisas mais recentes, como das linguistas de Marzari et al. (2018), destacam a importância do aprendizado de uma segunda língua na terceira idade. Neste estudo, as autoras afirmam que, atualmente, as pesquisas convergem em um ponto, que o declínio cognitivo se inicia muito antes do que se pensava há três décadas atrás. Os lapsos de memória não são consequências exclusivas do envelhecimento, pois é determinante para a preservação da memória o modo como cada indivíduo utiliza seu cérebro, quanto mais o cérebro é exercitado, menor será a propensão a déficits de memória.

Isso, portanto, vem reforçar o esclarecimento de Tubero (1999) que, antes de ser feita a correlação patológica ligada ao fato biológico de envelhecer, é preciso avaliar especificidades da vida e da condição social que esses idosos apresentam. Muitas mudanças na fala da terceira idade podem não ser características exclusivas desse grupo etário. Por tudo o que foi dito, então, torna-se pertinente à realização de um estudo substancial e empírico que fuja dos preconceitos sobre os idosos e de suas limitações. É necessário ultrapassar a verificação de declínios biológicos, pondo à frente a contribuição e a participação social desses sujeitos pelo registro de suas falas que trazem à tona uma riqueza de conhecimentos que muito têm a contribuir com toda e qualquer geração.

No intuito de tentar realizar uma contribuição para a valorização dos indivíduos na terceira idade e de suas memórias por intermédio de seu discurso, busca-se, no presente estudo, observar como esse discurso é denso, e não menos denso em informações como sugeriu Preti (1991). Para isso, a partir das reconstruções dos objetos de discurso pelo uso anafórico do artigo indefinido, leva-se em conta a bagagem de conhecimentos desses indivíduos construída por meio de experiências e vivências sociais. Com isso, também, objetiva-se a conscientização e uma mudança de postura frente aos idosos que são necessárias em face a todo um cenário inevitável que se avizinha tanto nacional quanto mundialmente de uma população majoritariamente da terceira idade.

Visando a alcançar as bases macroestruturais do objeto de estudo no *corpus* – o uso anafórico do artigo indefinido, buscamos, desde o entendimento da modalidade oral, do gênero do discurso até a compreensão da linguagem dos sujeitos idosos que concretizam o

corpus no qual o objeto de estudo se estabelece. No capítulo seguinte, abordaremos os procedimentos metodológicos empreendidos para a investigação e a análise do uso anafórico do artigo indefinido no discurso oral de idosos.

4 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, propomos expor os fundamentos metodológicos empreendidos no percurso desta pesquisa. Tais fundamentos nortearam os procedimentos utilizados para a investigação e para a análise dos usos anafóricos do artigo indefinido no *corpus*. A partir disso, são apresentados nas seções seguintes a descrição do *corpus* da pesquisa, o delineamento metodológico, as questões motivadoras, os objetivos gerais e os específicos da pesquisa e, por fim, as categorias de análise.

4.1 Descrição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por treze entrevistas, parte do acervo em construção das 71 entrevistas que compõe uma pesquisa maior, o Projeto *Varia-Idade no Rio de Janeiro Comunicação e geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior*[7], parceria entre a UERJ e a Universidade de Heildeberg, Alemanha. A construção do *corpus* do referido projeto ocorre em três fases bem específicas: a) as entrevistas semidirigidas, realizadas no espaço pessoal do idoso entrevistado. Essas entrevistas foram realizadas por membros do Projeto, inclusive por mim, na condição, ainda, de bolsista de Iniciação Científica na graduação (cf. Introdução); b) as perguntas norteadoras das entrevistas realizadas, compiladas em um documento denominado " Guia de Entrevistas"; c) a transcrição das entrevistas, a fim de compor a materialidade escrita deste *corpus*, para propiciar diferentes análises como a proposta nesta pesquisa. Como bolsista, também tive oportunidade de atuar na função de transcritora das entrevistas. Tais atividades me propiciaram um profundo conhecimento do material linguístico coletado.

A composição do *corpus* desta pesquisa com treze entrevistas se justifica porque, em uma pré-análise linguística, verificou-se a ocorrência de um grande número do vocábulo *um/ uma*, o que nos chamou a atenção por dois motivos: (i) o volume de ocorrências demonstra a produtividade desses itens gramaticais (ii) sendo os usos anafóricos do artigo indefinido desconsiderados pelas gramáticas e tão pouco explorados nos estudos linguísticos da Referenciação, essa produtividade aponta sua importante função discursiva no *corpus* oral desta pesquisa.

4.1.1. As entrevistas

As entrevistas foram elaboradas por meio de gravações em áudio com suas respectivas transcrições. As treze entrevistas reúnem um total de 98.757 palavras, de acordo com (BEBER SARDINHA, 2003), este quantitativo de palavras revela que o *corpus* desta dissertação se figura como uma amostra considerável e representativa da língua. Por isso, o *corpus* escolhido nos garantiu um grande volume de ocorrências do fenômeno em estudo – o uso anafórico do artigo indefinido.

Para desenvolver as entrevistas, o projeto Varia-Idade visou à proporção equilibrada tanto da estratificação social quanto do gênero dos informantes, priorizando que os sujeitos escolhidos para conceder as entrevistas fossem procedentes de diferentes zonas da cidade do Rio de Janeiro. Para a seleção das trezes entrevistas de nosso *corpus,* decidimos por uma divisão mais equânime das diferentes zonas urbanas do município do Rio de Janeiro. Desta forma, foram selecionados cinco informantes da zona norte; quatro informantes da zona oeste; três informantes da zona sul; um informante da zona centro da cidade.

Vale lembrar que há zonas na cidade do Rio de Janeiro que não são residenciais, por isso, a zona centro teve o menor número de informantes. Em relação ao gênero dos entrevistados, o equilíbrio entre senhores e senhoras tem sido mais difícil, por razões várias: disponibilidade do gênero masculino é uma delas, pois os informantes precisam ter mais de sessenta anos, morar há quarenta anos no Rio de Janeiro e não apresentar problemas cognitivos. No nosso *corpus*, há um maior número de informantes do sexo feminino em nosso elenco de entrevistas, totalizando nove dentro do conjunto de trezes entrevistas.

No que diz respeito à situação comunicativa das entrevistas, o projeto Varia-Idade desenvolveu cada uma delas em situação comunicativa similar, em interação face a face e na residência do informante. O objetivo foi promover uma maior distensão e um menor monitoramento por parte dos informantes durante a gravação das entrevistas a fim de que os idosos pudessem se sentir mais à vontade e confiantes para expor suas impressões sobre os temas abordados.

4.1.2. O guia das entrevistas

O guia das entrevistas foi feito com o propósito de uniformizar os assuntos tratados nas entrevistas, direcionando-as para temas diversos pré-estabelecidos que abarcassem a percepção do idoso em relação às mudanças no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. As entrevistas foram desenvolvidas pelos entrevistadores a partir da colocação dos seguintes temas: "descrição do bairro", "composição de sua população", "divisão do comércio", "vida social", "mobilidade no trânsito", "vida entre as gerações", "contato entre a população e a favela do bairro", "história" e "linguagem carioca". Cada um desses temas reuniu um conjunto de sete perguntas em média a serem feitas pelo/a entrevistador/a, totalizando, no guia, cerca de 60 perguntas concernentes às vivências e às experiências sociais de diversas fases da vida do participante.

Cabe ressaltar que, mesmo havendo um guia de entrevistas com um questionário e a mediação feita por um entrevistador no evento comunicativo das entrevistas, o objetivo do projeto Varia-Idade tem sido fazer com que os idosos possam discorrer de modo mais livre e amplo sobre o que lhes for perguntado. Durante a gravação das entrevistas, essa abertura para responder às perguntas feitas pelo/a entrevistador/a permitiu que os tópicos instaurados servissem como propulsores para a ampliação, a suspensão e, até mesmo, a introdução de novos tópicos que interessassem aos informantes, o que ocorreu em todas as entrevistas. Por isso, no decurso das entrevistas, as perguntas feitas dependeram muito do desenvolvimento das respostas dos entrevistados, pois acabavam tangendo outros tópicos e outras perguntas constantes no guia.

Portanto, devido a esses aspectos interacionais e situacionais, a existência de um guia permitiu dar uma direção às entrevistas do projeto Varia-Idade e não uma formatação impositiva para o seu desenvolvimento. Por essa razão, as entrevistas do *corpus* desta pesquisa são consideradas entrevistas semidirigidas, pois promovem uma situação comunicativa de interação face a face. Nela há trocas de turno de modo livre e alternado, contemplando características próximas das características da interação humana mais prototípica, a conversação.

Para a realização das entrevistas, a coordenação do projeto Varia-Idade se preocupou em orientar os entrevistadores para que buscassem preservar o sigilo das identidades dos entrevistados, o que justifica as siglas empregadas para a nomeação das entrevistas de nosso *corpus* elencadas a seguir. Ainda em relação à atuação dos entrevistadores, vige que todos os participantes do estudo, tanto pesquisadores brasileiros quanto alemães, tenham participação bilateral na composição do *corpus*, um quesito do acordo de cooperação entre as universidades

responsáveis pelo projeto. Por fim, cabe informar que, para cada entrevista feita, foi gerado um protocolo e solicitada a assinatura de cada informante na declaração de consentimento do projeto Varia-Idade, procedimento que dá ao projeto o direito de conceder a utilização dos dados coletados para fins científicos.

A seguir, apresentamos, detalhadamente, um quadro com a descrição das informações básicas das entrevistas que compõem o *corpus* de estudo desta dissertação.

Quadro 2 - Descrição das informações básicas das entrevistas que compõem o *corpus*[8]

Número da entrevista	Entrevista	Duração	Data	Local	Características do informante
1	2016_10_23_Barra da Tijuca_F65BT	39'29"	23/10/2016	Barra da Tijuca, Rio de Janeiro	F65BT, 65 anos, sexo feminino, funcionária pública, moradora da Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, natural da cidade do Rio de Janeiro.
2	2016_04_03_Botafogo_M70B	1h19’23’’	03/04/2016	Leblon, Rio de Janeiro	M70B, 70 anos, sexo masculino, médico, morador do Bairro de Botafogo – Rio de Janeiro, natural da cidade do Rio de Janeiro.
3	2017_06_02_CidadedeDeus_F74 CD	55’08”	02/06/2017	Cidade de Deus, Rio de Janeiro	F74CD, 74 anos, sexo feminino, cozinheira, moradora do bairro da Cidade de Deus – Rio de Janeiro, natural de Minas Gerais.
4	2018_07_02_EngenhodaRainha_ F 66ER	44'32"	02/07/2018	Engenho da Rainha, Rio de Janeiro	F66ER, 66 anos sexo feminino, técnica de enfermagem, moradora do bairro do Engenho da Rainha – Rio de Janeiro, natural da cidade do Rio de Janeiro.
5	2016_10_23_Freguesia_M68F	1h7'19"	23/10/2016	Freguesia, Rio de Janeiro	M68F, 68 anos, sexo masculino, bancário, morador do bairro da Freguesia – Rio de Janeiro, natural da Bahia.

[8] Para manter o princípio do sigilo, foram estabelecidas siglas para a apresentação do informante e do entrevistador. A sigla para a identificação do informante tem 3 componentes, no mínimo, concernentes ao sexo, à idade e à sigla do bairro em que mora o informante. Para o entrevistador, a identificação ocorre mediante as siglas E, de entrevistador, de sexo e da sigla do sobrenome.

6	24_12_2017_Irajá_M70IR	45’10’’	24/12/2017	Irajá, Rio de Janeiro	M70IR, 70 anos, sexo masculino, construtor, morador do bairro de Irajá – Rio de Janeiro, natural da Paraíba.
7	2017_03_10_Laranjeiras_F64LJ	45'51”	03/10/2017	Laranjeiras, Rio de Janeiro	F64LJ, 64 anos, sexo feminino, atriz e ilustradora, moradora do bairro de Laranjeiras – Rio de Janeiro, natural da Bahia.
8	2017_07_03_LinsdeVasconcelos _ F79LV	45'08"	07/03/2017	Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro	F79LV, 79 anos, sexo feminino, aposentada, moradora do bairro do Lins de Vasconcelos - Lins de Vasconcelos, natural da cidade do Rio de Janeiro.
9	2017_07_20_LinsdeVasconcelos _ F68LV	36’06”	20/07/2017	Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro	F68LV, 68 anos, sexo feminino, aposentada, moradora do bairro do Lins de Vasconcelos –Rio de Janeiro, natural da cidade do Rio de Janeiro.
10	2017_04_17_PracaSeca_F77PS	46'03”	17/04/2017	Praça Seca, Rio de Janeiro	F77PS, 77 anos, sexo feminino, aposentada, moradora do bairro da Praça Seca – Rio de Janeiro, natural da cidade do Rio de Janeiro.
11	2017_09_28_SantaTeresa_M67ST	53'15”	28/09/2017	Santa Teresa, Rio de Janeiro	M67ST, 67 anos, sexo masculino, ator e cinegrafista, morador do bairro de Santa Teresa - Rio de Janeiro, natural da Paraíba.
12	2017_10_20_SaoConrado_F65SO	42'07'	20/10/2017	São Conrado, Rio de Janeiro	F65SO, 65 anos, sexo feminino, arquiteta, moradora do bairro de São Conrado – Rio de Janeiro, natural de São Paulo.

13	2018_04_20_ViladaPenha_M98VP	44'54"	20/04/2018	Vila da Penha, Rio de Janeiro	M98VP, 98 anos, sexo masculino, aposentado, morador do bairro de Vila da Penha – Rio de Janeiro, natural de Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro.

Fonte: A autora, 2020.

4.1.3. A transcrição

Após as gravações das entrevistas, o projeto de pesquisa Varia-Idade seguiu com a elaboração das transcrições. Para tanto, foi composto um guia para o trabalho do transcritor, material que orientou toda a construção do texto do *corpus* oral. Umas das orientações para as transcrições é redigi-las de acordo com a norma ortográfica da língua portuguesa vigente.

É acordado, ainda, que as frases dos entrevistados não sejam corrigidas; em caso de aglutinação como em *pr'eu* ou *d'eu*, mantenha-se as palavras separadas *pra + eu*; os sinais de pontuação não são utilizados porque têm outros significados. Na redação das transcrições, os sinais de pontuação, são códigos dos quais podemos elencar os mais utilizados, como, os códigos de pausas (-), quebras de turno /, diminuição ;, aumento de tom ?, sobreposições [ ], não compreensão de fala ( ), alongamento de sílabas :, entre outros.

Um exemplo do uso desses códigos pode ser representado pelo código de alongamento de sílaba grifado na fala do informante M68F, da entrevista 5, a seguir.

> Exemplo 24
>
> M68F: #00:23:25-1# cresceu; (-) a única coisa que tava precisando é mais um mais um um ***um*:** supermercado aqui; aqui nós temos três supermercado;

Como podemos observar, no exemplo 24, o informante alonga a pronúncia do item grifado, o "*um*". Tal alongamento é representado pelo sinal: que foi empregado duas vezes para marcar um alongamento mais extenso.

Para ilustrar uma das transcrições das entrevistas, segue a imagem de um trecho da transcrição da entrevista 2 com o informante M70B, um homem de 70 anos, morador de Botafogo.

Figura 1 - Exemplo de transcrição de entrevista

EMB: #00:00:02-7# você é um carioca da gema

M70B: #00:00:07-6# ((ha)) (-) ãh eu nasci em Copacabana no dia pri:meiro de outubro de mil novecentos e quarenta e cinco é::(2.4) nasci em Copacabana morei um ano mais ou menos no Flamengo (-) depois em dois períodos de minha vida eu morei por mais ou menos um ano ou meio ano éh:: em SALvador (-) na Bahia depois (--) mais um outro perí:odo eu mo:rei em Cairns na Austrália como estava falando fiz (-) especialização lá isso foi em mil novecentos e oitenta e cinco (3.3) mas meus pais: não (sustentam) tanto meus pais não eram eram do Rio minha mãe era de Salvador; e meu pai era de Minas Gerais;

EMB: #00:00:57-8# por que os seus pais mudaram para o Rio

M70B: #00:01:02-5# BOm (--) tem que começar ma/começar (-) por meu pai na verdade né? porque éh: na verdade a família (2.2) pater::na (--) meu meu avô pater:no ele era do Rio agora éh: questões de: de:: vida mesmo meu (--) bisa/= vamos começar pelo meu bisavô paterno meu bisavô paterno era do Rio mas:: uma coisa era médico uma coisa NORmal naquela época parece ter a intenção de trazer uma naturalidade ao fato de seus familiares paternos serem todos médicos e formação de sua família junto ao fato de ser carioca e ele: saiu do Rio de Janeiro foi para Minas Gerais p{a}ra p{a}ra p{a}ra:: exercer medicina (--) isso um pouco antes da proclamação da república {es}tá tudo bem eu falar em português prefere que eu fale inglês alemão eu não falo

EMB: #00:01:57-9# fala em português

Fonte: Informante M70B

Na realização das transcrições, o projeto Varia-Idade utilizou o programa *F4Transkript*, *software* específico para transcrever. Esse programa tem como funções principais a mudança na velocidade da voz reproduzida na gravação da entrevista, o rebobinamento curto automático, a visualização de ondas sonoras, a medição de pausa, alongamentos e diminuição de fala e entres outros recursos[9]. Essas ferramentas são aparatos que dão precisão e objetividade ao trabalho do transcritor, quem processa a entrevista que se encontra em áudio para um texto escrito em conformidade com as convenções presentes no guia para as transcrições.

Outro destaque desse *software* foi permitir que, no percurso de feitura das transcrições, o texto fosse salvo, de forma contínua e automática, no computador em formato de Documento do *Word*. Foi o uso desse instrumental pelo projeto Varia-Idade que viabilizou que todo material das entrevistas se tornasse um conjunto de dados eletrônico e digitalizado. Esse acesso eletrônico e digitalizado possibilitou a exploração do nosso *corpus* na ferramenta computacional *AntConc* que nos auxiliou no processo de investigação do fenômeno em estudo. Passemos à descrição desta ferramenta importante para a estruturação metodológica da pesquisa.

[9]As funções do programa foram observadas no site oficial https://www.audiotranskription.de/english/f4

4.2 **A padronização dos dados pelo programa *AntConc*: o delineamento metodológico da pesquisa**

Com o recorte do objeto de pesquisa delimitado – o uso anafórico do artigo indefinido – tomamos como primeiro passo realizar buscas nos bancos de teses e dissertações sobre trabalhos existentes que abordassem a temática desse uso. Constatamos que há poucos estudos referentes ao artigo indefinido; não há estudos sobre sua função discursiva e tampouco estudos sobre as expressões nominais indefinidas, o que corrobora o exposto por Koch (2004) e Cunha Lima (2004).

Diante disso, como segundo passo, voltamo-nos para a exploração do fenômeno em nossa base empírica, as 13 entrevistas transcritas, um *corpus* digitalizado e com volume substancial de dados. Por isso, tomamos a decisão de utilizar os princípios metodológicos da Linguística de *Corpus* que nos dão subsídios para lidar com o tratamento e o levantamento de dados em um *corpus* eletrônico como o desta pesquisa. Isso se tornou possível porque tal disciplina linguística, mediante aparatos computacionais, busca investigar palavras e frases em dados provenientes de muitos textos em sua forma digital ou digitalizada (BERTOLI; SHEPHERD, 2015).

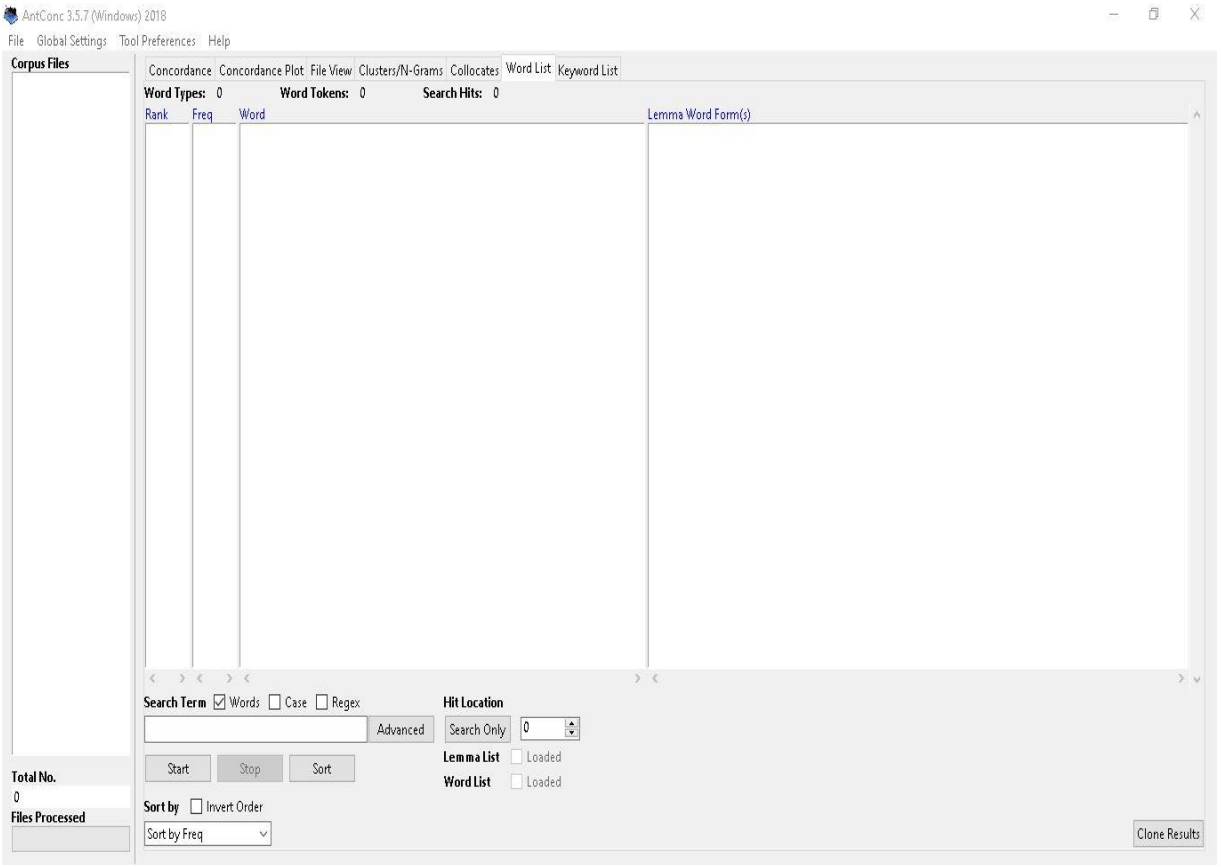
Na prática da Linguística de *Corpus*, portanto, o pesquisador, frente a um grande volume de dados, manipula-os mediante *softwares* que podem ser úteis em etapas fundamentais de uma pesquisa, especialmente nas fases de levantamento dos dados, de triagem e de análise de casos relevantes, de acordo com Kader e Richter (2013, p. 22). Exatamente isso que tal abordagem possibilitou a esta pesquisa, uma vez que a exploração do *corpus* foi realizada por meio de uma ferramenta computacional, o *software AntConc*.

A escolha do programa *AntConc*[10] ocorreu por se tratar de um *software* de fácil manipulação, disponibilizado gratuitamente na *internet* e por ser muito popular entre os linguistas de *corpus* (ANTHONY, 2013). A criação do *software* foi realizada pelo linguista Laurence Anthony, da Universidade de Waseda. Tal programa dispõe de uma variedade de operações para a exploração de diferentes *corpora* digitalizados, tais como os procedimentos básicos de contagem e a listagem de todas as palavras presentes em um *corpus*, com a realização da contagem de palavras ou de um conjunto delas em seu entorno linguístico.

[10] Fonte: Anthony, L. (2019). *AntConc* (Versão 3.5.8) [*Software* de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. Disponível em: https://www.laurenceanthony.net/software.

Vejamos, a seguir, uma imagem da tela inicial do programa *AntConc*.

Figura 2 - Tela inicial do *software AntCon*



Fonte:Lawrence, Anthony. *AntConc*.

Como podemos observar na figura 2, as abas *concordance*, *concordance plot*, *file view*, *clusters/N-grams*, *collocates*, *wordlist* e *keyword*, que se encontram na parte superior da interface do *software* são referentes às ferramentas que o programa *AntConc* disponibiliza. Dentre esses recursos disponíveis do *software*, foram empregadas as ferramentas *wordlist*, *concordance* e *collocates*. A primeira ferramenta nos serviu para perceber a possível relevância do artigo indefinido no *corpus* e as outras duas nos serviram para verificar os possíveis padrões do entorno linguístico para o uso anafórico do artigo indefinido que é o fenômeno investigado. A seguir, as três ferramentas utilizadas são detalhadas:

Wordlist: recurso inicial para processar os dados dos arquivos inseridos no programa. Tal recurso apresenta a contagem de *tokens*, ocorrências de palavras presentes no *corpus*, e *types*, palavras presentes no *corpus* que não se repetem. Além disso, essa ferramenta gera uma lista de palavras que pode ser gerada pela frequência de ocorrências ou pela ordem alfabética ou pelo final de uma palavra. Nesta pesquisa, a lista de palavras foi processada a partir da

frequência de palavras constantes no *corpus*, o que nos gerou um *ranking* em ordem decrescente das palavras mais empregadas. A escolha da forma de geração da lista de palavras se justifica por nossa intenção de fazer um levantamento de ocorrências do fenômeno em foco. Com isso, obtivemos as contagens de 98.757 palavras presentes (*tokens*) e 7.266 palavras presentes não repetidas (*types*) e a verificação de que os artigos indefinidos figuram como a 15ª e a 20ª palavras mais usadas no *corpus*.

Concordance: a partir da escolha da palavra a ser pesquisada, isto é, o item de busca, a ferramenta *concordance* gera a lista de concordâncias que propicia a análise do contexto (BEBER SARDINHA, 2004) por meio da extração de linhas de orações, frases de todas as ocorrências em que a palavra pesquisada se encontra. Na lista de concordâncias, a palavra de busca é apresentada de maneira centralizada e destacada em relação ao entorno linguístico que se encontra. Essa forma de apresentação permite a visualização geral dos contextos de cada ocorrência da palavra buscada. Além disso, essa ferramenta permite não apenas o acesso ao entorno linguístico e à ampliação desse entorno conforme deseja o pesquisador, mas também permite o acesso, em apenas um *click*, ao co(n)texto completo de cada ocorrência da palavra buscada em seu arquivo de origem. Nesta pesquisa, essa ferramenta nos possibilitou visualizar os contextos apresentados pela lista de concordâncias que nos indicaram uma alta recorrência de usos do artigo indefinido em função predicativa e nos permitiu, também, localizar e analisar cada uma das ocorrências do uso anafórico do artigo indefinido em seus co(n)textos de origem.

Collocates: gera a lista de colocados, palavras que se encontram ao lado esquerdo e ao lado direito do item de busca. Nessa lista, o programa *AntConc*, a partir do processamento da lista de concordâncias, procura as palavras mais comuns que coocorrem ao lado da palavra buscada. Essa lista é gerada a partir da delimitação de quantas palavras que coocorrem à esquerda e à direita do item buscado o pesquisador deseja observar. A delimitação dessa observação é chamada de janela ou de horizonte (BEBER SARDINHA, 2004), sendo cada lado dessa janela, o esquerdo e o direito, representado pelos códigos L, de *left*, e por R, de *right*, junto ao número que marca a posição do colocado em relação ao item de busca. A título de exemplificação, o código 1R representa a posição do colocado como a primeira palavra à direita do item pesquisado no programa *AntConc*. Com a delimitação dos colocados tanto à esquerda quanto à direita, são feitos, automaticamente, cálculos estatísticos de associação entre o item de busca e as palavras mais frequentes no entorno dele no *corpus* para gerar a lista de colocados.

Nossa palavra de busca, nesta pesquisa, foi o artigo indefinido de maior ocorrência, o

um, que teve os dados processados a partir de uma janela de duas palavras tanto à esquerda quanto à direita dele, observação chamada de 2:2 (BEBER SARDINHA, 2004). A justificativa da observação da janela 2:2 ocorre por estarmos lidando com o artigo indefinido, um item gramatical adjunto a um nome cuja função é determiná-lo, compondo com ele um SN, logo, janelas acima de 2:2 não nos interessariam. Tal justificava, ainda, vai ao encontro da constatação do linguista de *corpus* John Sinclair (1991) de que as relações entre os colocados de interesse não se encontram além da faixa de janelas 2:2 e 3:3. A partir de nossa delimitação para observação dos colocados, percebemos que há duas classes gramaticais mais recorrentes ao lado de nosso item de busca, o *um*, a classe gramatical dos verbos, como a primeira palavra à esquerda (1L) que pode influenciar no uso anafórico do artigo indefinido, e o substantivo, como a primeira palavra à direita (1R), que serão detalhadas à p. 107.

Por meio das contagens de 98.757 palavras presentes (*tokens*) e 7.266 palavras presentes não repetidas (*types*), geramos, pela ferramenta *wordlist*, a lista de palavras pelo critério de frequência das palavras mais utilizadas no *corpus* desta pesquisa. A partir dessa primeira lista, verificamos que as formas consideradas, a princípio, artigos indefinidos *um* e *uma* figuram como as palavras mais empregadas no *corpus* em análise, ocupando o 15º lugar do *ranking*, com 974 ocorrências, e o 20º, com 886 ocorrências, totalizando 1.860 casos. Considerando que o artigo indefinido é um termo periférico, adjunto ao nome, e tão pouco estudado, este total de usos do artigo em meio a um total de 98.757 palavras demonstra não só a produtividade deste item gramatical, mas também aponta sua importante função discursiva no *corpus* oral analisado.

Por isso, postulamos as seguintes perguntas iniciais de pesquisa:

1ª Há um padrão nos usos do artigo indefinido em função anafórica?

2ª Havendo um padrão, o que representa discursivamente?

3ª Esses usos do artigo indefinido em função anafórica são significativos no discurso oral dos idosos?

Na tentativa de responder à primeira questão, impulsionou-se à busca pela existência de possíveis padrões de entornos linguísticos que conferem função anafórica ao artigo indefinido. Tal finalidade implica na "[...] observação dos contextos de ocorrência do item em questão, usando-se instrumentos como a concordância e a lista de colocados.", de acordo com Beber Sardinha (2004, p. 221). Para a realização desse empreendimento, foram utilizados os recursos *concordance* e *collocates* do programa *AntConc*, uma vez que viabilizam a produção de listas de concordâncias e de colocados.

Com o objetivo de gerar informações nessas duas ferramentas do programa, o ponto de partida foi a escolha de um item representativo da classe do artigo indefinido dentro da lista de

palavras. Nesse sentido, foi eleito o artigo indefinido com maior ocorrência nas 13 entrevistas do *corpus* desta pesquisa, o *um*, com 974 casos, para ser a forma representativa dos artigos a fim de gerarmos as informações necessárias à padronização linguística do item selecionado.

A escolha da forma *um* se justifica, ainda, pela única distinção das formas *um* e *uma* estar no plano morfossintático, pois sendo termo determinante, tem de concordar em gênero e número com o termo determinado, um nome. Além disso, como será exposto na análise de dados, tanto a forma masculina quanto a feminina do artigo indefinido, enquanto desempenharem função anafórica, podem ter as mesmas funções discursivas.

Feita a escolha da palavra *um* na *wordlist*, o programa direcionou, automaticamente, para a aba *concordance* que gerou a lista de concordâncias com a qual foi possível visualizar os entornos linguísticos do *um*. Isso nos deu uma percepção mais geral sobre as palavras mais comuns ao lado da palavra pesquisada no *AntConc*. Já a ferramenta *collocates* nos possibilitou ter a convicção dos indícios dados pela lista de concordâncias, já que a geração da lista de colocados ao lado da palavra buscada, o *um*, é elaborada estatisticamente por meio da razão entre o item de busca e o colocado dentro do total de palavras no *corpus*. No nosso caso, foram produzidas duas listas a partir da observação da janela 2:2, ou seja, da observação da primeira e da segunda palavra mais frequentes tanto do lado esquerdo quanto do direto do *um*, sendo analisados, nessas listas, os cento e cinquenta primeiros colocados de cada lista gerada (BEBER SARDINHA, 2004).

Para a produção das listas de colocados à esquerda e à direita, desconsideramos as palavras presentes entre os cento e cinquenta colocados da lista referentes à própria palavra de busca o *um*. Além disso, foram desconsiderados para a análise dos colocados as partes ininteligíveis da fala, falas incompletas, códigos da transcrição e as hesitações na fala. Com isso, obtivemos 125 colocados válidos à esquerda e, à direita, 131 colocados válidos.

Para exemplificarmos esses usos que não foram considerados, apresentamos, a seguir, um exemplo de código de transcrição presente na lista dos colocados à direita.

> Exemplo 25
>
> isso aqui eu construí depois isso aqui era ***um*** telhado (-) ***EFG***: #00:48:42-5# aham (Informante M67ST)

No exemplo 25, o termo sublinhado à direita do *um* refere-se a um código de transcrição, sendo esse um caso de código do entrevistador que realizou a entrevista. Como podemos perceber, o termo sublinhado não chega a compor com o SN introduzido pelo artigo indefinido um todo dotado de sentido. Por isso, essa situação de colocados referindo-se a códigos de transcrição, às partes ininteligíveis da fala, às falas incompletas e às hesitações na

fala não são levadas em consideração para efeitos de análise.

Sendo assim, o primeiro momento de análise do objeto de estudos desta pesquisa ocorre na tentativa de responder à primeira pergunta inicial levantada sobre a possível existência de um padrão linguístico a partir de um programa computacional. Alcançar uma resposta para um possível padrão do uso anafórico do artigo indefinido, consiste no trabalho de aferição de frequências das palavras mais frequentes ao lado do item pesquisado, o *um*, que influenciam o contexto da função anafórica do artigo indefinido no *corpus* estudado.

Essa busca por um padrão de uso específico e a necessidade de responder às duas últimas perguntas por meio da quantificação dos usos anafóricos do artigo indefinido para saber se são significativos no *corpus* fizeram com que a presente pesquisa se desenvolvesse no paradigma quantitativo em um primeiro momento. De acordo com Bicudo e Santade (2014, p. 98), "algumas principais características do estudo quantitativo é a descrição dos significados considerados como inerentes a objetos, atos e fatos".

Nesse sentido, o viés quantitativo permite, de maneira confiável, identificar, conduzir construir conhecimento sobre o objeto de estudo. Apoiado nesse viés, o método para alcançar as respostas às perguntas em relação ao objeto de pesquisa se alinha aos moldes de estudo qualitativo por tomar um viés exploratório e reflexivo para a compreensão dos dados empíricos gerados. Por isso, mesmo com a procura por um padrão linguístico para os usos anafóricos do artigo indefinido com o auxílio de um *software*, foi necessária a distinção destes usos de outros usos. Estes usos que não contemplam nosso objeto de investigação são o uso do artigo indefinido com função de introdutor de referente e os usos que pertencem a outras classes gramaticais, como numeral e pronome indefinido que não desempenham função anafórica dentro das informações produzidas pelo programa.

Outro motivo que justificou o delineamento do método qualitativo neste estudo ocorreu quando nos debruçamos e refletimos sobre os resultados da quantificação das ocorrências a fim de buscar respostas para as duas últimas perguntas. Isso se consolida com a observação do desempenho do artigo indefinido no âmbito discursivo por buscarmos analisar os tipos de anáforas viabilizadas por essa classe gramatical e seus efeitos de sentido em cada contexto de ocorrência, discernindo quais os casos que cumprem com a função anafórica do artigo indefinido.

4.3 **Expectativas da pesquisa e levantamento das ocorrências de dados**

No intuito de responder às perguntas iniciais da pesquisa, os objetivos gerais são: a) verificar se há padrões linguísticos para os empregos anafóricos do artigo indefinido e b) analisar, discursivamente, esses empregos em cada uma de suas ocorrências na fala dos idosos no *corpus* analisado. Ao encontro desses objetivos gerais, os objetivos específicos são os seguintes:

-Reconhecer quais e quantos são os tipos de relações anafóricas estabelecidas pelo artigo indefinido no discurso oral de idosos.

-Averiguar as funções discursivas dos empregos anafóricos do artigo indefinido.

-Analisar se a modalidade oral e/ou gênero tem a ver com a incidência do uso anafórico ou de determinados tipos de usos anafóricos.

-Observar se a escolha da representação do referente por meio de usos do artigo indefinido em função anafórica auxilia na construção das orientações argumentativas na fala dos idosos.

Com esses objetivos em vista, não podemos esquecer que todos os estudos existentes sobre a temática do artigo indefinido em função anafórica se pautam na modalidade escrita da língua. Logo, os objetivos colocados correspondem às nossas expectativas[11] de responder às perguntas iniciais da pesquisa e de observar se há particularidades em relação ao uso de nosso objeto de estudo no *corpus* desta pesquisa. Essas expectativas se justificam por estarmos não apenas lidando com a modalidade oral da língua, como também com o gênero de entrevistas semidirigidas que parte de uma relação e de uma interação assimétrica na qual o informante é quem fornece as informações para o pesquisador, seu interlocutor (cf. p. 63).

Perante esse conjunto de peculiaridades que afiguram as características macrolinguísticas do objeto de estudo, buscamos investigar o desempenho discursivo do artigo indefinido em função anafórica em respostas às duas últimas perguntas iniciais da pesquisa. Para tanto, inicialmente, procedemos à observação de um grupo de controle das ocorrências das formas *um* e *uma* no *corpus* em estudo. A realização de um grupo de controle serviu-nos para dar uma percepção geral sobre os possíveis desempenhos das formas *um* e *uma* em face do grande volume de ocorrências dessas formas no *corpus* analisado. Isso, também, nos levou a atestar a relevância discursiva do artigo indefinido e de seu uso anafórico em relação a outras funções gramaticais que possa exercer.

Para tanto, delimitamos um espaço amostral de 300 ocorrências, 150 ocorrências das

[11] Adotamos a noção de expectativa assim como Sílvia Adélia Henriques Guimarães (2018) em sua tese de doutorado.

formas *um* e *um*a, do total de 1.860. Nesse processo, observamos cada uma dessas ocorrências em seus respectivos contextos pela ferramenta *concordance* do *AntConc* que nos deu acesso aos contextos das ocorrências. Como resultado, verificamos que, dentro desse universo de 300 ocorrências, há 35 usos desconsiderados, uma vez que abrangem casos de incompletude de fala, fala de entrevistador, repetição, entre outras situações que possam invalidar a ocorrência do uso anafórico do artigo indefinido na fala dos idosos. À guisa de exemplos, dois desses casos são demonstrados, a seguir, uma repetição do item *um* e uma incompletude de fala de informante ao usar esse item:

> Exemplo 26
>
> M68F: #00:23:25-1# cresceu; (-) a única coisa que tava precisando é mais um mais ***um um um*:** supermercado aqui; aqui nós temos três supermercado; (Informante M68F)
>
> Exemplo 27
>
> F64LJ: #00:04:18-6# [...] (--) Santa Teresa é ***um/*** é um bairro que tem um fascinío muito gra:nde (-) eu sempre tive um fascínio muito grande por Santa Teresa porque é lindo né? (-) {vo}cê/ {vo}cê conhece Santa Teresa? (Informante F64LJ)

É possível perceber no exemplo 26, por intermédio dos termos grifados, que há repetições de *um*, repetições que são comuns na língua oral. Já no exemplo 27, podemos ver, pelo termo grifado, que ocorre uma pausa abrupta, uma incompletude na fala do informante. Tendo esses casos em vista, julgamos desnecessário incluí-los como casos a serem observados em relação ao emprego da partícula *um* e *uma*, visto que não se aproximam de um SN ou não interagem com ele. Em decorrência disso, os itens em questão perdem sua função e seu valor de determinante. Da mesma forma, não foram considerados os casos de partícula *um* e *uma* que constam no formulário de informações sobre os entrevistados nos arquivos das transcrições das entrevistas. Com isso, foram contabilizados 265 usos válidos dentro do grupo de controle.

A partir da verificação desses usos inválidos, foi possível fazer o levantamento de ocorrências dos tipos usos das formas *um* e *uma*, o que demandou a necessária identificação das diferentes funções gramaticais desempenhadas por essas formas no *corpus*. Ou seja, a diferenciação dos usos de *um* e *uma* que sejam pertencentes às classes gramaticais do numeral, do pronome indefinido e do artigo indefinido, classe gramatical na qual se encontra a função de nosso interesse. A seguir, apresentam-se exemplos das diferentes funções do *um* e *uma* no elenco de treze entrevistas.

> Exemplo 28
>
> EFGR: #00:38:10-4# e como eram as escolas antigamente o número de escolas e agora

> F64LJ: #00:38:14-5# TInha MEnos escolas; (-) tinha menos escolas (-) agora {es}tão numa uma profusão assim principalmente de creches (-) [...] então nessas casas casas antigas v/ muitas viraram creche (-) de criancinhas de dois de: de: meses a:: a dois anos; e tinha esco::la d/ São Vicente a/ até meu filho estudo{u} lá (-) e:: ***uma*** duas três umas qua/ tinha umas quatro escolas (-) [...] (Iformante F64LJ)

No exemplo 28, o termo *uma* em destaque pertence à classe gramatical dos numerais, uma vez que tem função de quantificar de forma precisa e definida, indicando uma quantidade determinada. Logo, o termo grifado, neste exemplo, assume o papel de um quantificador definido, tratando-se, especificamente de um numeral cardinal.

> Exemplo 29
>
> EME: #00:01:30-0# eh a senhora se sente integrada ou deslocada aqui
>
> F79LV: #00:01:35-2# não; (--) so{u} integrada porque: eu vivo (-) com a minha vizinhança (-) se/ sei que a minha vizinhança me cu{o}nhece apesa{r} d{e} às vezes num fala{r} com ***um*** *e com o{u}tro* mas (-) pelo fato de vermos di/; diariamente quando fazemos compra (-) [...] (Informante F79LV)
> .

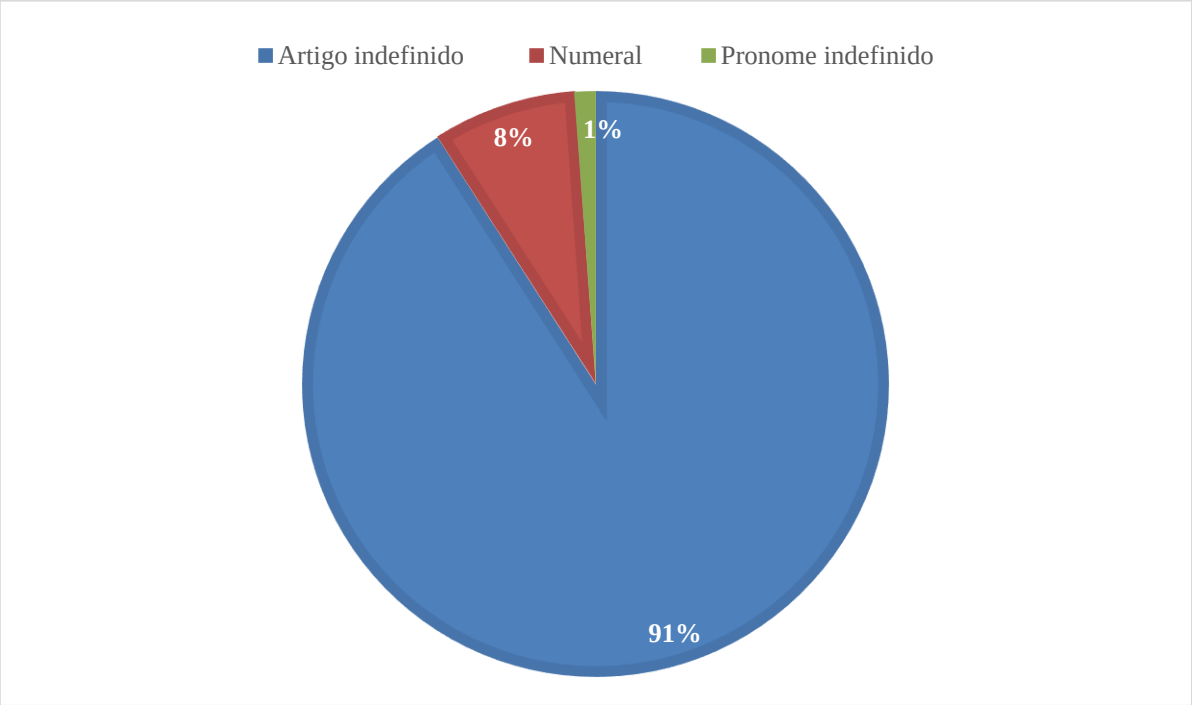
É importante notar que no exemplo 29, a palavra destacada trata-se de um pronome indefinido. Esta subclasse gramatical que pertence à classe dos pronomes é definida por seu traço semântico de quantidade imprecisa, podendo atribuir uma noção distributiva. Por isso, este exemplo é representativo do uso do *um* como pronome indefinido, e não como artigo indefinido, uma vez que exprime, nesse contexto, uma noção imprecisa e distributiva que é potencializada ao lado do pronome *outro*.

> Exemplo 30
>
> EFS: #00:04:01-2# noventa e oito anos
>
> M98VP: #00:04:04-1# todo mundo fica adimira:do aí (--) {a}inda agora me{s}mo em um cara lá que bota ***um*** encanamento lá (-) conversando e coisa (-) aí: dona Maria senhora que eu moro ali (--) tava conversando comigo e ( ) pelas minhas "pernas minha perna tá melho{r} tá desinchando de total e tem probrema não" (Informante M98VP).

No exemplo 30, a palavra destacada pertence à classe do artigo indefinido, visto que essa subclasse é delineada, fundamentalmente, pela função de determinante de um nome, podendo indefini-lo.

Por meio da diferenciação das funções gramaticais desempenhadas pelas formas *um* e *uma* no *corpus* dentro das 265 ocorrências válidas, verificamos 3 casos de pronome indefinido, 21 casos de numeral e 241 casos de artigo indefinido. Esses resultados são demonstrados no gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 – Classes de palavras das formas *um* e *uma* encontradas no *corpus* (265 ocorrências válidas)



Fonte: A autora, 2020.

Os resultados do levantamento de ocorrências sobre o objeto de estudo a partir do grupo de controle, portanto, foram importantes para a construção de uma percepção geral sobre os variados usos das formas *um* e *uma* em face do *corpus* estudado. Nesse sentido, essa observação preliminar de 300 casos do vocábulo *um* e *uma* com 265 ocorrências válidas, permitiu-nos compreender o desempenho do artigo indefinido e atestar a relevância da função anafórica dessa classe gramatical, o que nos possibilitou conjeturar as categorias de análise. Foram estas categorias que nos auxiliaram a sistematizar os efeitos de sentidos da escolha do artigo indefinido para a apresentação de expressão nominal anafórica na fala de idosos do Rio de Janeiro. São essas categorias de análise que serão detalhadas na seção seguinte.

4.4 **As categorias de análises propostas**

Para a análise do *corpus*, propomos três categorias de análise, baseando-nos nos procedimentos de investigação dos padrões linguísticos do uso anafórico do artigo indefinido realizado no programa *AntConc* e no proposto por Cunha Lima (cf. p. 43) para analisarmos as funções textuais-discursivas dos usos anafóricos do artigo indefinido. Para tanto, os critérios

estabelecidos para a análise são a) critérios linguísticos; b) critérios funcionais e c) critérios semântico-discursivos.

O primeiro critério compreende a dimensão linguística do fenômeno em estudo, uma vez que buscamos analisar os possíveis padrões linguísticos do entorno do artigo indefinido que viabilizam seus usos anafóricos. Por sua vez, os critérios funcionais e os semântico-discursivos dizem respeito à dimensão textual e discursiva dos usos anafóricos do artigo indefinido, já que buscamos analisar discursivamente o fenômeno investigado. O critério funcional baseia-se na forma de apresentação dos artigos indefinidos em função anafórica e o critério semântico-discurso se pauta tanto nos valores semânticos quanto discursivos desses empregos anafóricos. Nas subseções que seguem, são apresentadas as categorias de análise e suas subdivisões em seus respectivos critérios.

4.4.1 O critério linguístico

O critério linguístico diz respeito à investigação dos colocados mais comuns ao lado do artigo indefinido que favoreçam seu uso anafórico. Para essa investigação, o item *um* foi escolhido como representativ da classe do artigo indefinido dentro de suas 974 ocorrências no elenco das treze entrevistas que compõem o *corpus* desta pesquisa. A busca pelo padrão do uso fenômeno investigado torna-se possível pelas ferramentas *concordance* e *collocates*. Contudo, a busca por padrões linguísticos de um uso se torna fundada, quantitativamente, por meio do processamento de dados feito pela ferramenta *collocates* no *AntConc* que faz o levantamento dos colocados baseado em associações estatísticas com a palavra buscada, o *um*.

A procura dos colocados mais frequentes ao lado do *um* foi realizada por meio da janela 2:2 pela qual observamos a primeira e a segunda palavras mais frequentes colocadas à esquerda e à direita do item buscado. Dessa forma, foram produzidas duas listas de colocados, uma lista para o lado esquerdo e outra para o lado direito do *um*, nas quais observamos as cento e cinquenta primeiras palavras de cada uma delas (cf. p. 85). Essas listas nos permitem analisar a posição e as funções linguísticas das palavras mais comuns ao lado do *um* e perceber qual delas influencia o uso anafórico do artigo indefinido. Para isso, definimos as categorias de análise dos aspectos linguísticos à esquerda e à direita do artigo indefinido que serão detalhadas a seguir.

A) Aspectos linguísticos à esquerda do artigo indefinido: essa categoria visa à

análise dos colocados que mais coocorrem à esquerda de *um*. Isso nos possibilita averiguar quais as posições e as funções gramaticais dos colocados mais frequentes dispostos à esquerda do item *um* que influenciam seu uso anafórico. Logo, observamos cada palavra da lista de colocados à esquerda em seus respectivos contextos de ocorrência ao lado do *um* no *corpus*. A fim de representar essa categoria, apresentamos a observação da primeira palavra à esquerda de *um* na lista de colocados.

> Exemplo 31
>
> EFG: #00:38:12-3# a briga é lá
>
> F65SO: #00:38:13-3# a briga é lá afeta é óbvio que afeta (-) afeta não só São Conrado mas afeta o Rio de Jane{i}ro (-) né (-) mas é um bairro que as pessoas (--) um po{u}co de receio: num sei mas os moradores daqui acham que ***é um*** bairro (-) seguro que nós tamos aqui há muito tempo e todo mundo (-) [...] (Informante F65SO)

No exemplo 31, o verbo sublinhado *é* representa a categoria dos aspectos linguísticos à esquerda do artigo indefinido por ser uma das palavras e das classes mais frequentes na lista dos colocados à esquerda. O verbo *é* destacado à esquerda do artigo indefinido se posiciona como a primeira palavra à esquerda da palavra de busca, o *um*. Nesse contexto de ocorrência, o *um* junto de seu SN antecedidos pelo verbo *é* propicia o uso anafórico do artigo indefinido, uma vez que formam expressões predicativas, caracterizando um uso atributivo e referencial. Logo, a palavra *é*, observada pelo aspecto à esquerda do entorno linguístico do *um*, influenciou no uso anafórico do item buscado.

B) Aspectos linguísticos à direita do artigo indefinido: essa categoria compreende a análise dos colocados mais frequentes à direita do *um* na lista de colocados. Com isso, é possível observar as posições e as funções da palavra mais frequente à direita do *um*. Desse modo, torna-se possível verificar quais as posições e as funções gramaticais das palavras colocadas ao lado direito do *um* que favorecem seu uso anafórico. A seguir, apresentamos a segunda palavra à direita de *um* na lista de colocados em seu contexto.

> Exemplo 32
>
> EMB: #00:26:13-4# Quando você entrou para a escola mesmo no bairro de Copacabana
>
> M70B: #00:26:19-5# [...] este exame de admissão ele era coordenado ele era supervisi:onado pelo governo feDEral você não podia fazer isso em qualquer lu:gar (-) quer dizer em esco:las especi:ficas {es}tá e se voCÊ não paSSAsse nesse exame de admissão/ era ***um*** *exame* ***de*** admissão ao ginasial (--) se não passasse ((palmas)) nesse exame (-) você não passava p{a}r{a}o ginasial [...] (Informante M70B)

No exemplo 32, o termo sublinhado *de* se classifica na categoria dos aspectos linguísticos à direita do *um*, pois esse termo encontra-se à direita dele como a segunda palavra à direita do item de busca. O termo sublinhado é uma preposição cuja função, nesse contexto,

é complementar, delimitar o significado de um nome. Desse modo, essa preposição que compõe um complemento nominal não propicia o uso anafórico de *um*.

4.4.2 O critério funcional

O critério funcional é pautado nas funções anafóricas do artigo indefinido, ou seja, os tipos de relações anafóricas que são estabelecidas entre o antecedente e a anáfora conforme estabeleceu Cunha Lima (2004). Assim, os usos anafóricos do artigo indefinido podem ser pelas anáforas correferenciais co-significativas, recategorizadoras, encapsuladoras, nominalizadoras, parciais e indiretas. Tendo em vista esse critério e as particularidades do *corpus* desta pesquisa, no entanto, voltamo-nos para como se apresentam os usos anafóricos do artigo indefinido, ou seja, suas formas de apresentação. Para tanto, foi definida uma categoria, visando a analisar as formas de apresentação anafórica do artigo indefinido que inclui duas subcategorias que a completa. A seguir, são apresentadas essa categoria e suas subdivisões.

C) Formas de apresentação anafórica do artigo indefinido: todo tipo de anáfora sejam recategorizadoras, encapsuladoras, nominalizadoras, correferenciais co-significativas, sejam parciais e indiretas se estabelecem no e pelo cotexto. Nele, percebemos que, a depender do tipo de relação entre a anáfora e seu antecedente, há duas formas de apresentação linguística do artigo indefinido para retomada de seu antecedente. Portanto, temos duas subdivisões dessa categoria que são consideradas a seguir.

C1) por manutenção da expressão nominal: tendo em vista que o artigo indefinido é um termo adjunto ao nome, seria impreterível que este termo compusesse um sintagma nominal. Contrariamente, as anáforas parciais viabilizadas pelo artigo indefinido podem retomar parte do conjunto do referente sem apresentar um SN. Neste caso, o artigo indefinido sozinho possibilita a depreensão de parte do conjunto que o referente retomado pertence sem modificá-lo, apenas desestabilizando o conjunto do qual faz parte, extraindo uma parte dele. Logo, o artigo indefinido é um mantenedor por si só da expressão nominal. Para ilustrar tal emprego, utilizamos um trecho de fala da entrevista 7 com a informante F64LJ.

> Exemplo 33
>
> EFGR: #00:15:04-6# e você sai aqui na rua pra fazer um lanche tomar um [suco?]
>
> F64LJ: #00:15:08-6# [...] Aqui no no no bairro tem uma coisa de truck sabe? *os trucks* que ve::ndem sopa; tem um ali na frente que a gente compra sopa uma sopa deliciosa (--) tem ***um*** aqui na/ em frende às casas casadas que o meu filho tem um/

um truck (-) de hambúrguer [...] (Informante F64LJ)

No exemplo 33, o termo grifado *um* trata-se de uma anáfora parcial cuja apresentação ocorre apenas pelo artigo indefinido sem o acompanhamento de um SN, ou seja, a expressão nominal. Por isso, podemos classificar essa forma de apresentação da anáfora na subcategoria por manutenção da expressão nominal indefinida. Esse tipo de apresentação da anáfora parcial no exemplo dado permite que o conjunto do objeto de discurso, *os trucks*, seja retomado em parte pelo *um*. A escolha da forma de apresentação da anáfora parcial apenas por meio do item *um* destaca um elemento dentro da expressão nominal antecedente, o objeto de discurso *trucks* sem a necessidade de repeti-lo. Essa estratégia de retomada pode ser entendida, portanto, como um recurso de economia linguística que traz agilidade à fala por meio da elisão da expressão nominal *truck*, facilmente recuperada e compreendida como sendo um conjunto do qual *um* faz parte.

C2) por introdução da expressão nominal: esta subcategoria parte da compreensão de que há a realização da anáfora viabilizada pelo artigo indefinido, necessariamente, com a presença da expressão nominal posposta ao artigo indefinido. Esta estrutura de apresentação do referente diz respeito a como se dispõe linguisticamente a maioria dos casos de anáforas, o que pode ser percebido na realização das anáforas com retomada total, tais como a anáfora correrefencial co-significativa, que retoma o antecedente com termos sinônimos ou quase sinônimos, e a anáfora recategorizadora, cuja função é agregar informações e atributos ao termo antecedente.

Além disso, o artigo indefinido introduz sempre os casos da anáfora com retomada parcial e sem retomada.Tais casos abrangem a anáfora encapsuladora, que rotula uma porção textual antecedente, a anáfora nominalizadora, um tipo de rotulação fundada no verbo antecedente, e, por fim, a anáfora indireta, uma anáfora implícita cuja realização é dada mediante um referente novo ancorado por associação a um termo antecedente. Desse modo, a forma de apresentação anafórica do artigo indefinido por introdução de uma expressão nominal referencial pode ser demonstrada nos exemplos que seguem.

Exemplo 34

EME: #00:27:07-0# e essas comunidades que existem aqui no entorno elas já existiam quando a senhora se mudou pra cá

F68LV: #00:27:15-5# sim: sempre existiu eram meno:res houve houve ((inspiração)) *um crescimento muito grande porque* (-) ((inspiração)) é: pessoas de outros estados vieram pra cá: pro Rio de Jane{i}ro e por falta de moradia eles foram se ((inspiração)) se acomodando nas favelas na comunidade ( ) houve ***um*** *aumento muito grande* sempre existiu mas era muito menor (Informante F68LV)

No exemplo 34, a expressão anafórica grifada introduzida pelo artigo indefinido *um*

aumento muito grande retoma a expressão nominal de similar estrutura *um crescimento muito grande* por meio de um termo de sentido equivalente, um sinônimo a *aumento*, a palavra *crescimento*. A sinonímia entre a expressão antecedente e a expressão anafórica caracteriza a anáfora correferencial co-significativa. Por isso, a constituição da anáfora correferencial co-significativa representa a subcategoria das formas de apresentação do artigo indefinido anafórico por introdução da expressão nominal, já que sua forma de apresentação linguística precisa da presença de um item lexical sinônimo ao da expressão antecedente precedido pelo artigo indefinido.

> Exemplo 35
> EMB: #00:04:02-3# como foi a composição da população do bairro
>
> M70B: #00:04:12-2# ComPOSIção da população do BAIRRO? (2.3) *COPAcabana*(--) bom:: vamos lá *Copacaba:na* (-) éh:: era(-) é um bai:rro comparativamente recente na: na histó::ria do Rio de Janeiro(-)por:que:: era ***um::*** *areal* ***uma*** *pra:ia muito grande de acesso mui::to difícil por terra* [...] (Informante M70B)

No exemplo 35, as expressões destacadas *um areal* e *uma praia de acesso muito difícil por terra* tratam-se de anáforas recategorizadoras, pois modificam o referente retomado *Copacabana*, somando a ele informações que contribuem com sua (re)construção. Essas informações só podem ser linguisticamente manifestadas com a presença de um SN que carrega a significação extralinguística para que sejam trazidos os atributos ao termo *Copacabana* de modo a caracterizá-lo. Então, essas duas anáforas recategorizadoras podem representar as formas de apresentação do artigo indefinido anafórico por introdução da expressão nominal.

> Exemplo 36
>
> EFG: #00:02:46-6# [e onde] que o senhor foi morar no Rio de Janeiro
>
> M67ST: #00:17:51-3# [...] aí eu fui trabalha{r} com: venda de papel que eu te falei (--) bobina de papel (--) mas a minha pris/ prime{i}ra experiência chegando ao Rio de Jane{i}ro foi ótima por isso <que eu tava sem um centavo> ((sorrindo)) eu cheguei (-) num tinha dinhe{i}ro pra toma{r} um cafezinho e já consegui um trabalho (-) foi; foi muito bom foi uma boa *(-)* ***uma*** *boa saída aquela* (--) eh é isso [...] (Informante M67ST)

No exemplo 36, a subcategoria da forma de apresentação do artigo indefinido anafórico por introdução da expressão nominal se aplica ao termo grifado, a expressão referencial ***uma*** *boa saída aquela*, por se tratar de uma anáfora encapsuladora. Esta anáfora que tem como função rotular uma parte textual antecedente, e não apenas uma expressão nominal antecedente, só pode trazer o rótulo junto a uma expressão nominal.

> Exemplo 37
>
> EFS: #00:28:07-5# certo eh é isso que a senhora percebe né e nos estudos a senhora acha que antigamente o acesso à educação era mais fácil do que hoje em dia
> F66ER: #00:28:18-9# o acesso à educação era mais fácil; o: (-) o ensino era era mais

> completo mais eficiente; eh; (--) eu acho que a (-) que a questão de ensino *avanço{u}* no sentido da de inclusão (--) no sentido da inclusão houve ***um*** *avanço* muito grande agora no ensino em si houve um retrocesso (-) atroz (--) [...] (Informante F66ER)

A expressão grifada no exemplo 37 representa a subcategoria do uso anafórico do artigo indefinido pela introdução da expressão nominal, uma vez que o termo grifado, a expressão nominal indefinida *um avanço grande*, retoma o acontecimento trazido pelo verbo antecedente *avançou*. Essa retomada, sendo um caso de anáfora nominalizadora, apenas ocorre se um verbo for nominalizado, logo, exige a presença de um nome, uma expressão nominal.

> Exemplo 38
> M68F: #00:27:06-7# olha aqui por exemplo aqui perto (-) tem::: *dois botequins* (--) tem *um* aqui na na::; (--) na Tirol com com::; (--) Comandante Rubem Silva tem ***um*** *botequim ali*; (-) e tem o outro: aqui na Tirol próximo indo pra Freguesia; (Informante M68F)

No exemplo 38, podemos observar, a partir do termo sublinhado, uma anáfora parcial viabilizada pelo artigo indefinido junto a uma expressão nominal, o que enquadra essa anáfora na subcategoria da apresentação do artigo indefinido anafórico pela introdução da expressão nominal. Nesse exemplo, a anáfora parcial estabelece uma relação de retomada parcial do antecedente *dois botequins* mediante a apresentação do artigo com o SN *botequim* do termo antecedente. Diferentemente do que ocorre com a primeira retomada parcial ao referente *dois botequins* por meio do item *um*, pois a anáfora parcial realizada dessa forma representa a subcategoria da forma de apresentação do artigo indefinido anafórico por manutenção da expressão nominal, ou seja, com o apagamento do SN.

> Exemplo 39
> EME: #00:32:39-3# mas a senhora gosta de fazer algum tipo de *lanche* na rua
> F79LV: #00:32:42-8# ah: sim de vez em quando dependendo do horário eu faço um ti/; um *um lanchezinho* f/ sim às vez{es} eu gosto de toma{r} isso; quando é de TARde de maNHÃ é ***um*** *saiduicheZInho* *um pastelzinho com refresco* mas à TARde se eu {es}tive{r} na Cidade eu gosto de toma{r} ***um*** *café com leite* (-) com: ***um*** *paozinho: diferente do que a gente costuma toma{r} todo dia* (4.0) (Informante F79LV)

No exemplo 39, os termos destacados estabelecem uma relação indireta com seus antecedentes, isto é, são anáforas indiretas que, necessariamente, se manifestam linguisticamente por SN, itens lexicais que estejam associados a um termo antecedente de forma implícita. Assim, as expressões grifadas *um saiduicheZInho, um café com leite* e *um pãozinho, diferente do que a gente costuma toma{r} todo dia* são referentes novos atrelados ao referente *um lanchezinho* por meio das relações feitas com significado lexical do termo antecedente.

4.4.3 O critério semântico-discursivo

O critério semântico-discursivo, postulado por Cunha Lima (2004) como critério formal, diz respeito ao valor semântico e discursivo atinentes ao tipo de relação anafórica que o artigo indefinido estabelece com seu antecedente. Tal critério pode ser dividido em duas categorias: as categorias do uso meronímico e do uso da tematização-remática, percebida a partir de três subcategorias. A seguir, cada uma delas é exemplificada.

D) Uso meronímico: compreendemos que o uso meronímico do artigo indefinido em função anafórica ocorre quando este artigo expressa uma relação parte-todo. Anáforas com essa carga semântico-discursiva são as anáforas parciais, cuja relação anafórica se dá mediante a retomada parcial do referente, e as anáforas indiretas, que não retomam explicitamente o antecedente, mas mantêm uma associação com ele. Para representar esses valores semântico- discursivos dessas anáforas viabilizadas pelo artigo indefinido, trazemos as exemplificações seguintes.

> Exemplo 40
>
> EFGR: #00:35:27-3# eh a senhora frequenta a feira a feira
>
> F77PS: #00:35:30-2# a fe{i}ra a fe{i}ra eu frequento mas a daqui que tem ***uma*** *aqui* bem em frente a nossa rua (--) essa rua daqui de frente do prédio (Informante F77PS)

No exemplo 40, a categoria do uso meronímico pode ser representada pela anáfora parcial expressa por meio do termo sublinhado *uma* devido ao fato de retomar parte do conjunto do termo apresentado pela expressão nominal antecedente *a feira*. Então, o artigo indefinido *uma* por retomar parcialmente o antecedente com a elisão de seu sintagma nominal *a feira* tem um valor semântico-discursivo de parte-todo, ou seja, meronímico.

> Exemplo 41
> EFGR: #00:07:33-7# e porque que os seus pais saíram de lá na época?
> F64LJ: #00:07:36-3# [...] meu pai fico{u} morando em Nazaré que ele era gerente da Caixa Econômica (-) e nós todos fomos pra Salvado{r} (-) fomos mora{r} em *uma pensão* (--) ***um*** *bairro chamado Saú:de NO:SSA* foi uma lo/ um trauma uma lo{u}cura porque ne/ em Nazaré a gente morava em uma casa:: gran::de com quintal:: [...] (Informante F64LJ)

Já o uso meronímico pode ser visto, no exemplo 41, na expressão em destaque *um bairro chamado Saú:de NO:SSA*, como um caso de anáfora indireta, pois é um referente novo no texto, mas que se associa ao referente anterior *uma pensão.* Tal associação dá-se por meio de uma noção de parte pelo todo, uma vez que, em um nível de implicitude mais profundo no qual o referente *pensão* está atrelado, a anáfora indireta em questão, a expressão *bairro*, permite a relação de continente com o termo que o antecede, *uma pensão*. Sendo assim, esse objeto de

discurso *bairro* é um item lexical que, possivelmente, implica no conhecimento sociocultural de que estabelecimentos comerciais como *uma pensão* estão inseridos espacialmente em cidades e que estas cidades são formadas por bairros. Com isso, justifica-se a classificação do valor semântico-discursivo da anáfora indireta *um bairro chamado Saú:de NO:SSA* como uso meronímico.

E) Uso da tematização-remática: diferente da noção meronímica de parte-todo na qual o termo anafórico estabelece uma noção de parte do conjunto do objeto de discurso que o antecede, a categoria do uso por tematização-remática é entendida pelo valor semântico-discursivo recategorizador das anáforas que somam informações ao referente, atribuindo a ele qualidades, características. Essa categoria de valor semântico-discursivo pode ser demonstrada pelos empregos dos tipos de anáfora correferencial co-significativa, recategorizadora, encapsuladora e nominalizadora, conforme constatou Cunha Lima (2004). Contudo, esses usos da tematização-remática podem ser somados aos três subtipos mostrados a seguir.

E1) por reiteração do artigo indefinido na expressão nominal: compreendemos que muitos usos de anáforas correferenciais co-significativas são apenas repetições, reiterações. Esse valor semântico-discursivo desse emprego anafórico pode não acrescentar informação ou atributo algum ao referente introduzido, consolidando-se como um reforço ao que foi dito. Isso, então, vem refutar a assertiva de Cunha Lima (2004) de que a anáfora correferencial co-significativa é um caso de tematização-remática apenas.

Exemplo 42

F68LV: #00:16:24-7# ah num houve *um acréscimo* sim de algumas escolas particulares (-) eh: MAs não MUIta mas houve um ***<u>um</u>*** *<u>acréscimo</u>* inclusive aqui do lado da minha casa ((inspiração)) tem uma escola particular mas é só um ensino infantil (--) escola assim superior não (2.2) (-)((ruídos)) (Informante F68LV)

No exemplo 42, é possível perceber que a expressão grifada *um acréscimo* que retoma a expressão antecedente *um acréscimo* representa a subcategoria do uso da tematização-remática por reiteração do artigo indefinido. Isso ocorre porque essa anáfora do tipo correferencial co-significativa, apenas, repete o termo antecedente sem provocar modificações ao referente.

E2) uso do artigo indefinido na expressão nominal por comparação: nos casos em que ocorrem as anáforas recategorizadoras e encapsuladoras, notamos que, em algumas delas, o emprego ocorre para efeitos de comparação. Essa comparação é dada de forma mais objetiva para a descrição não somente dos objetos do discurso, mas também dos fatos trazidos. Isso pode implicar em uma força argumentativa maior, uma vez que as qualificações, especificações da anáfora se pautam em uma comparação explícita na qual há um mapeamento

entre duas ideias, conceitos no intuito de obter êxito no projeto de dizer.

> Exemplo 43
>
> F64LJ: #00:32:28-2# [...] eu gosto muito muito de teatro e VO{u} sempre EFGR:
>
> #00:32:57-9# faz parte da sua vida
>
> F64LJ: #00:32:59-0# faz parte da minha vida (--) é ***um*** *alimento* pra mim sabe (--) gosto muito de teatro (Informante F64LJ)

No exemplo 43, a subcategoria do uso por tematização-remática por comparação pode ser conferida na expressão destacada *um alimento*, uma anáfora recategorizadora que remete ao termo *teatro*, recategorizando-o por meio de predicação. Nessa recategorização, o valor semântico-discursivo da tematização-remática não apenas traz mais um atributo ao referente *teatro*, como também confere a comparação do termo retomado como algo tão necessário a ponto de ser comparado a *um alimento*, o que permite a manutenção da vida, uma necessidade fisiológica.

E3) pelo valor do artigo indefinido na introdução de uma expressão nominal: a representação do emprego dessa categoria engloba as anáforas correferenciais co-significativas, recategorizadoras, encapsuladoras e nominalizadoras. Essas anáforas, quando são realizadas pela introdução do artigo indefinido no sintagma nominal, realizam a operação de extração de um membro de determinado conjunto, isto é, a construção de um conjunto não-unitário, permitindo que o membro, o referente possa ser identificável, de acordo com o que Cunha Lima (2004) expôs. Tomemos, a seguir, um caso de anáfora encapsuladora e correferencial co-significativa a fim de observarmos a noção de conjunto não unitário presentes no uso do artigo indefinido anafórico na apresentação do referente.

> Exemplo 44
>
> EFG: #00:02:46-6# [e onde] que o senhor foi morar no Rio de Janeiro
>
> M67ST: #00:17:51-3# [...] aí eu fui trabalha{r} com: venda de papel que eu te falei (--) bobina de papel (--) mas a minha pris/ prime{i}ra experiência chegando ao Rio de Jane{i}ro foi ótima por isso <que eu tava sem um centavo> ((sorrindo)) eu cheguei (-) num tinha dinhe{i}ro pra toma{r} um cafezinho e já consegui um trabalho (-) foi; foi muito bom foi uma boa (-) ***uma*** *boa saída aquela* (--) eh é isso [...] (Informante M67ST)

A subcategoria do uso da tematização-remática pelo valor da introdução do artigo indefinido pode ser demonstrada pela expressão grifada *uma boa saída aquela* no exemplo 44. Essa expressão é um rótulo dado à parte textual anterior à anáfora que trata da chegada do informante na cidade do Rio de Janeiro em época de carnaval. Em sua chegada, o informante conta que, como não tinha dinheiro para comprar um café sequer, arrumou, no mesmo dia da chegada na cidade, um trabalho em uma barraca de cachorro-quente. Esse acontecimento de

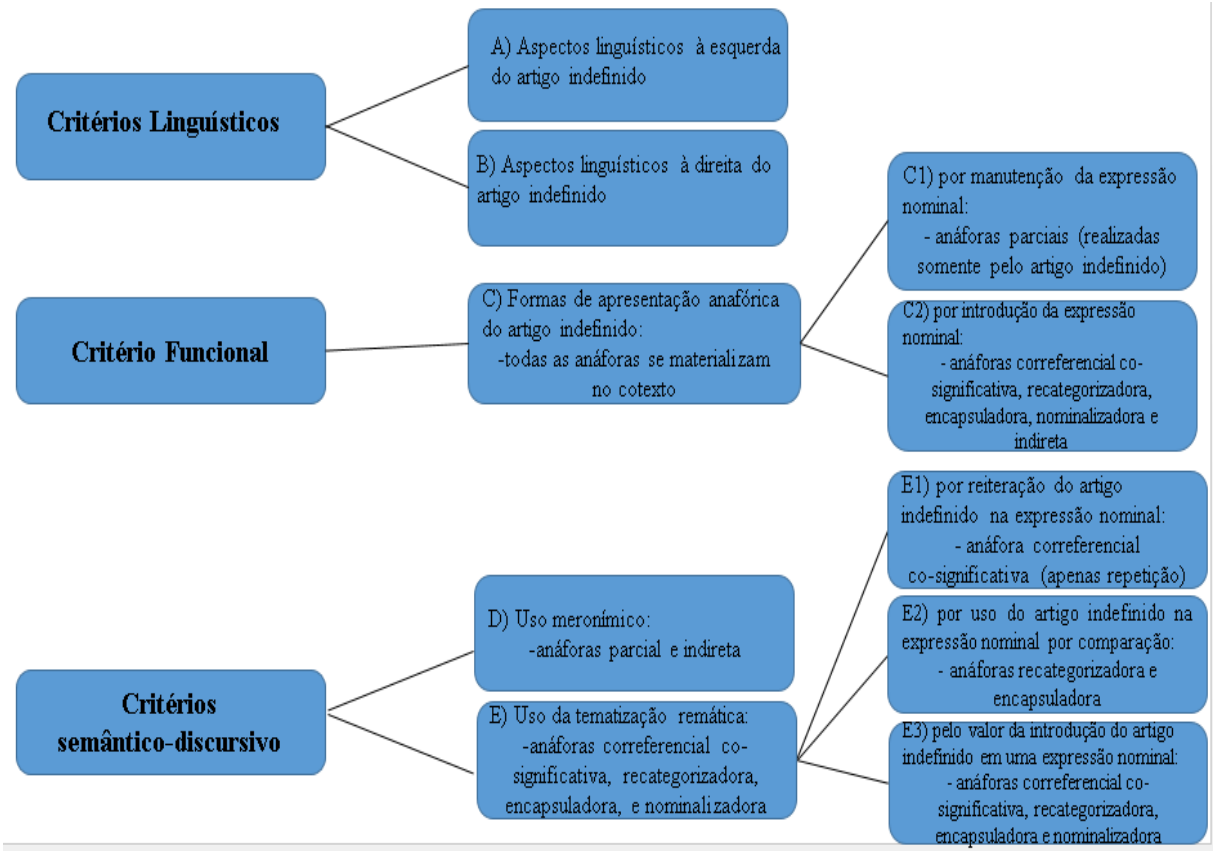
conseguir um trabalho no primeiro dia de sua chegada na cidade carioca é encapsulado e rotulado pela expressão nominal indefinida *uma boa saída aquela* que, ao mesmo tempo que qualifica a porção textual anterior, a introduz em um conjunto não unitário de "boas saídas aquela", tornando-se um tipo de uma boa saída.

> Exemplo 45
> EFGR: #00:27:04-1# sim
> F64BT: #00:27:04-2# entendeu? então tinha todo *um ritual* você entrava numa lotação que na época era ônibus e lotação: a: geralmente o:: ho:mem dava lugar para a mulher ele levanTAva e dava o lugar para a mulhe:r tinha toda ***uma*** *educação* toda uma educação que fo:i se esquece::ndo no meio do caminho mas era (Informante F64BT)

No exemplo 45, a anáfora correferencial co-significativa manifestada pela expressão nominal sublinhada *uma educação* pertence à subcategoria do uso da tematização-remática pelo valor da introdução do artigo indefinido na expressão nominal, porque a anáfora do termo antecedente acrescenta informação sobre o antecedente *um ritual*. Nesse contexto, a anáfora *uma educação* pode ser entendida como sinônima de *um ritual*, já que estão sendo empregadas com a noção de hábito que, com a introdução do artigo indefinido na expressão nominal, ganha a noção de um tipo de hábito dentro do conjunto *um ritual*. Vale considerar que a anáfora correferencial co-significativa é entendida por Cavalcante (2003) como não sendo passível de agregar informação ao referente por se realizar com termos sinônimos ou quase sinônimos, porém entendemos, assim como Cunha Lima (2004), que pode haver o uso por tematização-remática da anáfora correferencial co-significativa, mas não apenas este uso.

Podem-se visualizar as categorias propostas para análise do *corpus* no esquema a seguir.

Figura 3 - Esquema das categorias de análise



Fonte: A autora, 2020.

Pela sistematização das categorias e subcategorias propostas para a análise do uso anafórico do artigo indefinido, com seus respectivos exemplos extraídos do *corpus*, nos instrumentalizamos para a análise propriamente dita do objeto de estudo. Na análise do *corpus*, apresentada no capítulo seguinte, empreendemos a aplicação dessas categorias nas ocorrências de nosso objeto de estudo no *corpus* da pesquisa, demonstrando o quão relevantes são tais categorias para a compreensão do fenômeno investigado.

5 ANÁLISE DE *CORPUS*

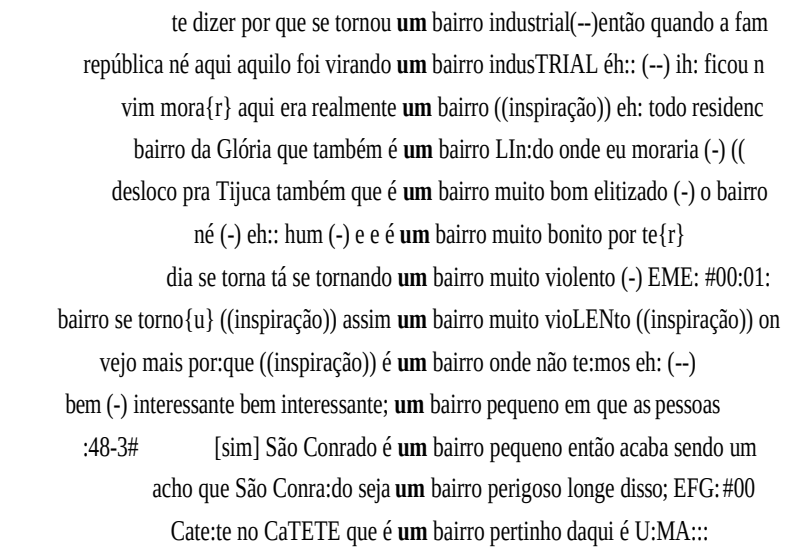
Neste capítulo, propomo-nos a apresentar a análise do *corpus* que se desdobra em duas dimensões: os aspectos linguísticos e os aspectos textuais-discursivos. Para a organização da apresentação, é dedicada uma seção para cada um dos planos de análise, a saber: a análise dos aspectos linguísticos se consolida na investigação de padrões de palavras que ocorrem no entorno dos usos do artigo indefinido, especificamente, de seu uso anafórico recorrendo às informações geradas pelo *AntConc* que são vistas a partir das categorias linguísticas. Em nível textual-discursivo, por sua vez, propõe-se a análise do fenômeno em relação aos usos do artigo indefinido anafórico e seus efeitos de sentido no jogo discursivo por meio da observação de cada uma de suas ocorrências à luz das categorias de análises funcionais e semântico-discursivas.

5.1 **O artigo indefinido: aspectos linguísticos**

A investigação dos aspectos linguísticos do uso anafórico do artigo indefinido compreende a análise de padrões de colocação de palavras nos entornos linguísticos desse uso por meio das categorias linguísticas dos aspectos à esquerda e à direita do artigo indefinido (cf. p. 90). Segundo o exposto no capítulo anterior (p. 85), a busca por padrões linguísticos envolve procedimentos específicos para a observação dessas regularidades de palavras, ou seja, dos colocados ao lado do item buscado, o *um*, a fim de observarmos os padrões que influenciem no uso anafórico desse artigo. Isso foi possível graças à ferramenta computacional *AntConc* pelos recursos *wordlist*, *concordance* e *collocates* cujos procedimentos de uso foram detalhados à página 82.

A primeira lista analisada é a lista de concordâncias gerada pelo recurso *concordance*, realizada mediante uma listagem que nos permite ver o item de busca, o *um*, de maneira centralizada nas frases das falas dos informantes. Apresentamos, a seguir, uma parte dessa lista gerada no programa *AntConc*.

Figura 4 - Lista de concordâncias



Fonte: informações coletadas pela autora na ferramenta *AntConc*, 2020.

Mediante a lista de concordâncias, já temos indícios de que o item *um,* além do esperado de ocorrer próximo de um SN, também ocorre, frequentemente, ao lado de verbos. Analisando esses SNs da lista de concordâncias, vemos que é comum a repetição de *bairro* que pode ser referente ao assunto tratado nas entrevistas. Em relação aos verbos da lista de concordâncias, percebemos que as formas verbais *é, era, eram* que antecedem o *um* se tratam de verbos de ligação.

De acordo com essas informações e, em conformidade com o pressuposto do qual partilhamos, esses verbos de ligação influenciam na função textual-discursiva anafórica do item *um*, já que se ligam a expressões predicativas que instauram o uso anafórico, pois cumprem com a função de retomar. Essa função anafórica proporciona a transformação de referentes, recategorizando-os, conferindo-lhes atributos e informações que vão especificando e delimitando a entidade referida no discurso.

Desse modo, o artigo indefinido, em co(n)textos de predicação, recebe função anafórica, pois retoma o referente agregando a ele atributos, informações que o transforma e o especifica. Nesse sentido, já é possível evidenciar o contrário do que postulam as gramáticas sobre a função textual-discursiva do *um* ser somente de introdutor de referente, já que, semanticamente, introduz apenas informação nova, marcando desconhecimento. Logo, o artigo indefinido cumpre, discursivamente, a função de introduzir referente e de (re)construí-lo, ou seja, retomá-lo.

Por sua vez, a análise das listas de colocados, processada pela ferramenta *collocates*, ganha destaque nos procedimentos de busca pelo padrão linguístico no entorno do *um* por causa

de sua natureza quantitativa para geração dessas listas. Esse procedimento permite verificar, de modo mais concreto, a apreensão visual e mais geral dos entornos linguísticos do *um* dada pela lista de concordâncias. Por isso, para obter os padrões linguísticos do *um*, recorremos à observação dos dados à luz das categorias linguísticas de análise pautadas na posição dos colocados mais frequentes à esquerda e à direita do co(n)texto em que o *um* está. Com isso, objetivamos averiguar os padrões de uso que lhe conferem função anafórica pela observação dos cento e cinquenta primeiros colocados de cada lado em uma janela 2:2 (cf. p. 85)

5.1.1 O entorno linguístico à esquerda do artigo indefinido

Conforme exposto no capítulo anterior (cf. p. 85), tivemos um total de 125 colocados válidos à esquerda do item de busca *um* por meio da lista gerada pelo programa *AntConc*. A seguir, no quadro 3, apresentamos a lista gerada dos colocados à esquerda.

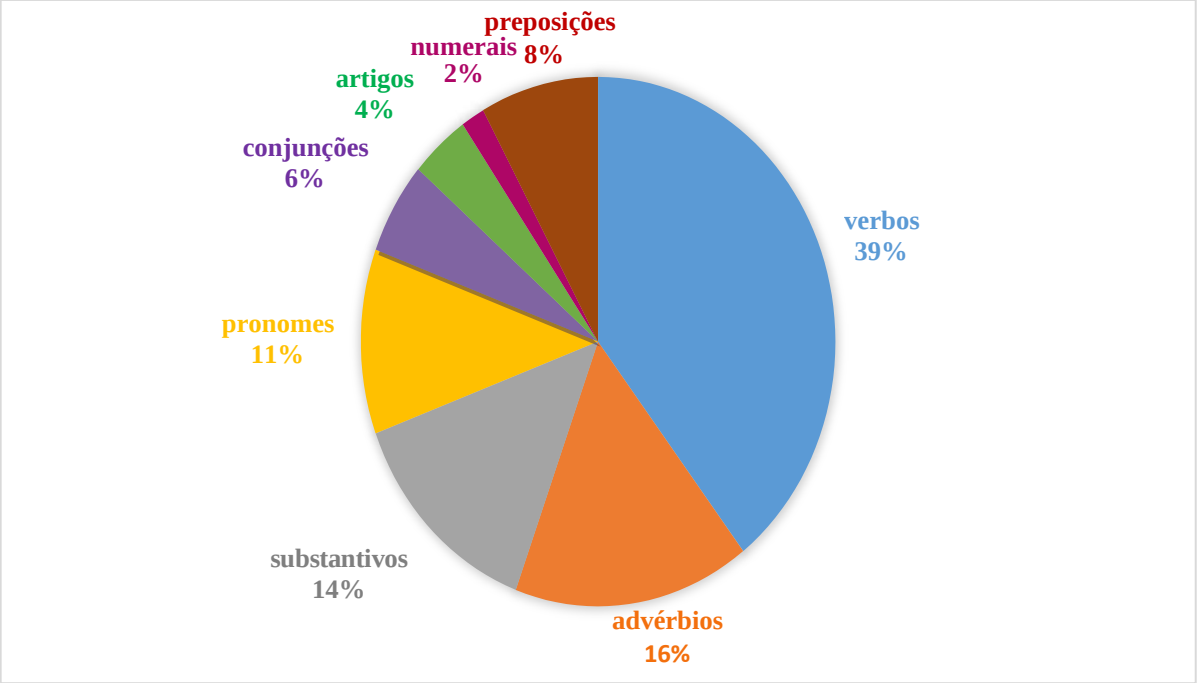
Quadro 3 – Lista de colocados à esquerda do *um*

Palavras colocadas à esquerda do *um* por ordem de frequência
é, tem, era, e, tinha, que, de, eu, foi, com, não, uma, mais, mas, lá, aqui, assim, a, tenho, pra, houve, você, o, então, ter, se, ou, num, cada, aí, porque, já, agora, tomar, temos, sempre, teve, ser, na, mesmo, faze, em, vinte, também, senhor, quando, por, podia, hoje, gente, fazer, falando, eram, ele, da, toma, todo, te, só, sendo, praia, pegava, pega, para, nós, fiz, existe, eles, casa, as, ali, época, tão, tenha, são, so, sai, quarenta, pouco, pegar, onde, nunca, nem, muito, me, isso, fez, fazia, exemplo, está, do, carnaval, cara, bota, até, vê, viro{u}, vida, vendo, ve, vai, usar, usa, tá, trilho, trabalho, tomo, tipo, ti, teresa, tava, talvez, sino, sim, sabe, rua, repente, realmente, preço, pode, pessoas, pego, passava, passada, parte, olha

Fonte: A autora, 2020.

A partir dessa lista dos 125 colocados válidos à esquerda do *um* e da observação de cada uma dessas palavras em seus contextos de origem, fizemos uma análise abrangente da função dos colocados nessa posição específica à esquerda. Isso nos viabilizou obter os seguintes resultados: 49 verbos, 20 advérbios, 17 substantivos, 14 pronomes, 10 preposições, 7 conjunções, 5 artigos e 2 numerais. Tais resultados geraram as informações apresentadas no gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 - As classes de palavras dos 125 colocados à esquerda (em 1L e 2L)



Fonte: A autora, 2020.

Considerando os percentuais obtidos para cada classe de palavras, detivemos a atenção nas duas classes gramaticais que predominam ao lado esquerdo do *um*, o verbo e o advérbio. Analisando cada caso em seu contexto de origem, observamos os verbos e os advérbios presentes no quadro 3 a partir da primeira palavra à esquerda (1L) e a partir da segunda palavra à esquerda (2L) em relação à palavra de busca *um*, lembrando que nossa delimitação foi de uma janela 2:2.[12]

Desse modo, conforme a própria lista de concordâncias nos deu indícios, o verbo é, de fato, a classe gramatical que predomina à esquerda do *um*, equivalendo a 39% dos casos com 49 ocorrências dentro de 125 colocados válidos. Essa tendência pode ser observada nos exemplos seguintes.

Exemplo 46

EFGR: 00:16:05-5# há o contraste né
F65BT: #00:16:06-6# é ***tem um*** contraste (Informante FBT65)

Exemplo 47

[...] se usava l/ largamente eh: gás lacrimogênio ***era um*** horror a (-) se usava l/ largamente eh: gás lacrimogênio era um horror (--) então o; (--) quando você se via (Informante F66ER)

Conforme os exemplos 46 e 47, vemos os verbos sublinhados muito próximos do item

[12] Conforme exposto no capítulo da metodologia deste trabalho (cf. p. 85), a janela 2:2 diz respeito à primeira palavra e à segunda palavra do lado observado, ou seja, à direita ou à esquerda do item pesquisado.

de busca. Essa proximidade aponta que, em grande parte, o artigo indefinido assume, sintaticamente, o papel de objeto, complemento dos verbos. Isso nos dá evidências de que o verbo tende a anteceder o determinante junto de seu SN, compondo um argumento do verbo, isto é, seu complemento na língua portuguesa. Portanto, torna-se válido analisar cada um dos verbos presentes no quadro 3 que coocorrem à esquerda do item buscado. Vejamos cada um desses verbos no quadro a seguir.

Quadro 4 - Verbos à esquerda do *um*

Verbos à esquerda do *um* por ordem de frequência
é, tem, era, tinha, foi, tenho, houve, ter, tomar, temos teve, ser, faze{r}, podia, fazer, falando, eram, toma{r}, te, sendo pegava, pega, fiz, existe, tão, tenha, são, sai, pegar, está, bota, viro{u}, vendo, ve, vai, usar, usa, tá, tomo, tava, sabe, pode, pego, passava, passada, olha

Fonte: A autora, 2020.

Guiando-nos pelo o que analisamos na lista de concordâncias, olhamos o colocado mais frequente entre os verbos no quadro 4, o verbo *é*. Esse verbo conta com 163 coocorrências à esquerda de *um* e, a princípio, pode ser considerado um verbo de ligação. Tais coocorrências do verbo *é* são encontradas, majoritariamente, como a primeira palavra à esquerda de *um*, ou seja, em 1L, tratando-se, de fato, de ocorrências de verbo de ligação. Essas circunstâncias linguísticas recorrentes conferem a função anafórica do *um* junto de seu SN, formando expressões predicativas, expressões referenciais. Para ilustrarmos essas circunstâncias, seguem os exemplos.

Exemplo 48

F65SO: #00:04:05-7# [eu] acho que o bairro (-) São Conrado tem três faixas socioeconômicas diferente{s} (-) o pessoal da Rocinha que é uma classe baixa (-) tem a minha classe que é a classe média e tem a classe alta que é: composta de políticos artistas que moram na região da praia (-) então ***é um*** *bairro bem heterogêneo com classes sociais bem distintas* (--) (Informante F65SO)

Exemplo 49

F79LV: #00:20:05-1# minha ca:sa (-) eu gosto muito da minha casa (-) ela é grande (-) confortável (-) ***é um:*** *apartamento tipo casa moro no térreo* (-) e:: (-) tem vários cômodos que me: que dão bem pra: para minha família eu tenho dois filhos (-) cada um teve seu quaRto (--) [...] (Informante F79LV)

Nos exemplos 48 e 49, encontram-se ocorrências do verbo *ser* no presente do indicativo na 3ª pessoa do singular, o verbo *é*, figurando como a primeira palavra à esquerda de nosso item de busca. Esse verbo destacado exerce função predicativa de verbo de ligação, já que é um elo para dar atributos ao sujeito pelas expressões predicativas compostas com o artigo indefinido *um* nos exemplos. Então, esses usos atributivos caracterizam retomadas a um referente que,

sintaticamente, é o sujeito. Portanto, as ocorrências dessas circunstâncias linguísticas de *é + um* propiciam o uso anafórico do item de busca, o *um.*

Nessa linha de investigação, observamos os outros verbos encontrados que aparentam ser verbos de ligação no quadro 4, tais como, *era, foi, eram, ser, sendo, são, viro{u}, tá e tava.* Tais verbos, do mesmo modo que *é*, coocorrem frequentemente como a primeira palavra à esquerda do *um*, em 1L, exercendo a função de verbo de ligação na maioria dos casos. Logo, a colocação de um verbo de ligação em 1L + *um* + SN nos leva a considerar que tal estrutura sintática está atrelada a grande parte do uso anafórico do *um* no *corpus*, visto que o verbo de ligação associa um atributo ao sujeito, atributo expresso pelo *um* com o SN que transforma esse sujeito. Ou seja, a estrutura do verbo de ligação em 1L + *um* + SN trata-se de um contexto predicativo de (re)construção do sujeito, sendo o referente retomado por seus atributos.

Para evidenciarmos os casos dessa estrutura sintática que favorece a ocorrência do uso anafórico do artigo indefinido, observemos, a seguir, três exemplos do comportamento desses verbos em seus contextos de ocorrência.

Exemplo 50

F65SO: #00:35:18-4# eh: teve um vazamento de gás e explodiu lá o apartamento (-) eh o eh:: f/ foi afeta/ o{u}tros apartamentos foram afeta:dos (-) eh só morreu (-) o o morado{r} do apartamento mas o: prédio fico{u} fechado por um a:no foi totalmente: (-) vistoria:do refei:to enfim isso **foi** ***um*** *acontecimento*:; (-) né [...] (Informante F65SO)

No exemplo 50, a função anafórica do artigo indefinido *um* ocorre com a presença de *foi*, verbo posicionado em 1L, grifado no exemplo, uma vez que vincula o sujeito *isso* a seu atributo *um acontecimento.* Esse vínculo entre o sujeito e o atributo confere uma característica ao sujeito, acrescentando-lhe a informação de que o sujeito *isso* se trata de *um acontecimento*. Logo, essa especificação do sujeito proporcionada pelo *um* junto de seu SN tem função anafórica.

Exemplo 51

F64LJ: #00:35:07-5# sempre existiu EU sou uma das pessoas que ajudei a:: (-) revitaliza{r} o parque Ginle porque (-) ele ***viRO{u}*** ***um***: *um*: *pardieiro* tinha drogado assim (-) gente deiTAda nos ba:ncos [...] (Informante F64LJ)

No exemplo 51, o verbo grifado está em posição 1L em relação ao item de busca *um*, é, nesse contexto, que o verbo de ligação *virou* permite ligar o predicativo *um pardieiro* a seu sujeito *ele*. Esta expressão predicativa retoma o sujeito *ele*, caracterizado como *um pardieiro*. Dessa forma, essa caracterização diz respeito à (re)construção do sujeito por apresentar um atributo que o constitui e o especifica.

Exemplo 52

> F66ER: #00:04:13-6# [...] os o sistema de: de saúde pública eu não faço uso nem escolas públicas coisas que tem interesse pra {a}s pessoas que têm ((respirando)) filhos pequenos as (-) as minhas necessidades são o{u}tras ***<u>são</u> um*** *bom transporte* porque eu trabalho fora eh:: (-) eu faço faculdade então eu preciso de mobilidade então; (-) isso pra mim é importante (-) (Informante F66ER)

No exemplo 52, o verbo destacado *são* é a primeira palavra à esquerda de *um*, em posição 1L. O verbo em questão, no exemplo, é um verbo de ligação, uma vez que liga o sujeito a seu predicativo, a expressão *um bom transporte*.

Desse modo, conforme apresentado nos exemplos 50, 51 e 52, podemos concluir que a maioria dos usos anafóricos do artigo indefinido é favorecida em co(n)texto de predicação. Esse co(n)texto ocorre quando há um verbo de ligação posicionado em 1L+*um*+SN, uma vez que o verbo de ligação por indicar um estado, um atributo do sujeito tem como complemento um termo predicativo que apresenta o atributo. Tal atributo, nesses casos, é materializado por uma expressão nominal antecedida pelo artigo indefinido *um*, o que propicia a função anafórica do artigo indefinido.

Dando continuidade à análise dos verbos colocados à esquerda do item de busca presentes no quadro 4, consideramos, agora, os outros verbos, a saber*: tem, tinha, tenho, houve, ter, tomar, temos teve, faze{r}, podia, fazer, falando, toma{r}, te, pegava, pega, fiz, existe, tenha, sai, pegar, bota, vendo, ve, vai, usar, usa, tomo, sabe, pode, pego, passava, passada, olha*. Buscamos averiguar se o desempenho desses verbos tem influência no uso anafórico do artigo indefinido *um*. Em razão disso, constatamos que esses verbos podem se posicionar tanto em 1L quanto em 2L ao item *um*, diferentemente dos verbos de ligação que apenas coocorrem em 1L.

Todavia, a maioria dos verbos tende a ocorrer mais próximos do item buscado, em 1L, isto é, como a primeira palavra à esquerda do *um*. Por outro lado, quando os verbos estão em 2L, geralmente, estão compondo locuções verbais, como nos casos que seguem.

> Exemplo 53
>
> M68F: #00:03:55-8# [...] dia meu pai se aborreceu lá porque (-) ele ***<u>tinha</u> feito*** **um** concurso tinha passado (-) ma:::?s preteriram (Informante M68F)
>
> Exemplo 54
>
> F64LJ: 0:06:53-4# SIM (-) sairia (-) a gente a/tualmente ***<u>está</u> vivendo*** **<u>um</u>**/ momento bem:: barra pesada aqui no [...] (Informante F64LJ)

Nos exemplos 53 e 54, os termos grifados *tinha feito* e *está vivendo* referem-se a dois verbos, um verbo auxiliar mais um verbo principal, que compõem locuções verbais. É nesse contexto de composição de locução verbal que verbos localizados na posição 2L costumam

estar. Apenas dois verbos do quadro 4 ficam posicionados restritamente em 2L, *sabe* e *olha*[13]. Desse modo, pela análise dos verbos à esquerda do *um*, verificamos que, apenas, os verbos em 1L, exercendo o papel de verbos de ligação favorecem, diretamente, o uso anafórico do artigo indefinido buscado, o *um*.

A alta ocorrência de verbos colocados à esquerda implicou na segunda maior ocorrência de colocação no entorno linguístico do *um*, o advérbio. Esta palavra, normalmente, está próxima do verbo, como o próprio nome da classe indica, pois é, fundamentalmente, um modificador do verbo. Vejamos o quadro 5 com os advérbios mais frequentes à esquerda do *um*.

Quadro 5 - Advérbios à esquerda do *um*

Advérbios à esquerda do *um* por ordem de frequência
não, mais, lá, aqui, assim, aí, já, agora, sempre, também, hoje, só, ali, pouco, nunca, muito, talvez, sim, repente, realmente.

Fonte: A autora, 2020.

Debruçando-nos em cada contexto das palavras encontradas no quadro 5, constatamos que os advérbios à esquerda do *um* estão em sua maior parte concentrados em 2L, modificando o verbo em 1L que antecede o *um*, conforme podemos ver nos exemplos a seguir:

Exemplo 55

M70B: #00:01:59-6# [...] minha mãe veio junto tá (-)estava casada com ele: veio junto (-) é isso; ***não*** *tem* ***um*** mistério MAIOR nisso não (-) um;:drama para ser relatado; (Informante M70B)

Exemplo 56

F74CD: #00:01:25-3# [...]você não tem (-) assim: liberdade de anda{r} (-) de ir e VOLta{r} né? (-) que é uma coisa terrível (-) mas o res:to o tempo que eu morei aqui graças a Deus eu me dou bem com todo mundo né? eh:(--)só a desvantage{m} é essa tem muita gente boa é é a menoria que é que vive dessas vida né? então atrapalha muito o lugar porque ***aqui*** *é* ***um*** lugar bom de mora{r} lugar muito bom de mora{r} (Informante F74CD)

Exemplo 57

M68F: #00:02:30-4# [...] quando eu morava lá em (-) em Acari (-) eu tinha uma ideia muito grande de morar na Ilha na Ilha na Freguesia aliás queria morar NA Freguesia (--) mas eu queria morar na Freguesia da Ilha do Governado{r} que ***lá*** *tem* ***um*** bairro chamado Freguesia na Ilha do Governado{r} (-) e eu sempre gostei [...] (Informante M68F)

Exemplo 58

M68F: #00:01:27-7# = e SÓ paro{u} de cresce{r} porque o: nosso amigo prefeito deu um basta e deu uma segurada (-) que parece meio que não tem (-) que eles não {es}tão liberando (-) só? aqueles que já estinham ***já*** *tinha* ***um*** projeto pra libera{r} [fora] disso (Informante M68F)

[13] As palavras *sabe* e *olha* encontradas somente na posição 2L ao item buscado tratam-se de marcadores discursivos porque servem para situar e manter a conversação na língua oral (cf. p. 58).

Os exemplos 55, 56, 57 e 58 servem apenas para nos evidenciar e ratificar uma tendência do advérbio de estar próximo de um verbo no *corpus*, como se pode esperar, já que o advérbio, comumente, está adjunto ao verbo. Contudo, a análise dos colocados da classe dos advérbios mais frequentes à esquerda do item *um* não nos levou a nenhum padrão do uso anafórico do item em questão.

5.1.2 O entorno linguístico à direita do artigo indefinido

Conforme exposto no capítulo anterior (cf. p. 85), foi gerada uma segunda lista, a lista dos cento e cinquenta primeiros colocados à direita do *um*. Desse total, 131 colocados foram considerados válidos à direita do item de busca *um*. A seguir, no quadro 6, apresentamos a lista gerada a partir da observação das funções gramaticais de cada um dos 131 colocados válidos à direita.

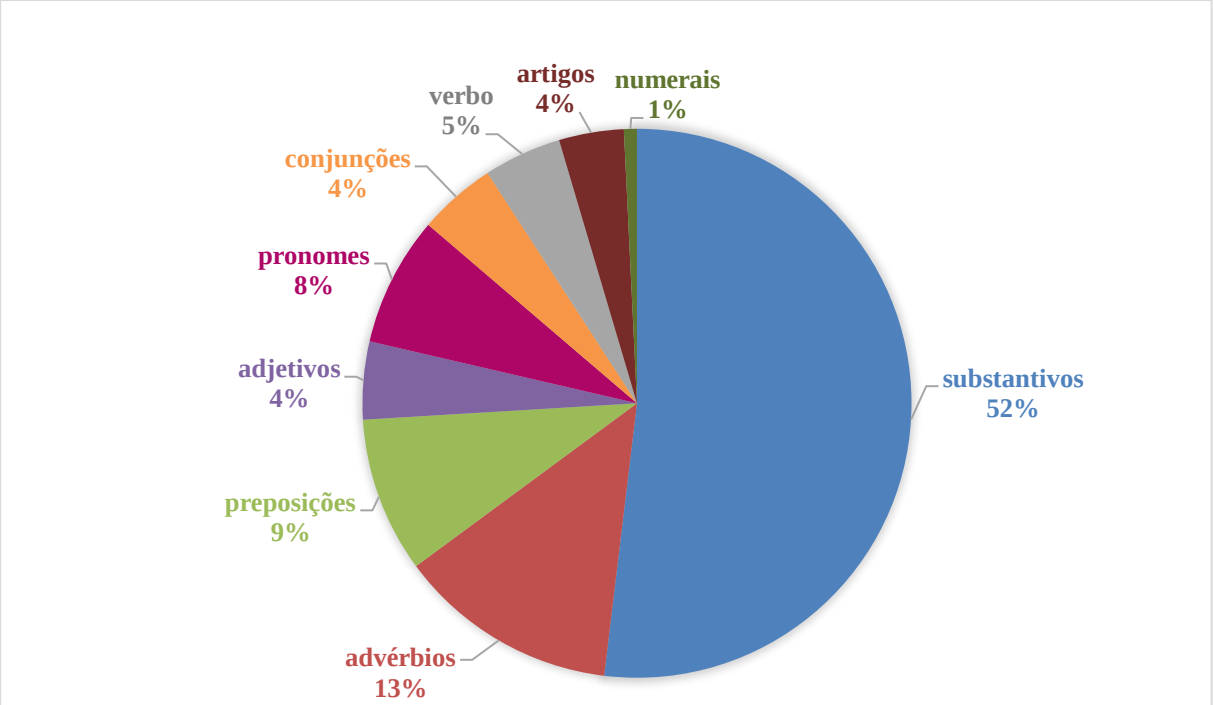
Quadro 6 – Lista dos colocados à direita do *um*

Colocados à direita do *um* por ordem de frequência
de, que, bairro, pouco, muito, e, uma, é, pra, aqui, lugar, mais, ano, lá, grupo, com, a, na, luga, tem, no, o, negócio, mês, do, dia, bom, eu, bloco, trabalho, pequeno, outro, onde, bem, preço, dos, ônibus, você, supermercado, pouquinho, ou, grande, da, teatro, filho, em, curso, comércio, coisa, até, apartamento, agora, táxi, relacionamento, para, local, lanche, espaço, chamado, carro, carioca, cara, bonde, barzinho, aí, assim, ambiente, ali, umas, tá, tipo, tinha, só, não, monte, momento, lado, foi, era, então, contato, café, amigo, vagão, tiro, terreno, termo, tempo, talvez, suco, seu, seguro, rio, restaurante, regime, quiosque, prédio, problema, pratinho, porque, ponto, pessoal, país, passeio, os, nome, movimento, menino, melhor, meio, mas, macacão, lanchezinho, irmão, estudante, ensino, eles, ele, dois, desse, depois, deles, crescimento, convívio, clima, certo, casal, carnaval, antes, acréscimo, às

Fonte: A autora, 2020.

Por meio da análise de cada uma das palavras colocadas à direita apresentadas no quadro 6, analisamos suas funções gramaticais, ou seja, as classes de palavra a que pertencem cada uma dessas palavras. Com isso, conseguimos os seguintes resultados: 68 substantivos, 17 advérbios, 12 preposições, 10 pronomes, 6 adjetivos, 6 conjunções, 6 verbos, 5 artigos e 1 numeral. Tais resultados geraram os dados percentuais representados no gráfico 4 a seguir.

Gráfico 4 – As classes de palavras dos 131 colocados à direita (em 1R e 2R)



Fonte: A autora, 2020.

Do mesmo modo que fizemos na análise das classes de palavras à esquerda do item *um*, nos inclinamos para as duas classes de palavras com os maiores os percentuais de ocorrência à direita do item buscado. Considerando o gráfico 4, os substantivos e os advérbios são as classes mais frequentes. A partir dessas duas classes, portanto, analisamos seus comportamentos nas posições da primeira palavra à direita (1R) e da segunda palavra à direita (2R) em relação à palavra de busca *um*.

Desse modo, começamos a análise do entorno linguístico à direita de *um* a partir dos colocados da classe do substantivo. Para isso, primeiramente, produzimos um quadro, apresentado a seguir, com cada um dos substantivos.

Quadro 7 – Substantivos à direita do *um*

Substantivos à direita do *um* por ordem de frequência
bairro, lugar, ano, grupo, luga, negócio, mês, dia, bloco, trabalho, preço, ônibus, supermercado, teatro, curso, comércio, filho, coisa, apartamento, táxi, relacionamento, local, lanche, espaço, chamado, carro, carioca, cara, bonde, barzinho, ambiente, tipo, monte, momento, contato, café, amigo, vagão, tiro, terreno, termo, tempo, suco, rio, restaurante, regime, quiosque, prédio, problema, pratinho, ponto, pessoal, país, passeio, nome, movimento, menino, macacão, lanchezinho, irmão, estudante, ensino, crescimento, convívio, clima, casal, carnaval, acréscimo.

Fonte: A autora, 2020.

Observando o comportamento dos substantivos no quadro 7, analisamos o entorno

linguístico de cada um deles. Com isso, verificamos que, fundamentalmente, os substantivos coocorrem como a primeira palavra à direita do *um*, em 1R. Tomemos, portanto, os seguintes exemplos:

> Exemplo 59
>
> F65SO: #00:36:48-3# [sim] São Conrado é um bairro pequeno então acaba sendo ***um bairro*** diferenciado né (-) eh:: hum (-) e e é um bairro muito bonito por te{r} muito VERde (-) muita monTA:nha né então é um bairro que os estrange{i}ros gostam bastante daqui (-) porque você quando tá na praia você vê a mota:nha [...] (Informante F65SO)
>
> Exemplo 60
>
> F64LJ: #00:34:56-3# o parque? é::: se/ é ***um lugar*** assim tem um lago eNOrme (-) tem pa:tos tem s/ tem casal de cisnes {vo}cê tem que i{r} lá (-) é um lugar li::ndo EFGR: #00:35:06-6# e sempre existiu F64LJ: #00:35:07-5# sempre existiu EU sou uma das pessoas que ajudei a:: (-) revitaliza{r} (Informante F64LJ)
>
> Exemplo 61
>
> F64LJ: #00:30:25-7# [...] escola de samba também tem uma; uma pegada bem criativa né? (-) mas só que é uma coisa mei/ meio assim meio (--) sei lá é ***um negócio*** meio desumano entendeu? eu; acho que esses blocos têm essa:: caract/ característica humana (-) sabe [...] (Informante F64LJ)

Como podemos ver nos termos grifados nos exemplos 59, 60 e 61 os substantivos estão dispostos em 1R, como a primeira palavra à direita do *um*. Portanto, conforme era esperado e, de acordo com o que promulgam as gramáticas, a função de determinante do artigo indefinido implica no padrão de colocação do nome, um determinado, anteposto ao *um*.

Entretanto, cabe observar que há um posicionamento diferenciado do substantivo, quando está como a segunda palavra à direita do *um*, em posição 2R, o que ocorre nos casos em que o adjetivo é empregado antes do substantivo. Apresentamos, a seguir, os seguintes exemplos a fim de ilustrar essa situação.

> Exemplo 62
>
> M68F: #00:03:55-8# (-) olha o::: meu pai ele tinha emprego lá minha mãe como professora mais um dia lá ***um*** *belo* ***dia*** meu pai se aborreceu lá porque (-) ele tinha feito um concurso tinha passado (-) [...] (Informante M68F)
>
> Exemplo 63
>
> M98VP: #00:36:56-4# [...]eu moro em Conselhe{i}ro Josino (-) é um ***um*** *pequeno (--)* ***luga{r}*** que tem lá de Campos do es/ do Estado do Rio (-) eh:: o que que eu fazia eu digo eu trabalho na roça só/ e era de (borracha) de cana [...] (Informante M98VP)
>
> Exemplo 64
>
> M67ST: #00:34:37-2# não tem uma uma (-) um supermercado depois do do do Largo do Guimarães (-) uns duzentos uns trezentos metros (-) tem ***um*** *pequeno* ***supermercado*** mas a gente sempre compra fora do de santa de Santa Teresa né; (-) (Informante M67ST)

Nos exemplos 62, 63 e 64 encontramos os substantivos grifados na posição 2R ao lado direito do item *um*, isto é, o substantivo posposto ao adjetivo. Essa posposição do substantivo ao adjetivo ocorre quando se enfatiza a noção qualitativa, agregando-se uma nítida perspectiva de apreciação subjetiva do substantivo.

Por outro lado, cabe considerar que, na análise de cada uma das ocorrências dos substantivos coorrentes à direita de *um*, os substantivos de maior ocorrência são *bairro* e *lugar* com, respectivamente, 59 e 17 casos à direita do item de busca. Esses substantivos apontam a temática mais recorrente das entrevistas do Projeto Varia-Idade, que objetiva trazer a perspectiva de idosos residentes na cidade do Rio de Janeiro em relação ao espaço urbano em que vivem (cf. p. 76). Por conseguinte, com as análises dos colocados da classe do substantivo à direita de *um*, não encontramos um padrão para o uso anafórico do item buscado.

Resta-nos tratar da segunda classe gramatical de colocados mais frequentes à direita, o advérbio. Para isso, nos valemos da análise de cada um dos advérbios colocados à direita do item de busca, o que permitiu gerar o quadro 8.

Quadro 8 – Advérbios à direita do *um*

Advérbios à direita do *um* por ordem de frequência
pouco, muito, aqui, mais, lá, bem, pouquinho, agora, aí, assim, ali, só, não, talvez, meio, depois, antes

Fonte: A autora, 2020.

Por intermédio da análise de cada um dos advérbios do quadro 8 em posição 1R e 2R em relação ao item de busca *um*, verificamos que o advérbio se encontra na maior parte dos casos em posição 2R, modificando um verbo próximo depois do sintagma nominal *um* + *substantivo*. Esses dados corroboram com o que algumas gramáticas preveem como sendo a essência do advérbio ser um modificador do verbo. Exemplificamos, a seguir, um uso de advérbios colocados à direita do item buscado no *corpus*.

> Exemplo 65
>
> M98VP: #00:04:04-1# todo mundo fica adimira:do aí (--) {a}inda agora me{s}mo em um cara lá que bota ***um encanamento lá*** (-) conversando e coisa (-) aí: dona Maria senhora que eu moro ali (--) tava conversando comigo e ( ) [...] (Informante M98VP)

Outro dado importante apontado pela observação do entorno linguístico dos advérbios colocados à direita do *um* foi perceber que o advérbio em posição 1R ao item buscado tem caráter dêitico de espaço e de tempo, na maior parte da coocorrências. É relevante notar que o aparecimento desses tipos de advérbios, na posição 1R a *um*, instauram a ocorrência do uso

anafórico nos quais estão elididos os substantivos que deveriam estar ao lado do *um*. Tais circunstâncias linguísticas de uso anafórico do *um* com o advérbio na posição 1R podem ser demonstradas nos exemplos que seguem.

> Exemplo 66
>
> EFG: #00:12:52-6# tem ***teatro*** aqui em Laranjeiras eh desculpa aqui [em Santa Teresa]
>
> M67ST: #00:12:54-7# [hum eh eh em] Santa Teresa tem ***um aqui*** (-) logo aqui na na rua He{r}menelgido (-) tem um teatro ali; (-) mas eh dificilmente tem: eh: espetáculo aqui; que é; hoje é muito mais (-) uma casa onde os artistas que vem com o espetáculo de fora se hospedam (2.4) a: Pasqual Carlos Magnum (-) é a casa logo aqui perto; (Informante M67ST)
>
> Exemplo 67
>
> F64LJ: #00:15:08-6# [saio] vo{u} ali em frente chamado Movio::la no/ se/ se/ é um; barzinho onde tem uma MÚsica SENSAcional (-) à noite né e ele eles abre{m}; agora mesmo eles estão abertos (-) aí voc/ eu vo{u} lá toma{r} um:: um capucci::no (--) tem um cappuccino delicioso lá (--) o Moviola; Aqui no no no bairro tem uma coisa de truck sabe? os trucks que ve::ndem sopa; tem ***um ali*** na frente que a gente compra sopa uma sopa deliciosa [...] (Informante F64LJ)
>
> Exemplo 68
>
> EFGR: #00:27:02-2# e tem *botequim* aqui tinha antigamente tem boti/ botequim ainda M68F: #00:27:06-7# olha aqui por exemplo aqui perto (-) tem::: dois botequins (--) tem ***um aqui*** na na::; (--) na Tirol com com::; (--) Comandante Rubem Silva tem um botequim ali; (-) e tem o outro: aqui na Tirol próximo indo pra Freguesia (Informante M68F)

Pelos exemplos 66, 67 e 68, compreendemos que todos os casos do *um* grifados têm função anafórica, pois retomam em parte o termo antecedente. Logo, essas retomadas parciais por meio do *um* tratam-se de anáforas parciais (cf. p.117). Em razão disso, com o advérbio em posição 1R ao item *um*, obtivemos mais um padrão linguístico para o uso anafórico do artigo indefinido a partir do item representativo *um*.

Além das duas classes mais frequentes à direita do *um*, o substantivo e o advérbio, vale ainda analisar mais um colocado à direita, devido à alta frequência na posição 2R. Esse colocado é o pronome relativo *que*, com 65 ocorrências, o que nos indicou ser uma das amarras sintáticas para a leitura anafórica do artigo indefinido, pois, nessa posição, esse pronome forma orações relativas.

Tais regularidades de uso do *que* em relação ao *um* corroboram com o que Cunha Lima (2004) constatou ser uma das três condições para o uso anafórico do artigo indefinido. Essa condição se estabelece quando a oração relativa qualifica o referente e não introduz um verbo que expresse um evento distinto do verbo que fora utilizado na introdução do referente. Dentro desses 65 usos do pronome relativo *que* em 2R a *um*, 45 apresentam uso anafórico, conforme

os exemplos seguintes.

> Exemplo 69
>
> EME: #00:06:51-2# e é em relação ao bairro do Lins a senhora nota eh que tenham ocorrido grandes mudanças aqui
>
> F68LV: #00:07:00-2# Não mudanças nenhuma pelo contrário *é* ***um*** *bairro* ***<u>que</u>*** eu acho que vem ((inspiração)) eh: assim:: (-) muito estagnado muito parado (-) ele não *é* ***um*** *bairro* ***<u>que</u>*** cresceu que não teve (-) um desenvolvimento não tem nenhuma (-) (Informante F68LV)
>
> Exemplo 70
>
> F74CD: #00:23:34-9# [...] então a gente ia ônibus pegava; o; ônibus; e; ia; até; a; praia; e *tinha* ***um*** *ônibus* ***<u>que</u>*** passava aqui que já deixava a gente na praia na passava bem mermo na na beira da praia (Informante F74CD)

Nos exemplos 69 e 70, percebe-se que os termos sublinhados perfazem retomadas ao termo antecedente, pois o pronome relativo *que* instaura orações relativas. Estas qualificam, retomam o *um* + SN que tem acrescido uma informação por meio da oração relativa introduzida pelo *que*. Portanto, o *que* na posição 2R a *um*, ou seja, a estrutura *um*+SN+*que*, é mais um padrão linguístico para o uso anafórico do *um*.

Com essas análises feitas à luz das categorias do entorno linguístico à esquerda e à direita do *um*, verificamos que há três padrões linguísticos para o uso anafórico do *um* por intermédio das informações processadas pelo recurso *collocates* do *AntConc*. O primeiro padrão decorrente da análise do entorno linguístico à esquerda ocorre quando o *um* é antecedido por verbos de ligação, a exemplo das seguintes flexões: *é, foi, era, foi, era* em posição 1L, no *corpus*. Já, pela categoria do entorno linguístico à direta do *um*, verificamos mais dois padrões: quando o *um* é seguido por advérbio, em posição 1R, e quando o *um* é posposto pelo pronome relativo *que*, em posição 2R.

5.2 **O artigo indefinido: aspectos textuais-discursivos**

Nesta seção, a análise dos aspectos textuais-discursivos constitui-se em dois momentos visando à aplicação das categorias de análise funcionais e semântico-discursivas, baseando-nos no proposto por Cunha Lima (2004). No primeiro momento, o enfoque incide na identificação dos tipos de funções anafóricas estabelecidas pelo artigo indefinido e suas formas de apresentação no discurso oral dos idosos, o que está atrelado aos critérios funcionais do uso anafórico do artigo indefinido. Em decorrência desse emprego anafórico, inclinamo-nos para

seus efeitos de sentido de modo a observar sua importância no discurso oral dos idosos à luz dos critérios semântico-discursivos.

Logo, nesta etapa da análise, não nos limitamos às informações geradas pelo *AntConc*, que nos demandou a escolha de um item representativo da classe dos artigos indefinidos, o *um*, para observar os padrões do entorno linguístico do uso anafórico. Nesta etapa da análise, por outro lado, buscamos discernir as funções textuais e discursivas do artigo indefinido em função anafórica no discurso dos idosos. Para tal empreendimento, por conseguinte, é necessário imergir na análise dos artigos indefinidos em ambos os gêneros, masculino e feminino, no caso, o *um* e *uma* a fim de analisar suas funções anafóricas e os efeitos de sentido desse emprego.

5.2.1 A função anafórica do artigo indefinido

Verificamos que são encontrados todos os tipos de relação anafórica postulados para o artigo indefinido no *corpus* desta pesquisa. Essas relações, de acordo com Koch (2002), Cavalcante (2003) e Cunha Lima (2004), ocorrem pelas anáforas recategorizadoras, encapsuladoras, correferenciais co-significativas, parciais, indiretas e nominalizadoras, anáforas que definem o critério funcional de análise. A seguir, apresentamos cada uma das funções anafóricas do artigo indefinido encontradas no *corpus*.

1. **Anáfora recategorizadora**: estabelecida como uma seleção de atributos, podendo evidenciar um ponto de vista, além de poder especificar o referente apresentando informações, conforme podemos ver a seguir.

> Exemplo 71
>
> EFS: #00:08:20-5# mas a senhora tem ideia da finalidade desse tipo de lugar se é pra assistir jogo futebol né
>
> F66ER: #00:08:29-0# [...] tem uma variedade MUIto grande de:: de: artigos de de padaria mesmo biscoitinhos e: e pães e tortas e bolos (-) e tem também (-) o botequim (-) que eles fizeram questão de mante{r} (-) é aquele luga{r} informal que aquela pessoa dali chega e be/ pede uma cerveja senta ali e fica s/ bebendo uma cerveja duas três horas assistindo um jogo o{u} assistindo um noticiário (--) eu: eu acho que *botequim* continua sen{d}o ***um**: ambiente muito masculino* (-) até hoje continua sendo um reduto masculino; (--) (Informante F66RR)

No exemplo 71, a informante entra em um processo (re)construção do objeto de discurso *botequim,* instaurado pelo entrevistador, trazendo seu ponto de vista sobre o que chama de "práticas de botequim". Todavia, a informante, no processo de exposição sobre o referente, expõe-no pelo viés dos costumes existentes nesse ambiente, os serviços que são

prestados e a alta frequência masculina no lugar. Esta característica é a mais enfática para a informante, tanto é assim que recategoriza *botequim* por esse aspecto que lhe salta aos olhos "*um ambiente muito masculino"*. Com esta expressão, composta por expressão indefinida de função recategorizadora, a informante expressa seu ponto de vista sobre os botequins "*um ambiente muito masculino*".

2. Anáfora encapsuladora: sintetiza e empacota partes textuais no discurso, remetendo a elas por meio de uma expressão nominal que configura um *rótulo*.

Exemplo 72

> M70B: #00:18:01-5# [...] então tinha isso daí tinham as pessoas que tomavam BAnho de mar cedo porque era ma::is teraPÊUtico Dom joão sexto(-)o o rei de Portugal né tinha uma casa éh= ainda existe em outro local em outro momento evidentemente ele veio p{a}ra cá em mil oitocentos e oito a casa real de banho que era uma casa(--) construí::da SObre o mar que ele ia toMAR banho de mar mas o banho de mar não era como é hoje uma recreação(--) o banho de mar era uma medi:da terapêutica ou preventiva(-) naquela é:poca aqui(-) já(-) na na primeira metade do século passado NÃO havia propriamente esta(-) esta(-) conotação de tratamento curativo mas era ***uma*** *atitude éh::: de vida saudável*(-) entende? [...] (Informante M70B)

No exemplo 72, ao remontar o passado, precisamente o século XIX, o informante relata sobre a diferente percepção do hábito de tomar banho de mar antigamente que acontecia por questões de bem-estar físico, diferentemente dos dias atuais. Mediante um duplo processo sintático-cognitivo (KOCH, 2004), a expressão predicativa *uma atitude de vida saudável* empacota todo um conteúdo informacional. Esse conteúdo informacional se refere à porção textual contida desde as primeiras linhas da fala do informante em que retrata e caracteriza a perspectiva terapêutica em torno do costume do banho de mar há dois séculos, o que faz esse hábito e a forma que era encarado pelas passoas da época ser rotulado como *uma atitude de vida saudável.*

3. Anáfora parcial: precedida pelo artigo indefinido, pode repetir o SN antecedente e, também, pode ser realizada apenas pelo próprio artigo indefinido com o SN antecedente elidido. Este tipo de anáfora confere uma noção de um conjunto não unitário.

Exemplo 73

> EFG: #00:12:52-6# tem *teatro* aqui em Laranjeiras eh desculpa aqui [em Santa Teresa]
>
> M67ST: #00:12:54-7# [hum eh eh em] Santa Teresa tem ***um*** aqui (-) logo aqui na na rua He{r}menelgido (-) tem um teatro ali; [...] (Informante M67ST)

No exemplo 73, a expressão nominal *teatro* destacada na fala do entrevistador é retomada em parte na fala do informante pelo artigo indefinido *um,* sem a presença explícita do SN. Contudo, a recuperação do SN não é impedida, pois é impressa a noção de um conjunto

não unitário. O informante, a partir do uso do *um*, extrai apenas um elemento do conjunto desse referente *teatro*.

4. Anáfora Correferencial Co-significativa: manifesta-se na reiteração de expressões por formas remissivas lexicais que são sinônimas ou tratam-se apenas de repetição, como, no exemplo a seguir.

> Exemplo 74
> EME: #00:02:52-2# certo e a senhora acha que o Rio de Janeiro é verdadeiramente ***uma*** *cidade maravilhosa*
> F68LV: #00:03:00-4# sim pelo pela: tipográfia dela pelos be/ u: a: beleza natural que ela tem ((inspiração)) (-) ela é ***uma*** *cidade maravilhosa* poderia ser MAis maravilhosa ((innspiração)) se não fosse uma cidade eh: com tanta violência (Informante F68LV)

No exemplo 74, a informante repete a expressão antecedente *"uma cidade maravilhosa"* que se trata de uma anáfora recategorizadora realizada pelo entrevistador em relação ao referente "*o Rio de Janeiro*". Todavia, a informante repete a recategorização feita pelo entrevistador para reiterar que a (re)construção de "*o Rio de Janeiro*" por meio da expressão *uma cidade maravilhosa* diz respeito apenas à tipografia da cidade e à beleza natural que a cidade tem.

5. Anáfora indireta: depende de inferências sociocognitivas mais complexas para se compreender a relação entre o termo introduzido que, de algum modo, têm relação com o termo antecedente, diferentemente da relação correferencial da anáfora direta.

> Exemplo 75
>
> M70IR: #00:41:18-1# porque *os hábitos alimentare{s} da do: da Paraíba* (-) é diferente (--) daqui pelo seguinte (--) lá no norte; (-) Paraíba; (-) você nunca iria? (-) faze{r} um: janta{r} e come{r} fe{i}jão à noite (-) como é aqui no: carioca (--) você aqui você: lá você fazia ***um*** *aipim* fazia *um:* ***uma*** *batata do:ce* né ( ) (-) nunca um fe{i}jão com arroz (Informante M70IR)

No exemplo 75, a expressão nominal definida *os hábitos alimentare{s} da do: da Paraíba* tem associação patente com *um aipim* e *uma batata doce* que são referentes novos introduzidos no discurso. Essa associação é acionada pelos nossos conhecimentos prévios, compartilhados socioculturalmente de que *os hábitos alimentare{s} da do: da Paraíba* estão relacionados, em geral, aos hábitos alimentares do nordestino que são distintos dos cariocas, pois é sabido que a alimentação do nordestino é baseada em legumes ricos em amido

Exemplos desses tipos de alimentos são mencionados pelo informante nas expressões nominais indefinidas *uma batata* e *um aipim*. Dessa forma, um esquema mental foi criado a partir do referente *os hábitos alimentares da Paraíba*, em que subjaz a noção de continente, cujos conteúdos são as expressões referenciais *uma batata* e *um aipim*, objetos de discurso novos, mas ancorados no antecedente os hábitos alimentare{s} da do: da Paraíba.

Acionados esses conhecimentos, há uma relação anafórica. Não se trata, entretanto, de uma anáfora recategorizadora ou de qualquer outro tipo de anáfora, há uma associação mental entre os referentes. Diferentemente dos casos de anáforas cujas relações referenciais no texto estão indiciadas e diretamente ligadas. A anáfora que vemos no exemplo 75 é uma retomada estabelecida por uma relação indireta porque se trata de uma relação produzida por uma atividade cognitiva em que um referente antecedente se torna âncora na inserção de novos referentes que estão ancorados, enquadrados e emoldurados no esquema mental que o referente antecedente projeta. Assim, os hábitos alimentares da paraíba projeta, cognitivamente, para os alimentos típicos daquela região, retomados no final da fala do entrevistado, fechando o ciclo coesivo.

6. Anáfora Nominalizadora: processo bastante similar ao da anáfora encapsuladora, porém, a distinção se encontra na existência de um verbo pontual como antecedente, em geral.

Exemplo 76

EFGR: #00:34:26-6# e escolas como eram as escolas antes aqui e como são agora a quantidade

F74CD: #00:34:32-8# olha olha as escolas praticamente continua{m} a mesma coisa né as escola{s} continua{m} a mesma coisa (-) mas assim eu acho que na época dos meus filho{s} o estudo era melho{r} sabe? ago:ra os estudo{s} agora não é muito bom não (-) as (-) criança{s} agora fica e; o; e; i; *aprende* mas ***uma*** *aprendizagem* *que num:: não vale muito* eh vo{u} supo{r} uma criança dessa aí vai faze{r} uma prova pra pra pra pa pa (UERJ) qualque{r} coisa ele não vai passa{r} porque o estudo é muito fraco (-) [...] (Informante F74CD)

No exemplo 76, a informante F74CD, ao apresentar seu ponto de vista negativo em relação aos estudos nos dias de hoje, rotula a aprendizagem atual como *uma aprendizagem que num:: não vale muito*. Tal expressão nominal indefinida está claramente atrelada ao verbo precedente *aprender*. Logo, trata-se de uma anáfora nominalizadora que, por estar ancorada em um verbo, é facilmente distinguível da anáfora encapsuladora.

Para chegarmos à constatação de que todos os tipos de anáfora se realizam no *corpus* desta pesquisa, convém, primeiramente, retomarmos os resultados referentes às ocorrências das formas *um* e *uma*, processados pelo recurso *wordlist* da ferramenta *AntConc* que nos chamaram a atenção. As formas *um* e *uma* figuram a 15ª e a 20ª posição do *ranking* de palavras mais utilizadas no nosso *corpus*, composto por um elenco de 13 entrevistas, com 974 e 886 casos respectivamente, somando 1.860 ocorrências no total. Frente a esse volume de dados, em um primeiro momento, delimitamos a análise do grupo de controle para observar as possíveis

funções gramaticais das formas *um* e *uma* no *corpus* da pesquisa e, com isso, atestar a relevância discursiva do artigo indefinido em função anafórica no *corpus*. Para tanto, conforme foi exposto na p. 89, delimitamos um espaço amostral de 300 ocorrências, 150 ocorrências das formas *um* mais 150 de *um*a, do total 1.860.

Dentro desse espaço de 300 ocorrências, verificamos 35 ocorrências inválidas, logo, obtivemos 265 ocorrências válidas das formas *um* e *uma*. Nesse universo de ocorrências válidas, verificamos que as referidas formas *um* e *uma* podem fazer parte das classes do pronome, do numeral e do artigo indefinido. Tais classes, respectivamente, ocorreram 3, 21 e 241 vezes dentro das 265 ocorrências válidas. Em relação ao artigo indefinido, buscamos distinguir seu emprego como introdutor de referente em função anafórica, conforme demonstramos a seguir.

Exemplo 77

M70B: #01:12:48-1# [...] e na na infância meu pai teve numa é:poca uma casa de saúde um hospital pequeno privado eh: em São Cristóvão ele tinha ***uma*** *clientela de pescadores da colônia de pescadores do Caju* é relativamente perto de volta e meia a gente saia sábado e aquilo(-) era uma comunidade não era muito diferente era uma colônia de pescadores [...] (Informante M70B)

O exemplo 77 representa um caso emblemático de uso do artigo indefinido como introdutor de referente no texto, uma vez que a expressão nominal introduzida pelo artigo indefinido sublinhado não retoma nenhum outro referente. Nesse caso, o artigo indefinido, junto de seu sintagma nominal, ativa um objeto de discurso. Este, por sua vez, não remete a nenhum outro objeto de discurso que esteja no cotexto, portanto, trata-se de uma introdução de referente, de uma ativação dele no texto.

Diferentemente do caso anterior, no uso do artigo indefinido em função anafórica, o referente já foi ativado no texto e é retomado, somando informação para a (re)construção do referente. Consequentemente, essa informação agrega na construção do conhecimento do referente no texto. A seguir, apresentamos uma relação anafórica estabelecida pelo artigo indefinido que é, em nosso *corpus*, o caso com maior incidência: a anáfora recategorizadora por meio de predicação.

Exemplo 78

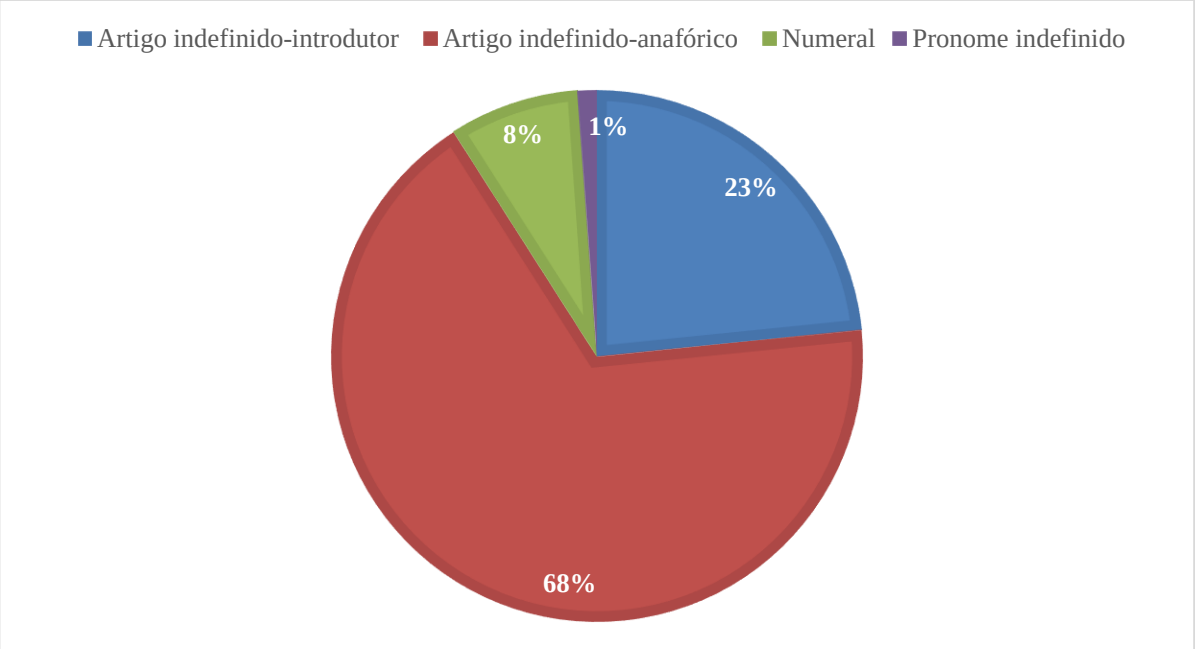
F65SO: #00:35:18-4# eh: teve um vazamento de gás e explodiu lá o apartmento (-) eh o eh:: f/ foi afeta/ o{u}tros apartamentos foram afeta:dos (-) eh só morreu (-) o *o morado{r} do apartamento* [...] não engraçado triste e sério né: (-) que aconteceu (-) quando *ele* eu num sei se ele tinha feito alguma ligação erra:da ou se tinham feito (-) eu sei que o apartamento era aluga:do ele era ***um*** *estrange{i}:ro* e quando ele: (-) foi mexe{r} explodiu (-)[...]

No exemplo 78, o caso de uso anafórico do artigo indefinido pelo termo grifado é patente, pois podemos observar claramente que *um estrangeiro* retoma *o morador do*

apartamento e *ele*. Esse tipo de retomada, composta com o artigo indefinido, especifica, acrescenta uma característica, um atributo ao objeto de discurso que, no caso, foi introduzido como *o morador do apartamento* e dado a conhecer como *um estrangeiro*.

Por meio das diferenciações das funções gramaticais assumidas pelas formas *um* e *uma*, enfocando na observação de seus desempenhos como artigo indefinido em função anafórica, verificamos, nesta análise preliminar, que a maior parte dos usos do artigo indefinido no *corpus* exerce função anafórica. Em 241 ocorrências de artigo indefinido, dentro das 265 ocorrências válidas, encontramos 62 usos do artigo indefinido como introdutor de referente e 179 usos em função anafórica. Tais resultados são apresentados em dados percentuais no gráfico 5 a seguir.

Gráfico 5 - Funções das formas *um* e *uma* no *corpus* (265 ocorrências válidas)



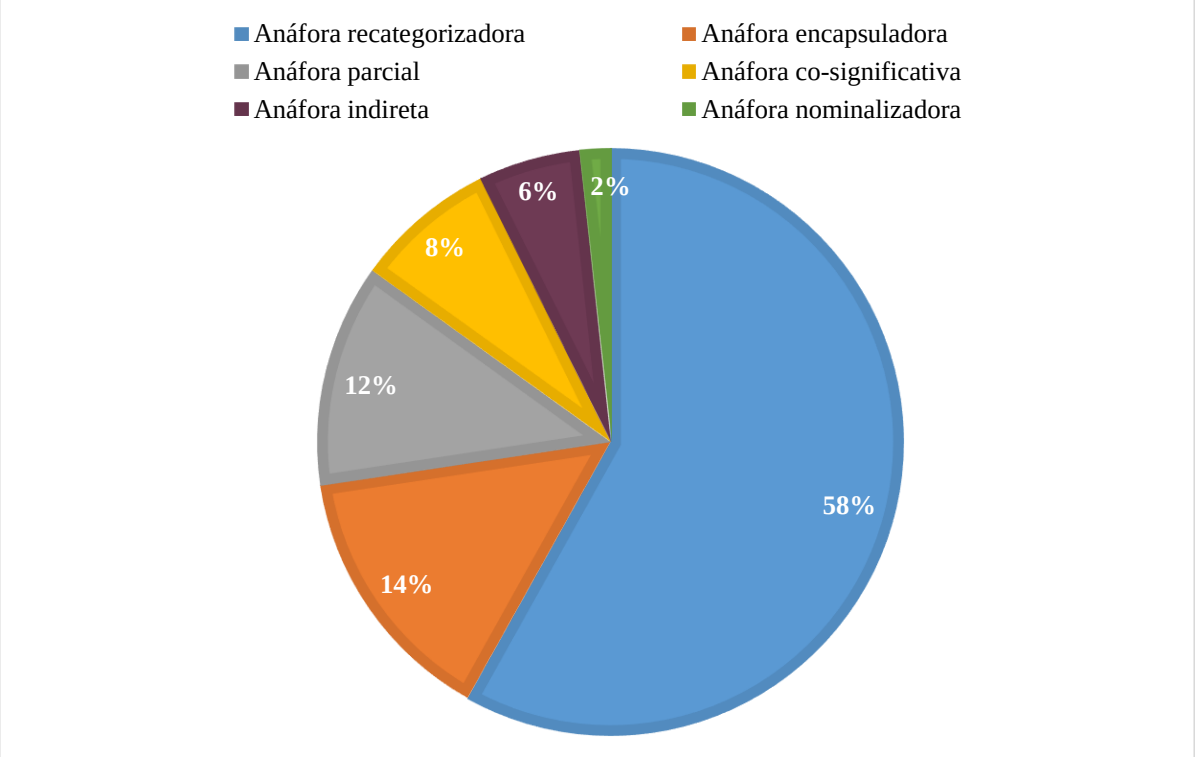
Fonte: A autora, 2020.

Com esses primeiros levantamentos de ocorrências de dados, conseguimos analisar que os 179 casos de usos do artigo indefinido nas formas *um* e *uma* em função anafórica equivalem a 68% dos casos das ocorrências dessas formas no grupo de controle. Tais resultados, mesmo em face do total de 1.860 ocorrências das formas *um* e *uma* no *corpus*, reforçam a existência da função anafórica da classe dos artigos indefinidos, o que refuta os estudos gramaticais que não consideram essa função. Nesse sentido, esses resultados respondem, de modo afirmativo, à terceira pergunta inicial deste trabalho de que tal função anafórica no *corpus* é, de fato, significativa e predominante por causa de sua alta incidência.

Ainda nesse primeiro momento, buscamos discernir quais e quantos seriam os usos do artigo indefinido em função anafórica no espaço amostral proposto, isto é, identificar as

ocorrências de cada uma das anáforas apontadas por Cunha Lima (2004) (cf. p. 43) e analisá-las. Desse modo, pela análise dos artigos indefinidos em função anafórica em seus respectivos contextos de origem nas 179 ocorrências, conseguimos fazer o levantamento dos seguintes casos: 104 anáforas recategorizadoras, 26 anáforas encapsuladoras, 22 anáforas parciais co-significativas, 10 anáforas indiretas, 14 anáforas correferenciais co-significativas e 3 anáforas nominalizadoras no *corpus* da pesquisa. Tais resultados podem ser representados pelo gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Tipos de anáforas realizadas por *um* e *uma* no *corpus* (265 ocorrências válidas)



Fonte: A autora, 2020.

Conforme podemos observar no gráfico 6, o uso das anáforas recategorizadoras, nessa pequena amostragem, representa mais da metade de todos os tipos de anáforas viabilizadas pelo artigo indefinido. Esses dados iniciais do grupo de controle nos possibilitaram verificar a existência de todos os tipos de relação anafórica postulados para o artigo indefinido e que esse, em ambas as formas, masculina ou feminina, pode exercer as mesmas funções anafóricas. Além disso, a análise desse grupo de controle indica uma tendência de uso da anáfora recategorizadora, o que Cunha Lima (2004) apontou mas não pôde atestar devido à natureza qualitativa de sua pesquisa.

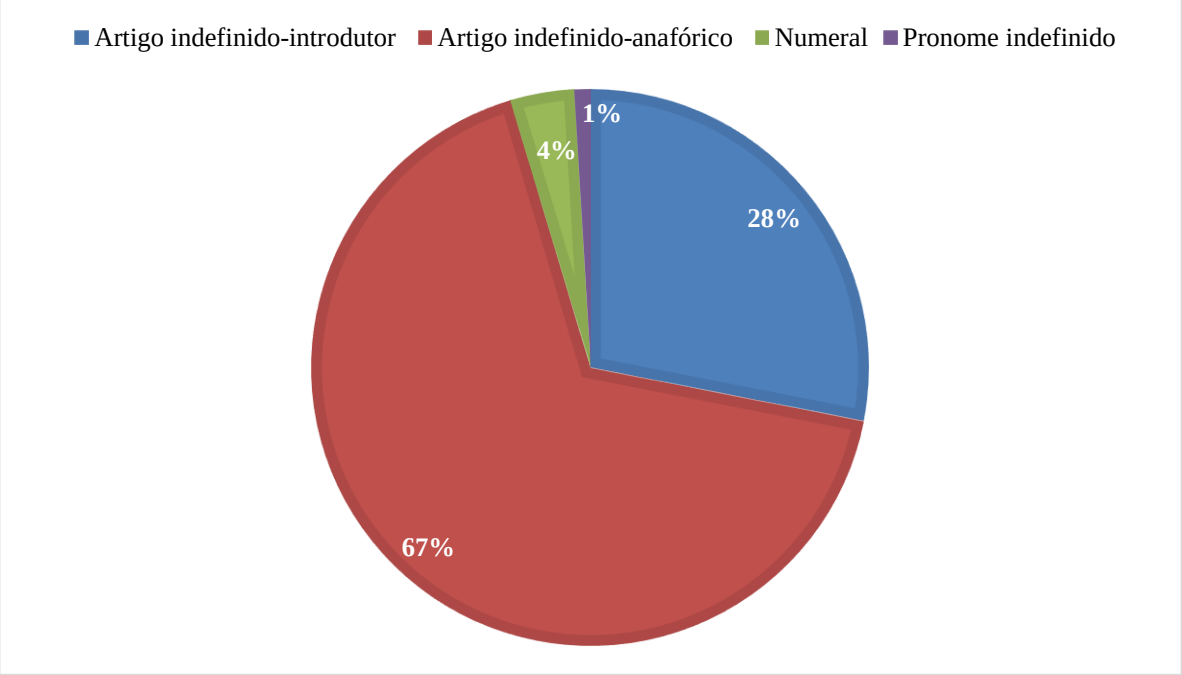
Os resultados do levantamento de ocorrências sobre o objeto de estudo, a partir do grupo de controle, portanto, foram primordiais para a construção de uma percepção geral sobre o desempenho discursivo do artigo indefinido em face do *corpus* estudado. Nesse

sentido, essa análise preliminar de 300 casos artigo indefinido com 265 ocorrências válidas, permitiu-nos vislumbrar as categorias de análise. Foram estas categorias que nos auxiliaram a sistematizar os possíveis efeitos de sentidos da escolha do artigo indefinido para a apresentação de expressão nominal anafórica na fala de idosos do Rio de Janeiro.

No entanto, para verificarmos se o uso do artigo indefinido permanece majoritário no *corpus*, passamos à observação de quase a metade do total das ocorrências de *um* e *uma*, 900 ocorrências, por meio da análise de 450 casos de *um* e 450 de *uma*. Nessa amostragem maior, obtivemos 7 casos de pronomes indefinidos, 28 casos de numerais e 727 casos de artigos indefinidos, sendo 214 usos na função de introdutor de referente e 513 usos anafóricos de *um* e *uma* no universo de 762 ocorrências válidas, obtidos na observação das 900 ocorrências.

No gráfico 7, a seguir, são apresentados os resultados percentuais dos tipos de uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* da pesquisa.

Gráfico 7 - Funções das formas *um* e *uma* no *corpus* (762 ocorrências válidas)

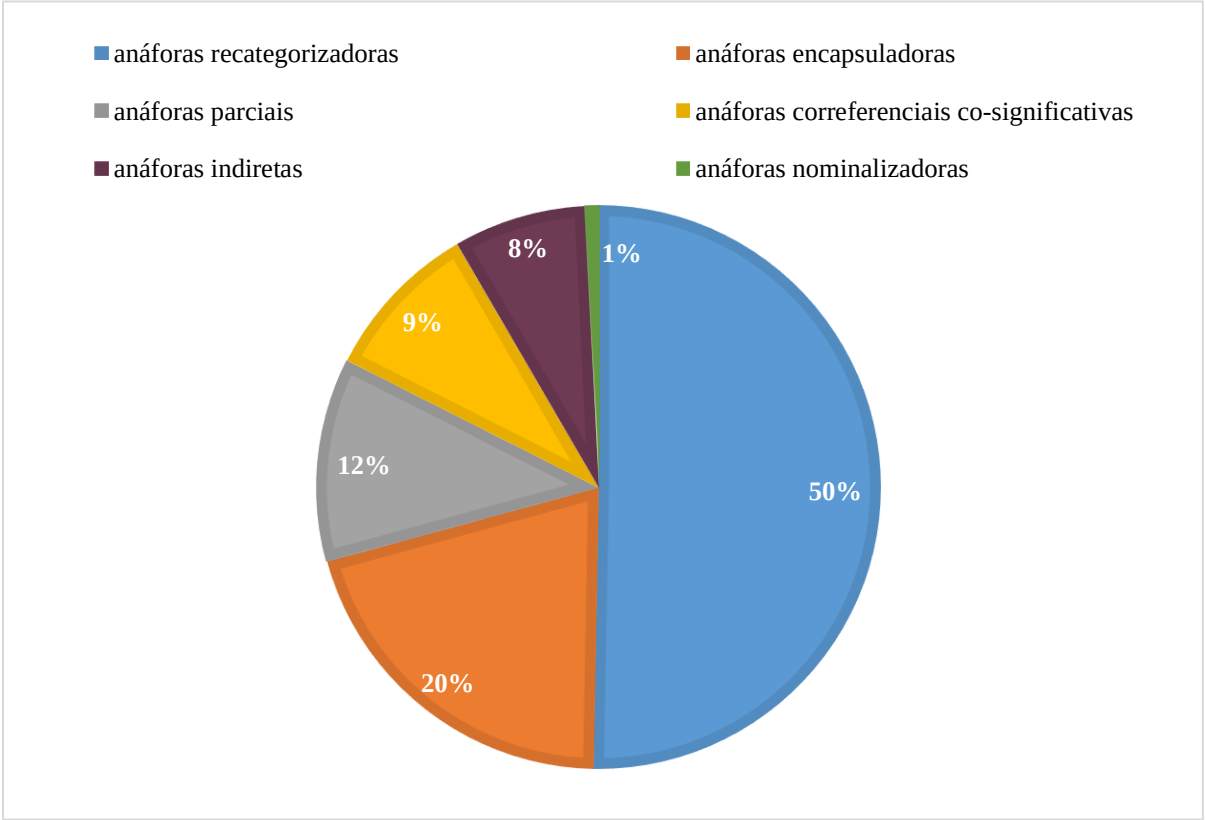


Fonte: A autora, 2020.

A partir desses resultados, é possível ratificar e constatar que é predominante o uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* em relação à função de introdutor de referente do artigo indefinido e a outros empregos de natureza gramatical diferente, assim como nos apontou a análise preliminar do grupo de controle. Dando continuidade à análise de acordo com o que propusemos no grupo de controle, buscamos discernir, quantitativamente, as funções anafóricas do artigo indefinido em suas 513 ocorrências no universo de 762 ocorrências válidas. Os

resultados percentuais dos tipos de uso anafórico do artigo indefinido são apresentados no gráfico a seguir.

Gráfico 8 − Tipos de anáforas realizas das por *um* e *uma* no *corpus* (762 ocorrências válidas)



Fonte: A autora, 2020.

Analogamente ao gráfico 8, na tabela 1, são apresentados os dados numéricos referentes às ocorrências de cada uma das funções anafóricas encontradas no *corpus* no universo de 513 usos anafóricos do artigo indefinido, colocados de forma decrescente.

Tabela 1 – Ocorrências dos tipos de anáforas viabilizadas pelo *um* e *uma* (762 casos válidos)

Tipos de Anáforas	**Número de ocorrências**
Anáforas recategorizadoras	258
Anáforas encapsuladoras	105
Anáforas parciais	60
Anáforas correferenciais co-significativas	47
Anáforas indiretas	39
Anáforas nominalizadoras	4

Fonte: A autora, 2020.

Pela natureza quantitativa dos resultados obtidos, conseguimos confirmar que há

preferência pelo emprego das anáforas recategorizadoras nas entrevistas dos idosos de mais de sessenta anos residentes no Rio de Janeiro que foram analisadas. Essas anáforas recategorizadoras, em grande parte, são predicações antecedidas por verbos de ligação, o que converge com o resultado e a análise do padrão linguístico do uso anafórico do artigo indefinido em co(n)textos de predicação quando há um verbo de ligação (cf. p. 107). O alto número de anáforas recategorizadoras no discurso oral de idosos nas entrevistas semidirigidas indicam, então, que as (re)construções dos referentes apresentados com o artigo indefinido configuram atributos, qualidades que especificam o referente retomado.

Cabe, ainda, concluir que a constatação da predominância do uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* diverge da afirmação de Koch (2004) de que as expressões nominais introduzidas por artigo indefinido em função anafórica são menos usuais. Nesse sentido, os resultados do uso anafórico do artigo indefinido, também, divergem no que diz respeito às baixas ocorrências encontradas no *corpus* de escrita de Cunha Lima (2004), com apenas 41 casos de usos anafóricos do artigo indefinido.

Ressaltar que tais divergências quantitativas do uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* oral de entrevistas semidirigidas é importante porque não podemos esquecer que todos os estudos existentes sobre a temática do artigo indefinido em função anafórica se pautam na modalidade escrita da língua. Logo, o alto índice de uso anafórico da referida classe gramatical pode, de fato, estar atrelado às particularidades macroestruturais das entrevistas semidigiridas, especialmente no que diz respeito à situação de interação. A alta incidência do uso anafórico confirmada neste *corpus* torna fundada nossa expectativa de poder perceber a existência de particularidades no *corpus* que influenciem esse alto índice do fenômeno em estudo no discurso oral de idosos em entrevistas semidirigidas (cf. 87).

Nossa expectativa pode ser ratificada, ainda, pela observação das formas *um* e *uma* na mesma quantidade de entrevistas entre locutor e documentador do projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC)[14], entrevistas realizadas em condições similares as das entrevistas do projeto Varia-Idade que compõem o *corpus* desta pesquisa. Para isso, analisamos 13 entrevistas do projeto NURC e observamos o espaço amostral de 300 ocorrências de *um* e *uma*. Nesse *corpus*, contabilizamos 178 casos de anáforas promovidas pelo artigo indefinido, o que corresponde a 70% dos casos de *um* e *uma* em 252 ocorrências válidas no espaço visto. Então, temos, nesse *corpus*, quase o mesmo número de ocorrências e de percentual de uso anafórico

[14] O levantamento dos dados de ocorrências nas 13 entrevistas dos *corpora* NURC foi realizado com o auxílio do *AntConc* com o qual contabilizamos 80.207 *tokens* e 7.286 *types*. Os *corpora* completos do projeto NURC estão disponíveis em http://www.nurcrj.letras.ufrj.br/.

encontrado no grupo de controle desta pesquisa.

Por conseguinte, o olhar para cada uma das 900 ocorrências das formas *um* e *uma*, nos permitiu verificar não apenas os tipos de função anafórica do artigo indefinido, como também ter a percepção de como esses usos se realizam e quais são seus valores semântico-discursivos. Isso caracteriza os aspectos textuais-discursivos do uso anafórico do artigo indefinido pelas categorias dos critérios funcionais em relação à forma de apresentação da anáfora e às categorias dos critérios semântico-discursivos.

5.2.2 As funções textuais-discursivas do uso anafórico do artigo indefinido

Analisadas as funções anafóricas do artigo indefinido que abrangem o critério funcional, tivemos como fruto de uma análise qualitativa a observação das funções textuais-discursivas dessas funções anafóricas à luz das categorias de análise propostas pelos critérios funcionais e semântico-discursivos. Tais categorias, como vimos na metodologia (cf. p. 90-101), demonstram a ampla funcionalidade discursiva do artigo indefinido em função anafórica, já que este pode ter formas de apresentação diferentes e essas formas podem ter valores semântico-discursivos, também, distintos. Portanto, com essas categorias nos instrumentalizamos para analisar os aspectos textuais e discursivos do emprego anafórico do artigo indefinido no *corpus* oral de entrevistas semidirigidas com idosos, conforme veremos nas análises seguintes.

Exemplo 79

EFS: #00:41:14-5# hum eh encaminhando nossa conversa para o fim dela tem uma última pergunta que seria se a senhora considera *o Rio de Janeiro* ***uma*** *cidade realmente maravilhosa* qual é sua opinião sobre isso

F66ER: #00:41:30-0# a minha opinião sobre o sobre *o Rio de Jane{i}ro cidade maravilhosa* (-) é existem (-) *dois Rios de Jane{i}ro{s}* (-) *o Rio de Jane{i}ro do turista* (--) pra quem sim é ***uma*** *cidade maravilhosa até que ele seja assaltado* (--) *mas é* ***uma*** *cidade muito bonita?* (-) com praias lindíssimas (-) um povo recepti:vo (-) e essa lenda toda a respeito do: da receptividade do carioca e (--) esse é ***um*** *Rio de Jane{i}ro* e *o Rio de JaNE{i}ro* (-) *do realmente carioca*; (-) eh não do morado{r} da zona sul (-) mas do morado{r} da zona norte (-) pra quem o Rio de Jane{i}ro num tem nada de cidade maravilhosa (--) eh (-) as escolas são sucateadas o ensino é sucatea:do (-) a: a saúde é inexistente (-) o po{u}co que tem (-) os governos em todos os níveis insistem (-) em sucatea{r} e acaba{r} no intuito de privatiza{r} (--) eh (--) todo e todo e qualque{r} iniciativa (-) que seja eh interessante para o público o governo seguinte acaba porque tem que deixa{r} sua marca porque tem que deixa{r} seu nome (--) então assim (-) falta *essa: essa RESponsabilidade essa: (--) com o cidadão* (--) então pra esse carioca? (--) a cidade num tem absolutamebte nada de maravilhoso o transporte é horroroso (-) e só faz piora{r} (--) eh (-) as passagens só

> fazem aumenta{r} o transporte só faz piora{r} (-) não existe ensino não existe saúde pública num; não existe nada disso coisas que são direitos do cidadão porque pagam impostos (-) de verdade a gente não vê imposto nenhum reverte{r} em nosso benefício (-) então não tem como acha{r} ***uma*** *cidade dessa (-) maravilhosa* (3.4) é isso agora pro turista que chega pra {a}s praias? pro {o}s restaurantes da orla da orla do do *Rio de Jane{i}ro pra orla de praia do Rio de Jane{i}ro (-) pro {o}s grandes hotéis na Barra* (-) sim é ***uma*** *cidade maravilhosa* (--) é ***uma*** *cidade muito bonita pra se vista{r}* (-) pra e/ pra essa pessoa (-) pode se{r} uma cidade maravilhosa agora pro carioca num é não (-) (Informante F66ER)

O exemplo 79, ao final da entrevista 4, o entrevistador levanta o tópico sobre a cidade do Rio de Janeiro ser maravilhosa para que a informante exponha seu ponto de vista. Este é marcado claramente pelos índices linguísticos das expressões nominais grifadas que retomam e (re)constroem o objeto de discurso instaurado pelo entrevistador "o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa". Nesse sentido, podemos iniciar a análise dos usos anafóricos do artigo indefinido dessas expressões nominais destacadas pela categoria dos critérios funcionais, já que a fala da informante F66ER está repleta desses usos.

Na fala da informante F66ER, a (re)construção do objeto de discurso "o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa" pelo uso anafórico do artigo indefinido se inicia a partir da retomada ao referente "dois Rios de Janeiro". Essa retomada já anuncia a forma polarizada que a informante vai discorrer sobre o objeto de discurso "o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa". Para tanto, a informante faz uso dos artigos indefinidos em função anafórica nas primeiras expressões nominais referenciais que aparecem em sua fala: "uma cidade maravilhosa" e "uma cidade muito bonita".

Essas duas expressões são realizadas pelo uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal, conferindo as reconstruções de parte do conjunto do referente "dois Rios de Janeiro". Desse modo, analisando pelo critério semântico-discursivo, tais usos do artigo indefinido anafórico têm, evidentemente, valor recategorizador, é um uso por tematização-remática, pois dá atributos à cidade do ponto de vista do turista, conforme evidencia a expressão "Rio de Janeiro do turista". Por isso, tais expressões nominais introduzidas pelo artigo indefinido retomam apenas uma parte do conjunto expresso pelo referente "dois Rios de Janeiro" no qual a entrevistada não anula a existência da cidade maravilhosa.

Para arrematar e reiterar que está tratando de uma face positiva da cidade carioca, é interessante notar que a idosa, para a construção e a reconstrução dessa perspectiva, emprega a expressão "um Rio de Janeiro" que se refere às expressões "uma cidade maravilhosa" e "uma cidade muito bonita", que, como vimos, trazem um lado dos "dois Rios de Janeiros". A expressão "um Rio de Janeiro", assim, faz parte do jogo discursivo da (re)construção do

objeto de discurso introduzido pelo entrevistador “o Rio de Janeiro **uma** cidade realmente maravilhosa”. Nesse jogo discursivo, o emprego anafórico do artigo indefinido em “um Rio de Janeiro” é uma retomada à parte do conjunto que compõe a noção bipartida instaurada pela informante F66ER com a expressão nominal “dois Rio de Janeiros”.

Logo, há uma correferencialidade parcial em “um Rio de Janeiro”, já que a expressão se refere à face maravilhosa da cidade carioca, do “Rio de Janeiro do turista”, o que remonta parte da totalidade da realidade percebida pela idosa em relação à cidade carioca em que vive. Há, no caso da expressão “um Rio de Janeiro”, portanto, uma anáfora que figura o grupo de anáforas que estabelecem uma relação de parte-todo na qual se extrai uma parte do conjunto, conforme agrupou Cunha Lima (2004). Logo, não se trata de um uso meramente quantitativo, de um numeral.

Nesse sentido, no discurso da informante, podemos perceber, também, que o uso da expressão “um Rio de Janeiro”, ocorre como forma de encapsular e enfatizar que os referentes “uma cidade maravilhosa” e “uma cidade muito bonita” delineiam somente um lado da face da cidade pela perspectiva do turista, rotulando tal perspectiva como sendo apenas “um Rio de janeiro”. Assim, esse uso anafórico do artigo indefinido consiste em uso por tematização-remática, já que há um o rótulo dado que soma informações para a representação da face positiva da cidade.

Continuando a argumentação sobre o seu ponto de vista em relação ao tópico levantado, a informante F66ER passa a apresentar o outro lado da face da cidade carioca, isto é, a outra parte do conjunto que compõe sua perspectiva em relação ao objeto de discurso “dois Rios de Janeiro”. Para isso, enumera múltiplos aspectos que apresentam a cidade de forma precária para o próprio cidadão que a habita, o carioca da zona norte. Essa precariedade inviabiliza que o cidadão carioca da zona norte considere o Rio de Janeiro sob o rótulo “*uma cidade dessa (-) maravilhosa*”. Tal rótulo conferido ocorre pela forma de apresentação do uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal que, pela categoria semântico-discursiva, esse uso é por tematização-remática. Trata-se, então, de um emprego do artigo indefinido anafórico que agrega informações aos termos antecedentes que caracterizam a cidade negativamente.

Além disso, as expressões “*uma cidade maravilhosa*” e “*uma cidade muito bonita”* são usos anafóricos do artigo indefinido que remetem, também, às últimas anáforas *“do Rio de Jane{i}ro pra orla de praia do Rio de Jane{i}ro (-) pro {o}s grandes hotéis na Barra”.* Isso reitera, reforça o que já foi dito sobre a face positiva da cidade apresentada pelos usos do artigo indefinido em função anafórica por introdução da expressão nominal. Sendo assim, nessa fala

da informante F66ER, o artigo indefinido em função anafórica possibilitou a desestabilização do tópico introduzido pelo entrevistador "*o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa"* por tê-lo colocado em um conjunto não unitário, expondo que "*o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa"* é apenas um tipo de realidade.

Dessa forma, a informante discorre sobre o tópico de maneira contrastiva, escolhendo a argumentação para tratar dele, visando a convencer seu interlocutor, o entrevistador, sobre seu ponto de vista acerca da cidade, dando a conhecer a existência dessas duas realidades cariocas. Tais realidades são manifestadas por meio de uma segregação geográfica e social na cidade que foram apresentadas claramente pelas estratégias de reconstrução do referente "*o Rio de Janeiro uma cidade realmente maravilhosa"* com o emprego do artigo indefinido anafórico. Isso, ainda, permite manter em vista não apenas o tópico, como também o tema que foi levantado para discussão na entrevista.

> Exemplo 80
>
> EMB: #01:03:52-1# você acha que hoje em dia há mais *violência na cidade do Rio de Janeiro* praticamente
>
> M70B: #01:03:58-9# há certamente (--) (4.2) não há dúvidas não há dúvidas (--) não há dúvidas (-) naquela é:poca um: vo/ você talvez não tem ideia ago/ agora está melhor que estava (--) entende do que esteve ahh sei lá há dez anos atrás quinze anos atrás entende? mas naquela é:poca um um: (--) *uma pessoa morrer com um tiro de revólver* isso dava primeira página de jornal (--) hoje em dia meus colegas mais jovens as (-) pessoas estão recebendo agora melhorou as pessoas estavam recebendo tiro a queima roupa de fuzil *tiro a queima roupa de fuzil* ele não é ***uma*** *ferida no tórax* ele arranca pedaço do tórax (-) entende*; É é um* ***um*** *contrassenso*(-) é porque o fuzil ficou comparativamente barato ***um*** *fuzil* não é p{a}ra ser usado a curta distância (--)a curta distância você usa *a pisTOla* a curta distância você usa *o reVÓLver*(-) ***um*** *fuzil* você atira num indivíduo que está para mais de cem metros não é inclusivel ***uma*** *arma fácil de você ((haha)) manejar* não é(-) enfim (-)imagino eu se você tiver o sujeito com revólver na mão e o outro com fuzil o que tiver com revólver na mão a curta distância o que tiver com revólver na mão leva vantagem (-) {es}tá e(-) metralhadora e tal então certamente a violência hoje em dia é maior muito maior muito maior;(-) (Informante M70B)

No exemplo 80, ao desenvolver o tópico sobre a violência na cidade do Rio de Janeiro, o informante M70B, da entrevista 2, o expande, ao mesmo tempo que encaminha o assunto para os tipos de armas que eram utilizadas antigamente e os tipos de armas que são utilizadas atualmente. Analisando a fala do informante pelo critério funcional, vemos que, ao introduzir o referente "tiro a queima roupa de fuzil" com a finalidade de apresentar a potência do disparo da arma, o entrevistado retoma esse referente, negando que esse tipo de arma faça apenas "uma ferida no tórax". Essa anáfora que se apresenta pelo uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal tem como valor semântico-discursivo o uso da tematização-remática, já que essa anáfora recategoriza, acrescenta informações ao antecedente.

Toda a porção textual na qual o informante M70B contrasta o uso do revólver e do fuzil é retomada como sendo “um contrassenso”. Essa estratégia é classificada como um uso anafórico do artigo indefinido por meio da introdução da expressão nominal “contrassenso”. A partir desse uso anafórico com valor semântico-discursivo recategorizador, um uso por tematização-remática se estabelece, evidenciando o ponto de vista do entrevistado sobre o absurdo que é utilizar uma arma de longa distância para curta distância em uma cidade, visto que, nessa situação, se deveria usar “a pistola” e “o revólver”.

A exposição sobre o uso indevido do fuzil é tão flagrante na vivência do carioca que o informante, quando descreve que o uso dessa arma é para longa distância, retoma seu antecedente “um fuzil” pela repetição da mesma expressão “um fuzil”. Tal repetição do referente por meio do uso anafórico do artigo indefinido tem como valor semântico-discursivo o uso da tematização-remática por reiteração do artigo indefinido na expressão nominal, reiterando e dando ênfase ao tipo de circunstância que uma arma como o fuzil deve ser utilizada.

Além disso, se olharmos a expressão “uma arma fácil de manejar” pelo critério funcional, percebemos que esta expressão se trata de um uso anafórico do artigo indefinido introduzido por expressão nominal. Esta estratégia anafórica, por sua vez, vista pelo critério semântico-discursivo, tem a função de acrescentar mais uma informação sobre o referente “fuzil”, sendo um uso por tematização-remática.

É válido, ainda, observar a forma que o informante delimita o desenvolvimento do tópico, enfocando na exposição sobre uma diferença temporal nos tipos de armas usadas na cidade, demonstrando um conhecimento sobre armas, que é peculiar. A partir disso, é interessante notar como o informante M70B traz esse conhecimento sobre armas a seu interlocutor, apresentando e (re)construindo o objeto de discurso “fuzil” com o artigo indefinido em função anafórica que traz o referente como sendo pertencente a um tipo, no caso, um tipo de armamento pesado. Com isso, lança mão não apenas de suas opiniões, mas também de fatos da realidade carioca para embasar sua argumentação, persuadir o entrevistador sobre seu ponto de vista de concordância com a intensificação da violência na cidade pela banalização do uso de armas pesadas.

Exemplo 81

EFGR: #00:34:34-6# aham e a/ ( ) sobre sua a vida pessoal {vo}cês se encontram com
os amigos de antigamente

M68F: #00:34:43-3# encontro

EFGR: #00:34:44-2# que {vo}cês moram [aqui]

> M68F: #00:34:44-7# [aliás] eu tenho ***<u>um</u>***::: (--) aí é que a gente é muito família então a gente é MUIto ligado com a família sabe (-) agora eu tenho um amigo que eu conheço ele assim desdes mil novecentos e setenta (Informante M68F)

No exemplo 81, o entrevistador, ao querer ser informado sobre como se dão as relações de amizade do informante M68F, da entrevista 5, introduz em seu discurso o referente "*os* amigos de antigamente*",* no plural. Este referente, sob a perspectiva do critério funcional, mantém claramente relação de antecedente com a expressão anafórica realizada pelo artigo indefinido "um" na fala do entrevistado. Observarmos, então, que essa é uma anáfora que não retoma totalmente o termo antecedente, sendo apresentada como mantenedora da expressão nominal antecedente "os amigos de antigamente". Logo, esse uso anafórico do artigo indefinido "um" tem como valor semântico-discursivo uma relação de parte-todo, estabelecendo uma noção meronímica para tal emprego anafórico.

É notável o modo como tal anáfora se estabelece linguisticamente, pois apenas se materializa pelo artigo indefinido *um* sem o núcleo do SN "amigos de antigamente", que está ao lado de um advérbio, o "aqui". Essa situação é uma circunstância linguística padrão para o uso anafórico do artigo indefinido, conforme se constatou na análise dos padrões linguísticos para o uso anafórico na seção anterior deste capítulo. Portanto, na fala do informante, o item *um* atua sozinho, sem a presença do sintagma nominal no processo de retomada ao objeto de discurso. Isso, então, estabelece a função discursiva de manutenção por si só do antecedente "os amigos de antigamente" instaurado na fala do entrevistador.

Nessa retomada, não se inseriram mudanças ou acréscimos ao sintagma nominal do termo antecedente, pois ele é mantido em foco somente. Neste contexto, o entrevistado negocia o sentido da expressão nominal por se propor a construir conjuntamente o objeto de discurso. Este objeto "os amigos de antigamente" deixa de ser um conjunto unitário para se extrair "um", um elemento desse conjunto, apenas uma parte dele, sendo retomado parcialmente.

A utilização desse recurso do uso anafórico do artigo indefinido pela manutenção da expressão nominal indefinida se deva, talvez, a uma tendência de economia na fala que confere agilidade necessária ao tratamento das unidades de ideia. Como foi exposto por Rodrigues (1999), essas ideias podem mudar de maneira rápida na fala, que tende a ser fragmentária, o que ocorre, neste caso, sem a necessidade de repetição da composição nominal do antecedente.

> Exemplo 82
>
> EFGR: #00:25:18-8# e se você para você falar mais alguma coisa do Carnaval ou do Rio de Janeiro alguma [curiosidade]
>
> F65BT: #00:25:27-0# [bom] eu já acordava quando sabia que era carnaval eu me lembro eu garota (-) primeira coisa que eu acordava era pinta{r} a boca porque (-) eu adorava me pinta{r} sempre gostei de me pinta{r} sempre fui *fui* ***<u>uma</u>*** *Carmen*

Miranda da vida (Informante F65BT)

No exemplo 82, convidada a falar mais sobre o tópico carnaval proposto pelo entrevistador, a informante F65BT, da entrevista 1, atendendo à solicitação de seu interlocutor, escolhe narrar a recordação de que adorava se pintar quando acordava e sabia que era carnaval, rotulando-se e rotulando seus hábitos como sendo "uma Carmen Miranda". Ao observarmos, primeiramente, esse rótulo que diz respeito ao uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal, vemos que a informante encapsula a narrativa do hábito de gostar de se pintar no carnaval.

Em relação ao critério semântico-discursivo, a anáfora "uma Carmen Miranda" é empregada com o valor de tematização-remática em que se recategoriza, se qualifica os seus hábitos que dizem respeito à sua pessoa, ao modo de ser da informante com a finalidade discursiva de se comparar à Carmen Miranda, logo, temos a representação do uso por tematização-remática por comparação. Além disso, a escolha da forma de apresentação para retomada "uma Carmen Miranda", a partir de um artigo indefinido, demonstra que um nome próprio como "Carmen Miranda", um conjunto, previamente, unitário, que designa apenas uma pessoa, pode se tornar um conjunto não unitário, conforme observou Cunha Lima (2004).

Na ruptura desse conjunto unitário, esse uso anafórico do artigo indefinido faz uma operação de extração de um membro de determinado conjunto, permitindo que o membro, ou características dele sejam identificadas. No caso, a característica identificada se relaciona ao que a entrevistada encapsulou e rotulou como sendo "uma Carmen Miranda", o hábito de se pintar. Isso permite identificar os hábitos da informante com os de Carmen Miranda, atriz luso-brasileira do século XX famosa, conhecida por sua maquiagem e adereços chamativos e característicos. Portanto, o que a informante veio trazendo sobre seu hábito de se pintar possibilita que o conjunto "Carmen Miranda" deixe de ser único.

Logo, o artigo indefinido nessa expressão nominal, tido pelas gramáticas como generalizante e introdutor de informação nova, promove nada menos que uma extração de um conhecimento compartilhado sobre as propriedades necessárias para se estabelecer uma comparação com os hábitos da informante de gostar de se pintar e o objeto de discurso Carmen Miranda. Então, o artigo indefinido, nesse exemplo, permite que a falante construa um conhecimento sobre si mesma para o entrevistador a partir do possível conhecimento de mundo que este tenha sobre a atriz luso-brasileira.

Exemplo 83

F64LJ: #00:28:42-8# *mulheres rodadas* são as mulheres assim que vão s/ ah *é* ***um*** *bloco de mulheres* (-) MAs junta tudo nÉ [elas]

> EFGR: #00:28:49-3# [e a] roupa que que elas usam?
>
> F64LJ: #00:28:50-7# elas ficam de PEito de fora (-) sabe ela elas/ é uma; *é **um** baRAto* (-) TOCAM pra caRAm::ba (--) tocam mui::to (-) e:: fazem performances entendeu sobem no; no; nos (-) nas portas assim na na nas gra:des aí é chama tras/ trepadeiras ((rindo)) (3:5) e a MÚsica é viBRA::nte dema::is como tocam
>
> EFGR: #00:29:17-2# é são músicas próprias?
>
> F64LJ: #00:29:19-3# são não: tipo de repente; toca; Janis Joplin sabe ritmo de carna:val (-) <hello (...)> ((cantando)) b/ e/ rit::mo de de carnaval entendeu coisas assim
>
> EFGR: #00:29:32-0# Nunca [tinha ouvido falar]
>
> F64LJ: #00:29:32-2# [com um batuque] (-) *um batuque Mulheres rodadas* é SENSAcional você fica; olha *é **uma** coisa que que te/ que você fica impregnada é **um** astral* (-) ***um** negócio muito forte* (-) o Boitatá também tem esse essa característica sabe; de de de vibra::ção de sabe de (-) corporal mesmo ***uma** coisa que você de repente fiq/ vai ficando impregNAdo* (--) como se você tivesse tomado ***uMA** dro:ga* e você vai fica::ndo ali:: sabe é uma uma corrente (--) é uma corrente (-) tanto que não acontece nada de; violen; de violência dentro do do DEsse Boitatá (-) tem até ince:nso as pessoas incensam (-) sabe saem insensa:::ndo tem oraçõ::es (--) [sabe] (Informante F64LJ)

No exemplo 83, a informante F64LJ, da entrevista 7, menciona alguns blocos de carnaval ao ser questionada sobre essa época do ano. Dentre esses blocos mencionados, explana sobre o objeto de discurso, um bloco de carnaval, "mulheres rodadas" que, em sua (re)construção, o artigo indefinido tem papel de peso ao introduzir as expressões nominais no discurso da idosa. Nesse sentido, analisando pelo critério funcional, podemos ver a relação anafórica que a expressão nominal "um bloco de mulheres" estabelece com o objeto de discurso introduzido pela informante. Nessa anáfora, há uma especificação do referente que é composto apenas por mulheres, o que, pelo critério semântico-discursivo, corresponde ao uso por tematização-remática.

Já, em relação à performance dessas mulheres no bloco que ficam de "peito de fora" em suas apresentações, a informante emprega a expressão "*um baRAto*", anáfora que se enquadra no critério funcional do uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal. Observando o critério semântico-discursivo desse emprego anafórico, percebemos que o rótulo dado pela tematização-remática soma mais informações sobre a atuação das mulheres no bloco, expressando o ponto de vista favorável e de admiração da informante em relação ao que é proposto no bloco.

Nesse processo de (re)construção, o referente "Mulheres rodadas" é retomado como "uma coisa que que te/ que você fica impregnada", "um astral" e "um negócio muito forte". Em relação ao critério funcional desses usos anafóricos do artigo indefinido, observamos, mais uma vez, empregos de usos anafóricos desse artigo cuja apresentação ocorre por introdução

de expressões nominais. Tais usos anafóricos conferem rótulos cujos valores semântico-discursivos são de tematizações-remáticas, pois qualificam o referente.

Para deixar mais clara a descrição e a exposição do bloco de mulheres, a informante F64LJ o compara com um bloco que havia falado anteriormente na entrevista "o Boitatá", ambos os blocos têm as mesmas características que mais se aproximam de efeitos da experiência vivenciada neles. Para demonstrar os efeitos dessa experiência, a informante retoma esses bloco como sendo "uma coisa que que te/ que você fica impregnada" e "uma droga". São esses usos que enquadram esses empregos anafóricos do artigo indefinido em usos por tematização-remática, visto que seus valores semântico-discursivos agregam informações sobre as experiências da idosa nos blocos de carnaval.

É interessante atentar, nessa fala da informante F64LJ, não apenas para o massivo emprego do artigo indefinido com função anafórica por introdução da expressão nominal, mas também para os verbos de ligação que o antecedem, ocasionando predicativos que são usos referenciais como podemos ver. Portanto, essas anáforas viabilizadas por meio de predicações contruídas com o artigo indefinido ampliam as informações sobre o objeto de discurso com o claro propósito de expor os atributos que partem de uma perspectiva apreciativa da informante sobre o referente, o bloco "Mulheres rodadas".

Logo, torna-se patente como as predicações no processo de referenciação, necessariamente, compõem o objeto de discurso e contribuem com o cumprimento do projeto de dizer da informante de dar a conhecer sua experiência no bloco "Mulheres rodadas". Para isso, a fala da informante se delineia, predominantemente, pela escolha do tipo descritivo para dar a conhecer sua experiência a partir de seu ponto de vista com os rótulos introduzidos por artigos indefinidos. Estes, desse modo, cumprem com sua função de fazer uma operação de tipo, no caso, os tipos de sensações pelas quais passou, caracterizando de maneira sinestésica, o que presenciou nesse bloco e o que eles provocam.

Exemplo 84

EFG: #00:43:54-6# eh quando o senhor chegou aqui no Rio como era a moda como as mulheres e os homens se vestiam

M67ST: #00:44:00-8# olha quando eu cheguei aqui no Rio (-) eu cheg/ que quando eu passei paras dis/ parte de São Paulo depois da Bahia (-) eu quando eh cheguei aqui era quase que no no momento que d/ eu tava trabalhando eu bot/ procurava usa{r} *um uma ro{u}pa mais* (-) quando não tava no trabalho *era um macacão que era espécie de hippie* (2.4) era um: uma usava/ e era muita gen/ o as pessoas usavam aquelas calças boca de sino um: *um macacão* um::: *umas camiSEtas colorida{s} uma muita ro{u}pa colorida que a gente mesmo? costurava* às vezes a gente pegava fo/ enfeitava aquelas ro{u}pas e (-) fa/ camisa botava enfeite ficava tudo ***uma*** *coisa muito colorida* [era uma] (Informante M67ST)

No exemplo 84, o informante M67ST da entrevista 11 é perguntado sobre a moda

utilizada pelas mulheres e pelos homens quando chegou à cidade do Rio de Janeiro. A partir disso, o informante instaura, em seu discurso, vários objetos de discurso introduzidos por meio do artigo indefinido. Detendo-nos, primeiramente, ao critério funcional das relações anafóricas estabelecidas pela escolha de apresentação do objeto de discurso, é curioso perceber que, nesse caso, a maior parte das expressões nominais fundadas pelo artigo indefinido são introduções, ativações de objetos de discurso. Isso, então, ocorre pela intenção do entrevistado de descrever os tipos de roupas que eram utilizadas na época em que chegou à cidade carioca, o que faz apresentando os objetos de discurso da moda dessa época.

Em sua fala, o informante inicia a descrição da moda da época, pela narrativa de sua história de vida na qual registra que sempre trabalhou e, a partir disso, expõe o tipo de roupa que ele utilizava no trabalho era "uma roupa mais". Tal roupa usada pelo entrevistado no ambiente de trabalho se diferencia da roupa da moda que usava fora desse ambiente, uma vez que era "um macacão que era espécie de hippie". Era esse tipo de roupa como a do entrevistado que as pessoas usavam na época de sua chegada à cidade carioca, roupas no estilo *hippie*, tais como, "aquelas calças boca de sino", "um: um macacão", "umas camiSEtas colorida{s}".

As roupas são referidas como "uma muita ro{u}pa colorida que a gente mesmo? costurava". Essa expressão que está sublinhada no exemplo, se observada pelo critério funcional, diz respeito ao uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal. Neste caso, esse uso anafórico do artigo indefinido se institui como um encapsulamento de todos os objetos de discurso referentes às roupas utilizadas na época da chegada do informante à cidade do Rio de Janeiro. Analisando, por fim, o valor semântico-discursivo desse emprego anafórico podemos classificá-lo como um uso por tematização-remática, já que há um rótulo, atribuindo-se, com ele, uma característica.

Além disso, o informante M67ST conta que, no processo de feitura da roupa pelo próprio usuário, se botava enfeite na roupa. Esse processo tem como resultado "uma coisa muito colorida", o que constitui um uso anafórico do artigo indefinido apresentado por meio de uma expressão nominal. Esse uso rotula, caracteriza o resultado da confecção das roupas e, ainda, acaba reiterando o rótulo dado "uma muita ro{u}pa colorida que a gente mesmo? costurava". Desse modo, pelo critério semântico-discursivo, tais usos anafóricos do artigo indefinido são usos por tematização-remática pelos quais o informante registra suas impressões sobre o vestuário da época em que chegou ao Rio de Janeiro.

Exemplo 85

EMB: #00:04:02-3# como foi a composição da população do bairro

M70B: #00:04:12-2# [...] tem ***uma*** *coisa(--) interessante* (-) embora eu (-) não tivesse gran:de relacionamento até porque eu era(-) ainda menino éh:: *havia* ***uma*** *quantidade mui::to grande imigrantes* (--) {es}tá que:: pois é havia mui::to grande não/ mas havia ***uma*** *quan:tidade de imigrante de origem europeia* (2.2) que tinham vindo para cá(-) muito judeus *copacabana* ainda hoje *é um bai:rro que tem bas:tante judeus que vieram fugidos do nazismo*(--)sejam poloneses seja:: éh:: muitos poloneses (-) certamente seja éh:: alemães (--)e outros e (-)muitos éh: europeus também que fugiram hungaros e outros que fugiram hungaros judeus ou cristãos e outros (-)que fugi:ram da(-) europa quando terminou a gue:rra (-)e aí houve a entrada do comunis::mo e muita gente fugiu (-) e também a situação econômica de ***uma*** *europa pela segunda vez no mesmo século praticamente (--) destru:ída* então havia ***uma*** *participação: (-) de: de europeus* tá não deu eu não tinha maior contatos com eles (-)só estou comen:tando isso; havia muitos essas pessoas em geral eram pessoas(-) de(--)de nível econômico mai:s éh pelo menos de nível cultural mais elevado [...] (Informante M70B)

No exemplo 85, o entrevistador questiona ao informante M70B, da entrevista 2, como foi a composição populacional do bairro e, mesmo com o tópico se referindo ao bairro em que vive, Botafogo, o informante desenvolve o assunto pelo bairro da cidade carioca em que nasceu, Copacabana. Essa narrativa da composição populacional é rica em aspectos socio-históricos para o desenvolvimento do tema, sendo interessante nos atermos, primeiramente, ao critério funcional do uso anafórico em "uma coisa interessante". Esse uso anafórico é realizado pelo artigo indefinido por meio da introdução da expressão nominal, o que já rotula o fato que o informante apresentará em seguida.

O emprego anafórico desse artigo indefinido apresentado por uma expressão nominal encapsula toda a porção textual que segue. Por meio do critério semântico-discursivo, esse emprego do artigo indefinido anafórico se classifica como um uso por tematização-remática que rotula, acrescentando um atributo, trazendo um juízo positivo ao que o informante M70B irá abordar sobre o assunto levantado. Esse rótulo anterior à porção textual retomada, acaba gerando uma expectativa no interlocutor sobre o que será apresentado, isto é, rotulado, caracterizado como "uma coisa interessante".

A porção textual que é rotulada pelo uso anafórico do artigo indefinido traz, basicamente, o fato de a população de Copacabana ter sido composta por imigrantes. Tal fato pode ser assimilado, em especial, pelos objetos de discurso apresentados pelo uso anafórico do artigo indefinido por introdução de expressão nominal. A partir do critério funcional, observamos a expressão introdutora "uma quantidade mui::to grande imigrantes" que é retomada pelo uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal em "uma quan:tidade de imigrante de origem europeia". Essa expressão especifica e determina "uma quantidade mui::to grande imigrantes", o que se caracteriza, pelo critério semântico-discursivo,

como um uso do artigo indefinido anafórico por tematização-remática.

Nessa narrativa do percurso histórico da composição do bairro de Copacabana, o informante M70B especifica mais ainda que tipo de pessoas eram parte do referente "uma quantidade mui::to grande imigrantes" ao rotular e, ao mesmo tempo, recategorizar, por meio de predicação, o bairro de Copacabana como "um bai:rro que tem bas:tante judeus que vieram fugidos do nazismo". Esses usos anafóricos do artigo indefinido, pelo critério funcional, são apresentados por introdução das expressões nominais cujo emprego tem o valor semântico-discursivo de tematização-remática por trazer informações novas.

No contexto histórico narrado pelo informante, europeus de diversas nacionalidades vieram para o bairro de Copacabana fugidos, tendo em vista "uma europa pela segunda vez no mesmo século praticamente (--) destru:ída". Foi essa circunstância, então, que culminou com "uma participação: (-) de: de europeus" na composição do referido bairro carioca. O uso dessa expressão, pelos critérios funcionais, se trata de um uso anafórico do artigo indefinido por introdução da expressão nominal. Esse uso, pelo critério semântico-discursivo, se classifica como uma tematização-remática, que agrega atributos e informações que contribuem para explicar e justificar como ocorreu, no bairro de Copacabana, "uma quantidade mui::to grande imigrantes", especificamente, "uma quan:tidade de imigrante de origem europeia".

Na formulação discursiva para a apresentação da composição populacional do bairro de Copacabana, esse idoso recorre às expressões referenciais introduzidas pelo artigo indefinido para expor seus conhecimentos sobre o que lhe foi questionado. Esses conhecimentos históricos sobre um bairro são peculiares, tanto que o próprio informante chama atenção para isso com rótulo antecipado "uma coisa interessante", o que ratifica, também, o caráter dinâmico da atividade de referenciação que não é necessariamente linear, não se organiza apenas por introduções ou por retomadas de referentes.

Em termos dos aspectos semântico-discursivos desses usos anafóricos, os empregos anafóricos do artigo indefinido na fala de M70B vêm em favor da delimitação do fato histórico exposto com as especificações trazidas pela seleção de atributos e dos rótulos que inscrevem a perspectiva do informante sobre o assunto. Nesse sentido, os empregos dos artigos indefinidos em função anafórica que permitem instaurar o referente em um tipo dentro de uma classe auxiliam no acompanhamento do fato histórico trazido pelo seu interlocutor. Além disso, essas expressões nominais permitem marcar que esse tipo de composição populacional do bairro é singular, é um tipo de composição específico que se torna "uma coisa interessante".

Exemplo 86

EFGR: #00:35:06-6# e sempre existiu

> F64LJ: #00:35:07-5# sempre existiu *EU* sou ***uma*** *das pessoas que ajudei a:: (-) revitaliza{r} o parque Guinle* porque (-) ele *viRO{u} um: um: pardieiro* tinha drogado assim (-) gente deiTAda nos ba:ncos com seri::nga é:: dava MEdo de entra{r} aí eu jun/ me juntei com *VÁrias mulheres* (-) ***uma*** *delas a Ledina Levi que é:: uma mulher sensacional* conhece ela? (-) ((moradores da casa abrindo a porta e entrando na casa onde estávamos)) SEnsacional a gente; fez um grupo é começamos a; (--) revitaliza{r} o parque sabe (-) bota{r} os drogados p{r}a fo::ra junto:{u} mais ge::nte (-) e/ eu fazia parte de uma associação chamada Associação abraça aves (--) porque {a}os pessoas maTAvam; os patos matavam as; tem GArça (-) *é* ***uma*** *coisa li::nda o parque* (--) aí a gente começo{u} a junta{r} dinheiro rua (-) compramos uma mangue::{i}ra pra molha{r} as PLAntas o parque é eNO:::rme (-) e é do do governo cara é ali do palácio (-) do palácio do: do: o: a: mora/ a residência do do prefeito (-) governador é em cima (--) do do parque aí você desce assim tem O PArque é da da{e}ssa família Ginle (-) entendeu? só que fi/ que que *o parque viro{u}* ***uma****: coisa pública* (Informante F64LJ)

No exemplo 86, a informante F64LJ da entrevista 7, no decurso da conversa, fala sobre um parque que tem próximo de sua rua, logo, introduz o referente "parque Guinle". Por isso, o entrevistador questiona se esse parque sempre existiu e, em resposta, a informante confirma que sempre existiu. A partir dessa afirmação, a informante chama atenção para o fato de seu ativismo em favor do parque. Para isso, emprega muitos usos anafóricos do artigo indefinido.

Compreendendo esse usos anafóricos do artigo indefinido pelo critério funcional, vemos que a informante retoma o referente "eu" como sendo "uma das pessoas que ajudei a:: (-) revitaliza{r} o parque Guinle". Nesse sentido, podemos observar que a forma de apresentação do emprego anafórico do artigo indefinido ocorre pela introdução da expressão nominal. Já, pelo critério semântico-discursivo, o uso anafórico do artigo indefinido ocorre por tematização-remática. Todavia, esse mesmo uso anafórico se refere à parte do conjunto "várias mulheres" que participaram no processo de revitalização do parque Guinle. Logo, essa anáfora também é uma anáfora de retomada parcial cujo valor semântico-discursivo ocorre como parte-todo, ou seja, um uso meronímico.

Quando é retomado o conjunto "várias mulheres" que atuaram com a informante na revitalização do parque, a anáfora parcial "uma delas", que retoma parte do conjunto "várias mulheres", ganha a função de destacar outro membro do conjunto ao qual perntenceu a informante. Com esse destaque, a informante especifica quem é esse membro que recebe relevância dentro do grupo, pela anáfora recategorizadora, a "Ledina Levi". Este membro é, mais uma vez, recategorizado, por meio de predicação, como sendo "uma mulher sensacional". Portanto, no critério funcional, essas anáforas classificam-se pelo uso do artigo indefinido anafórico introduzidas por expressão nominal, tendo o seu uso valor semântico-discursivo de tematização-remática por dar a conhecer essa colega do grupo.

Ainda, a idosa, ao informar que fazia parte de "uma associação chamada Associação

abraça aves" na qual atuava em função de proteger as aves do parque Guinle, recategoriza o parque, mediante predicação, como sendo "uma coisa li::nda". A partir do critério funcional, essa recategorização feita pelo uso anafórico do artigo indefinido por apresentação da expressão nominal torna clara a intenção da informante de marcar os motivos. Estes são os atributos do parque os quais conferem validade e justificativa para atividade nas duas causas que a informante se uniu, a causa da revitalização do parque Guinle e a causa da proteção das aves que nele habitam. Assim, esses usos anafóricos, pelo critério semântico-discursivo, são usos por tematização-remática.

Exemplo 87

EMB: #00:44:32-7# O regime militar afetava a sua vida na época

M70B: #00:44:40-5# [...] aí houve um *uma movimentação muito maior* com= não era só com os estudantes com passe:atas (-) teve a famosa(-) passeata dos: cem mil e teve ***uma*** *situação de confronto* em que morreu *um estudante* (--) confron:to com (-)a polícia *miLItar* ***um*** *estudante secunDÁrio* **um** (-) estudante de ginásio de colegial ***uma****(-) coi::sa pequena* mas com essa gravidade *o (-) cadáver do menino* foi levado p{a}ra Santa Casa(--)já era ***um*** *cadáver* Edson Luis já *era* ***um*** *cadáver* a santa casa não tem ser:viço de(-) emergência santa casa não teRIA como atendê-lo(-) entende? não teria condições p{a}ra isso aí foi feito uma manifestação muito grande e depois disso(-) daí aí: veio(-) o AI5 ato institucional (-)número cinco que (2.4)aí fe:chou entende? [...] (Informante M70B)

No exemplo 87, em resposta à pergunta se o regime militar afetou sua vida, o informante da entrevista 2, o M70B, traz acontecimentos que vivenciou nesse período histórico. Dentre esses acontecimentos narrados, um deles foi bem marcante para o idoso, a morte de um menino em meio a um confronto militar, definido como "uma situação de confronto". Na introdução dessa narrativa, o informante apresenta o personagem central do acontecimento "um estudante secunDÁrio", "um (-) estudante de ginásio de colegial". Esta última expressão, observando o critério funcional, se trata de um uso do artigo indefinido em função anafórica apresentado a partir da introdução da expressão nominal.

O valor desse emprego anafórico, em termos de critérios semântico-discursivos, ocorre por tematização-remática, já que esse uso confere uma informação específica sobre o antecedente. Diante dessa informação sobre o referente, o entrevistado M70B usa a expressão "uma(-) coi::sa pequena" que, pelos critérios funcionais, se classifica como um uso anafórico do artigo indefinido por tematização-remática. Essa anáfora de valor semântico-discursivo de tematização-remática acresce um atributo ao referente a fim de marcar a desproporcionalidade da ação militar que resultou em uma morte.

Com isso, a carga pesarosa e trágica do fato narrado é descrita por meio da repetição da expressão "um cadáver". Essa repetição se classifica como um uso anafórico do artigo

indefinido apresentado pela introdução de uma expressão nominal, sendo essa expressão que contém o termo repetido “cadáver”. Já, pelo critério semântico-discursivo desse uso anafórico, compreendemos que esse recurso ganha peso para trazer à tona o impacto da situação com bastante expressividade, uma vez que o emprego da anáfora “um cadáver” se refere ao uso por tematização-remática por reiteração do artigo indefinido na expressão nominal.

Assim, essa repetição reitera o pesar do acontecimento da morte de um menino, menino esse que, quando foi levado para Santa Casa já, era “*um cadáver*”, o menino cujo nome era “Edson Luis” que, segundo o informante repete, “era um cadáver”. Por esse recurso da repetição, o entrevistado, em um discurso, impele um sentimento de comoção que carrega o fato narrado, trazendo imagens fortes impressas a partir dos usos anafóricos do artigo indefinido com os quais enfatiza que um menino, apenas um menino se tornou um cadáver.

Portanto, por meio da aplicação das categorias e das subcategorias dos critérios funcionais e semântico-discursivos é possível demonstrar que os usos anafóricos do artigo indefinido têm uma ampla funcionalidade discursiva. As categorias propostas e demonstradas na análise nos permitem contemplar a abrangência das situações próprias e particulares das anáforas estabelecidas pelo artigo indefinido e de seus efeitos de sentido nas entrevistas semidirigidas orais com idosos.

Além disso, a escolha da apresentação da retomada de um objeto de discurso por meio do artigo indefinido nas entrevistas dos idosos reforça o que disse Cunha Lima (2004) sobre a operação de tipo que o artigo indefinido faz na expressão que retoma, colocando-a em uma classe, um conjunto não unitário. Desse modo, essa operação feita pelo artigo indefinido não pode ser vista isoladamente, já que fica muito sensível ao contexto e ao termo retomado no qual o artigo faz a operação de tipo, o que constata que o artigo indefinido não traz informação tão nova e tão desconhecida como estudos gramaticais postulam.

Essa constatação em relação ao emprego do artigo indefinido não acabaria reforçando a verificação de Dino Preti (1991) sobre a fala dos idosos ser menos densa no que diz respeito ao nível de informacionalidade. Isso acabaria reforçando muito mais o impacto da situação comunicativa, do co(n)texto para a escolha da forma de apresentação da retomada do referente para o interlocutor.

A escolha da apresentação da retomada por meio do artigo indefinido pode se caracterizar como uma estratégia dos idosos entrevistados para trazer seu conhecimento para o entrevistador . Este, por um lado, visa conhecer a perspectiva sócio-histórica e espacial do informante idoso na cidade em que vive e, por outro lado, esse idoso é quem dá a conhecer sua visão a quem ele não conhece, o entrevistador. Nesse sentido, a usual estratégia dos

idosos nas entrevistas para a retomada dos objetos de discurso por meio do emprego de artigo indefinido anafórico pode ser uma forma de conduzir em tempo real e localmente o partilhamento dos conhecimentos na situação comunicativa das entrevistas semidirigidas. Logo, esses conhecimentos seriam trazidos em dosagens proporcionais à demanda do contexto não restrito ao linguístico, mas do contexto que delineia o comportamento e as manifestações linguísticas.

Por conseguinte, o predomínio do uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* analisado, junto a suas funções textuais-discursivas, pode mostrar a influência patente da situação comunicativa das entrevistas semidirigidas. Logo, a usual escolha da apresentação da retomada de um referente pelo uso anafórico do artigo indefinido pode ser entendida não apenas como um auxílio no projeto de aproximação entre os interlocutores, mas também como uma tentativa de compartilhamento de conhecimentos necessários para o desenvolvimento da situação comunicativa.

CONCLUSÃO

Com a proposta de enfocar na análise de uma categoria específica, a função anafórica do artigo indefinido, procedemos, primeiramente, a investigação do tema nos estudos gramaticais. Para isso, observamos duas gramáticas representativas dos séculos XIX, XX e XXI a fim de entender as diferentes percepções para a definição e a compreensão da classe gramatical do artigo, especificamente, do artigo indefinido nesse percurso histórico. A partir disso, vimos que, nas gramáticas analisadas o artigo definido é visto em contraposição ao artigo indefinido por este não ter o mesmo aspecto semântico de remeter a uma entidade conhecida.

Concluímos que, com o passar do tempo, a descrição da referida classe tornou-se mais ampla não apenas abrangendo critérios linguístico-gramaticais, a exemplo de Duarte (1877), Silva Júnior (1887) e Rocha Lima (2013) [1957], mas também critérios textuais e discursivos a partir da gramática de Cunha (2001) [1985], Castilho (2012) e Neves (2018). Nesse breve excurso pelos estudos gramaticais, então, constatamos que, apesar de ter ocorrido uma ampliação na discussão da classe, diferentemente do artigo definido, o artigo indefinido permaneceu sendo descrito de modo minimalista tanto nos números de páginas quanto na exploração das funções atribuídas a ele, sendo visto apenas como marcador de desconhecimento e de informação nova.

Analisar as percepções trazidas pelas gramáticas, sobretudo as gramáticas tradicionais, é relevante na medida em que estas são instrumentos importantes e influentes na sociedade tanto para a descrição da realidade da língua quanto para o ensino de Língua Portuguesa. Como reflexo disso, a abordagem da classe gramatical do artigo e, em particular, do artigo indefinido são feitas de forma simplória e breve nas aulas de Língua Portuguesa. Considerando essa influência dos estudos gramaticais para a descrição da língua, é pertinente observar que, em geral, o tema é trabalhado por meio de frases isoladas ou pequenos textos.

Nesse sentido, verificamos que os estudos linguístico-discursivos da Referenciação postulam o potencial do artigo indefinido no texto na materialização dos referentes textuais tanto em sua introdução quanto em sua retomada. Todavia, também, verificamos a baixa exploração da temática nos estudos da referida área linguística, conforme observou Koch (2004), sendo esta autora e Cunha Lima (2004) pioneiras na constatação do uso anafórico do artigo indefinido. Nesse cenário de pouca exploração, a proposta de análise específica do uso anafórico do artigo indefinido na presente pesquisa torna-se relevante para contribuir com a

ampliação da percepção sobre o tema e dar mais espaço para sua exploração.

A análise do uso anafórico do artigo indefinido incidiu sobre 13 entrevistas semidirigidas digitalizadas de um importante banco de dados de pesquisa que trata do discurso oral de idosos moradores da cidade do Rio de Janeiro. A importância desse *corpus* está no fato de trazer a fala dos idosos que, como pudemos observar no decorrer desta pesquisa, compõem um grupo social pouco visado nos estudos linguísticos e bastante estigmatizado socialmente.

Nos primeiros contatos com esse *corpus*, deparamo-nos com um grande volume de ocorrências de artigo indefinido, o que nos suscitou analisar não somente a produtividade deste item gramatical, como também indicar quantitativa e qualitativamente sua importante função discursiva no *corpus* oral analisado. Para essa análise, nos utilizamos de três categorias e constatamos que a função anafórica do artigo indefinido é predominante em relação à função de introdutor de referente textual no *corpus* analisado, tendo o uso anafórico importantes funções textuais-discursivas para o desenvolvimento da situação de interação das entrevistas.

No que tange às perguntas iniciais da pesquisa, entendemos que, em relação à primeira pergunta, obtivemos uma resposta afirmativa, uma vez que conseguimos identificar a existência de três padrões linguísticos para o uso anafórico do artigo indefinido no *corpus*. A existência de padrões para esse uso no *corpus* nos revelou a regularidade do emprego anafórico do artigo indefinido em co(n)textos de predicação, o que nos levou a tomar um posicionamento sobre a função predicativa, considerada atributiva, em relação à função referencial, assunto pouco discutido nos estudos da Referenciação. Nesse sentido, frente às evidências apresentadas e expostas no *corpus*, como pudemos ver, a função predicativa da qual participa o artigo indefinido é, também, anafórica, já que os atributos conferem (re)construções ao referente, logo, retoma-os.

Em relação à segunda pergunta, entendemos que sua resposta está vinculada à primeira, uma vez que conseguimos ver que a existência de um padrão linguístico para o uso anafórico do artigo indefinido em co(n)textos de predicação é recorrente no discurso oral de idosos moradores da cidade do Rio de Janeiro. Isso nos levou a concluir que a maioria dos usos anafóricos do artigo indefinido parte de (re)construções, transformações do referente que imprimem atributos, qualidades que decorrem da perspectiva avaliativa do idoso em relação ao objeto de discurso.

Quanto à resposta à terceira pergunta sobre os usos do artigo indefinido em função anafórica serem significativos no discurso oral dos idosos, procedemos a análises

quantitativas que nos revelaram um alto índice de uso anafórico do artigo indefinido no *corpus* em relação à função de introdutor de referente que o artigo indefinido pode desempenhar. Com isso, percebemos que os resultados desse índice divergem dos poucos estudos sobre o tema que postulam o baixo uso do artigo indefinido em função anafórica, os estudos de Koch (2004) e Cunha Lima (2004) que se pautam em *corpus* de escrita. Em face dessa divergência quantitativa, partimos dos pressupostos da Referenciação de que os referentes são (re)construídos na tessitura do texto a fim de permitir estabelecer a compreensão, sendo construídos de acordo com cada situação de interação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Nesse sentido, concluímos não só que os usos anafóricos do artigo indefinido são significativos na situação comunicativa das entrevistas semidirigidas, como também são escolhas na forma de apresentação da retomada dos referentes que estão atreladas à relação estabelecida na situação de interação das entrevistas semidirigidas do *corpus*. Essa situação se desenvolve com um pesquisador que busca informações de seu interesse com o idoso entrevistado que, por sua vez, dá a conhecer o que interessa ao pesquisador. Por meio disso, percebemos que as funções textuais-discursivas do uso anafórico do artigo indefinido contribuem para o desenvolvimento da situação comunicativa.

Essa contribuição do artigo indefinido em função anafórica para a situação das entrevistas semidirigidas vai ao encontro do que Cunha Lima (2004) destacou ser a operação de tipo que esse artigo indefinido faz no referente, já que ele coloca o referente em um conjunto não unitário. Tal operação de tipo depende do contexto e, além disso, de algum conhecimento compartilhado entre os interlocutores para a (re)construção do referente, então, o artigo indefinido, de fato, é muito menos informativo do que preveem as gramáticas.

Concluímos que essa constatação não depõe a favor da afirmativa de que os idosos têm o discurso menos denso e menos informativo (PRETI, 1991) por recorrerem às estratégias anafóricas com artigo indefinido. Muito pelo contrário, o predomínio da função anafórica do artigo indefinido em relação a outros usos expõe que a escolha da apresentação da retomada do referente vem em favor de uma condução acompanhável e apreensível do conhecimento sobre o referente, colocando-o em um tipo. Nesta operação de tipo, os idosos evocariam, em algum nível, um conhecimento compartilhado com seu interlocutor, auxiliando no desenvolvimento da contrução do conhecimento sobre o objeto de discurso.

Por conseguinte, o predomínio do uso anafórico do artigo indefinido, junto a suas funções textuais-discursivas, pode demonstrar a habilidade dos idosos entrevistados de fazer "desfilar perante o ouvinte cenas, fatos públicos, episódios familiares, tipos humanos que

podem remontar mais de meio século" (PRETI, 1991, p. 108). Dessa forma, no bojo deste estudo, a partir da epistemologia linguística que propulsiona as análises, pudemos contribuir, também, para que os idosos entrevistados tivessem seu espaço de fala, como nosso dado empírico valorizado. Isso nos deu a oportunidade de observá-los fora da relação estigmatizadora entre idade e degeneração, considerando todo um co(n)texto tecido discursivamente.

É evidente, conforme expusemos no decorrer deste trabalho, que a exploração dos estudos sobre o uso anafórico do artigo indefinido é baixa, portanto, a investigação realizada nesta pesquisa não se esgota aqui, pois há, ainda, muito a ser considerado sobre o tema desta pesquisa. Poderiam ser consideradas questões que, neste estudo, não houve preocupação em considerar, por exemplo, o uso anafórico do artigo indefinido em função do tipo textual em que ocorre, analisando a alta ou baixa incidência do fenômeno. Além disso, poderiam ser feitas análises comparativas entre *corpus* da modalidade oral e escrita para a observação do desempenho discursivo do artigo indefinido em função anafórica.

Por fim, cabe sublinhar que, nesta pesquisa, não procuramos desmerecer ou diminuir nenhuma contribuição dos estudos gramaticais ou linguísticos, pois foram estes estudos anteriores que nos deram base para a investigação do fenômeno analisado. Com esta pesquisa, procuramos contribuir com os estudos da descrição da Língua Portuguesa, desvelando a importância discursiva da função do artigo indefinido no discurso oral de idosos do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, L. *AntConc*. Versão 3.5.8. Universidade de Waseda, 2019. Disponível em: https://www.laurenceanthony.net/software. Acesso em: 18 dez. 2018.

ANTHONY, L. Developing AntConc for a new generation of corpus linguists, Proceedings of the *Corpus* Linguistics Conference (CL 2013), *Lancaster University*, UK, p. 14-16, jul. 2013. Disponível em: https://www.laurenceanthony.net/research/20130722_26_cl_2013/cl_2013_paper_final.pdf . Acesso em: 15 maio 2019.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houais da Língua Portuguesa.* São Paulo: PubliFolha, 2010.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BALTAR, M. R. *A competência discursiva através dos gêneros textuais :* uma experiência com o jornal de sala de aula. 2003. 141 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras Teorias do Texto e do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, RS. 2003. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/2516. Acesso em: 8 set. 2019.

BEBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

BEBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*: histórico e problemática. *Delta*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=es. Acesso em: 12 jun. 2019.

BEBER SARDINHA, T. *Tamanho de corpus*. *The ESPecialist*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-122, mar. 2002. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9381/6952. Acesso em:09 jul. 2019.

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral II. Tradução de Eduardo Guimarães. 2 ed. São Paulo: Pontes. 2006.

BERGER, P.; LUCKMANN, T.. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERTOLI, P. P.; SHEPHERD, T. M. G. Escrita acadêmica: um estudo exploratório de quadrigramas, *The ESPecialist*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 241-262, 2015. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/esp/article/view/23980. Acesso em: 30 mar. 2019.

BIEMBENGUR SANTADE, M. S. A metodologia da pesquisa: instrumentais e modos de abordagem. *In:* SIMÕES, Darcília. M. P; GARCÍA, F. (org.). *A pesquisa científica como linguagem de praxis*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014. p. 95-127.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. P. Os estudos de linguagem no último século.

Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 3, p. 37-53, 2001. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4668/2586. Acesso em: 18 jun. 2019.

CASTILHO, A. T. Estudos de Língua Falada: uma entrevista com Ataliba Teixeira de Castilho. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 3, n. 4, p. 1-11, mar. 2005. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_4_entrevista_ataliba_teixeira_de_castilho.pdf. Acesso em: 09 set. 2019.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e Dêixis: quando as retas se encontram. *In:* KOCH, V.; MORATO, E. M. M.; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. P. 125-149.

CAVALCANTE, M. M; CUSTÓDIO, F.; BRITO. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M *Expressões referenciais:* uma proposta classificatória. *Cad. Est. Ling*., Campinas, v. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637068. Acesso em: 16 jun. 2019.

CAVALIERE, R. S. Gramaticografia da língua portuguesa no Brasil: tradição e inovação. *Revista Limite*, [S.l], v. 6, p. 217-236, 2012. Disponível em: http://www.revistalimite.es/volumen%206/11cava.pdf. Acesso em: 05 ago. 2019.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA LIMA, M. L. C. Indefinido, anáfora e construção textual da referência. 2004. 209 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269231. Acesso em: 3 mai. 2019.

CUSTODIO FILHO, V. *Múltiplos fatores, distintas interações*: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_37a0e82a358f3355961ace890751e3c2. Acesso em: 02 jul. 2019.

CUSTODIO FILHO, V. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 12, n. 3, p. 839-859, set./dez. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322012000300009. Acesso em: 02 jul. 2019.

DENCKER, A. de F. M.; VIÁ, S. C. da. *Pesquisa empírica em ciências humanas (com ênfase em comunicação)*. 2.ed. São Paulo: Futura, 2001.

DIJK, T. A. *Discurso e Contexto*: uma abordagem sociocognitiva. Tradução de Rodolfo Ilari. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

DONNELLAN, K. S. Reference and Definite Descriptions. *Philosophical review*. Duke University Press, v. 75, n. 3, p. 281-304, jul. 1966.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social.* Coordenação de tradução e revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FÁVERO, L. L.et al. Perguntas e respostas como mecanismos de coesão e coerência no texto falado. *In:* CASTILHO, A. BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do Português Falado*. 1.ed, v. 4. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996. p. 473-508.

HENRIQUES, C. C. Três gramáticas de referência para os estudos do português. Revista da Academia Brasileira de Filologia, Rio de Janeiro, ano IX, n. IX, p. 41-48, 2 sem. 2011. Disponível em: http//www.filologia.org.br/abf/rabf/9/041.pdf. Acesso em: 07 de ago. de 2019.

ILARI, R. Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam?. *Cadernos De Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 41, p. 91-110, set. 2001. Disponível em : https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637003. Acesso em: 22 jul. 2019.

JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos De Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-42, ago. 2011. Disponível em : https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637253. Acesso em: 08 ago. 2019.

KADER, C. C. C.; RICHTER, M. G. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. *Instrumento*. Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18855. Acesso em: 12 abr. 2019.

KERBRAT-ORECHIONI, C. *La enunción. De la subjetividad en la lenguaje*. Buenos Aires: Edicial, 1986.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. São Paulo: Cortez, 2002 apud CUNHA LIMA, M. L. C. Indefinido, anáfora e construção textual da referência. 2004. 209f. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269231. Acesso em: 3 mai. 2019.

KOCH, I. G. V. As Expressões Nominais Indefinidas e a Progressão Referencial. *Revista de Letras*, Ceará, v. 1, n. 26, p. 5-8, 2004. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2258. Acesso em: 13 abr. 2019.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KOCH, I. G. V.Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas*: *Revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v.6, n.1, p. 29-42, jan./jul. 2002. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25294. Acesso em: 12 abr. de 2019.

KOCH, I. G. V; PENNA, M. A. Construção/reconstrução de objetos-de-discurso: manutenção tópica e progressão textual. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 23-32, ago. 2006. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637252. Acesso em: 17 abr. 2019

KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C. *A coerência textual.* 12 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

LEITE, M.Q. Compendio de grammatica philosophica da língua portugueza, de A. Da Costa Duarte: edições em confronto. *CONFLUÊNCIA*, [*S.l.*], v. 55, n.55, p. 99-130, dez. 2018. Disponível em: http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/285. Acesso em: 17 mai. 2019

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação.* 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 41, p. 37-54, set. 2001. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637000. Acesso em: 30 jul. 2019

MARCUSCHI, L. *Da fala para escrita*: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

MARCUSCHI, L. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. *In:* DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R..; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. *Produção Textual*: análise de gêneros e compreensão; São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. Quando a referência é uma inferência. *In:* SEMINÁRIO DO GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos, 48., 2000, São Paulo. *Anais*... São Paulo: GEL, 2000. p. 1-31.

MARCUSCHI, L. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, p. 7-22, ago. 2006. Disponível em https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637251. Acesso em: 24 jul. 2019.

MARZARI, G. Q.; SANTOS, C. G. DOS; ZIMMER, M. C. Estratégias de preservação cognitiva em indivíduos idosos: o papel da aprendizagem de uma língua estrangeira.

Revista Letrônica, v. 5, n. 3, p. 103-124, jul./dez. 2012. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/12221. Acesso em: 25 jun. 2019

MEDEIROS, M., DINIZ, D. Envelhecimento e deficiência. *In:* CAMARANO, A. A. (org.). *Os novos idosos brasileiros*: muito além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 107-120. Disponível em: http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/pessoa-idosa/Livro%20Os%20novos%20Idosos%20Brasileiros%20-%20muito%20alem%20dos%2060.pdf . Acesso em: 20 jun. 2019.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. *Einstein*, São Paulo, v. 6, 2008, Paginação Irregular. 6 (Suplemento l): S4-S6. Disponível em: http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/833-Einstein%20Suplemento%20v6n1%20pS4-6.pdf. Acesso em: 11 ago. 2019.

NEVES, M. H. de. *Gramática do português revelada em textos*. 1.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos:* um estudo da análise da conversação. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua e escrita. *In:* Dino Preti (org.). *Análise de textos orais I*. 4.ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999. p. 13-32.

RONCARATI, C.; NEVES DA SILVA, S. R. A construção da referência e do sentido: uma atividade sociocognitiva e interativa. *Groagotá*. Niterói, v. 11, n. 21, p.319-327, 2 sem. 2006. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33229>. Acesso em: 15 mai. 2019.

SCHWARZ, M. *Indirekte Anaphern in Texten*. Tübingen: Niemeyer, 2000 apud KOCH, I. G. V. As Expressões Nominais Indefinidas e a Progressão Referencial. *Revista de Letras*, Ceará, v. 1, n. 26, p. 5-8, 2004. Disponível em: http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2258. Acesso em: 13 abr. 2019.

SILVA JUNIOR, M. P. da. *Noções de grammatica portugueza*. 1 ed. Rio de Janeiro: J.G. DE AZEVEDO, 1887. Disponível em: http://ctlf.enslyon.fr/t_texte.asp?t=847. Acesso em: 05 ago. de 2019.

SINCLAIR, J. *Corpus concordance and collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J; A. RENOUF. *A lexical syllabus for language learning*. *In:* R. CARTER & M. MCCARTHY (org.). *Vocabulary and language teaching*. London: Longman, 1988 apud BEBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*: histórico e problemática. *Delta*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005&lng=es. Acesso em: 12 jun. 2019.

TEDESCO, M. T. V. A. A relação entre a Progressão Textual e as Estratégias de Referenciação. *In:* VALENTE, A. C. (org.). *Unidade e variação na Língua Portuguesa:* suas representações. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 184-196.

TRAVAGLIA, L. C. Tipologia textual e coesão/coerência no texto oral: transições tipológicas. *In:* CASTILHO, A. BASÍLIO, M. (org.). *Gramática do Português Falado*. 1.ed. V. 4. São Paulo: Editora da UNICAMP,1996. p. 453-471.

TUBERO, A. L. A Linguagem do Envelhecer: saúde e doença. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v. 10, n. 2. p. 167-176. 1999. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11155. Acesso em: 25 jun. 2019

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:* contrução teórico- epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

VERAS, R. P; OLIVEIRA, M. Envelhecer no Brasil: a construção de um modelo de cuidado. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1929-1936, jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232018000601929&script=sci_abstract&tlng=ptr. Acesso em: 26 jun. 2019.

VIEIRA, M. L. Construção de objetos de discurso em cadeias textuais: a inter-relação entre expressão referencial e predicação. 2010. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências e Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. Disponível em: http://www.cataphora.com.br/2008/02/teses-e-dissertacoes-desenvolvidas-por.html . Acesso em: 02 ago. 2019.

WHITAKER, D. C. A. O idoso na contemporaneidade: a necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse "novo" ator social, titular de direitos. *Cad. CEDES*, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 179-188, mai./ago. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622010000200004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 19 jul. 2019.

WALTER, M. I. M. T. A dualidade na inserção política, social e familiar do idoso: estudo comparado dos casos de Brasil, Espanha e Estados Unidos. Opin. *Publica*, Campinas, v. 16, n. 1, p. 186-219, jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762010000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 24 jun. 2019.

GLOSSÁRIO[15]

Colocados	Palavra(s) que ocorre(m) ao redor da palavra de busca, em posições relativas (primeira à esquerda, segunda à esquerda).
Janela	Distância máxima entre a palavra de interesse e a palavra de contexto.
Palavra de Busca	Palavra da qual o usuário tem interesse.
Palavras de Contexto	Palavras próximas ao nódulo na busca.
Tokens	Ocorrências de palavras, itens presentes.
Types	Formas de palavras presentes, mas que que não se repetem.
1L	Primeira palavra à esquerda da palavra buscada.
2L	Segunda palavra à esquerda da palavra buscada.
1R	Primeira palavra à direita da palavra buscada.
2R	Segunda palavra à direita da palavra buscada.

[15]BEBER SARDINHA, T. Linguística de *Corpus*. São Paulo, Manole, 2004.

ANEXO

Varia-Idade no Rio de Janeiro – Comunicação e geração: Estratégias linguísticas e discursivas na idade maior
Entrevista com M67ST

Tema	Entrevista sobre temas diversos
Entrevista	2017_09_28_SantaTeresa_M67ST
Data, hora da gravação	28/09/2017, das 14h10 às 15h03min'15's
Duração	53'15'
Local	Santa Teresa, no apartamento do entrevistado, com vista para o Pão de Açúcar, Catedral e região central do Rio, e
Transcritor/a	Marizete Grando
Participantes	1. entrevistador Marizete Grando (EFGR) 2. entrevistado M67ST 3. Entregada doméstica do entrevistado (não se pronunciou)
Grau de parentesco / de conhecimento	A entrevistadora conheceu o informante no dia da
Entrevistada/o	
Sexo	Masculino
Idade	67
Local de nascimento	Paraíba, Brasil
Língua materna	Português
Línguas praticadas	---
Bairro atual no Rio de Janeiro	Santa Teresa
Zona residencial	Zona Central
Nível de escolaridade	Ensino Médio
Onde frequentou a escola	Paraíba
Moradia até aos 8 anos	Paraíba
Mobilidade geográfica no Rio	Centro, Bairro de Fátima, Niterói
Mobilidade geográfica no bairro	-----
Mobilidade geográfica fora do Rio	São Paulo, Bahia, Ceará, Pernambuco, entre outros
Profissão	Ator e cinegrafista
Profissão dos pais: Mãe	Dona de casa
Pai	Manutenção de estradas, pedreiro
Eventos acontecidos antes, durante ou depois da gravação	O informante mostrou os ambientes externos do apartamento e todas as vistas que ele tem do Rio de Janeiro. O informante sugeriu que a entrevistadora visitasse o Parque das Ruínas, local vizinho da residência do entrevistado.
Dúvidas, resistências ou medos dos participantes antes, durante e/ou depois	-----
Especificidades particulares (fonéticas,	------
Avaliação da entrevista pelo/a entrevistador/a	Excelente registro sobre a urbanização do Rio de Janeiro, sobretudo pelo depoimento sobre as transformações do bairro de acordo com o aumento da violência e a proximidade com

###comment_start###
O informante certas vezes pronuncia o "s" muito sibilante, por exemplo, em #00:00:10-0#, #00:00:17-7#, outras vezes pronuncia o "s" chiante: #00:00:39-8#, #00:01:07-4#

Pronunicia-se "dentu" em vez de "dentro" #00:01:21-4#

Aglutina-se "de" e "um", portanto, "dum" em #00:01:21-7#

Aglutina-se "pra" e "eu", pronunciando "preu" em #00:04:40-4#

O informante diz "bai" em vez de "bar" em #00:14:32-6#

Faltas de concordância verbal em #00:09:21-6#

Contrai-se "em" e "outras", dizendo "noutra". Do mesmo modo contrai "em" e "uma", dizendo "numa" nos momentos #00:10:32-1# e #00:10:32-9#.

Diz-se "demorarum", no lugar de "demoraram" em #00:28:40-4#

Fala "compaia" em vez de "companhia" em #00:37:04-2#

O informante diz "carma" em vez de "carro"

O informante diz "decadis" no lugar de "década" em #00:45:10-2####comment_end###

EFG: #00:00:01-1# boa tarde

M67ST: #00:00:02-3# boa tarde;

EFG: #00:00:04-2# eh o senhor é um carioca da gema

M67ST: #00:00:06-4# não ((haha)); sou paraibano so/ so{u} carioca emprestado (-) moro aqui há uns: quarenta anos é (-)

EFG: #00:00:14-6# eh faz muito tempo que o senhor mora aqui neste bairro

M67ST: #00:00:17-3# trinta anos: (-) que eu moro aqui (-) nesse apartamento

EFG: #00:00:22-7# neste [eh]

M67ST: #00:00:25-5# [eh] (-)

EFG: #00:00:25-9# quando que você veio para o Rio de Janeiro o que que te motivou

M67ST: #00:00:31-9# olha v/: e: eu sempre fui aventureiro né eu sempre gostei de que eu nasci (-) e me criei muito em be{i}ra de estrada meu pai era pedreiro (-) e a gente fazia muito pontes bueiros essas coisas de estrada e os filhos homens que eram os mais velhos três (-) trabalhavam sempre com ele eu sou o terceiro da família; (-) ele:? levava os três e a gente: vivia debaixo de barracas de feitos de de de lo/ aqueles (cerasos) de caminhão né? e fazem/

enquanto fazia es/ e isso em vários estados Paraíba Pernambuco Ceará Rio Grande do Norte faz:; e a gente sempre trabalhando assim foi dessa forma que eu me criEI e: me entendi como gente (-) sempre (-) enfiado dent{r}o d{e} um trem (-) e debaixo de um ((batida)) de uma barraca de lona fazendo pontes e bueiros (-) essa foi a; aí então a partir daí? (-) como eu sou esse/ esse/ eh me boto{u} esse espírito meu de aventura (-) eu fui mora{r} em São Paulo uns tempos (-) trabalhei em em em; fundição: em trabalhei na Souza Cruz também mas nã:/ não me adaptei <a questão de de trabalho fixo (-) fabril> ((batidas)) (-) eh oito dez horas por dia (-) eu num num: me adaptei aquilo; aí eu fui embora (-) pra/ voltei pra Paraíba (-) porque: tinha um irmão que estava um irmão mais velho que tava muito doente faleceu (-) e depois de da: desse desse irmão falaceu eu fiquei um tanto perDIdo (-) aí me mandei pra Bahia fui trabalha{r} lá com um tio (-) <que também trabalhava> ((batidas)) em estrada de rodage{m} (--) trabalhei dois anos com ele foi; não? um ano e meio mais ou menos (-)aí ele foi embora pro: Maranhão e eu num quis ir pro Maranhão fiquei em Salvador (--) eh: de Salvado{r} eu: (-) me desgostei um pouco com: Salvador eh:; (-) vim embora pro Rio de Jane{i}ro e assim se sem: (--) ((batida)) com uma mão na frente e outra atrás (--) [isso]

EFG: #00:02:46-6# [e onde]
que o senhor foi morar no Rio de Janeiro

#00:02:48-9# eu fui mora{r} na: eh: ali no perto da Central do Brasil (-) ali na rua Senador Pompeu foi onde eu fui morar; morei primeiro foi ali; (-) rua Senador Pompeu (--) e eu trabalhava comecei a trabalha{r} numa: (-) nu: uma loja que ve/ vendia bobina de papel pra padaria né aí eu saia de padaria em padaria; oferencendo aquelas bobinas de papel; (-) e daí? (--) eu ganhava tão pouco né? (-) porque eu nu/; era inexperiente num conhecia bem a cidade (-) comecei a conhecer os comerciantes assim de da (-) padaria (-) mus/ conseguia vende{r} né mas não muito né (-) e o dinheiro dava muito mal pra eu paga{r} aquele quarto que eu a: aluguei (-) lá na Senador Pompeu; (-) eh eh: na Senador Pompeu na rua do: (-) é Senador Pompeu depois eu fui pra rua do Senado (-) ((batida)) aí na Senado{r} Pompeu eu eu (--) ficava:? soZInho né uma solidão impressionante aí descobri a Escola de Teatro Martins Pena (-) que tinha espetáculo de graça teatro (--) ali tinha espetáculos de graça (-) e era um luga{r} onde as prostitutas iam porque ali eram zona d/ a Vinte de Abril (-) era praticamente zona da prostituição (-) ali da Central do Brasil e tudo; elas iam ve{r} espetáculo ali e foi uma das prime{i}ras pessoas que eu co/ me (-) dei bem foi com elas e na Escola de Teatro (-) aí conheci o Nelso{n} Xavie{r} conheci pessoas que t/; ele era professo{r} da escola de teatro (-) e ele tava montando uma peça chamada A Morta do Oswald de Andrade (-) como ele viu que eu era muito curiOSO (-) ele me chamou pr{a} eu participa{r} (-) nunca mais sai do meio (--)

EFG: #00:04:45-7# e como que o senhor chegou à Santa Teresa

M67ST: #00:04:48-0# a Santa Teresa (--) ((batida)) depois que eu (-) fui pra Niterói (--) aí quando e/ eu me casei (-) com a a a uma pessoa que trabalhava numa peça de teatro que eu também? sen/ trabalhava; (-) aí nós fomos mora{r} em em Niterói num num sitiozinho que nós compramos (-) depois não deu certo (-) porque ela trabalhava no Branco do Brasil e:: e ficava uma situação muito difícil pra ela principalmente (--) pra mim também mas pra ela que era pio{r} (-) aí voltamos e fomos pro bairro de Fátima (-) moramos lá no bairro de Fátima um tempo (-) aí? (--) compramos a/ apareceu esse apartamento aqui num preço (-) razoável (-) e a gente tinha vendido o sitiozinho lá em Ni/ foi o dinhe{i}ro que (-) <compramos esse aqui (--)> ((punhos batendo na mesa))

EFG: #00:05:42-3# e como era essa bairro aqui quando o senhor chegou

M67ST: #00:05:45-0# ah ele era? eu achava ótimo né porque aqui era um bairro que tinha muita gente que já morava (-) há a:nos? era uma o: (-) artistas e muitos eh escri/ eh: eh escrito:res jornali:stas pinto:res gente muita gente boa que morava aqui (-) e que eu gostava muito e tinha uma vida noturna n/ razoável muito legal (-) mas com o tempo:: vo/ começo{u} a violência u{m}a as pessoas que já moravam aqui há anos a uns morreram os herde{i}r{os}am foram embora não quiseram sabe{r} venderam que na realidade hoje é um um bairro de aventure{i}ros como eu só ((risos)) aventure{i}ro na vida né aí as pessoas chegam aqui compram e vão embora (-) não ah num tem mais aquelas famílias tradiciona:is de San:ta Teresa do bairro antigo Santa Teresa; não existe mais Santa Teresa é hoje um (-) pra turista; tudo é muito caro (-) e::: (2.8) uma bandidagem (-) braba (-) aqui tem um barzinho chamado; ba{r} Serginho qua/ é assaltado uma toda semana praticamente; (--) quase toda semana é assaltado; (-) um policiamento: precaríssimo (-) eh:; já foi melho{r} inclusive a polícia aqui já teve mais; (-) eh eh agora menos; (-) eh tá assim o bairro perdeu MUIto do que era né era Santa Teresa era tinha hoje os anti/ ah há uns dez vinte trinta anos atrás pra você consegui{r} compra{r} uma casa um apartamento aqui era complicado (-) agora é um é o que tem aí vende-se vende-se aluga aluga vende-se (-) tá tudo aí pra vende{r}; pra aluga{r};

EFG: #00:07:40-4# tem muitas comunidades aqui em volta

M67ST: #00:07:43-5# tem é muito hoje tem: algumas (-) tem algumas comunidade{s} de pessoas de de pessoas que ((ts)) (--) começaram a a ocupar (--) ocupa{r} espaço ali mesmo tem um beco que tem que é de um:; (-) é um: algumas pessoas que moram lá que agora tão: a: eh eh uso capião (--) e que estão documentando legalizando os o o que já construiu casas há: muitos anos e agora que tá legalizando; essas comunidades que existe{m} mais ou menos aqui (-) algumas tem umas três ou quatro (mais ou menos;) (-) nessa parte de cá agora lá em cima? tem mais (-) mas é uma região muito mais perigosa (--)

EFG: #00:08:26-2# essa parte de cima que o senhor fala já existia quando o senhor veio morar aqui

M67ST: #00:08:31-6# já (-) já; (-) já existia e era num: num era perigoso não ali onde (--) eu ah: na perto do Silvestre (--) já era uma região ( ) todo mundo anda:va circula:va e ninguém: (--) não tinha problema nenhum (--) hoje é difícil (-) hoje as pessoas ninguém eu subia (-) às vezes duas horas da manhã com os amigos aí e até lá em cima né:: tomando cerveja tudo hoje; ninguém faz isso nem doi/ nem brincando (-) dez horas da noite tá todo mundo se enfiando num num num; se não vai se{r}assaltado (2.8) se fico{u} sério (-)

EFG: #00:09:16-8# eh as pessoas que moram nessas comunidades frequentam aqui também

M67ST: #00:09:21-6# frequenta{m} (-) frequenta{m}; (--) pessoas que moram aí que: frequenta{m} isso aqui tu/ o bairo o: eles são (-) são pessoas de já? né; do do do bairro mesmo que inclusive deFENde (-) participa de reuniões eh de de de (-) dos moradores de tudo

EFG: #00:09:41-6# as pessoas que moram lá em cima

M67ST: #00:09:43-7# alguns os que moram em comunidades aqui mais em ba{i}xo participam ( ); e os de lá de cima às vezes desce também pra pra participar (-)

EFG: #00:09:51-9# então tem um convívio [assim]

M67ST: #00:09:53-1# [tem] tem; tem; (--) tem um convívio (-) e um interesse comum (2.6)

EFG: #00:10:01-2# eh o senhor é contente de morar aqui fica con/

M67ST: #00:10:05-4# ainda so{u} (--) infelizmente eh ((haha)) eu eu tenho momentos que eu me dá votade de i{r} embora mesmo (-) eh:: aí os amigos é que diz{em} "não:? num vai não fica aí que:: {vo}cê mora muito bem casa legal; ( ); a gente gosta de você aqui no bairro;" (-) eu: (-) e eu sempre::: (-) ajudo ah: eh:; (-) numa coisa no{u}tra (--) ah: várias vezes fui síndico de de:sse: do edifício aí faço coisas aí arrumo também; procuro; porque como eu fui sendo filho de pedre{i}ro eu conheço bem (-) aí então na hora de contrata{r}:: um profissional pra faze{r} obra aqui; sempre so{u} eu que administro (-) então tem essa; (--) as pessoas não querem que eu saia ((haha)) por isso também

EFG: #00:11:01-8# e se e se o senhor saísse pra onde o senhor iria

M67ST: #00:11:05-5# olha e: (-) eu não sei ainda pra onde iria (-) eu pensei: eh que:: (-) minha mulhe{r} tá m/ sempre querendo i{r} pra Minas que é a terra dela né ((ts)) Divinópolis em Minas Gerais; (-) mas eu num eu num consigo mais convive{r} com famí:lia (--) nem a minha nem a num num num dá mais família num dá (-) eu acho que eu gosto da liberdade de de de e família vo/ a (--) família é uma teso{u}ra né (--) te poda mesmo num tem jeito; mesmo que sem quere{r} sem eh na: minha é aind{a} é: meu pai já morreu minha tem novente e cinco anos tá bem de saúde aí; meu pai morreu tem uns dois anos morreu com noventa e quatro (-) eh:? (--) eles eh: meus irmãos moram todos em Brasília praticamente; fora; a maioria sobrinhos tem devo te{r} pra mais de: (-) cem de sobrinhos (--) pratica/; pra muito mais que isso; (-) eh: eles sempre ficam querendo que eu vá pra lá mas eu num: (-) com família eu num (-) e sempre fui o ÚNIco a se afasta{r} de família e os outros tão todos ligados todos seguros ali né; (-) mas eu nunca gostei de:: (-) porqu{e} eu sempre fui um aventure{i}ro ((haha)) gostei da (minha) liberdade (-) bom:: curioso? né sempre fui muito curioso de quere{r} (-) sabe{r} das coisas; num é à toa que me meti com teatro cinema com tanta coisa aí enfim; escrevo também (2.4) ( )

EFG: #00:12:47-2# eh o senhor frequenta muito o teatro hoje

M67ST: #00:12:49-9# frequento (--)

EFG: #00:12:52-6# tem teatro aqui em Laranjeiras eh desculpa aqui [em Santa Teresa]

M67ST: #00:12:54-7# [hum eh eh em] Santa Teresa tem um aqui (-) logo aqui na na rua He{r}menelgido (-) tem um teatro ali; (-) mas eh dificilmente tem: eh: espetáculo aqui; que é; hoje é muito mais (-) uma casa onde os artistas que vem com o espetáculo de fora se hospedam (2.4) a: Pasqual Carlos Magnum (-) é a casa logo aqui perto;

EFG: #00:13:21-2# eh antigamente tinha peças de teatro aí

M67ST: #00:13:24-6# tinha bastante (-) bastante; mas <(-) ((batidas)) agora com a questão de público: é: difícil> ((batidas)) tem quando tem mais é infantil ((batida)) (-) peça infantil no

domingo sábado e domingo que é durante: pela manhã num é; agora espetáculo à noite num dá muito público aqui não; porque as pessoas têm medo né de

EFG: #00:13:43-5# ah questão de segurança

M67ST: #00:13:44-8# é (-) questão de segurança; (--)

EFG: #00:13:48-8# eh cinema tem por aqui

M67ST: #00:13:50-7# cinema tem ali no: no Largo do Guimarães tem o Cine Santa passa bons filmes por sinal; (--) bons filmes passa{m} ali (--) começo{u}: ((batida)) (-) era na igreja? (-) na igreja anglicana (-) que é na mesma rua depois transferiu para (-) esse luga{r} que já tem um:{s} (-) dez anos mais o{u} menos temos cinema aqui (2.7)

EFG: #00:14:17-4# eh o carnaval aqui em Santa Teresa como é que é

M67ST: #00:14:19-5# eh o carnaval é animado

EFG: #00:14:21-0# [como que é]

M67ST: #00:14:21-1# [é animado]; (-) começo{u}? com:: eh eh com: um grupinho pequeno né? (-) As Carmelitas (--) que aqui da; que começo{u} né aqui nesse bai mesmo o: ba{r} que eu te falei que sempre é assaltado ( ); (-) no ba{r} do Serginho (-) hoje é um: bloco; enor:me né que traz gente demais: né (-) eh:::; (--) isso:: (--) foi é um movimento incrível durante o carnaval (-) aqui em Santa Teresa né; (2.4) tem: mais ah alguns grupos aí tem o Céu na Terra (--) qu{e} eu inclusive os músicos moram nesse edifício (-) que também é um ah: (-) tem crescido muito né (-) é um grupos de músicos eh:: (--) é muito bom do bloco ali da eh eh tem um nome razoável né Ceu na Terra (-) é aqui desse edifício desse; (--)

EFG: #00:15:22-3# eh onde eh onde que esses grupos se apresentam

M67ST: #00:15:26-3# nas praças principalmente em todas as praças aqui de Santa Teresa são: (-) umas quatro mais ou menos; ((ts)) (--) e::: é na rua (--) e aqui também no:: Parque das Ruínas (-) que é aqui ao lado (3.2) e fora daqui também? na na no no lá embaixo no no lá na ( ) desfila lá (-) com junto com: o{u}tros grupos no durante a: o: (-) carnaval né

EFG: #00:15:59-5# no centro

M67ST: #00:16:00-3# no centro (-) nos eh: dias diferente do do Bola Preta porque o Bola Preta tem: junta muita gente aí então os o{u}tros dias eles (-) também fa/; fazem desfilam e já um: nome bom (-) principalmente o Céu na Terra (2.9) e; (--) a gente:: então é: isso tem (--) As Carmelitas aqui o que é o o o o: convento né (--) as pessoas eh:; o o bloco tem o nome delas (-) eh::: al/ sai com uma boneca eNOR:me grande né as pessoas se fantasiam de carmelitas e tudo (-) algumas pessoas do do bairro e de o{u}tros mais mais tradicionais não não gostavam no começo (-) e::: conversaram com elas pra: sobre isso e elas num ((ts)) ah num temos nada a ve{r} com isso não ( ); deixa o povo; ((haha)) então elas num num (--) não embarcaram na teSO{u}:ra? da censura né ((haha)) (-) eh graças a deus que as as carmenlitas tem uma ca/ parece que tem a cabeça melho{r} que muita gente aí que se (-) que acha que é aberto (--)

EFG: #00:17:21-3# [eh]

M67ST: #00:17:21-3# [eh elas] num se envolve:ram num quiseram sabe{r}: disseram ah: isso aí isso é: do coisa do povo; a gente não tem nada a ve{r} com isso não; nós somos o que somos (--)

EFG: #00:17:31-6# eh escola de samba o senhor já desfilou

M67ST: #00:17:35-0# não eu: ah: eh fre/ eu vou: eh ver né de vez em quando mas eu nunca entro/ nunca participei de; escola de samba não

EFG: #00:17:44-0# eh quando o senhor chegou ao Rio de Janeiro e observou o carnaval você foi assisitir desfile já no início

M67ST: #00:17:51-3# quando eu cheguei no Rio de Jane{i}ro o carnaval tava é foi o último a:no do carna/ do da do desfile na na Presidente Vargas (--) foi o último ano; (-) eu cheguei inclusve durante o carnaval aqui no Rio de Jane{i}ro; (-) ((ts)) aí como eu tava ali na rua do eh eh eh Senado{r} Pompeu que é próxima da: (-) Avenida Presidente Vargas (-) durante o dia eu ah::? sai? e vi que tinha uns comércio{s} (-) de gente vendendo coisas e arranjei um serviço logo ali pra: pro: (-) porque eu tava cheguei sem dinhe{i}ro nenhum né aí durante o carnaval já trabalhei (-) vendendo: ah: (-) trabalhando como ajudante do cozinhe{i}ro e de despachante também né num numa daquelas barracas que vende que (-) vendia eh cerveja:: cachorro-quente daqueles eh: espeto de eh eh eh eh de salsicha de de sabe co: tudo isso a gente vendia durante esse carnaval aí foi o dinhe{i}ro prime{i}ro dinhe{i}ro que eu ganhei no Rio de Jane{i}ro foi (-) esse (-) duran/ já já durante o carnaval (--) foi a minha prime{i}ra experiência com carnaval do Rio de Jane{i}ro depois ((ts)) aí dali eu passei pra: termino{u} no no: carnaval aí eu fui trabalha{r} com: venda de papel que eu te falei (--) bobina de papel (--) mas a minha pris/ prime{i}ra experiência chegando ao Rio de Jane{i}ro foi ótima por isso <que eu tava sem um centavo> ((sorrindo)) eu cheguei (-) num tinha dinhe{i}ro pra toma{r} um cafezinho e já consegui um trabalho (-) foi; foi muito bom foi uma boa (-) uma boa saída aquela (--) eh é isso o:: depois eu (--) sempre convivi com grupos também de: eh: mais grupos de teatro né o (--) ligado que é o João Sique{i}ra que era o grupo de ( ) que participei durante alguns a:nos desse grupo de teatro; (-) também o jo/ Luiz Mendonça que era um cara que fazia; (--) muito teatro aqui o:: (-) o Ilo Krugli? eh eu fiz muita cenário também pra te pra te/ pra: teatro também né comecei com Ilo Krugli né aí eu: (--) depois fui faze{r} te eh eh cinema à mando do à chamado pelo Nelso{n} Xavie{r} mesmo que tinha sido professo{r} e fui faze{r} A Queda (-) uma: uma participação A Queda da da Queda eu fiz o Segura Malandro com o Carvana porque ele era ato{r} do do (Rio) (-) me chamo{u} também e daí em diante (--) e fazendo sempre co/ além do ato{r}::? fazendo sempre o{u}tras coisas come/ fa/ eh assistente de cenografia terminei cenógrafo comecei como: contrarregra né é aquela pessoas que arruma as coisas no no cenário (-) eh: ((ts)) ((ts)) e até hoje tô aí dirigi terminei diringindo um curta e um e um longo que chama-se o O Quinze baseado na (--) é no prime{i}ro romance da Raquel de Queiroz (--) e eu ten{ho} (-) e é um longa metragem ((ts)) ((ts)) (-)

EFG: #00:21:16-1# o senhor convive visita as pessoas que moram aqui no seu prédio

M67ST: #00:21:20-5# convivo sim com os com todos aqui da do que moram no prédio a gente tem uma convivência assim: bem bem próxima né (-) até porque eu já fui sindico várias vezes eh: todas o/ toda obra qualque{r} coisa que vai faze{r} aqui eles sempre me consultam né mesmo que vai faze{r} na casa de um deles eles me consulta{m} querem sabe{r} que que

eu acho e tudo então a relação (-) muito próxima (--)

EFG: #00:21:46-7# eh o senhor vocês tem porteiro aqui

M67ST: #00:21:48-8# tem (--) tem porte{i}ro; (--)

EFG: #00:21:53-3# eh o convívio com as pessoas na rua no bairro vocês se visitam

M67ST: #00:21:57-6# a gente convive né:: nas tem tem sempre tem festa a gente da festa de São João nessa rua (-) dá aí aí nossa convivência é sempre próxima quando tem aniversário de alguém (-) a gente eles trazem as ali na frente da do do Ba{r} do Serginho a gente va: bota umas mesas e tudo aí vem gente de toda parte; cada um traz comida o{u}tro traz pra mi/ pra comemora{r} o aniversário de um (-) dos moradores e sempre tem: a gente tá nessa convivência sempre

EFG: #00:22:30-6# o senhor disse que o Bar do Serginho ali é um ponto perigoso

M67ST: #00:22:34-3# é

EFG: #00:22:35-0# e é o lugar importante [né]

M67ST: #00:22:36-6# [é] o lugar mais importante desses ((haha)) parte que é perigoso (2.2) mas a gente nã:o abre mão né (--) a gente convive com esse perigo constante mas eh: num a (-) é é o nosso (-) ponto de convivência de tudo

EFG: #00:22:57-8# e como que é a festa na época de São João

M67ST: #00:23:00-5# ah é legal porque muitas aí tem é essa rua aqui fica com várias cada um traz umas barraquinha{s} arma barraquinha meus filhos inclusive fazia{m} algumas vezes uma barraquinha{s} vendia (-) também eh: coisas que a: Luzia fazi/ minha mulhe{r} fazia (-) de co/ comida lá de Minas aí eles vendiam eh ficam com o dinhe{i}ro ficava pra eles né (--) eh é isso aí? que era muita gente::: uns vende{m}: eh: milho o{u}tro ah:: eh eh bolo ah bebidas e assim: sempre eh parece uma feira fica qu{e} é né ah tem um ponto ali que a gente arma faz uma fogue{i}ra (-) fogue{i}ra às vezes grande né fica bonito; eh: mas é dança{r} e música e toma Luiz Gonzaga pra lá; ((ha))

EFG: #00:23:51-9# e sempre existiu essa festa

M67ST: #00:23:54-8# hum não sei se sempre existiu né mas ( ) eu acho que tem uns depois que a gente chego{u} aqui começo{u} fica{r} foi mais forte porque tem algumas pessoas também que vieram (-) depois: (-) pra cá também que:: uns amigos que: engrosso{u} o caldo né ((haha)) fico{u} mais (-) fico{u} bem bonita a festa (-) tem ah::: des/ de vez em quando eu so{u} chamado pra faze{r} o padre no casamento da roça eh:

EFG: #00:24:27-8# então existe uma peça de tetro hein

M67ST: #00:24:29-4# tem tem se/ tem (-) a casamento muito doido (--) a a a a noiva já com barrigão e tudo; e: o: o padre é:: di/ é uma é é é diz mais palavrão do que reza (2.7) eh é isso;

EFG: #00:24:49-4# então apesar da insegurança de certa violência vocês continuam saindo

M67ST: #00:24:54-9# continuamos saindo

EFG: #00:24:56-2# vão a restaurantes [tudo aqui]

M67ST: #00:24:57-3# [é é] é é claro que a gente não tem mais aquela liberdade de fica{r} á noi:te chega{r} de madrugada em casa não certas dez horas a gente já tá (-) agora quando é aqui mesmo a gente fica até meia noite essas coisas; (-)

EFG: #00:25:12-7# eh como é o trânsito aqui

M67ST: #00:25:15-4# tá brabo (--) tá domingo sábado e domingo tem um trânsito muito forte aqui por causa do Parque das Ruínas que já é é um (--) eh eh eh eh as pessoas vem muito pela vista né que está um pouco mais alto do que isso aqui; isso a vista; (-) e também tem muito show né espetáculo tem cumé teatro e tudo isso e vem muita gente (-) e essa rua aqui fica: lotado tanto que é: preciso te{r} bota{r} um guarda ali pra (-) segura{r} (-) porque não cabe tanta gente que vem não é (--) isso aqui fica difícil; (-) e: a: o bairro tem a: atrai muito muito turista né (-) ge/ hoje é menos teve mais turista aqui acho que a violência (-) coisa do: que vai pra fora do do país né (-) assusta né (-) e:; tem diminuido aqui já teve mais

EFG: #00:26:16-3# eh como é esse parque aqui Parque das Ruínas

M67ST: #00:26:20-2# olha o Parque das Ruínas e ele ele era (-) ((ts)) antes eh ali era um um u:ma tapera praticamente né era um (-) luga{r} que tava: entregue (--) e isso aí foi eh: doação de um: (grande); eh:: (-) um uma senhora que mo/ faleceu e de{i}xo{u} isso aí pra prefeitura né e a prefeitura não cuido{u} e largo{u} e isso ficava cheio de mendigos e tudo; até que um dia eles assumiram (-) e transformaram do jeito que está daquela coisa de a de de ruínas e fizeram uma obra (-) e tranformaram num num numa casa de espetáculo né (-) e que hoje tem: a frequência muito grande né (-) eh:: começo{u} com:: com música clássica quase só mas hoje (--) teatro vem muito muita peça de de Minas e tudo e: (-) eh: do sul e de (-) vem:: bastante coisas do NORte também vários: lugares vem eh eh a apresenta{r} aqui (-)

EFG: #00:27:26-9# tem uma estrutura como de um auditório

M67ST: #00:27:29-3# tem tem auditório e tem um teatro tem um: um teatro de arena praticamente que a parte da frente (-) que é uma espécie de teatro de arena uma rabin{ho} ab/ aberto ((batida)) (--) e: tem palco: a: italiano (-) tem: tem: espaço pra show lá em cima (--) eh:: música (-) é um luga{r} muito: hoje ((ha)) eu acho o Parque das Ruínas é um um um uma das dos espaços mais (-) bem frequentados do Rio de Jane{i}ro é isso aí; (--) pra mim é complicado porque na hora que a gente vai sai{r} d/ mas já acostumei (-) tem dias que a gente não pode sai{r} de carro que fico{u} pratica/; ((baixo)) é tanto caro aí que (--) fica: tem que sai{r} de o{u}tros de o{u}tra forma né; (-)

EFG: #00:28:22-3# eh quando o senhor veio morar aqui já existia

M67ST: #00:28:24-3# [não]

EFG: #00:28:24-4# [já] não

M67ST: #00:28:25-2# existiu o edifí/ o o a tapera como eu te falei né a a: estrutura que tava

em: deterioração prati/ tava deteriorando caindo mendigos a morando lá era essa coisa que era da prefeitura mesmo (-) e eles num: demoraru/ demorarum tanto tempo a assumi{r} que a coisa já tava em: nu numa situação num estado bem precário (-) até que: eles abriram os olhos e (-) viram que estavam perdendo e tava perdendo um espaço muito bom (-) e hoje não;

EFG: #00:28:57-2# e essa então é uma atração no va em Santa Teresa né

M67ST: #00:29:00-3# é (-) é (-) é e que tá: ((haha)) fora do do a: acho que até fora do país já isso aí já tem tem nome fora do país; (-) é uma das atrações (-) meu deus isso aí cresceu demais (2.4) o que vem de gente todo dia você verifica{r} tem gente ali (-) tem espetáculo tem::; show quase todos os dias (-) com exceção da segunda-fe{i}ra no mais é é sempre (--)

EFG: #00:29:32-4# eh que tipo de meio de transporte circulam aqui

M67ST: #00:29:36-3# tem o ônibus que de tem o bonde também tem ônibus os o o catorze o seis e o sete (-) sete vem de: eh vem da do do da Central do Brasil (-) o seis e o catorze ah do:: ((ts)) do centro da cidade ali do Castelo (-) vem pra cá sobe até o Silvestre (-) e tem o bonde (-) que:: vem da da ali do cent{r}o da cidade onde tem o a (-) a rua: eh eh eh:; (-) ((ts)) cumé Senador Dantas Senador Dantas ali sobe até: (-) o Largo do Guimarães (2.1) o bonde (-) ele se vi/ ele passa ele funciona de ci/ de (-) dez hora{s} da manhã (-) até: as dezesseis horas (-) ((alarme de carro ao fundo)) esse horário (-) os turistas pessoas que estão su/ subindo que não tem a a: inscrição os moradores num pagam nada (-) já os turista{s} paga{m} (2.9) morado{r} do bairro num paga nada;

EFG: #00:30:40-4# o senhor usa bonde

M67ST: #00:30:41-5# uso (-) uso uso todos os meiode transporte que tem aqui eu uso

EFG: #00:30:46-4# táxi também o Uber

M67ST: #00:30:48-5# eh Uber táxi a gente de vez em quando pe/ tem tem (-) nesse quando nece/ necessário tem usamos táxi e Uber (--) todos (-) o Uber eu até quando gosto mais porque (-) tem: determinados momentos por exemplo que quando tá chovendo tô lá emba{i}:xo essas coisas; ou às vez{es} chegando de viage{m} ali no no no ae/ no Santos Dumont no aeroporto (-) táxi num ga:/ fica fazen/ que sem: sem quere{r} subi{r} né já o Uber não esse num tem: mesmo num tem jeito né com com eles num tem;

EFG: #00:31:23-8# eu já ouvi falar que alguns motoristas não querem subir

M67ST: #00:31:26-7# é é (-) é muitos principalmente táxi (--)

EFG: #00:31:31-3# porque

M67ST: #00:31:33-3# eles eh:? acha{m} que é por a a que num num é muito distante que a corrida num é longa e tem o o o o dis/ pri/ tinha um antes desse bonde novo (-) o trilho ele era desnivelado né aí então isso: desalinhava muito a direção do carro (--) mas (-) e era só isso u:::ma tolice que é tanto; que é tanto que os Ubers sobem numa boa não tem essa eh:; (--) vem; vem mesmo táxi é que (-) acha que:::; num é vantagem pra eles então o taxista num tem muito essa ques/ esse descompromisso com (--) com o cidadão o compromisso dele é de com o ganho deles mesmo se num não se num há corrida (-) que: longa que: é a aqui dali do do

aeroporto pra cá dá o que dez reais não interessa pra eles (--) já o Uber interessa isso é mesmo; (-)

EFG: #00:32:32-1# aqui os calçamentos são tudo de paralelepípedo né

M67ST: #00:32:34-9# é? (-) é tem parte:: é asfalto também mas o maior é: paralelepípedo

EFG: #00:32:41-6# e sempre foi assim

M67ST: #00:32:43-1# sempre foi assim; (-) que eu conheço sempre foi assim; (--)

EFG: #00:32:47-8# é interessante porque é não colocaram né asfalto não mudaram

M67ST: #00:32:55-4# é? eu acho que que tem que colocaram asfalto há muitos anos atrás em uns determinados lugares (-) aí depois mandaram para{r}(-) e onde tava o asfalto fico{u} (-)

EFG: #00:33:08-0# essa questão da pavimentação você acha que tem a ver com o respito à caracterização do bairro

M67ST: #00:33:13-3# sim ah é é é (-) é pra num mante{r} a caracterização do bairro Santa Teresa você sobe aqui (--) a parti{r} do momento que você chu/: começo{u} a subi{r} você percebe que tá entrando numa o{u}tra cidade num do interio{r} uma coisa (mínima) de lá (-) eh::: Minas Gerais essas ruas sabe espi/; isso: num sei se é Mariana iss{o} é: (-) o que é isso já se/ nota que é algo diferente né (-) tem essa característica (-) de de:: (-) voci/ vão à viagem você viagem no passado né percebe que você tá entrando no passado do Rio de Jane{i}ro; (--)

EFG: #00:33:53-3# aqui num tem muito comércio né

M67ST: #00:33:55-4# pau poquíssimo já teve mais (-) já teve mais; hoje é muito só tem mais restaurante e casa (--) e muito caro (-) ah pra você ve{r} os bares aqui tinham vários bares assi/ hoje só tem o Serginho (-) praticamente mais é: restaurante caríssimo ((batidas)) (-) e mercearia é o dele é misto de bar e mercearia (-) é uma espécie de bodega que a gente chama que vende onde vende tudo né (--) ali no Largo do Guimarães tinha umas quatro ou cinco merceria{s} tinha farmácia tinha padaria num tem mais nada disso; (-)

EFG: #00:34:33-9# então vocês não conseguem comprar tudo o que precisam aqui

M67ST: #00:34:37-2# não tem uma uma (-) um supermercado depois do do do Largo do Guimarães (-) uns duzentos uns trezentos metros (-) tem um pequeno supermercado mas a gente sempre compra fora do de santa de Santa Teresa né; (-)

EFG: #00:34:54-0# onde vocês fazem compra que bairro

M67ST: #00:34:56-5# Fátima Bairro de Fátima (-) eh::: ali no: (--) aqui na na na Glória (--) e também no (-) Laranje{i}ras (--) mas é Bairro de Fátima e Glória (--)

EFG: #00:35:14-2# antes tinha mais comércio que agora

M67ST: #00:35:16-1# antes tinha muito mais hoje quase num tem hoje só tem: restau/ alguns restaurantes pra atende{r} a turista

EFG: #00:35:23-4# então essa é uma carcaterítisca pelo o qeu eu conheço diferente porque quando eu eh converso com os idosos eu tenho observado um crescimento em toda essa estrutura de comércio no decorrer dos tempos

M67ST: #00:35:40-0# [uhum]

EFG: #00:35:40-1# [porque] que aqui o senhor acha que diminui

M67ST: #00:35:42-8# eh eu acho que (-) o a a a o comércio daqui era aquele comércio tradicional né (-) de mercearia de eh: farmácia aqui botica (-) aquela coisa mesmo antiga; (-) e quando o: turista foi: vindo e o o: tradicional morado{r} morado{r} tradicional foi indo embora saindo que era já a que; ((baixo)) (-) o freguês de de do comércio né (--) aí o comércio foi perdendo os seus fregueses que vendiam aqui chu/ você comprava o cara levava uma ca/: uma caderneta ele anotava pagava no final do mês tudo; e esse era a forma de de do comerciante tra/ lida{r} aqui trabalha{r} aqui (-) mas com ida embora de todo mundo que quase todos ((baixo)) e chegando só gente nova (-) com o{u}tros costumes com o{u}tras formas de de se{r} (-) o comércio foi (-) foi embora também com (--)

EFG: #00:36:42-1# existia o comercio numa caracterização antiga depois num houve uma renovação

M67ST: #00:36:46-5# eh num ho{u}ve a revoma a re/ ah essa reforma (-) uma modernização não houve (-) eh:: che/ o o o que houve diferente foi criação de uma de um: hotel que chama o Hotel Santa Teresa que (-) eh: que é de francês né de alguns franceses de uma compa{nh}ia francesa (-) descaracterizando por sinal muito:; (-) a arquitetura do luga{r}; (-) e: esses comércio{s} de restaurante que eu te falo que por que por sinal (-) não o preço é só só pra turista mesmo e algumas algum comércio de ro{u}pas e de de de camisetas essas coisa de de sabe; voltado mesmo p{r}o turista (--) não para o mora/ pro morado{r} pro morado{r} não tem nada:: (-) mais (-) é é intereSSAdo nessa questão do morado{r} não nada

EFG: #00:37:39-4# então nós podemos dizer que Santa Teresa hoje é um bairro voltado pro turista e pro morador mais ou um lugar de dormitório

M67ST: #00:37:47-4# é (-) é (-) é isso é mais o{u} menos dormitório (--) eh::: e olhe [lá]

EFG: #00:37:54-8# [um re] um recanto

M67ST: #00:37:56-0# é um recanto é só (-) porque num tem mais a o a não se{r} o cinema (-) que foi uma coisa que é é novo também esse serve bastante a: pro pro morado{r} de Santa Teresa né; onde a gente sempre vê muitos filmes bons (-) é único: e aqui (-) o Parque das Ruínas que também serve pra pro: morado{r} mas o comércio (-) o comércio é voltado única e exclusivamente a não se{r} o Sergin{ho} (-) p{r}o turista; (-)

EFG: #00:38:29-2# eh como que o Serginho se mantem depois de tanto roubo

M67ST: #00:38:32-9# pois é eu até me pergunto também (-) às vezes eu fico: às vezes há: um:: há uma resistência impressionante ele (--) ele tá sujeito a qualque{r} hora perde{r} até a vida né porque: (-) ele tem alguns algumas pessoas que atendem e que trabalha{m} com ele (-

-) atendem a: a a freguesia aqui em volta as pessoas ligam pra lá aí eles vem traze{r} o que a pessoa pede; (--) cada apartamento ou casa aqui sempre eles atendem eles tem tre/ uma meia dúzia de rapazes e trabalham lá com eles atendendo essas (-) a: a um número de em volta (--) não muito distante (-) e ele: resiste né ele mora aqui num num edifício: de frente (--) e é um cara que tá <eu até admiro como ele é resistente> ((sorrindo)) (--)

EFG: #00:39:32-2# e o senhor eh frequentava praia antigamente

M67ST: #00:39:35-3# frequentei muito a praia; (-) antigamente; (-) mas eu e frequentava muito era praia a noi/ a a à noite né? eu era muito da noite por causa do teatro? né do cinema e:: convivia sempre com o pessoal no Beco das Garrafas lá em (-) eh: em Copacabana essas coisas assim que:; e: sempre fom/; com peças de teatro saia dos espatáculo{s} e ia pra pra noite (--) e durante o dia final de semana: eu ia à praia as/: ah::; (-) sempre; (-) Ipanema (--) Copacabana mesmo; (--) e gostava de uma: sempre tem uma turminha pra gente bebe{r} pra conversa{r} né; (-) gostava gostava duma cerveja muito boa ((haha))

EFG: #00:40:22-6# sempre andava em grupo

M67ST: #00:40:24-0# sempre sempre andava em grupo sempre era grupo;

EFG: #00:40:27-8# eh tinha quiosque na época pra vocês comprarem a bebida

M67ST: #00:40:30-9# tinha tinha um quiosques na e/ na no no no no eh: ((ts)) Copacabana e: e Ipanema sempre tinha qui/ tinha vários quiosques né que a gente comprava bebidas; (-) e a gente levava também às vezes levava ah: uns isopor{es} né (-) latas de cerveja várias latas com gelo compravam (-) saco de gelo enfiava eh pra ba/ baratea{r}? aí enfiava no carma no no; (-) e aí ia pra pras praias assim também (-)

EFG: #00:41:01-4# eh como eram os quiosques atigamente em comparação com os de hoje

M67ST: #00:41:06-6# oh eh o meu/ era bom porque vendia sempre um/ principalmente vendia cerveja em garrafa né vendia cerveja em garrafa; e é eh você (--) sempre tava em qualque{r} luga{r} numa era uma coisa: que num tinha muito: como num tinha muita violência esse negócio de de é de assaltante você de; (-) ali no no no em volta as pesoas ficam sentados{as} na praia na areia em tudo tomando cerveja pegavam uma uma uma uma garrafa de cerveja e ia (2.3) toma{r} ali na na com os amigos (--) e se/ e era um luga{r} era um luga{r} que: (--) anti/ an/ tinha também em san/ no no a aqui fora da da (--) fora da questão da praia aqui mais pro centro há uma coisa muito interessante que o estudante as pessoas que (-) frequentava{m} que num tinha{m} muito dinhe{i}ro gostava{m} muito da noite era o Angu do Gomes (-) Angu do Gomes era uma um carrinho um cara com um carro numa espécie de carro de aluMÍnio aquela coisa de alumínio com os pneus de bicicleta de tudo e aquela co/; onde tinha um panelão lá dentro daquilo com: uma espécie de angu e o{u}tro panelão com uma espécie de de de sarapetel (-) sabe o que é sarapatel não né é uma é um cozido de miúdos de de de boi aquela coisa (-) e ia mistura{r}/ aquilo quando você pedia era baratíssimo e bo/ botava num prato de alumínio e aquilo você usava tomava su/ ta/ tava tomando cerveja ou uma cachaça ou uma coisa e ia come{r} aquilo que era baratíssimo né saia do teatro o{u} saia duma duma escola de de eh: qualque{r} (-) eh estudante (-) o Angu do Gomes era uma atração muito forte era né a coisa mais popular (-) tinha os sopões eh: de de de de de de dos restaurante{s} quase todo restaurante do centro da cidade e também em Copacabana o Beco das Garrafas e tudo a comida era barata (--) e eles aproveitavam muito os restos? de do do do

que sobraram de verduras de legumes dos restos de carnes aquela coisa pra faze{r} aquele sopão que era baratíssimo (-) e era muito à noite que (2.2)

EFG: #00:43:29-1# então o senhor saia do teatro

M67ST: #00:43:31-1# e ia p{r}o Beco das Garrafa{s} muitas vezes pra pra toma{r} um sopão e toma{r} cerveja ou aqui pelo centro da cidade (-) e ia muito come{r} o Angu do Gomes ((haha)) o{u} então? ia pro Amarelinho também que era o: um frenquentava [muito por aqui]

EFG: #00:43:45-4# [Cinelândia né]

M67ST: #00:43:46-3# na Cinelândia (-) e ali também no preço num era hum: (-) ah era bom; muito bom; (2.7)

EFG: #00:43:54-6# eh quando o senhor chegou aqui no Rio como era a moda como as mulheres e os homens se vestiam

M67ST: #00:44:00-8# olha quando eu cheguei aqui no Rio (-) eu cheg/ que quando eu passei paras dis/ parte de São Paulo depois da Bahia (-) eu quando eh cheguei aqui era quase que no no momento que d/ eu tava trabalhando eu bot/ procurava usa{r} um uma ro{u}pa mais (-) quando não tava no trabalho era um macacão que era espécie de hippie (2.4) era um: uma usava/ e era muita gen/ o as pessoas usavam aquelas calças boca de sino um: um macacão um::: umas camiSEtas colorida{s} uma muita ro{u}pa colorida que a gente mesmo? costurava às vezes a gente pegava fo/ enfeitava aquelas ro{u}pas e (-) fa/ camisa botava enfeite ficava tudo uma coisa muito colorida [era uma]

EFG: #00:44:47-0# [costumizadas]

M67ST: #00:44:48-2# é é (-) era era uma influência muito forte de de de de: São Francisco na Califórnia né dos hippies né e a gente aqui que tinha muito nos que tinha muito o Rio de Jane{i}ro era considerada a cidade do hippie na na na época que eu morei aqui também era uma espécie de (-) Califórnia uma espécie de [São Francsico]

EFG: #00:45:08-7#[década de] setenta

M67ST: #00:45:09-9# de décadas de setenta setenta eh eh a então eh essa essa coisa da moda da influência né muita muita música né muitas musi/ a gente eh eh a influência musical era muito for:te né

EFG: #00:45:26-5# uhum

M67ST: #00:45:28-1# Beatles eh:::; (-) tudo nessa época o Caetano e era uma figura:: muito: (-) polêmica? também e (-) eh (-) eh o o o o o o os grupos americanos o (-) vinham muito pra cá je/ aqui tinha o o o o o Museu de Belas Artes ah Museu de Belas Artes não o MAM (-) Museu de Arte{s} Modernas que é (-) tinha cinema:; espatáculo; tudo; tinha; hoje é fechado praticamente num existe é um espaço praticamente fechado (-) ali era (-) o tempo todo mo/ um movimento (-) impressionan/; [muito forte]

EFG: #00:46:10-9# [o senhor acompanhou] a revolução militar aqui

no Brasil

M67ST: #00:46:14-6# acompanhei [acompanhei;]

EFG: #00:46:15-8# [estava no Rio já]

M67ST: #00:46:18-0# não quando quando: surgiu a a a a em sessenta e quatro (-) eu em se/ eu ah: p/ em sessenta e cinco e sessenta e quat{r}o completei eh que eu ah eh e ah ah aí eu fui sessenta e quatro eu completei dezoito anos (-) que so{u} de mil novecentos e quarenta e seis; sessenta quatro completei dezoito; sessenta e cinco eu fui servi{r} EXÉR:cito (-) em João Pessoa com quinze r.i.s em João Pessoa (-) e eu adorava: eu a: achava que é que aquela (moça) era coisa: (--) porque eu vinha do sertãozão da da do do Vale do Pinhacó bem do sertão da Paraíba e achava:; e fui sevi{r} dutante dez um ano (-) aí me: eh: depois eu queria que engaja{r} é você continua{r} (-) aí eu num quis fica{r} e:::; (-) e fui embora saí do: do Exército hum: vi que num era meu luga{r} (-) num era: meu meu espaço aquilo;: (--) num dá a aquela coisa do do: de você (-) dize{r} sim senho{r} o tempo todo num: num era muito comigo não (--) eu fui entrei muito pro Exército com/ achando que era uma coisa mais ah (--) via aqueles filmes americanos <aquele negócio de de soldados de tudo p{r}a> ((sorrindo)) (quer dizer;) faze{r} aquelas coisas <aqueles musicais? aí achava um po{u}co? eu vindo do sertão que era uma coisa mais o{u} menos> ((sorrindo)) (-) eh eh mas não ((barulho)) quebrei a cara [((haha))]

EFG: #00:47:45-2# [((haha))]

M67ST: #00:47:47-0# aí foi eh quando eu fui embora pra São Paulo

EFG: #00:47:49-4# certo eh nós estamos aqui num lugar muito diferente com essa vista aqui incrível que quem está ouvindo nunca vai saber como é eu queria que o senhor falasse um pouco do que que o senhor vê em todos eh os cantos em todas as partes desse seu apartamento

M67ST: #00:48:10-2# pra você vê isso aqui quando nós chegamos aqui; era era pequeno eram partes só essa parte aí (-) e: e um quarto e uma cozinha que ficava do o{u}tro lado era pequeno; e eu como tinha três filhos (-) eu e a mulhe{r} e três filhos (-) então era uma coisa eh mínima mas eu ti/ comprei muito mais pelo visual e a possibilidade? de de de de faze{r} aqui que já estava no no na no documento que eu poderia usa{r} isso isso aqui eu construí depois isso aqui era um telhado (-)

EFG: #00:48:42-5# aham

M67ST: #00:48:43-2# era um telhado que depois a gente que:::; construi isso aqui essa parte aqui (-) e aí cresceu que eu já já tinha eu tinha o (-) o: na documentação eu tinha o direito de [de faze{r}]

EFG: #00:48:56-1# [e a vista]

M67ST: #00:48:57-4# e a vista isso aqui: ela eh essa parte nu/ era tudo fechado né; (-) aí eu abri tudo eh eh essa essa vista aqui eu ganhei a partir do momento que

EFG: #00:49:08-0# e nós conseguimos

M67ST: #00:49:09-4# a [das]

EFG: #00:49:09-6# [ter uma] vista privilegiada do Pão de Açúcar

M67ST: #00:49:12-0# eh eh agora aquela parte da frente não ali era ali tinha uma janelinha

EFG: #00:49:16-7# onde que a gente vê [Niterói]

M67ST: #00:49:17-5# [eh] eh eh aí eu abri aquilo tudo fico{u} aberto pela portão tudo ( ) coisa linda; então; mudo{u} muito né isso aqui era um:: porque isso foi (-) esse edifício foi construído em mil novecentos e trinta e oito (--) DI:zem (-) que foi é o dono o prime{i}ro dono que construiu era um banqueiro austríaco (-) em mil novecentos e trinta e oito que fazia parte do da política nazista de Adolf Hitler (--) quando eles em em quarenta e dois que eles começaram a isso aqui POSSIvelmente era o ponto de vi/ visão que era o escritório deles era aqui em cima ah eles tinha{m} tudo os (-) a a parte do banco aí embaixo tudo mas o escritório era aqui em cima; possivelmente isso aqui era (-) ponto de visão deles de quem entrava e saia de do da Bahia de Guanabara possivelmente? acho; (--) eh aí eles venderam depois quando começaram perde{r} a guerra venderu{am} pra um comerciante português (-) aí vendeu o edifício inte{i}ro pro comerciante português; que depois foi venden{d}o com o tempo eles foram (-) ele:: a família quando ele mo/ espo/ esse comerciante morreu os herde{i}ros foram venden{d}o os apartamentos; (-) assim hoje (-) não/ ainda conheci a viúva desse comerciante que morava aqui lá em; no no no p/; no térreo (2.4)

EFG: #00:50:44-8# eh tem alguma curiosidade aqui do bairro da sua rua algo que te tenha mexido chamado atenção algum acontecimento

M67ST: #00:50:56-0# algum acontecimento que chamou atenção aqui na; (6.2) olha tem um uma coisa triste que que que chamo{u} muita atençao aqui que foi um assassinato aqui na na nessa rua (-) um garoto que:: fez amizade com o{u}tro aí de um: ele num parece num conhece{r} direito e parece brigaram por causa d{e} uma jaqueta (-) e um dia: ele tava o garoto tava sozinho em casa ele e a empregada esse o{u}tro parece que chego{u} (-) e: com o{u}tros (-) e assassino{u} ele e a empregada de da:; (-) encontraram os dois mortos assassi/ hoje {es}tão presos os assassino{s} e tudo; essa foi a coisa mais chocante que a gente teve aqui foi uma coisa chata né (-) no: edifício logo aqui na frente o amarelo; (--) foi a coisa mais é TRISte que aconteceu (-) agora o que tem de de de:: mais interessante aqui (-) eu acho que é (--) foi o crescimento? do do da do do das escolas de de de: de carnaval né foram o que mais é:; é o que mais (-) chamo{u} atenção não só da gente mais de todo mundo eh: (-) é isso né (-) eh: (--)

EFG: #00:52:25-1# eh escolas públicas existem aqui faculdades

M67ST: #00:52:29-2# não tinha várias escolas aqui tinha um: umas quatro cinco escolas boas por sinal fecharam todas né; (-) num tem hum; faculdade não tem aqui em Santa Teresa (-) escolas também é tudo ah tem uma escolazinha aqui da prefeitura (--) é: Machado de Assis nessa rua aqui e só

EFG: #00:52:52-7# então é [isso]

M67ST: #00:52:53-0# [mas] os alunos vão todos lá pra baixo ou pra essa escola que é da prefeitura mas é tudo Glória (-) eh Fátima centro da cidade

EFG: #00:53:05-5# então já está ótimo eu agradeço muito

M67ST: #00:53:08-8# ((risos))

EFG: #00:53:09-5# por por ter eh aceitado né o convite

M67ST: #00:53:13-4# aham

EFG: #00:53:14-0# tá obrigada

M67ST: #00:53:15-